6. O MSM E O FASCISMO:

"*Twist the truth - then twist your arm/It's the Emperor Caligula School of Charm/ Don't take his word 'cause it's not worth having it (he's an Art-Nazi)/He's a tinpot Hitler gone berserk/ A self-made man from another man's work/More tonque in cheek than a french kiss from Judas Iscariot*".

Martin Walkyier. "Art Nazi". *The Silent Whales of Lunar Sea*. 1995.

Neste capítulo iremos situar teórica e historicamente o MSM, buscando compreender os motivos pelos quais os movimentos políticos de cunho fascista *se fazem necessários* na fase atual do capitalismo. Somente através desta leitura mais ampla poderemos compreender a própria existência do MSM. A atribuição de sentido fascista para determinado movimento ou ideologia de direita não deve ser feita inconsequentemente, ou de maneira caricata, já que esta leitura antes de tudo presume uma *nova* força a ser considerada na relação de forças – "nova" força no sentido de uma relevância maior, que faz o conceito de fascismo "escapar" dos grupúsculos, que na contemporaneidade associam-se diretamente aos que iremos chamar de fascismos de primeira onda (os fascismos clássicos), os considerando somente uma parte do "espectro fascista" existente. Por entendermos que estas considerações não são habituais, iremos neste capítulo primeiro abrir uma linha de interrogação teórica, situando os fascismos clássicos e a conjuntura que permitiu sua ascensão – a "crise fascista". Prosseguiremos apontando a crise de 2008, que em seus desdobramentos específicos aponta para a ascensão de movimentos e partidos fascistas. Em seguida apontaremos as transformações que estes movimentos e partidos tiveram de cumprir para continuar apresentando-se como opções políticas válidas no Pós-Guerra (os fascismos de segunda onda) e após o declínio da URSS (os fascismos de terceira onda). Por fim iremos situar alguns movimentos e partidos fascistas de terceira onda na contemporaneidade, sublinhando suas funções políticas e sociais diante das crises do capital-imperialismo.

O fascismo não é um desenvolvimento "natural" ou óbvio da direita, "*gênero de que o fascismo é uma espécie*"[1], pois cumpre papéis específicos, resguardando determinados grupos sociais na disputa do bloco no poder, o que garante a sobrevida do Estado capitalista. Assim como cumpre um papel específico na ofensiva contra as forças da classe trabalhadora em um processo de crise serve como elemento rearticulador do bloco no poder, alterando as relações entre as diferentes frações da burguesia (grande e pequena) para a superação da crise. Antes de qualquer desenvolvimento, iremos apresentar o conceito de fascismo de Leandro Konder, que irá balizar as mudanças e permanências assinaladas, para quem trata-se de:

> [...] uma tendência que surge na fase imperialista do capitalismo, que procura se

---

[1]KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2009. p. 27.

fortalecer nas condições de implantação do capitalismo monopolista de Estado, exprimindo-se através de uma política favorável à crescente concentração do capital; é um movimento político de conteúdo social conservador, que se disfarça sob uma máscara "modernizadora", guiado pela ideologia de um pragmatismo radical, servindo-se de mitos irracionalistas e conciliando-os com procedimentos racionalistas-formais de tipo manipulatório. O fascismo é um movimento chauvinista, antiliberal, antidemocrático, antissocialista, antioperário. Seu crescimento num país pressupõe condições históricas especiais, pressupõe uma preparação reacionária que tenha sido capaz de minar as bases das forças potencialmente antifascistas (enfraquecendo-lhes a influência junto às massas); e pressupõe também as condições da chamada sociedade de massas de consumo dirigido, bem como a existência nele de um certo nível de fusão do capital bancário com o capital industrial, isto é, a existência do capital financeiro[2].

A situação de crise aberta é um dos pontos chave para compreender a ascensão de movimentos deste tipo, o que delimita que "*nem todo movimento reacionário é fascista*" e "*nem toda repressão – por mais feroz que seja – exercida em nome da conservação de privilégios de classe ou casta é fascista*" do mesmo modo que o conceito "*não se deixa reduzir, por outro lado, aos conceitos de ditadura ou de autoritarismo*"[3]. Mas, que fique claro, isto não significa que os movimentos e partidos fascistas cumprem suas tarefas políticas em um sentido coerente na disputa política, dados a centralidade e do irracionalismo e do pragmatismo, que possuem reflexos tanto ideológicos quanto hierárquicos. "*Para uma política ser eficaz, ela precisa ser levada à prática através de iniciativas concretas, manobras, concessões, acordos, golpes de audácia, formas de arregimentação das forças disponíveis que transcendem da mera atitude doutrinária*"[4]. O que não nos impede de sublinhar diferenças concretas entre os momentos da ascensão históricas de projetos deste cunho. Ou mais especificadamente, segundo Calil:

Diversas características que marcaram a trajetória dos movimentos fascistas foram completamente abandonadas quando de sua ascensão ao poder, particularmente seu discurso anticapitalista e sua denúncia do grande capital. Todos os processos históricos concretos de ascensão do fascismo ao poder foram precedidos por um compromisso entre os movimentos fascistas e o grande capital monopolista, abandonando-se qualquer discurso ou prática de questionamento ao capitalismo. Assim, também no caso de movimentos fascistas que não ascenderam ao poder, é necessário analisar com muito cuidado suas proposições pretensamente anticapitalistas, tendo em vista que não é possível cotejá-las a uma prática efetiva de governo. A veiculação de um discurso pretensamente anticapitalista correspondia a uma necessidade concreta dos movimentos fascistas, embasando sua auto-representação como movimentos "revolucionários", tendo em vista o atendimento das expectativas de sua base social fundamentalmente pequeno burguesa, a qual, em um contexto de crise econômica e social, responsabilizava o grande capital pelas conseqüências destas crises. É importante ressaltar que os movimentos fascistas não são constituídos a priori como "instrumentos do grande capital", mas, ao contrário, surgem historicamente formados pela pequena burguesia e apenas posteriormente, com o acirramento da luta de classes, passam a expressar diretamente o interesse do

[2]KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 53.
[3]Idem. p. 25.
[4]Ibidem. p. 28.

grande capital[5].

Sublinhemos esta peculiaridade combativa do movimento, que o reveste de caracteres "anticapitalistas", ou melhor, o posiciona *contra alguns elementos ou movimentos parciais do capitalismo*. Sua origem social é constituída por elementos oriundos dos estratos médios da sociedade, cujo afastamento do bloco do poder os permite construir um aparato ideológico capaz de oferecer possibilidades políticas maiores para as burguesias em caso do acirramento da luta de classes, sem que com isto a ordem social seja invertida. Isto ocorre porque "*o próprio sistema em cuja defesa as classes dominantes se acumpliciam – um sistema que gravita em torno da competição obsessiva pelo lucro privado*" é responsável por impedir "*que as forças sociais em que consiste a direita sejam profundamente solidárias: elas só se unem para os objetivos limitados da luta contra o inimigo comum*"[6]. Este trabalho de arregimentação em nada corrobora com leituras do fascismo como sendo estritamente uma metodologia estática de organização política, pois o compreende através de suas tomadas de posição em uma determinada relação histórica de forças. Isto é retomado por Mauro Iasi na apresentação do livro de Konder:

> Presos à incapacidade de compreensão da distinção entre forma e conteúdo, os mais preocupados espíritos atormentados de liberais democratas, ou seus jovens aliados recém-liberais e tardiamente democratas, ficam à espera de uniformes marrons, camisas negras, suásticas e *facios*, e deixam escapar manifestações muito mais substanciais. O culto pós-moderno do irracionalismo combinado com a ostensiva retomada de um cientificismo neo-positivista, o elogio dos sentimentos e instintos contra a razão, o pragmatismo renovado da *realpolitik*, a negação da teoria pela revigorada ofensiva daqueles que Zizek batizou de "agnósticos new age", e, principalmente o brutal anticomunismo, o cínico preconceito de classe contra os trabalhadores e sua sofisticada e sutil, mas nem por isso menos brutal, expressão acadêmica na tese do "fim do mundo do trabalho" e a suposta impropriedade do conceito de classe social como instrumento explicativo da sociedade contemporânea, nos alertam que os cadáveres enterrados na Itália e na Alemanha tiveram tempo de liberar a sua alma[7].

O que pode ser observado como uma das características do fascismo clássico: seu pragmatismo radical serviu somente "*no sentido de superar a situação altamente insatisfatória que a contradição* [...] *tinha criado para as forças conservadoras mais resolutas*"[8], não ocorria afastado das suas posições práticas. Do mesmo modo concorreu para apropriar-se de conceitos de origem do campo do "inimigo", o marxismo, seja para esvaziá-lo de sentindo social, na disputa pelo discurso competente em relação ao corpo social, seja para entender estrategicamente o posicionamento estratégico do proletariado, seja para compor seu próprio plano para a atuação política delimitando

---

[5]CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro* – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. op. cit. p. 151-152.
[6]KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 28.
[7]IASI, M. L. "Nosso guia na floresta de papel: o artífice da palavra clara". *In*. KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 17.
[8]KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 29.

suas frentes para evidenciar o acirramento que já sobrevinha, utilizando politicamente a crise como elemento agrupador[9].

Tendo de atingir um viés que "desvele" a realidade para o militante, o fascismo recorre ao mito, ao irracional que dote de sentido de unicidade a atuação coletiva, sendo o mais comum de todos, o recurso ao nacionalismo. Este revela-se na tentativa de se suprimir as diferenças sociais dentro de determinada formação social pelo recurso da identidade imaginária assumida pelo todo, onde a multiplicidade social funde-se num caráter unidimensional, o pertencimento ou não a determinada nação, povo e/ou etnia. Esta valorização nacionalista é "*inevitavelmente retórica, precisa ser agressiva, precisa recorrer a uma ênfase feroz para disfarçar o seu vazio e tende a menoscabar os valores das outras nações e da humanidade em geral*". Como Konder assinala, "*pode existir um fascismo que não seja racista, mas não pode existir fascismo que não seja chauvinista*"[10], sendo este o elemento essencial para este desenvolvimento. "*Para esclarecer a eficácia do chauvinismo fascista, convém lembrar que ele conseguiu, às vezes, tirar proveito de críticas bastante fundamentadas aos imperialismos rivais*"[11], lembrando o fascismo italiano clássico.

Precisamos ainda sublinhar que o fenômeno fascista não ocorre pela primazia de um campo social sobre outro, contradizendo os próprios fascistas, que afirmavam-se *simplesmente* como representantes de regimes onde o campo político reinaria sobre o campo econômico, num reducionismo extremo do economicismo. Afinal,

> se a política fosse um mero apêndice da economia e se todas as ações políticas se deixassem reduzir diretamente a determinados interesses econômicos imediatos, não existiria nos quadros da burguesia uma divisão do trabalho entre o empresário e o político (afinal, há numerosos empresários que não se dedicam à política e há numerosos políticos *burgueses* que não são empresários). Portanto o marxismo não subestima a "criatividade" específica da esfera política. Mas, quando uma interpretação se fixa em alguns aspectos "criativos" da política fascista para pretender descaracterizar o conteúdo de classe do fascismo, ou para descrever o fascismo como o "domínio de um grupo que corporifica o primado do político sobre o econômico", semelhante interpretação […] contribui objetivamente para inocentar o capital financeiro na gênese de fenômenos do tipo Mussolini e Hitler, e – ainda por cima – acolhe uma ideia muito cara aos dois falecidos ditadores, que sempre se empenharam em disfarçar o conteúdo de classe da política que punham em prática, enfatizando exatamente *o primado do político sobre o econômico*[12].

Também foram os fascistas clássicos os primeiros a servirem-se da moderna metodologia de propaganda, que sofre uma mudança brusca em seu alvo, não tratando mais diretamente do consumo de determinado produto, mas visando influenciar a conduta total do consumidor,

---

[9]KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 33.
[10]Idem. p. 41.
[11]Ibidem. p. 46.
[12]Ibidem. p. 137-138.

vendendo um estilo de vida[13]. Este espaço foi aberto, ocupado e garantido aos fascistas pelo acesso a uma base material capaz de fazer frente aos projetos políticos que primavam pela independência de classe, já que assegurada por patrocinadores oriundos da burguesia, especialmente pelo grande capital financeiro:

> Para o capital financeiro […] o sistema só poderia ser salvo por meio de reformas que suprimissem certos estorvos, remanescentes da fase da "livre competição", *acentuassem a concentração do capital* (uma forma de "racionalização" da economia) *e aprofundassem a interdependência entre os monopólios e um "Estado forte"*. Antes da crise mundial do capitalismo em 1929, esse programa ainda encontrou dificuldades para se traduzir em formas claras. Mussolini, durante os anos de 1920, ainda hesitava no fato de que o Estado deveria ser *politicamente forte*, mas deveria *esquivar-se a toda e qualquer intervenção na esfera econômica*[14].

Contra os que desacreditam a validade do conceito de fascismo para a análise histórica, devemos, antes de qualquer discussão mais aprofundada, relembrar que o fascismo nunca deixou de ser uma opção para o capital, pois, *como fenômeno da fase imperialista do capitalismo não se resume a implementação do capitalismo monopolista de Estado*. Como o próprio Konder alerta, a utilização do conceito de fascismo somente para os casos clássicos teria de fato um fundo conservador e desmobilizador:

> Para evitar os riscos de um emprego confusionista e anticientífico do conceito de fascismo (riscos obviamente muito reais) os dois fascitólogos famosos [Nolte e De Felice] *expulsaram o conceito da história que está sendo feita em nossos dias, obrigaram-no a exilar-se no passado*. O sentido conservador dessa opção é claro: independente das intenções subjetivas dos dois autores e da inegável utilidade de suas investigações historiográficas, eles acabam contribuindo para confundir e desarmar as forças antifascistas, levando-as a não poderem identificar claramente *as dimensões mundiais com que o fenômenos fascista pode reaparecer, em nossa época, no interior do capitalismo monopolista de Estado*. A louvável prudência científica de Nolte e De Felice se combina, infelizmente, com uma inaceitável subestimação do capitalismo monopolista de Estado, do imperialismo e do fascismo[15].

O que também é defendido por Nicos Poulantzas, sendo que suas peculiaridades não podem ser extraídas de uma caracterização definitiva, sua possibilidade de ascensão deve ser compreendida como característica da fase imperialista do capitalismo: "*os fascismos – como aliás, todos os outros regimes de exceção – não são fenômenos limitados no tempo*", significando que seu ressurgimento "*continua possível, sobretudo hoje – mesmo que, provavelmente não se revista agora das mesmas formas históricas de que se revestiu no passado*", para nos indicar o cerne que devemos buscar para a compreensão destes fenômenos de exceção: as crises do capital. O fascismo acaba por fazer-se possibilidade para o autor, "*mesmo nos países da área europeia*", caso qualquer crise do capitalismo

[13]KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 47.
[14]Idem. p. 51.
[15]Ibidem. p. 170.

venha a atingir "*seu próprio centro*"[16]. Segundo Konder:

> Mesmo que a tomada do poder por parte das forças populares não esteja na ordem do dia, os grandes capitalistas percebem, apreensivos, que o aparelho de Estado não é imune às pressões e infiltrações. O número de capitalistas diminui, ao passo que o número de assalariados aumenta. E o conteúdo de classe do Estado não basta para vaciná-lo contra a contaminação de impulsos políticos provenientes da massa cada vez mais ampla e mais densa das camadas populares. Quanto mais importante se torna o controle do Estado, mais os grandes capitalistas são levado a lutar para "limpá-lo" de "incrustações democráticas", empenhando-o cada vez mais radicalmente em funções repressivas e antipopulares. Daí a tentação do fascismo[17].

Deste modo, é nas convulsões, nos conflitos sociais acarretados pelas crises que estes movimentos têm sua penetração social afirmada, e anotando que se a efetividade do movimento fascista está em completar-se como Estado, o que escapa às leituras economicistas, pois

> com efeito, o imperialismo, considerado como estágio de conjunto do processo capitalista, não se limita a modificações que marquem unicamente o domínio econômico – como, por exemplo, a concentração monopolista, a fusão do capital bancário, e do capital industrial em capital financeiro, a exportação de capitais, a procura de "colônias" por simples razões "econômicas", etc. De fato, estes dados econômicos determinam, rigorosamente, uma nova articulação do conjunto do sistema capitalista, e por isso profundas modificações *do político e da ideologia*[18.]

A mesma crise notada pelo autor acabou por gestar uma experiência de cunho fascistizante: o Chile de Augusto Pinochet[19], que por sinal e não sem coincidência foi o primeiro governo da América Latina a implantar as reformas ultraliberais de Estado, pois tendo suporte "*numa brutal ditadura militar, o Chile pôde contar com as melhores condições políticas para reciclar o modelo de um estado centrado na democracia social para um articulado em torno da esfera mercantil*"[20].

Temos que compreender que o período de ascensão dos movimentos fascistas em uma situação específica na relação de forças de determinada formação social, que entra em crise aberta, que podemos pensar através do que Gramsci nomeia crise de hegemonia, a crise dos grupos dirigentes:

> Em um certo ponto de sua vida histórica, os grupos sociais se separam de seus partidos tradicionais, isto é, os partidos tradicionais naquela dada forma organizativa, com aqueles determinados homens que os constituem, representam e dirigem, não são mais reconhecidos como sua expressão por sua classe ou fração de classe. Quando se verificam estas crises, a situação imediata torna-se delicada e perigosa, pois abre-se o campo às soluções de força, à atividade de potências ocultas representadas pelos homens providenciais ou carismáticos. Como se formam estas

---

[16]POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 10.
[17]KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 175.
[18]POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 20.
[19]KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 162.
[20]SADER, E. "Notas sobre a globalização neoliberal". *In*. MATTA, G. C. (org.). *Estado, sociedade e formação profissional em saúde*: contradições e desafios em 20 anos de SUS. op. cit. p. 38.

situações de contraste entre representantes e representados, que, a partir do terreno dos partidos (organizações de partido em sentido estrito, campo eleitoral-parlamentar, organização jornalística), reflete-se em todo o organismo estatal, reforçando a posição relativa do poder da burocracia (civil e militar), da alta finança, da Igreja e, em geral, de todos os organismos relativamente independentes das flutuações da opinião pública? O processo é diferente em cada país, embora o conteúdo seja o mesmo. E o conteúdo é a crise de hegemonia da classe dirigente, que ocorre ou porque a classe dirigente fracassou em algum grande empreendimento político para o qual pediu ou impôs pela força o consenso das grandes massas (como a guerra), ou porque amplas massas (sobretudo de camponeses e de pequeno-burgueses intelectuais) passaram subitamente da passividade política para uma certa atividade e apresentam reivindicações que, em seu conjunto desorganizado, constituem uma revolução. Fala-se de "crise de autoridade": e isso é precisamente a crise de hegemonia, ou crise do Estado em seu conjunto[21].

Estas crises não possuem um componente único, estendendo-se pela política, pela ideologia, pela cultura, pela economia. Elas colocam em risco o total das relações sociais vigentes, não podendo ser resumidas a um campo, mesmo que este a tenha desencadeado, como a economia, pois neste caso seria passível de resolução por uma solução parcial de curto prazo. Esta crise, como já dito, é criada pela "*situação de aprofundamento e de exacerbação das contradições internas entre as classes e frações de classe dominantes*", ou seja, a crise do bloco no poder em representar os interesses e as relações político-ideológicas da classe dominante. "*É a incapacidade de uma classe, ou fração, em impor a sua hegemonia, ou seja, ao fim e ao cabo, a incapacidade da aliança no poder em ultrapassar 'por si mesma' as suas próprias contradições exacerbadas*", que também liga-se "*de resto, à crise de hegemonia que atravessa o bloco no poder e os seus membros no que diz respeito, agora, à sua dominação política sobre o conjunto da formação social*"[22]. Obviamente, nem toda crise de hegemonia desenvolve-se automaticamente para um processo de implementação do fascismo, o que depende, em maior parte das relações de força anteriores e durante este processo, de uma conjuntura específica da luta de classes[23]:

A crise gera situações imediatas perigosas, já que os diversos estratos da população não possuem a mesma capacidade de se orientar rapidamente e de se reorganizar com o mesmo ritmo. A classe dirigente tradicional, que tem um numeroso pessoal treinado, muda homens e programas e retoma o controle que lhes fugia com uma rapidez maior do que a que se verifica entre as classes subalternas; faz talvez sacrifícios, expõe-se a um futuro obscuro com promessas demagógicas, mas mantém o poder, reforça-o momentaneamente e dele se serve para esmagar o adversário e desbaratar seus dirigentes, que não podem ser muito numerosos nem adequadamente treinados. A unificação das tropas de muitos partidos sob a bandeira de um único partido, que representa melhor e sintetiza as necessidades de toda a classe, é um fenômeno orgânico e normal, ainda que seu ritmo seja muito rápido e quase fulminante em relação aos tempos tranquilos: representa a fusão de todo um grupo social sob uma só direção, considerada a única capaz de resolver um problema vital dominante e de afastar um perigo mortal. Quando a crise não encontra esta solução

[21]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 60.
[22]POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 77-78.
[23]Idem. p. 61.

> orgânica, mas sim a do chefe carismático, isto significa que existe um equilíbrio estático (cujos fatores podem ser muito variados, mas entre os quais prevalece a imaturidade das forças progressistas), que nenhum grupo, nem o conservador nem o progressista, dispõe da força necessária para vencer e que até o grupo conservador tem necessidade de um senhor[24].

A conjuntura que faz o fascismo possível de ascensão só ocorre "*face a uma situação onde, paralelamente, e por razões diferentes, se assista, simultaneamente, a uma crise da ideologia dominante e a uma crise da principal força dominada*". A crise da ideologia dominante corresponde a crise de hegemonia, a crise de autoridade, que afeta de forma mediada o conjunto das relações sociais de uma formação social, e que pode mesmo abrir caminho para o avanço da classe antagônica, ou, dada a relação de forças, levar a uma reorganização de outro tipo no bloco do poder. "*Dito de outra forma: a ideologia dominante é atingida, além do mais, na sua função em relação às próprias classes dominantes*"[25].

A classe trabalhadora e sua ideologia conhecem sua crise em um processo distinto da crise da ideologia dominante, mas que novamente anotemos, para uma crise fascista, tem de ocorrer paralelamente. Para a classe trabalhadora, o processo de crise é perpassado por uma série de derrotas ("*Pois que, por outro lado, toda uma série de autores, nomeadamente Daniel Guérin, ao falarem abstratamente de 'derrota' da classe operária antes do processo de fascização, concluem que o fascismo deriva unicamente das 'contradições econômicas'*"). Então não significa que esta derrota se transmute em um único acontecimento, uma derrota efetiva, já que "*pode igualmente provir do fato de não se ter travado uma batalha no momento propício*" ou do "*fracasso característico da classe operária em atingir os objetivos políticos impostos por, e possíveis, em uma situação de crise aberta*"[26], o que Poulantzas chama de "processo de derrota". É este processo que abre caminho para o fascismo, no qual a classe trabalhadora não contrapõe-se politicamente, quando seus partidos e aparelhos privados de hegemonia portam-se de modo estritamente defensivo:

> A característica do processo de fascização é que a luta da burguesia contra a classe operária assume um caráter cada vez mais político, enquanto da classe operária contra a burguesia *se refugia, cada vez mais, no domínio econômico-reivindicativo*. Dito de outra maneira, na complexa articulação da luta econômica e da luta política, é a luta econômica que progressivamente assume o papel dominante da classe operária. Durante o processo de fascização, a classe operária não está "desmobilizada", no sentido absoluto do termo[27].

Embora a classe posicione-se, ela não segue a direção de nenhum partido (nenhuma direção

---

[24]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 60-61.
[25]POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 83.
[26]Idem. p. 150-151.
[27]Ibidem. p. 153.

ideológica coerente), que se desvinculem da massa[28], ou seja, *é em um período de crise ideológica da classe trabalhadora e de suas organizações*, que abre espaço para a influência de outras ideologias:

> Esta ordem de fenômenos liga-se a uma das questões mais importantes concernentes ao partido político, isto é, à capacidade do partido de reagir contra o espírito consuetudinário, contra as tendências a se mumificar e tornar anacrônico. Os partidos nascem e se constituem como organização para dirigir a situação em momentos historicamente vitais para suas classes; mas nem sempre eles sabem adaptar-se às novas tarefas e às novas épocas, nem sempre sabem desenvolver-se de acordo com o desenvolvimento do conjunto de relação de forças (e, portanto, a posição relativa de suas classes) no país em questão ou no campo internacional. Quando se analisam estes desenvolvimentos dos partidos, é necessário distinguir: o grupo social, a massa partidária, a burocracia e o Estado-maior do partido. A burocracia é a força consuetudinária e conservadora mais perigosa; se ela chega a se constituir como um corpo solidário, voltado para si mesmo e independente da massa, o partido termina por se tornar anacrônico e, nos momentos de crise aguda, é esvaziado de seu conteúdo social e resta como que solto no ar[29].

Assinalando que, como Konder nota, "*a tomada do poder pelos fascistas não ocorrera logo após um grande avanço da esquerda e sim em seguida a um processo geral de deslocamento para a direita, marcado por diversas derrotas da classe operária*"[30]. Com a derrota do proletariado, com a massa desligada de seus organismos organizativos, abre-se espaço para a influência dos funcionários autorizados da burguesia, a pequena-burguesia organizada. Segundo Poulantzas:

> Com efeito, a própria ideologia burguesa está em crise durante o processo de fascização. O que permite, precisamente, a extensão da ideologia pequeno-burguesa na formação social e assim, igualmente – de forma muito mais intensa do que nos casos de uma ideologia dominante incontestada –, na classe operária. Além disso, a pequena burguesia atravessa uma crise profunda. Neste contexto, a ideologia pequeno-burguesa dos "pequenos-burgueses enlouquecidos", como dizia Engels, toma formas muito particulares: formas sob as quais ela penetra de algum modo mais facilmente do que antes na classe operária, ela mesma em crise ideológica […] Nesta situação de revolta da pequena burguesia, o aspecto "anticapitalista", sempre inerente à ideologia pequeno-burguesa, se exacerba e toma dianteira em relação aos outros: é precisamente desta forma que esta ideologia encontra acesso à classe operária[31].

Temos que assinalar que estas formas ideológicas das classes não se dão de maneira idealista, mas são fruto das relações históricas de classe em determinada formação social, assim sendo as atribuições da ideologia pequeno-burguesa como anticapitalistas não referem-se à existência do capitalismo, mas assumem formas de "resistência" determinadas pelos seus interesses e necessidades para sua reprodução, como a defesa da pequena e média propriedade rural através de

---

[28]POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 154.
[29]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 61-62.
[30]KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 37.
[31]POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 155.

incentivos e proteções, contra a formação de monopólios e oligopólios comerciais e industriais em defesa do pequeno e médio comerciante e industrial, além da utilização do componente ideológico de "desestruturação" do mundo pela modernidade, das instituições colocadas em risco, tanto pelo "capitalismo selvagem" quanto pelo comunismo – lembrando que a "*'crise das instituições', mesmo com seus efeitos próprios sob a luta de classes, não é, ela própria, senão o seu efeito*"[32]. Sobre as consequências da crise aberta, quando esta encaminha para a fascização:

> […] um dos efeitos, e não dos menores, desta situação foi a ruptura do laço representantes-representados entre estas classes e frações e os seus partidos políticos, e a falência organizacional destes partidos; um outro foi a característica e espetacular transferência dos "cães de guarda" do bloco no poder – a casta dos seus "funcionários da ideologia" credenciados – para a ideologia fascista e o seu ataque sistemático contra a ideologia burguesa tradicional. Esta conversão dos "funcionários da ideologia" burguesa, conjugada com a crise ideológica no próprio seio das classes dominantes, foi um dos fatores importantes da passagem franca e definitiva da burguesia para o fascismo [Estes funcionários] parecem adotar e preconizar o fascismo de forma muito mais radical, direta e aberta que os primeiros, entrando muitas vezes, pelos seus ataques contra os "partidos" e os "políticos", em conflito agudo com eles. E não foi por acaso que o laço da burguesia com os seus "funcionários da ideologia" se revelou o mais forte[33].

A conjuntura de ascensão fascista pode ser delineada em seu processo: primeiro, com a já citada derrota da classe operária, a ruptura entre a classe e os partidos que, em sua pluralidade, a representam, momento de crise da ideologia proletária. E uma "etapa" de relativa estabilidade das forças sociais, "*estabilização não é uma calmaria, pois situa-se sempre num contexto de exacerbação das lutas de classes*", só que esta se faz explícita em "pontas", situações "*que não chegam, no entanto, para modificar a relação, desigual mas congelada, das forças: em suma, guerra de posições*". A burguesia neste ínterim continua em sua posição privilegiada, e aproveitando desta, "*persegue e divide o adversário, prepara-se para passar à ofensiva. E, se ela é fraca, é sobretudo no sentido em que ainda não é ainda suficientemente forte para passar à ofensiva*", ou seja, com a tomada do poder pelo fascismo, assiste-se, "*não a uma confissão da fraqueza da burguesia, mas a uma consagração, e por muito tempo, da sua força*". Poulantzas reitera este processo com a estratégia levada a cabo pela Terceira Internacional Comunista durante a implementação dos fascismos clássicos europeus: "*O que se passou pois, efetivamente, no caso do processo de fascização, foi a correspondência entre uma crise política da burguesia e uma estratégia ofensiva. O que, bem entendido, quer dizer que as coisas não corriam otimamente para as classes dominantes*", mas entender "*esta crise política por 'fraqueza' da burguesia é caracterizar a sua relação de forças com a classe operária e é precisamente aqui que o sentido atribuído pela Internacional Comunista a esta designação se releva errado (fraqueza da burguesia*

---

[32]POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 69.
[33]Idem. p. 83-84.

= força + ofensiva do proletariado)"[34].

A *necessidade da existência de um partido ou movimento fascista* (formal ou não, que articule todo espectro fascista existente em dada sociedade), a tolerância de sua existência em uma democracia parlamentar, ocorre pela necessidade de *organizar a repressão durante o período de crise contra a classe trabalhadora, de uma forma que nenhum partido burguês conseguiria*, já que seu papel corresponde à formação de consenso entre diversos grupos e frações da burguesia, enquanto o fascismo corresponde a uma política específica da pequena e nova pequena burguesia, e do mesmo modo, que não caberia a nenhum partido "social-democrata", mesmo que seu papel seja "*precisamente, o de desviar as massas e reprimir a revolução*"[35]. Sendo que este, na reorganização fascista do Estado terá de ser completamente destruído, exatamente por suas bases estarem na classe operária, mesmo que a burguesia, em dado momento da crise apele para a "colaboração de classe", o que ocorre principalmente tendo-se em conta as contradições existentes nesta conjuntura entre o médio e o grande capital:

> O fato que se verifica é que a burguesia joga a cartada, em se querendo, da "colaboração de classe", no fim do período de estabilidade e ao início do processo de fascização. Esta cartada, de resto, é jogada quer pela própria social-democracia no poder (caso alemão), quer por partidos políticos burgueses sem a participação direta da social-democracia. Por outras palavras, esta cartada coincide com a viragem do processo de derrota da classe operária e com o retomar da ofensiva por parte da burguesia. Mas esta política, nestas circunstâncias determinadas, fracassa; ela não permite à burguesia nem a liquidação das conquistas econômico-políticas da classe operária, nem, por maioria de razão, um progresso decisivo na exploração das massas populares. Daqui por diante, e ao longo de todo o processo de fascização, só os representantes políticos do médio capital tentarão prosseguir este jogo. No entanto, e isto é importante, estes representantes políticos estão progressivamente cortados quer do grande capital, quer das suas próprias frações de classe. Quanto ao grande capital, ele deixa em absoluto de jogar paralelamente, ou ao mesmo tempo, a cartada da "colaboração de classe" – se é que alguma vez a jogou –, mas volta-se de forma decisiva, para a solução fascista[36].

Reafirmando, em uma situação real, estes elementos não se apresentam predispostos tal qual nestas análises esquemáticas (que nos servem de guia, mas de modo algum suprem a análise real das relações de força), sendo que será a mediação entre a conjuntura e a época, da qual decorrerão as características específicas dos "novos" movimentos fascistas. "*Quanto ao próprio fascismo, cujo renascimento permanece possível, será preciso também não julgar que ele se revestiria forçosamente, bem como o processo de fascização que a ele conduziria de formas idênticas às do passado. A história nunca se repete absolutamente*"[37]. E reiteremos o fascismo não se faz a única opção da burguesia em casos de uma crise de hegemonia, mas que será pelo desenrolar histórico,

---

[34] POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 85-88.
[35] Idem. p. 164.
[36] Ibidem. p. 165-166.
[37] Ibidem. p. 384.

portanto específico, da luta de classes que se irá determinar a forma de Estado e de regime subsequentes: o bonapartismo, as ditaduras militares, o fascismo ou mesmo formas combinadas destes:

> […] estas crises e regimes de exceção, teoricamente estabelecidos, se apresentam freqüentemente na realidade concreta, de forma combinada. Estes regimes concretos apresentam, na maior parte das vezes, sob a dominância de uma forma de regime, caracteres que sobressaem de várias formas de regimes de exceção e de crises políticas. O que é, aliás, numa certa medida, igualmente o caso dos fascismos alemão e italiano, de que aqui tratamos apenas a título de ilustrações exemplares do fascismo, na medida em que apresentam, de forma clara e maciçamente dominante, os caracteres essenciais do fascismo. O caso espanhol, por exemplo, é diferente, na medida em que se apresenta como uma forma concreta combinada de fascismo e de ditadura militar, com dominância da ditadura militar[38].

Como afirma Reginaldo Moraes:

> O fascismo germina dentro de uma certa lacuna operacional, diria um observador pragmático. Uma ditadura militar ou um estado policial revelam-se insuficientes para derrotar a classe trabalhadora, atomizá-la, destruindo suas organizações, desmoralizando-a e condenando-a à resignação e à obediência. Para esse serviço, torna-se necessário um movimento de massas, no qual exerce papel decisivo uma pequena burguesia atingida pela crise – mas também as parcelas do proletariado e do subproletariado marginalizadas por essa mesma crise. Inflação, falências, desemprego, degradação das profissões e dos status sociais conduzem a um desespero de massas e a um movimento frequentemente povoado de reminiscências ideológicas, de rancor, nacionalismo e de uma certa demagogia ... anticapitalista – uma demagogia voltada para formas especificas do capitalismo, em que são satanizados os usurários, os atravessadores, os tubarões, os monopólios, o capital ocioso (mas não o ancestral e mitológico capital “criador de trabalho e de riqueza”), uma demagogia exacerbada e ao mesmo tempo prudente, já que não se volta contra o próprio instituto da propriedade privada[39].

Assim, a ascensão de “regimes de exceção” sequer requerem necessariamente acompanharem a crise aberta, onde as classes se delineariam de forma clara e se posicionariam para a disputa. No caso brasileiro, é crucial relembrar o golpe de Estado de 1964, e, os mais de vinte anos subsequentes de ditadura civil militar empresarial:

> O resultado do golpe de 1964 é muito menos a saída desastrada de mais uma crise do populismo conduzida pela inabilidade de um político – Jango – sem disposição para ativar o “dispositivo militar” e resistir a mais um golpe de Estado, e sim a reação política mais ou menos organizada de uma parte da sociedade brasileira à ameaça (ou melhor, à percepção subjetiva da ameaça) de uma “república sindical” ou, na pior das hipóteses, da instauração do “comunismo”. Essa percepção estava ligada a três processos: o crescimento da pressão operária sobre o Estado em nome da “proteção social” diante de um capitalismo em rápida transformação. Daí o número

[38]POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. op. cit. p. 383.
[39]MORAES, R. C. “Neoliberalismo e neofascismo - *ès lo mismo pero no ès igual*?”. *Crítica Marxista*. nº. 7. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/critica7parte6dossie.pdf, acessado em 04.07.2011.

crescente de greves e o reforço do movimento sindical urbano; a radicalização ideológica do movimento nacionalista, liderada pelo ISEB e pelo PCB; e o questionamento efetivo da estrutura agrária através das Ligas Camponesas no Nordeste. É justamente a perda de controle dos políticos populistas diante da ascensão do movimento de massas, e não a sua instrumentalização maquiavélica pelos "demagogos", que está no centro da ruptura dessa estrutura de poder. É ela que, no fim das contas, põe em xeque o compromisso assumido em 1930 e instiga o conjunto das classes dominantes a solicitar às Forças Armadas e restauração da "ordem social"[40].

Isto ocorre porque tanto a resolução, a tomada do poder pelos fascistas na década de vinte, quanto o golpe brasileiro de 1964, não ultrapassaram o "moderantismo conservador", ou seja, "*não modificaram substancialmente o fato das transformações serem levadas a cabo pelas classes dirigentes tradicionais, ou seja, o fascismo não ultrapassou os marcos da revolução passiva, do moderantismo conservador*"[41]. Para tanto, voltemos para Gramsci, para quem:

> [...] a chegada do fascismo ao poder não representaria a substituição ordinária do governo burguês composto à época da unificação italiana por outro, mas sim uma forma estatal da dominação de classe da burguesia, a chamada democracia burguesa, pela ditadura terrorista declarada […] a ideologia fascista marca um dos pontos de colisão entre o imperialismo e a pequena-burguesia, deslocando a dominância clássica do jurídico-político na ideologia burguesa para o econômico-tecnocrático, inseparável no fascismo, do ressurgimento de uma ordem moral. A constituição do Estado corporativo adotado pelo fascismo seria a tentativa de efetivar o controle das massas, enquanto política de colaboração de classes. O propósito admitido seria de eliminação da luta de classes através da mobilização popular "de baixo para cima", levando-a a colaboração. Estas brechas de passividade levaram à submissão do Estado, à organização do operariado em corporações[42].

A revolução passiva surge para Gramsci através de suas análises sobre o *Risorgimento*, a unificação nacional italiana ocorrida no século XIX: "*o conceito de revolução passiva me parece exato não só para a Itália, mas também para os outros países que modernizaram o Estado através de uma série de reformas ou de guerras nacionais, sem passar pela revolução política de tipo radical-jacobino*"[43]. A revolução passiva não trata-se de uma superação da realidade, a antítese superando a tese, mas uma transformação cujo "*erro filosófico (de origem prática!) desta concepção consiste no seguinte: pressupõe-se 'mecanicamente' que, no processo dialético, a tese deva ser 'conservada' pela antítese a fim de não destruir o próprio processo, o qual, portanto, é 'previsto', como uma repetição ao infinito*"[44]. E para tanto, um dos expedientes históricos que a

---

[40]CODATO, A. N. "O golpe de 1964: luta de classes no Brasil – a propósito de 'Jango', de Silvio Tendler". *Espaço Acadêmico*. nº. 36. Disponível em http://www.espacoacademico.com.br/036/36ccodato.htm, acessado em 15.04.11.
[41]GONÇALVES, R. J. M. "Antonio Gramsci, a revolução passiva e a história do Brasil". *In*. SILVA, C. L.; CALIL, G. G.G.; KOLING, P. J. (orgs.). *Anais do II simpósio de pesquisa Estado e Poder*: a hegemonia em questão. Cascavel: EDUNIOESTE, 2010. p. 319.
[42]CARNEIRO, M. R. da S. R. *Do sigma ao sigma* – entre a anta, a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2007. p. 75.
[43]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 209-210.
[44]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 292.

revolução passiva exige é a "*decapitação do inimigo*", através do transformismo: "*o adversário é dirigido moral e intelectualmente, o que implica numa hegemonia sobre a situação histórica, através da absorção gradual de seus inimigos, de seu transformismo*"[45]. Assim sendo:

> Na luta, "os golpes não são dados de comum acordo", e toda antítese deve necessariamente colocar-se como antagonista radical da tese, tendo mesmo o objetivo de destruí-la e substituí-la completamente. Conceber o desenvolvimento histórico como um jogo esportivo, com seu árbitro e suas normas preestabelecidas a serem lealmente respeitadas, é uma forma de história com uma meta predeterminada, na qual a ideologia não se funda sobre o conteúdo "político", mas sobre a forma e o método da luta. É uma ideologia que tende a enfraquecer a antítese, a fragmentá-la numa longa série de momentos, isto é, reduzir a dialética a um processo de evolução reformista "restauração-revolução", na qual apenas o segundo termo é válido, já que se trata de consertar continuadamente (de fora) um organismo que não possui internamente os próprios motivos de saúde[46].

A crise econômica, que desencadeou a ascensão global de projetos políticos de cunho fascista originou-se da crise da bolha imobiliária estadunidense, que estourou em 2008. Esta crise, tal quais as ocorridas no modo de produção capitalista, é resultado da superprodução de mercadorias, não de sua escassez. É uma crise gerada exatamente pelo bom funcionamento do sistema capitalista, surgida não por sinal no país hegemônico, os EUA – o que configura ser uma crise estrutural e não conjuntural (que teria origem em algum evento específico) e ainda encadeia uma série de outras crises. Segundo os membros do *Observatório internacional da crise*:

> Desde o surgimento do capitalismo existiram crises cíclicas e periódicas, de menor ou maior intensidade, extensão e duração. Desta vez, no entanto, trata-se de uma crise nova, com características distintas; é uma crise mais extensa, profunda multidimensional e com alcance global. Nós nos referimos, mais que a outra crise cíclica do capitalismo, a uma grande crise estrutural no marco de uma "Crise da Civilização", com o potencial de eventualmente redesenhar a geografia socioeconômica e a história planetária[47].

Ela origina-se na crise creditícia e imobiliária dos EUA, especialmente no chamado mercado "subprime", que graças à inadimplência corresponde a um nível mais arricasdo de investimento, garantindo lucros lucros para a empresa que oferece este tipo de crédito. Após a bolha da NASDAQ estourar o FED, para não diminuir o nível de investimentos financeiros, passou a diminuir os juros da economia interna (em 2003 chegaram a cair para 1% ao ano), permitindo o crescimento avassalador do mercado imobiliário – a demanda cresceu de maneira drástica, já que os financiamentos e, principalmente, as hipotecas acompanharam estas mesmas taxas. A hipoteca

[45]GONÇALVES, R. J. M. "Antonio Gramsci, a revolução passiva e a história do Brasil". *In*. SILVA, C. L.; CALIL, G. G.G.; KOLING, P. J. (orgs.). *Anais do II simpósio de pesquisa Estado e Poder*: a hegemonia em questão. op. cit. p. 317.
[46]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 396.
[47]OBSERVATÓRIO INTERNACIONAL DA CRISE. "Introdução. A complexidade da crise atual". *In*. DIERCKXSENS, W.; CAMPANÁRIO, P.; CARCANHOLO, R. A.; JARQUIN, A.; NAKATANI, P.; HERERRA, R. *Século XXI: crise de uma civilização*. Fim da história ou começo de uma nova história? op. cit. p. 11.

passou a ser a grande alavanca para o crédito, amplamente utilizado para aquecer o mercado interno de um modo geral e a necessidade de aumento da demanda não poderia excluir “grupos de risco” (os chamados “mau pagadores”), supostamente “resolvida” pelo recurso do “subprime”. Só a Fannie Mae e Freddie Mac (duas grandes hipotecárias estadunidenses) chegaram a deter quase metade dos doze trilhões de dólares em hipotecas do país. Em 2008, “*4 em cada 5 hipotecas estão vendidas e só uma está com o credor original*”[48]. Já no ano de 2005 estava constituída a bolha do setor:

> [...] comprar uma casa (ou mais de uma) tornou-se um bom negócio, na expectativa de que a valorização dos imóveis fizesse da nova compra um investimento. Também cresceu a procura por novas hipotecas, a fim de usar o dinheiro do financiamento para quitar dívidas e, também, gastar (mais) [...] Em busca de rendimentos maiores, gestores de fundos e bancos compram esses títulos "subprime" das instituições que fizeram o primeiro empréstimo e permitem que uma nova quantia em dinheiro seja novamente emprestada, antes mesmo do primeiro empréstimo ser pago. Também interessado em lucrar, um segundo gestor pode comprar o título adquirido pelo primeiro, e assim por diante, gerando uma cadeia de venda de títulos[49].

Isto significa que quando a dívida inicial (a hipoteca) não consegue ser paga, gera um ciclo em cascata de não pagamentos, o que termina por criar uma crise de liquidez, de retração de crédito. Isto ocorreu quando o FED, a partir de 2005 passou a aumentar os juros, e junto aumentando a inadimplência, derrubando os preços dos títulos imobiliários – forçando empresas e pessoas a buscar retirar dinheiro para o consumo em vez de consumir e investir através do crédito. Os bancos, sem dinheiro suficiente para cobrir estas retiradas buscam crédito, só que com este restrito, devidos aos juros, o mercado financeiro não consegue garantir estas retiradas (mesmo no funcionamento “normal” do mercado os bancos trabalham com cerca de 1/3 de lastro para a retirada dos fundos de seus clientes). Então é

> [...] quando entram os Bancos Centrais, injetando dinheiro a juros baixos para garantir dinheiro no caixa dos bancos. Se isso não resolver, a solução é abrir falência (e sim, se você tivesse dinheiro lá ele simplesmente sumiria) ou tentar que alguém compre o banco e garanta dinheiro no caixa. Diversos bancos tradicionais acabam sendo incorporados por outros ainda maiores, numa tentativa de evitar uma quebradeira e, pior, uma crise de confiança, aonde todos iriam aos seus bancos retirar seus dinheiros e aí todos os bancos quebrariam de uma só vez[50].

Este investimento significa o aumento da dívida pública (a socialização da dívida), mas que não foi capaz de promover a revigoração da economia (vários países capitalistas centrais, como veremos adiante, praticamente faliram). Nos EUA, o investimento produtivo, “*diminuiu 24% desde*

---

[48]SOARES, E. P. G. *Entenda a crise da economia dos EUA e sua extensão*. 01.10.08. Disponível em http://www.umavisaodomundo.com/2008/10/entenda-crise-economia-eua.html, acessado em 14.01.12.
[49]FOLHA ONLINE. “Entenda a crise hipotecária que atinge a economia dos EUA”. *Folha de S. Paulo*. 11.07.08. Disponível em http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u421556.shtml, acessado em 14.01.12.
[50]SOARES, E. P. G. *Entenda a crise da economia dos EUA e sua extensão*. 01.10.08. op. cit.

o final de 2007, o que provocou um aumento do desemprego e afetou a renda. As dívidas sem capacidade de pagamento e a queda da renda implicam uma contração generalizada da demanda. A crise da economia real, em outras palavras tornou-se evidente”[51]. Segundo edição da “*Folha S. Paulo*” de onze de julho de 2008:

> Em setembro do ano passado, o BNP Paribas Investment Partners – divisão do banco francês BNP Paribas – congelou cerca de 2 bilhões de euros dos fundos Parvest Dynamic ABS, o BNP Paribas ABS Euribor e o BNP Paribas ABS Eonia, citando preocupações sobre o setor de crédito “subprime” (de maior risco) nos EUA. Segundo o banco, os três fundos tiveram suas negociações suspensas por não ser possível avaliá-los com precisão, devido aos problemas no mercado de crédito “subprime” nos EUA. Depois dessa medida, o mercado imobiliário passou a reagir em pânico e algumas das principais empresas de financiamento imobiliário passaram a sofrer os efeitos da retração; a American Home Mortgage (AHM), uma das 10 maiores empresa do setor de crédito imobiliário e hipotecas dos EUA, pediu concordata. Outra das principais empresas do setor de financiamento imobiliário nos EUA, a Countrywide Financial, registrou prejuízos decorrentes da crise e foi comprada pelo Bank of America. A Countrywide responde por cerca de um quinto de todas as hipotecas nos EUA e foi uma das instituições mais atingidas pela crise das hipotecas “subprime”. O choque da crise chega agora a colocar em risco as duas gigantes americanas do setor hipotecário, Fannie Mae e Freddie Mac. Ambas contam com o respaldo do governo – que pode ter de intervir e assumir o comando de ambas, caso a situação financeira delas se agrave, segundo o diário americano “The New York Times” (“NYT”). As ações chegaram a cair cerca de 40% [...] as duas empresas têm cerca de US$ 5 trilhões em débitos assegurados. Se as duas empresas ficarem impedidas de obter novos empréstimos – devido ao temor de que caiam em “default” (inadimplência) –, ficariam impedidas também de adquirir hipotecas de outras companhias do setor[52].

Desta “crise de confiança”, na verdade, a incapacidade das financeiras gerirem os títulos que perderam seu valor (ou melhor, a capacidade de imporem a necessidade da extração acelerada de mais valia para cobrir o “lucro” que supostamente gerariam sozinhos) os Estados nacionais aparecem como elementos cruciais para salvar o sistema. Os EUA aprovaram um pacote de setecentos bilhões de dólares para comprar os ativos “podres” relacionados a hipotecas dos bancos e financeiras. O FED ofereceu seiscentos bilhões de dólares para dívidas relacionadas às hipotecas e mais duzentos bilhões para incentivar a oferta de crédito para o consumo. A Casa Branca ofereceu dezessete bilhões e quatrocentos milhões de dólares para empréstimos emergenciais, o *Programa de Alívio para Ativos Problemáticos*, especialmente para a indústria automobilística. Barack Obama complementou estas ações com programa de setecentos e oitenta e sete bilhões de dólares, visando especialmente conter a onda de desemprego (este pacote visaria criar três milhões e meio de empregos)[53].

---

[51]OBSERVATÓRIO INTERNACIONAL DA CRISE. “Introdução. A complexidade da crise atual”. *In*. DIERCKXSENS, W.; CAMPANÁRIO, P.; CARCANHOLO, R. A.; JARQUIN, A.; NAKATANI, P.; HERERRA, R. *Século XXI: crise de uma civilização*. Fim da história ou começo de uma nova história? op. cit. p. 11.
[52]FOLHA ONLINE. “Entenda a crise hipotecária que atinge a economia dos EUA”. *Folha de S. Paulo*. 11.07.08. op. cit.
[53]ESTADÃO.COM.BR. “Como o mundo reage à crise. Infográfico”. *Estadão.com.br*. 09.10.08 atualizado em 08.06.09.

Mas nem todos os países do mundo contavam com esta capacidade de endividamento, sendo que os primeiros a sentirem de maneira incisiva a crise “real” foram Irlanda, Grécia e Portugual. Estes países endividaram-se pesadamente nos últimos dez anos, montante da dívida que fez minguarem possíveis novos empréstimos. Ao mesmo tempo estes países não podem simplesmente declarar moratória porque estão atrelados a acordos com a União Européia e com o Banco Central Europeu, que mantém as taxas de juros pagas pelos governos da zona do euro baixas, supostamente sob a condição que proveriam recursos e apoio aos países da região, evitando exatamente calotes. A moratória destes países iria aumentar os custos dos empréstimos feitos pelos países menores da União Européia, que já encontram-se em dificuldades para manter o pagamento de suas dívidas externas. Os bancos que são credores destes países entrariam em sérios problemas de solvência, abrindo intervenção e necessitando de salvamento por parte das instituições financeiras supranacionais[54]. As exigências para os empréstimos para estes países, aprofundando a expropriação de direitos sociais e o desmonte do Estado, trouxeram consequências sociais graves para estes países, estando a Grécia em situação de quase guerra civil desde então[55].

No Brasil, desde o momento da quebra do Lehman Brothers, existiram vários investimentos do Estado visando absorver “seu cadinho” na crise: a liberação de quase meio trilhão de dólares no sistema financeiro, especialmente através dos compulsórios adicionais (visando fortalecer o sistema bancário e financeiro nacional através da centralização das carteiras de créditos nas maiores empresas do setor). O mercado financeiro ainda contou com o Banco Central como fiador para a proteção cambial, pela venda de dólares para o mercado futuro (o chamado “*swap*” cambial). Ampliaram a liberação de crédito sob formas de empréstimo para as grandes empresas e para o agronegócio, sendo que a parcela exportadora destes ainda passou a contar com a garantia de dólares para o comércio, através do BNDES, do Banco do Brasil e da Caixa Econômica Federal. A agricultura, a construção civil e o investimento em infraestrutura receberam crédito de quase cinquenta bilhões de reais (isso descontando a liberação de crédito para investimentos futuros, como para as Olímpiadas ou a Copa do Mundo). O crédito ao consumidor individual é elevado para dez mil reais, com o governo subsidiando compra de eletrodomésticos e automóveis, através da diminuição do Imposto sobre Produtos Industrializados. Segundo Leda Maria Paulani:

> Os impactos pelo lado real têm chegado aos poucos e têm vindo principalmente da deterioração das expectativas, que poderão reverter os indicadores relativos à formação bruta de capital fixo (ou seja, investimento) que, a duras penas, estavam se recuperando, depois de duas décadas de estagnação. Os investimentos governamentais como o PAC e o pacote habitacional poderão substituir em parte o

---

Disponível em http://www.estadao.com.br/especiais/como-o-mundo-reage-a-crise,32895.htm, acessado em 18.01.12.

[54]BBC.BRASIL. “Entenda a crise na Grécia e suas implicações”. *BBC.Brasil*. 29.07.11. Disponível em http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/06/110616_entenda_crisegrega_pai.shtml, acessado em 14.01.12.

[55]Ver DANTAS, G. “O desequilíbrio econômico na Grécia, as rebeliões operárias e os limites da atual política anticrise”. *Antítese*. nº. 8. Goiânia: CEPEC, 2010. p. 79-91.

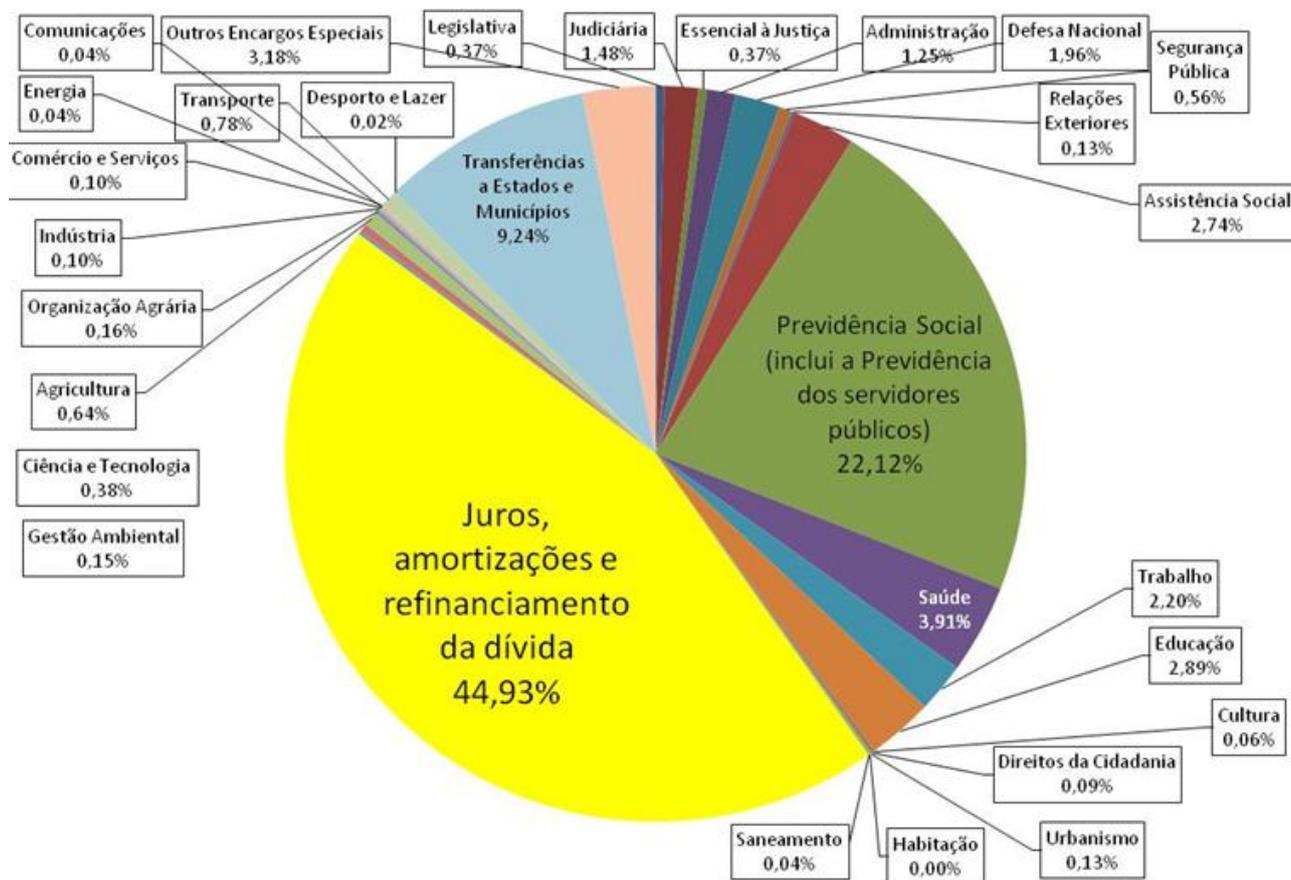
> investimento privado, mas dificilmente serão suficientes para compensar a redução deste último. Do lado do consumo, o crédito não foi tão afetado, apesar de certa retração no início, particularmente no que tange a financiamento de bens de alto valor, como automóveis [...] A manutenção do nível de consumo tem feito que o Brasil seja visto hoje como o paraíso das multinacionais, pois, dado o tamanho do mercado interno brasileiro e a já famosa engorda da classe C (20 milhões a mais de pessoas com renda para consumir alguma coisa além do essencial), nossa economia tem sido vista como uma alternativa de obtenção de lucros num mundo em retração. O grande problema é que o consumo não tem dinamismo para puxar a economia, como o tem o investimento, e consumo puxado por crédito não é sustentável no longo prazo, como nos mostra o espelho americano. Esse arranjo macroeconômico, em que o investimento está novamente ameaçado de reversão e em que um consumo puxado por crédito aparece como o elemento dinâmico, está de forma evidente completamente invertido, mas é um arranjo típico de um processo de acumulação em que a finança está no comando, fomentando o crescimento de riqueza fictícia[56].

Estas séries de medidas, além de diversas complementações nos quatro anos seguintes cumprem manter o país em uma posição de enfrentar a crise. Mas como visto todas as medidas dão conta de investimentos diretos do Estado na economia, sem nenhum controle ou garantia acerca destes, já que feitos através de empréstimos, crédito e abono fiscal. O país com isto acaba por aprofundar o processo de monopolização da economia em torno de conglomerados brasileiros transnacionais, mantendo os lucros recordes dos bancos privados no país e garantindo o pagamento dos juros das dívidas externa e interna (foram emitidos mais de 180 bilhões em títulos da dívida interna para os financiamentos do BNDES entre 2009 e 2010) graças a cortes em setores sociais (o que resultou em superávits recordes seguidos)[57]. O gráfico seguinte, elaborado pela Auditoria Cidadã da Dívida, nos mostra orçamento do Estado brasileiro, de um trilhão e quatrocentos e quatorze bilhões de reais, executado em 2010:

FIGURA 5: Orçamento Geral da União executado em 2010 (inclui "refinanciamentos" da dívida):

---

[56]PAULANI, L. M. "A crise do regime de acumulação com dominância da valorização financeira e a situação do Brasil". *Estudos Avançados*. nº. 66. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/ea/v23n66/a03v2366.pdf, acessado em 15.01.12.

[57]ESTADÃO.COM.BR. "As medidas do Brasil contra a crise. Infográfico". *Estadão.com.br*. 09.04.09. Disponível em http://www.estadao.com.br/especiais/as-medidas-do-brasil-contra-a-crise,54143.htm, acessado em 14.01.12.

FONTE: SIAFI. *Banco de dados* (execução do Orçamento da União). Disponível em http://www.camara.gov.br/internet/orcament/bd/exe2010mdb.EXE, acessado em 13.10.11. Elaboração: Auditoria Cidadã da Dívida.

Como visto, embora esta crise ainda esteja desdobrando-se os Estados nacionais dos países capitalistas avançados colocaram-se como fiadores últimos do sistema econômico como encontra-se, a declaração que determinados conglomerados financeiros privados são “grandes demais para quebrar” os tornou praticamente invulneráveis. O capital-imperialismo continua em ofensiva:

> Mas os bancos e seu comportamento irresponsável e fraudulento foram os responsáveis pela crise na economia real. Com efeito, em vez de ajudar a recuperar essa economia, eles voltaram a economia de cassino, com o que provocaram ainda mais danos em quase todos os espaços econômicos mundiais. As intervenções de salvamento dos grandes bancos, em outras palavras, em vez de trazer uma solução para a economia real, estimularam que se continuasse a fazer mais do mesmo: a acumulação do capital fictício às custas do capital real. Com isso aumentou a volatilidade no sistema econômico mundial: daí a crescente acentuação da incerteza econômica social e política[58].

Neste contexto, fica claro que fascismo possui uma função específica dentro do capitalismo, que é necessário ao capital, servindo como linha última para a sua reprodução em casos de crise,

[58]OBSERVATÓRIO INTERNACIONAL DA CRISE. “Introdução. A complexidade da crise atual”. *In*. DIERCKXSENS, W.; CAMPANÁRIO, P.; CARCANHOLO, R. A.; JARQUIN, A.; NAKATANI, P.; HERERRA, R. *Século XXI: crise de uma civilização*. Fim da história ou começo de uma nova história? op. cit. p. 13.

mas que não seriam capazes de manter-se como opções, caso não se transformassem para continuarem os mesmos.

6.1. A continuidade fascista no século XX:

Durante o século XX existiram mudanças, tanto no campo político quanto no campo econômico, que alteraram as características do fascismo (que do mesmo modo, irão mudar em cada formação social), o que significa, ao contrário do que diversas escolas compreendem, que o fascismo não pode ser simplificado em torno de uma metodologia organizativa, marcada, por exemplo, pela disciplina em torno de um líder carismático, por suas características paramilitares, etc. Estes elementos são importantes em sua caracterização, para identificar as experiências fascistas, mas não possuem capacidade explicativa do fenômeno, sendo que o sentido descritivo é típico de uma leitura liberal, que, como já discutido, acaba por trancafiar o conceito às experiências clássicas. Embora existam diversas leituras críticas que o corroborem neste sentido[59], ou ainda tentem "complementar" o conceito com adjetivos[60], o que estas leituras negam são as transformações exigidas pelas mudanças qualitativas do capital e suas superestruturas, numa interpretação que acaba por nos trazer à tona a conhecida tese das "ideias fora do lugar", deslocando as funções do fascismo em relação às continuidades existentes no desenvolvimento do capitalismo no século XX, especialmente: o caráter nacional-estatal da reprodução da contradição capital-trabalho. Além de ignorar o encapsulamento das lutas proletária às formações sociais, ou mais especificamente a derrota do internacionalismo proletário pelo cosmopolitismo burguês[61] durante a segunda metade daquele século. Como afirma Fontes:

> O ano de 1968 expressou, de forma difusa, a emergência do descompasso entre a intensificação da internacionalização do capital, com seus efeitos sociais múltiplos, e o empenho em manter encapsuladas as lutas sociais em âmbito nacional ou mesmo subnacional. Irrompiam então reivindicações cujo escopo somente faria plenamente sentido num contexto internacional de lutas de classes de teor anticapitalista, pois não eram mais solúveis ou solucionáveis nos âmbitos nacionais. Mais além, o pós 1968 demonstraria que mesmo as lutas mais árduas e mobilizadoras, se isoladas e reduzidas ao nível infranacional ou nacional, se converteriam em processos adaptativos, reforçando o cosmopolitismo já em curso, chegando mesmo a denunciar o internacionalismo como nefasto. O aspecto revolucionário de 1968 reside menos no que efetivou concretamente em cada país e mais na exigência de internacionalização que vislumbrou, mesmo sem conseguir elaborar um novo formato popular, apto a associar diferentes dinâmicas nacionais, em face da

---

[59]BORON, A. "El fascismo como categoria histórica: en torno del problema de las dictaturas en América Latina". *Revista Mexicana de Sociologia*. nº. 2, abril-junho, 1977.
[60]SANTOS, T. dos. "Socialismo y fascismo en América Latina hoy". *Revista Mexicana de Sociologia*. nº. l, janeiro-março, 1977.
[61]FONTES, V. *O Brasil e o capital-imperialismo*. op. cit. p. 176-191.

> internacionalização acelerada do capital. A resultante contrarrevolucionária residiu no reencapsulamento de enorme volume de reivindicações sociais claramente insolúveis – mas inelimináveis – em âmbitos cada vez mais estreitos, ao lado de sua expressão cosmopolita através de agências internacionais garantidoras da ordem[62].

Temos de entender o fascismo dentro dos limites nacionais estatais, através da necessidade de subjugar e quebrar o espírito combativo da classe operária, seja quando esta oferece perigo real a ordem burguesa, seja quando as necessidades da reprodução do capital-imperialismo exigem uma ofensiva sobre os trabalhadores, suas organizações e suas conquistas, exigindo então a cooptação de suas lideranças e o transformismo de suas instâncias de organização e resistência. Como entende Calil, é importante inquirir que "*dentre as características em comum definidoras dos movimentos fascistas destacam-se sua composição social, sua forma de estruturação interna e a ideologia adotada*"[63].

As grandes mudanças dos movimentos fascistas talvez girem em torno do seu entendimento da necessidade do espectro fascista na ação – somente os grupos menores e geralmente identificados com os fascismos clássicos assinalam a necessidade de um partido único; do papel do Estado, tornado mínimo, ou quando no máximo, em função do acirramento da luta de classes, acompanhando a resistência de alguns setores às reformas ultra liberais, defendendo a garantia de alguns direitos assegurados pelo Estado (caso da Frente Nacional francesa na eleição de 2012); da estrutura partidária, que mesmo sendo altamente centralizado em torno de lideranças específicas, ele não assume mais o caráter metodológico organizativo, e mesmo simbólicos, dos partidos fascistas clássicos. Estes passam a formar redes extrapartidárias, e como no caso do movimento fascista estadunidense *Tea Party*, células relativamente autônomas, evitando assim tanto sua marginalização, quanto possibilitando a ação direta das milícias sem que com isso a organização como um todo seja colocada em semilegalidade; também como resultante desta descentralização possibilitam iniciativas criativas de organização e cooptação de militantes, concretizado como exemplo maior o uso ostensivo da internet para a atuação política (não só para propaganda, para a disseminação ideológica, mas como instância organizativa, de cooptação, formação e confronto ideológico). Assinalando que

> uma questão importante, como ressalta Antonio Edmílson Rodrigues, é "*ter sempre presente a diferença entre o fascismo na oposição e o fascismo no poder*". Diversas características que marcaram a trajetória dos movimentos fascistas foram completamente abandonadas quando de sua ascensão ao poder, particularmente seu discurso anticapitalista e sua denúncia do grande capital. Todos os processos históricos concretos de ascensão do fascismo ao poder foram precedidos por um compromisso entre os movimentos fascistas e o grande capital monopolista, abandonando-se qualquer discurso ou prática de questionamento ao capitalismo.

---

[62]FONTES, V. *O Brasil e o capital-imperialismo*. op. cit. p. 176-177.
[63]CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro* – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. op. cit. p. 152. Grifos nossos.

> Assim, também no caso de movimentos fascistas que não ascenderam ao poder, é necessário analisar com muito cuidado suas proposições pretensamente anticapitalistas, tendo em vista que não é possível cotejá-las a uma prática efetiva de governo[64].

Iremos então, pontuar alguns partidos e seus desenvolvimentos na segunda metade do século XX. Posteriormente iremos mapear os partidos europeus e discutir um pouco sua ascensão desde a década de 80, e nos EUA o já citado *Tea Party*, o qual trataremos um pouco mais a fundo, dada a solidariedade manifesta pelo MSM e de seus leitores a este. Entenderemos estes partidos através de suas três “ondas” históricas, como indicado por Jean-Yves Camus[65]. A primeira onda histórica seria a do fascismo clássico, que já delineamos ideologicamente. A segunda onda corresponde aos fascismos do Pós-Guerra, ou seja, o movimento de transformação exigido aos partidos e regimes (Portugal e Espanha) para sua manutenção, assinalando duas de suas maiores mudanças ideológicas: o abandono do corporativismo, típico da primeira onda, e a justificativa maior de sua existência marcada pelo anticomunismo preventivo, ou seja, a defesa de um modelo democrático altamente formal e restritivo, dentro da conjuntura geopolítica da Guerra Fria (o *Tea Party* remete sua origem a esta onda, cujo expoente naquele país foi o movimento macarthista). A terceira onda ocorre durante e após os anos oitenta, quando os partidos fascistas passam a assumir um projeto econômico ultraliberal, assumindo uma postura de defesa “cultural” de cunho xenófobo. Embora estas peculiaridades assumam um formato “geracional” na prática isto não ocorre, pois, grupos com distintas características (assinaladas simplificadamente através das ondas) afloram no espectro fascista dentro de uma mesma temporalidade histórica. Em especial na contemporaneidade, cabendo a cada um destes grupos a atuação em uma frente específica, como compreendido por Jefferson Barbosa[66], seja através de gangues, de grupos políticos como associações civis ou partidos formais. Cada um destes formatos, ou eixos, pode reivindicar descendência direta de qualquer uma das ondas, mas o modelo mais recorrente sendo o das gangues, milícias e grupos isolados reivindicando a primeira onda; e dos partidos (formais ou não) entre a segunda e terceira onda.

Konder trabalha com o movimento de Pós-Guerra, onde mal acabada a guerra, nos países que continuaram capitalistas, existiu uma rápida reorganização dos partidos e regimes fascistas, tendo como suas principais características ideológicas o abandono do corporativismo (relativo, como em Portugal) como modo de organização estatal e a “elevação” do anticomunismo à sua tônica principal graças à conjuntura geopolítica. Estes partidos e regimes foram tomados como inimigos “aceitáveis”, redimidos teoricamente com a benção dos EUA e da Inglaterra, seja através

---

[64]CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro* – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. op. cit. p. 151.

[65]CAMUS, J-Y. “Metamorfoses políticas na Europa”. *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.05.02. Disponível em http://diplo.org.br/2002-05,a299, acessado em 10.05.11.

[66]BARBOSA, J. R. “Entre milícias e militantes (III): skinheads nacional-socialistas e integralistas e os “carecas do subúrbio”. *Passapalavra*. 07.05.09. Disponível em http://passapalavra.info/?p=6041, acessado em 03.05.11.

da instituição oficial do conceito de "totalitarismo", seja como no caso alemão, onde, "*aos poucos, os estadunidenses começaram a deixar claro que não pretendiam se empenhar, na parte ocidental da Alemanha, numa política de 'desnazificação' tão radical como aquela que os soviéticos promoviam na parte oriental do país*"[67]. Em relação aos regimes sobreviventes, Portugal e Espanha:

> Terminada a guerra, em 1945, derrotados Hitler e Mussolini, Salazar e Franco puseram-se imediatamente a manobrar no sentido de assegurar a sobrevivência de seus respectivos regimes, aproveitando-se do fato de não se terem envolvido na guerra. Salazar rebatizou seu "Estado novo" como "democracia orgânica", dispôs-se a encenar a farsa das eleições políticas no seu país e conseguiu em 1949 ingressar na Otan (Organização do Tratado do Atlântico Norte), recebendo ajuda estadunidense de mais de 50 milhões de dólares, então, através do Plano Marshall. Para Franco, as coisas não eram tão fáceis: por força de suas ligações com o *Duce* e o *Fuehrer*, ele se viu, no final da guerra, isolado e submetido a um bloqueio por parte da maioria dos países que integravam a ONU. Mas em outubro de 1950, os Estados Unidos conseguiram da ONU uma resolução que suspendia o bloqueio e, em setembro de 1953, firmaram com Franco um acordo que lhes permitiu construírem bases militares em território espanhol[68].

Nos países envolvidos diretamente na guerra, já em 1945 na Itália, diversos remanescentes fascistas organizavam-se no Partido do homem comum (*Uomo Qualunque*), de Guglielmo Giannini, que apesar da vida efêmera, chegou a receber 1,2 milhão de votos em 1946, nas eleições para a Assembleia Constituinte. Mas o partido remanescente que se afirmou foi o Movimento Sociale Italiano (MSI), que em 1972, em coligação, "*obteve quase três milhões de votos nas eleições parlamentares italianas*"[69]. Ele unificou ex integrantes do Partido Fascista, exibindo um saudosismo nacionalista, e justificando seu resgate de Mussolini através da interpretação deste como administrador e atribuindo-lhe responsabilidade direta pela constituição da unidade nacional italiana. Para Francisco Carlos da Silva:

> O fascismo propriamente dito, enquanto movimento político de características próprias, era visto como algo secundário, dispensável ao modelo de estado forte e do anti-comunismo militante. Os males infligidos à Itália surgiam como conseqüências da associação com a Alemanha hitlerista, que havia arrastado o país para o desastre. A carreira inicial do fascismo, com a violência política, a supressão das liberdades, atentados e assassinatos era, pura e simplesmente, reescrita. Assim, ao longo de todo o período do pós-guerra o MSI jamais apareceu como uma alternativa válida de poder, nem mesmo quando a Democracia-Cristã via suas instáveis coligações ameaçadas de naufrágio. Mais tarde, a guinada euro-comunista do PCI, sob Enrico Berlinguer, e a proposição do "Compromisso Histórico", reduziriam à migalhas qualquer pretensão governativa do MSI, uma vez que o próprio PCI impunha-se como possibilidade de estabilidade governativa para a Itália. Talvez aí resida a explicação básica do fermento putschista da extrema-direita italiana, com seus contatos com as Forças Armadas e os serviços especiais do Estado italiano (somente

[67]KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 110.
[68]Idem. 131-132.
[69]Ibidem. p. 157.

aos poucos novos dados tem sido revelados)[70].

Na Alemanha, na parte ocupada pelos EUA, em 1946 criou-se o Partido da Direita Alemã (*Deutsche Rechtpartei*), baseando-se em "*fórmulas enfaticamente cristãs*". Mesmo tendo sua primeira vitória eleitoral anulada, em Wolfsburg, o partido "*dirigido por Adolf von Thadden, sobreviveu a várias crises e sofreu forte concorrência por parte de outras organizações de extrema-direita, que o acusavam de ser muito 'conciliador'*". Em 1964, o mesmo von Thadden, em um congresso realizado em Hannover promoveu a fusão de várias agremiações de direita, formando o Partido Nacional Democrático da Alemanha (*Nationaldemokratische Partei Deutschlands*). Mas como Konder assinala, "*ninguém se ilude, todos percebem o artifício, imposto pelas circunstâncias da época atual. O desgaste sofrido pelo fascio littorio e pela cruz gamada em 1945 desaconselha a exumação de tais símbolos*", do mesmo modo que "*a gesticulação frenética de Hitler e Mussolini não teria agora a mesma eficácia que teve há 40 anos, seus discípulos se empenham na busca de um estilo novo, mais 'sóbrio', mais 'tecnocrático'*"[71]. O NPD justificava-se politicamente pela necessidade política do anticomunismo na Alemanha Ocidental, e tinha como objetivo mobilizar politicamente as "*quase três milhões de pessoas, expulsas de seus lares nos antigos territórios das antigas províncias alemães da Prússia Oriental (anexados à Polônia e à URSS)*", propondo para tanto "*a revisão dos Acordos de Yalta e Potsdam*". Em 1968 "*a Corte de Justiça de Hannover declarava o NPD um partido contrário à Lei Básica (a constituição) federal*" e no mesmo ano, "*a Corte Superior de Celle declarava o mesmo partido '... atuantemente inimigo, antidemocrático, neonazista, radical de direita e (...) através de [sua] defesa das idéias nazistas constitui-se em inimigo da ordem democrática*'"[72].

Estes partidos não cresceram a ponto de englobar todos os antigos fascistas, pelo contrário, "*em sua maioria, aliás, os fascistas mais inteligentes preferiram, na Alemanha, renunciar à militância em organizações demasiado presas ao modelo fascistas 'clássico': muitos deles ingressaram em partidos conservadores 'respeitáveis'*", mantendo seus velhos ideais, mas mudando seus métodos para tanto. Os mesmos partidos, que ao tomarem as massas antes pertencentes aos partidos fascistas abriram "*caminho para uma assimilação de certos aspectos essenciais do fascismo por parte do conservadorismo tradicional*". Assim, "*para ser efetivamente 'assimilado', o fascismo precisava deixar-se 'transformar', renunciando ao que nele se mostrava 'superado'; e, para conseguir 'assimilar' verdadeiramente as energias do fascismo, o conservadorismo tradicional era levado a se 'fascistizar', dentro de certos limites*"[73]. Limites determinados pelas relações de

---

[70]SILVA, F. C. T. da. *Neofascismo*. Disponível em http://www.tempopresente.org/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=34, acessado em 04.07.2011.
[71]KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 158.
[72]SILVA, F. C. T. da. *Neofascismo*. op. cit.
[73]KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. op. cit. p. 159-162.

força dentro de cada formação social. Estas

> […] exigências de flexibilidade ligadas a esse processo proporcionaram certa "reabilitação" para determinadas formas "impuras" de fascismo, como o regime de Dolfuss, na Áustria, o regime de Franco, na Espanha, e o regime de Salazar, em Portugal. O ecletismo característico desses três regimes levara os analistas do fascismo a desprezá-los, a encará-los como meros produtos de circunstâncias regionais, ignorando as implicações universais (ou, melhor dito: histórico-mundiais) que eles tinham[74].

Do mesmo modo este movimento ocorreu no Brasil, onde os integralistas seguiram de perto este desenrolar ocorrido na Europa, mas onde "*para Salgado, o ingresso em um partido conservador 'respeitável' não era uma opção viável, tendo em vista que no interior de um partido burguês tradicional não poderia manter sua posição como 'Chefe' dos integralistas, da qual não estava disposto a abrir mão*", estes tiveram de transformar-se ideologicamente buscando "*apresentar o próprio integralismo como uma doutrina conservadora 'respeitável', tornando-a aceitável para a classe dominante, enquanto instrumento para o cumprimento de uma função particular, fundamentalmente voltada à mobilização anticomunista*"[75]. Isto culminou na formação do Partido de Representação Popular:

> De fato, o integralismo passou por um processo de reformulação significativa, modificando sua estratégia, na medida em que, constrangido pelos condicionantes externos – internacionais e nacionais –, deixou de se organizar voltado para a tomada imediata do poder e reformulação radical dos mecanismos de imposição da ordem burguesa, segundo uma perspectiva fascista. É importante tornar claro, no entanto, que esta modificação não implicou em abandono dos elementos centrais da ideologia integralista, mas apenas na opção por uma estratégia de afirmação progressiva desta ideologia, sem descartar o retorno à estratégia anterior, caso a conjuntura política o permitisse. De fato, parece evidente que mais do que uma opção, esta reformulação apresentava-se como única possibilidade para a reestruturação do movimento integralista no contexto de completo descrédito das ideologias e movimentos fascistas, no imediato pós-guerra[76].

O PRP durou até inícios da ditadura, quando seus líderes, Salgado à frente, em uma adequação conflituosa acabaram dissolver-se na ARENA. "*A extinção dos partidos políticos enterrou definitivamente a perspectiva de uma intervenção autônoma, consolidando a subordinação dos integralistas aos grupos conservadores de direita que constituíam a base de sustentação do governo militar e controlavam a ARENA*", para através daí tentarem constituir posições mais autônomas, que "*não prosperaram e foram derrotadas, levando ao progressivo enfraquecimento do movimento, consolidado com o afastamento de Salgado da Câmara, no final de*

[74]Idem. p. 162.
[75]CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro* – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. op. cit. p. 197-198.
[76]Idem. p. 794-795.

1974 e seu falecimento no ano seguinte"[77]. Sua dissolução, e o abandono de sua base partidária e militante, seguido pela morte de Salgado, acabaram por inviabilizar qualquer reorganização ampla por parte dos integralistas durante o processo de abertura. Se no Pós-Guerra o corporativismo foi execrado da cena política, naquele momento nenhuma agremiação que visasse defender a ditadura abertamente teria grandes possibilidades concretas de articulação:

> Com a entrada dos anos 80 tentou-se a reorganização em formas de associações que pretendiam reviver a antiga prática integralista de doutrinação por encontros e cursos específicos. Dentre estes, o mais importante na reorganização do integralismo foi o Centro Cultural Plínio Salgado, localizado em São Gonçalo, Rio de Janeiro. Seu fundador e mantenedor era o advogado Arcy Lopes Estella […] Durante a segunda metade da década de 1990, Arcy manteve viva a idéia de união do movimento, organizando em sua caderneta a rede de contato dos que defendiam a permanência da memória integralista, desde velhos a novíssimos militantes. Alguns grupos nacionalistas, mas não necessariamente seguidores diretos do integralismo também freqüentavam o Centro Cultural Plínio Salgado. Alguns deles pertencem ao movimento "Carecas do Rio". Atualmente, este grupo mantém estreita ligação com o movimento considerando-se parte dele, mas com certa independência em relação aos três grupos mais expressivos, a Frente Integralista Brasileira (FIB), o Movimento Integralista Linearista do Brasil (MIL-B) e a Ação Integralista Revolucionária (AIR) [...] Os debates principais, justamente se davam e ainda se dão sobre o modo de reorganização do movimento. Alguns apóiam a reorganização como Partido, outros defendem que a essência integralista é antipartidária, pois a existência de partido faz parte da essência da democracia liberal que abominam[78].

As "dificuldades" encontradas pelos integralistas neste novo momento democrático sem dúvida ocorrem por assumirem a "herança" direta do integralismo clássico, de primeira onda, com vários membros inclusive rejeitando ou tentando minimizar o papel do PRP na história integralista. Identificavam-se pelo resgate de uma "essência pura" integralista, retomando diretamente e, assinalemos, sem lá grandes mediações intelectuais, a doutrina da década de 30. Deste modo, não se identificando com os grupos "transformados", isolando-se politicamente em pequenos grupos vanguardistas de ação direta, com características paramilitares, embora sejam poucos, mas não menos grave, os casos confirmados de formação de milícias (como no interior de São Paulo). Dentre o espectro fascista aproximam-se de grupos como skinheads:

> Os militantes de organizações portadoras de ideologias de extrema-direita apresentam em sua práxis política a afirmação dos valores conservadores de princípios de conduta social, sexual e familiar, o repúdio das concepções políticas igualitárias e, elemento distintivo maior, o chauvinismo como paradigma político. Estes valores norteiam, por exemplo, os "Carecas do ABC" e "Carecas do Subúrbio" em suas ações de violência contra *punks*, roqueiros, homossexuais, emos e, no embate político direto, marxistas ou anarquistas. Já o paradigma racial de cunho

---

[77]CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro* – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. op. cit. p. 697.

[78]BARBOSA, J. R. "Ideologia e intolerância: a extrema direita latino-americana e a atuação no Brasil dos herdeiros do eixo". *Aurora*. nº. 2. Disponível em http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Aurora/aurora_dossie_01.pdf, acessado em 04.07.2011.

> nazista está presente em neonazistas e nacional-socialistas. Os fenômenos políticos das manifestações contemporâneas de extrema-direita representam bricolagens que precisam ser analisadas através de fontes de pesquisa diversas, para considerar os elementos comuns e as diferenciações presentes entre *skinheads* e grupos políticos da extrema-direita tradicional e contemporânea, marcados pelos seus caracteres atípicos em relação às formas de organização e pressupostos ideológicos dos grupos chauvinistas tradicionais, herdeiros da insanidade das antigas "Potências do Eixo"[79].

Como Barbosa nos indica, "*a atuação dos movimentos e partidos políticos de extrema-direita é complexa; estes estão atuantes desde o início do século XX, em diversos países, ganhando configurações e perfis distintos em cada época histórica*", sendo que seu espectro de atuação é largo, abrangendo "*das gangs skinheads, ou através de grupos políticos institucionalizados como associações civis, sem registro partidário, como os grupos integralistas contemporâneos ou como, até há pouco tempo, os nacional-socialistas brasileiros do PNSB*", além das "*organizações que atuam ou atuavam até recentemente nas instituições representativas. Um exemplo é o Partido de Reedificação da Ordem Nacional (PRONA) que já elegeu diversos deputados federais e estaduais no Brasil*" ou "*o do Partido Nacional Renovador de Portugal e a Frente Nacional da França, esta popularizada por Jean-Marie Le Pen*". Pluralidade de organizações e manifestações políticas que unificam-se através do "*discurso por uma ordem social estabelecida em critérios morais e de higienização social sob as bandeiras do nacionalismo chauvinista, do anticomunismo, do antiliberalismo e da intolerância, em oposição àqueles que não compartilham com seus valores*"[80].

Do mesmo modo não podemos ingenuamente deixar de destacar que o partido formal, ou informal, deixa de agir através de gangues e milícias, como se todo o espectro fosse unificado somente por suas confluências ideológicas, deixando de lado a questão da relacionalidade organizativa, que pode "destacar" do um partido sua milícia – em especial no que referem-se às sanções jurídicas que podem ser aplicadas contra estas, o que torna sua manutenção aberta um problema para as associações civis e partidos formais – mas que este movimento pode ser estratégico, como visto em relação às milícias paramilitares que atuam na Colômbia, em plena consonância com o Estado nacional.

Em relação ao MSM, podemos citar o grupo Resistência Nacionalista, já existente há alguns anos, formado por militares e ex militares. Ele organiza-se como milícia, organização paramilitar voltada para a ação direta. O grupo tem como maior instrumento de divulgação a internet, através de sua revista virtual (no início era distribuída deste modo para a venda como zine, ou seja, seus "soldados políticos" a imprimiam e vendiam isoladamente) editado por Antônio Silva, codinome de Vulto. O Resistência Nacionalista é explícito em reivindicar o MSM e seus editores como referências para a luta política, desde os primeiros números da revista são reproduzidos artigos de

---

[79]BARBOSA, J. R. "Entre milícias e militantes (III): skinheads nacional-socialistas e integralistas e os "carecas do subúrbio". *Passapalavra*. 07.05.09. op. cit.
[80]Idem.

Júlio Severo[81] e Graça Salgueiro[82], e no seu número onze a seção leitura obrigatória traz a reprodução completa do prólogo d´*O Imbecil coletivo 1* de Olavo de Carvalho[83], além de várias referências ao MSM. É uma revista simplória e simplista, cujos argumentos são apresentados como ordens em quartel e que utiliza uma série de elementos gráficos quase infantis para corroborar suas afirmações. Segundo um de seus editoriais:

> A despeito de algumas ameaças veladas e pueris, não abrandaremos nosso discurso, o único argumento plausível contra tanta perfídia, é no minimo um discurso duro e direto. Descobri que não importa o quanto lute pela verdade e justiça, nunca haverá ninguém acima de nós para reconhecer e validar nossos atos, e mesmo que caia toda a escória comunista e que triunfe a verdade, somente caberá a nós a manutenção da Ordem para o progresso e somente Deus olhara por nós e para nosso caminho, e somente ele poderá julgar nossas atitudes e palavras como corretos ou errados pois em meio a essa podridão que assola nossa pátria, as pessoas que detém o poder são meros fantoches, joguetes em nome de uma doutrina que prega o coletivismo de um bando de cordeiros que deve seguir de cabeça baixa ao abatedouro para se sacrificar em nome dos lideres vermelhos, em nome da grande teia comunista de mentiras, traição, escravidão e morte. Você pode muito bem acreditar nas coisas que pensava que sabia, e, se você quer saber a verdade ou não quer saber a verdade a decisão é sua[84].

Não estamos, obviamente, tentando forçar uma relação orgânica de um grupo ao outro, mas evidenciar que sua relacionalidade ocorre de modo muito mais próximo do que se costuma referenciar em certas interpretações sobre o fascismo[85], como a de João Bernardo, que considera que um movimento político só pode ser considerado fascista através de seu "*carácter supraclassista e a existência de milícias, ou de alguma forma de mobilização semelhante às milícias*"[86]. Esta limitação nos impede de explicitar a relacionalidade possível entre diferentes formatos associativos (mesmo que Bernardo sublinhe este "caráter supraclassista", buscando evidenciar o alcance social

---

[81]SEVERO, J. "Desmascarando o gayzismo". *Resistência Nacionalista*. nº. 1, abril, 2009. Disponível em http://www.4shared.com/file/115625524/f5dbbf55/RN-Numero_01.html , acessado em 04.07.2011

[82]SALGUEIRO, G. "Não houve Golpe de Estado em Honduras". *Resistência Nacionalista*. nº. 4. Julho, 2009. Disponível em http://www.4shared.com/file/122955448/a3ab6967/RN-Numero_04.html, acessado em 04.07.2011

[83]CARVALHO, O. de. "Prólogo". *Resistência Nacionalista*. nº. 11, fevereiro, 2010. Disponível em http://www.4shared.com/document/i5dmzk5I/RN-Numero_11.html, acessado em 04.07.2011.

[84]RESISTÊNCIA NACIONALISTA. Editorial. *Resistência Nacionalista*. nº. 1, abril, 2009. Disponível em http://www.4shared.com/file/115625524/f5dbbf55/RN-Numero_01.html, acessado em 04.07.2011.

[85]Tanto que após o "Ato Pró-Bolsonaro", ocorrido após declarações racistas do parlamentar, no vão do MASP em São Paulo em 09.04.11, um blog declarado nacional-socialista ironizava sobre os seguidores de Carvalho, nomeados "olavetes": "*Esse ato simbolizou muitas coisas, na verdade não era apenas um Ato Pro-Bolsonaro, mas sim um protesto contra a atual situção que nos encontramos de forma geral, ele representou o que sempre mostramos aqui que apenas sera posivel com a União de todos NSs, NRs, NCs. Falar em conservadorismo, alguem viu algum 'conservador' judaico-'cristão', neoconservador, olavista no local? Claro que não esses estavam em suas confortaveis casas e nos ficamos sabendo que esses inclusive nos criticaram em seus conluios, além disso onde estavam os judeus israelistas no evento do qual Olavo de Carvalho diz tambem serem vitimas da Oligarquia Transnacional e da Nova Ordem Mundial, eles estavam nos apoiando? eles poderiam ate estar lá mas do outro lado, mas uma ironia não? Afinal todos esses grupos Antifascistas, Feministas, Movimentos Militantes Não-Heteros e outros são finaciados pelos mesmos*". BRASIL ANTI ANTIFA. *O ato e outras cositas mas*... Disponível em http://brasilantiantifa.blogspot.com/, acessado em 14.01.12.

[86]Comentário de João Bernardo em 27.03.09 em BERNARDO, J. "Entre a luta de classes e o ressentimento. A propósito do artigo "Cadilhe, o 'coveiro rico'". *Passapalavra*. 26.03.09. Disponível em http://passapalavra.info/?p=1852, acessado em 04.07.2011.

dos fascismos, recusamos tal compreensão, para nós o caráter do fascismo é plenamente burguês, embora sua origem social não o seja) em países onde a ampliação do Estado complexifica-se de tal modo que as funções remetentes ao partido podem “dissolver-se” em aparelhos especializados, destacando-se, e dificultando o reconhecimento tácito, e assim contribuindo para a sua mistificação, em especial em relação a sanções penais (impedindo a atribuição de culpa ao seu Estado-maior), e mesmo propiciando mobilidade a este centro de poder, que não deixa de ser constituído através de disputas internas na rede partidária. Olavo de Carvalho pronuncia-se sobre a ligação que uma matéria de impresa faz sobre este, pensando exatamente nestas sanções:

> Se a Resistência Nacionalista e a UCC [União Conservadora Cristã] não recebem “instrução teórica” nem de mim pessoalmente, nem de meus alunos, nem de qualquer pessoa autorizada por mim, não têm direito de falar em meu nome ou de posar como praticantes de ideias minhas. Muito menos de apresentá-las com essa identidade sem nem ter-me consultado, revelando a mentalidade traiçoeira com que escreveram a matéria no propósito de me comprometer em atividades políticas que desaprovo totalmente. Mas, por estranha e errada que me pareça a política dessas duas organizações, ela não constitui crime, nem o IG as acusa disso. Elas só entraram na matéria porque são “de direita” e, como alguns skinheads também o são, ou diz-se que são, isso facilitava a Alves e Galhardo construir, por meio de uma dupla ponte de associações de ideias, um arremedo de ligação entre o movimento skinhead e eu [...] Quando a deputada democrata Danielle Giffords foi baleada junto com outras cinco pessoas, esquerdistas assanhados se apressaram em lançar a responsabilidade mental do crime sobre a governadora Sarah Palin, por ter utilizado, num cartaz de propaganda, a palavra “alvo” com referência ao 8º. Distrito do Arizona, onde viria a se dar o sangrento episódio[87].

Na Europa, entre todo o espectro fascista existente, interessam-nos os partidos formais, parlamentares, que graças sua recente ascensão, *os permitiu tomarem a direção de diversos movimentos fascistas nacionais*, assumindo novas perspectivas ao mesmo tempo em que os afirmou na posição de mediadores para outras organizações nacionais de mesmo cunho. Destes partidos poucos identificam-se plenamente com os fascismos clássicos (ao contrário dos grupos menores e milícias). “*Pode-se forjar de maneira pragmática uma tipologia europeia com três grandes eixos. O primeiro é formado por grupos neofascistas marginais, que insistem na nostalgia dos trajes pretos ou marrons das divisões da SS, nas quais seus antepassados combatiam o 'bolchevismo judaico'*”. Destes, os mais significantes “*são os Republikaner alemães, a Falange Espanhola, o Movimento Social Italiano Bandeira Tricolor (MSIFT) e o Alarme Popular Ortodoxo, da Grécia*”. O segundo eixo seria “*formado por partidos antissistema, que desde os anos de 1990 se esforçam para romper o 'cordão sanitário' que os isola da direita dita republicana e conquista visibilidade*”. E por terceiro, “*nesse espaço desertado pelos 'respeitáveis' – a política, assim como a natureza, tem*

[87]CARVALHO, O. de. *Truque sujo, parte 2*. 13.10.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/mediawatch/outros/12486-truque-sujo-parte-2.html, acessado em 20.01.12.

horror a espaços vazios"[88], estariam os partidos eleitorais fascistas, ou como prefere Camus (que considera estes partidos como formações nacional populistas de terceira onda) estaríamos assistindo:

> […] na realidade, ao êxito de uma direita extrema atípica, que substituiu o culto do Estado pelo ultraliberalismo, o corporativismo pelo jogo do mercado e até, às vezes, o âmbito do Estado-nação pelos particularismos regionais ou simplesmente locais. Evidentemente, há partidos políticos que ainda se valem da mesmice das ideologias autoritária e fascista, e mesmo nacional-socialista, mas, exatamente por essa razão, tornaram-se marginais, enquanto avançam os partidos sem filiação histórica e ideológica extremistas, que aparecem como capazes de fornecer soluções através de uma proposta política fechada, amplamente consensual e totalmente alinhada ao modelo econômico e social ultraliberal[89].

Estes partidos abarcaram em sua herança fascista mudanças organizativas, discursivas e ideológicas, não somente para subsistirem como parte da democracia burguesa, mas também para alçarem bases partidárias de massa. Embora demonstrem diferenças entre si, determinações exigidas pela relação de forças dentro de cada formação social, ou seja, constituindo um diálogo truncado entre estes diferentes partidos, existem similaridades: "*defendem uma espécie de capitalismo ultraliberal protecionista, aceitam formalmente a democracia parlamentar e o pluralismo, reivindicando uma modernização, e não mais uma ruptura, do quadro institucional*", tendo como mote comum a "revolução dentro da ordem". Isto não retira de seu ideário a ruptura institucional, mas a protela para conjunturas mais favoráveis. E do mesmo modo, "*essas formações partilham uma mesma reivindicação de identidade: a preferência nacional, isto é, a atribuição de direitos políticos, econômicos e sociais somente aos nacionais de origem. Professam, igualmente, uma mesma aversão pela sociedade multicultural*", tornada objeto "*de todas as disfunções do corpo social, e desejam, portanto, limitar a imigração ou inverter os fluxos migratórios expulsando os residentes estrangeiros não-europeus*"[90].

Além disso, são dirigidos por pessoas de origem popular que ascenderam socialmente, "*dirigindo-se ao povo, e até afirmando sua origem modesta (Le Pen* [da Frente Nacional, francesa], *que 'passou fome e frio'; Christoph Blocher* [da União Democrática de Centro, suíça], *filho de pastor pobre), são, amiúde, muito abastados, e mesmo muito ricos*", enquanto "*Blocher é um bilionário que dirige uma multinacional do setor químico; encabeçando a lista do PRO, em Saxe-Anhalt, Ulrich Marseille fez fortuna criando uma cadeia de residências com serviços médicos*". Estes partidos possuem influências distintas, o primeiro eixo "*varia de 0,1% a 7%*", enquanto "*os partidos dos outros dois eixos, juntos, totalizaram mais de 10% dos votos em 11 Estados europeus*

---

[88]VIDAL, D. "A perseguição ao Islã e o neofascismo". *Le Monde Diplomatique Brasil*. 03.01.11. Disponível em http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=843&PHPSESSID=42aea8cb512dc16234fbde253a5e6e7e, acessado em 04.07.2011.
[89]CAMUS, J-Y. "Metamorfoses políticas na Europa". *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.05.02. op. cit.
[90]Idem.

nas eleições do Parlamento Europeu de 2009 e em outros pleitos recentes"[91]. A tabela seguinte nos mostra os resultados eleitorais destes partidos para o Parlamento Europeu:

TABELA 17: Resultados eleitorais dos partidos de "extrema-direita" para o Parlamento Europeu de 2009 (* refere-se às últimas eleições legislativas):

País	Partido	Porcentagem
Suíça	União Democrática do Centro	29*
Noruega	Fremskrittspartiet	22,9*
Áustria	FPÖ e BZÖ	17,3
Bélgica	Vlaams Belang, LDD e FN	17,1
Holanda	Partido da Liberdade	17
Hungria	Jobbik	14,8
Dinamarca	Partido Popular	14,8
Lituânia	Democrata Liberal	12,2
Bulgária	Ataka	12
Itália	Liga do Norte, MSIFT e Forza Nuova	11,5
Finlândia	Perussuomalaiset	9,8
Romênia	Partido da Grande Romênia	8,7
Grécia	LAOS	7,2
França	Frente Nacional	6,3
Reino Unido	Partido Nacional Britânico	6
Eslováquia	SNS	5,6
Letônia	Visu Latvijai e Dzimteni	3,4
Suécia	Democratas Suecos	3,3
Eslovênia	SNS	2,9
Polônia	Samoobrona e LPR	2,6
Alemanha	Republicanos e DVU	1,7
Malta	Imperium Europa	1,5
República Tcheca	SPR-RSV e DS	1,4
Portugal	PNR	0,2*
Estônia	El	0,2*
Espanha	Falange Espanhola e DN	0,1

FONTE: VIDAL, D. "A perseguição ao Islã e o neofascismo". *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.11. p. 5.

Para Silva, foram graças às mudanças sócio econômicas dos anos oitenta que os partidos fascistas puderam avançar, como "*um amplo movimento de massas, capazes de levar ao poder pela via do voto, um partido de caráter fascista*". Isto foi possível graças as transformações que estes levaram a cabo, "*deixando entrever através de sua atuação - bem como através de sua própria imprensa - a passagem para uma nova 'etapa' ou 'fase' de atuação dos diversos grupos neo-*

[91]VIDAL, D. "A perseguição ao Islã e o neofascismo". *Le Monde Diplomatique Brasil*. 03.01.11. op. cit.

fascistas, bastante diferenciada da atuação dos anos ‘60 e ‘70”[92]. A atuação nas décadas anteriores possibilitou esta modificação qualitativa:

> As diversas medidas restritivas colocadas em prática na Alemanha e na Itália, chegando inclusive à proibição constitucional de organizar partidos de nome "fascista", tiveram, nos anos ‘60 e ‘70, um sucesso apenas relativo. De um lado, as organizações atingidas pelas limitações jurídicas, quando constatado o seu caráter "fascista", procuravam se registrar com um nome diferente, tão logo eram proibidas; de outro lado, a fase política de atuação era, então, caracterizada, pelos próprios grupos, como "organizativa". Tratava-se, naquele momento, de reunir quadros, montar estruturas de contato e alistamento, organizar as finanças. Ao mesmo tempo, os temas tradicionais do fascismo, particularmente o ataque às instituições democráticas e o racismo, eram, provisoriamente, deixados em segundo plano. Além de toda a atividade organizativa dever-se-ia, então, centrar fogo na "defesa do ocidente", da civilização e da cultura ocidental frente à ameaça representada pela barbárie bolchevique. Em meio a toda a verborragia da Guerra Fria, exaltada e exagerada em ambos os lados, a fraseologia fascista era plenamente aceitável[93].

Isto ocorria tanto em países como Alemanha, França e Itália, “*onde partidos comunistas de massa disputavam democraticamente o poder*”, quanto “*na Espanha e Portugal, onde regimes ditatoriais altamente comprometidos com as potências fascistas, o anti-bolchevismo surgia como uma arma excepcional*”. Este movimento compreendido dentro da conjuntura ideológica “*da Nova Guerra Fria (a Era Reagan) iria reeditar inúmeros clichês ('Império do Mal', 'potência satânica', 'os totalitários', etc...)*” justificava sua existência e encobria a organização destes partidos fascistas. “*A violenta luta ideológica Ocidente-Oriente recobria a atuação dos diversos grupos fascistas que viam seus temas amplamente veiculados nas relações internacionais e que se mantiveram extremamente ativos*”, sendo que ao “*fim da Guerra Fria, que trazia o risco de tais organizações ficarem sem interlocução em função do fim do 'perigo vermelho'*”, trouxe “*novas perspectivas, em especial nos países do leste europeu, ex-satélites soviéticos. Desta feita, o desemprego e as práticas liberais dos novos regimes, ao lado da presença dos imigrantes – em especial islâmicos e ciganos – constituir-se-iam nos alvos centrais da ressurgência fascista*”[94].

Para Camus, a mais importante destas é a Frente Nacional (FN) francesa, pelo seu papel de liderança para o espectro fascista, já que “*assume, através de sua constante política do 'compromisso nacionalista', um papel de unificadora das diferentes tradições ideológicas de extrema-direita*”. A FN surge na década de oitenta centrada na figura de Jean-Marie Le Pen, cujas declarações “*sobre o 'pormenor' ou 'a internacional judaica' demonstram uma persistência de 'manias' que datam das décadas de 1930 e 1940*”. Sendo que “*seu projeto econômico e social - centrado até agora na conquista do eleitorado constituído por profissionais liberais e chefes de pequenas e médias empresas - é de essência ultraliberal*”, buscando a “*supressão do Imposto de*

---

[92]SILVA, F. C. T. da. *Neofascismo*. op. cit.
[93]Idem.
[94]Ibidem.

Renda, idéia de Jean-Claude Martinez, assim como a constante denúncia do 'fiscalismo' e a rejeição da lei sobre as 35 horas". Para eles o Estado deveria tornar-se "*um Estado-policial colocando, no cerne de seu discurso, a questão relativa à segurança pública como luta contra o permissivismo moral. E o não-questionamento dos postulados da globalização liberal*", afora um elemento "*retórico de um anti-norte-americanismo de princípio*", é encoberto "*por algumas medidas espetaculares, como a saída da União Européia, evidentemente mais fácil de alardear do que a construção de uma necessária Europa das nações, ou a volta ao franco após o abandono do euro*"[95]. E face às funções do Estado frente ao capital-imperialismo,

> na reabilitação do papel de regulador social e econômico do Estado - tanto em situações específicas, quanto como barreira contra a globalização liberal. Na ótica frentista, entretanto, não se trata de privilegiar as políticas distributivistas e o impulso estatal na economia: o Estado protege dando o benefício exclusivo do que sobra das aposentadorias e dos direitos sociais (emprego, habitação, formação) unicamente aos nacionais, valendo-se do princípio da preferência nacional[96].

Sua principal participação eleitoral ocorreu em 2002, quando o presidente do partido, e candidato à presidência da França chegou ao segundo turno, perdendo para Nicolas Sarkozy. Resultado que pode vir a ser ultrapassado pela rápida ascensão de Marine Le Pen, filha de Jean-Marie, nas eleições presidenciais de 2012. Este crescimento é diretamente correspondente da mudança estratégica da FN após a crise de 2008, como

> […] sua atitude de não hesitar em falar de aspectos sociais com os trabalhadores, o que fez com que a Frente Nacional recuperasse muitos eleitores pouco a pouco decepcionados com a esquerda e com o sarkozismo. Ela [Marine Le Pen] dá corpo e consistência, assim, à atitude de Jean-Marie Le Pen, que, em 1° de maio de 2010, ignorou sua aproximação de outrora com o ultraliberalismo e sua posição laudatória em relação a Ronald Regan, e de repente defendeu o poder de compra, a proteção social e a aposentadoria – a fim de "relançar o consumo e encontrar novamente o caminho do crescimento", o único processo que "proporciona empregos para todos e todas". Além disso, nesse mesmo discurso, exigiu a defesa das fronteiras econômicas, uma reforma fiscal justa, o apoio à agricultura e às pequenas e médias empresas. A conclusão de Le Pen pai, formulada como programa para a gestão de sua filha: "Há dez anos, a distribuição de renda evolui segundo os interesses do capital financeiro. […] Somam-se a esse fator, a diminuição dos recursos e o aumento das taxas ligadas à saúde e o questionamento do sistema de aposentadoria, medidas de viés ultraliberal e em contradição profunda com as aspirações e tradições de nosso país"[97].

Esta mudança, atrelada a "*vantagem dos partidos irresponsáveis*", que "*reside na promessa dupla de 'gratuidade de serviços e isenção de impostos*"[98], além do elemento xenófobo, que atribui culpabilidade aos imigrantes (especialmente os islâmicos) pelo desemprego e, do mesmo modo,

---

[95]CAMUS, J-Y. "Metamorfoses políticas na Europa". *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.05.02. op. cit. Grifos nossos.
[96]Idem.
[97]VIDAL, D. "A perseguição ao Islã e o neofascismo". *Le Monde Diplomatique Brasil*. 03.01.11. op. cit.
[98]VIDAL, D. "A perseguição ao Islã e o neofascismo". *Le Monde Diplomatique Brasil*. 03.01.11. op. cit.

pelo fracasso das políticas sociais – já que a inclusão de imigrantes nestas as inviabilizariam. Segundo a FN:

> Por muito tempo considerado "tabu", a questão da migração é agora visto como central por todos os observadores econômicos e políticos. O muro de silêncio e as mentiras que o fissuram, mesmo que a opacidade continue a ser a regra, em matéria de despesas gerais e das estatísticas da delinquência, por exemplo. Assim, o Tribunal de contas destacou em um relatório temático publicado em 2004, que "Qualquer avaliação parece impossível. Mesmo o Parlamento não pode dispor de certos elementos. Nenhum ministério avalia precisamente as despesas que efetua para a recepção e integração dos imigrantes." [...] A imigração é agora de origem planetária. É o povo da França que atribuem direitos que, frequentemente, são a única afinidade com o nosso país, limitada aos benefícios materiais que eles procuram. Esta imigração é impulsionada pelo grande patronato para quem este deslocamento domiciliar é o que lhe permite comprimir os custos salariais, e pela classe política que vê uma clientela eleitoral fácil. Hoje, os Franceses estão endividando-se para financiar as prestações sociais visando responder a "miséria do mundo", enquanto por consequência os déficits permanentes das contas públicas estão em 2 000 milhões de euros de dívida pública, que ameaçam, em curto prazo, a falência da Nação[99].

Nestes partidos europeus a articulação dos eixos observados para a atuação fascista em diferentes frentes não é explícita (para as desvelar, necessitaria para cada um destes uma pesquisa específica), mas é importante reafirmar que sua abertura para massas os permitiu "unificar" conflituosamente distintos grupos do espectro fascista sob sua liderança, ou seja, os posicionando como lideranças de um movimento que não pode ser resumido em um único partido formal. Nossa próxima análise, sobre o *Tea Party*, irá delinear a articulação entre os eixos de maneira mais evidente, que cada frente relativa às ondas não trata-se de um momento distintivo do fascismo, mas de uma atuação relacional dialeticamente entre estas frentes e diferentes grupos sociais, portanto assumindo diferentes modos de organização – o que acaba diminuindo o poder argumentativo sobre os "grupos isolados", como as milícias, porque é exatamente este "estilhaçamento" em uma rede maior, seja extrapartidária ou mesmo solidária, a proteção maior contra sanções jurídicas e avanços policiais. Neste sentido o caso do *Tea Party* é extremamente relevante, porque articulam dentro dos EUA os três eixos, candidatos parlamentares, grupos e associações da sociedade civil e milícias paramilitares (em especial as de patrulhamento na fronteira entre os EUA e o México).

---

[99]"*Longtemps considérée comme « tabou », la question des flux migratoires est désormais considérée comme centrale par l'ensemble des observateurs économiques et politiques. Le mur du silence et du mensonge se fissure, même si l'opacité demeure la règle, en matière de surcoût et de statistiques de la délinquance, par exemple. C'est ainsi que la Cour des comptes relevait dans un rapport thématique publié en 2004 que « toute évaluation paraît impossible. Même le Parlement ne peut disposer d'éléments certains. Aucun ministère n'évalue précisément les dépenses qu'il effectue en faveur de l'accueil et de l'intégration des immigrants.»* […] *L'immigration est aujourd'hui d'origine planétaire. Elle peuple la France d'ayants droit pour qui, bien souvent, la seule affinité avec notre pays se limite aux avantages matériels qu'il leur procure. Cette immigration est poussée par le grand patronat pour qui elle est une délocalisation à domicile qui lui permet de compresser les coûts salariaux, et par la classe politique qui y voit une clientèle électorale facile. Aujourd'hui, les Français s'endettent pour financer des prestations sociales visant à répondre à la « misère du monde », avec pour conséquence les déficits permanents des comptes sociaux et les 2 000 milliards d'euros de dette publique qui menacent, à court terme, de faillite la Nation*". FRENTE NACIONAL. *Immigration*. Disponível em http://www.frontnational.com/?page_id=1095, acessado em 07.04.11. Tradução nossa.

O "fenômeno" *Tea Party* nasce da última crise recente do capital, que somado a falta de perspectivas oferecidas pela esquerda, proporcionou impulso para o ressurgimento de uma direita fascista nos EUA – o "tea" forma sigla para "*taxed enough already*", algo como "já tributados o suficiente", e o nome é uma referência histórica à revolta do chá em Boston de 1773 contra a Administração Britânica da Colônia. Ele nasce no ano seguinte às eleições de Barack Obama como um agrupamento não-partidário, de protesto contra a classe política, em especial contra as medidas federais para conter a crise gerada pela bolha imobiliária, a socialização das dívidas (nada mais que a continuidade das medidas tomadas pelo governo George W. Bush frente a mesma situação). Cresceu impulsionado majoritariamente por grupos de base e por trabalhos voluntários, semi-independentes de uma estrutura centralizada, já que não constitui partido político formal. É formado por uma série de instituições e grupos "semi-organizados", como o *Tea Party Patriots*[100], organizado em mais de mil grupos filiados; o *Americans For Prosperity*[101], fundada por David Koch, que conta com um milhão de membros, com mais de quinhentas afiliadas locais; a *Freedom Works*[102], também com mais de um milhão de membros e quinhentas afiliadas; o *Tea Party Express*[103], um ônibus em turnê constante pelos EUA dirigido pelo *Our Country Deserves Better*[104], um comitê político conservador de Sacramento; o *Tea Party Nation*, responsável por levantar fundos, organizador da Convenção Nacional do *Tea Party*[105]; o *National Tea Party Federation*, entidade responsável pela disseminação nacional e internacional (já existe o *Republican Tea Party*, britânico), e pela unificação ideológica entre os diversos grupos; e o *Nationwide Tea Party Coalition*[106], como o nome já indica, é uma coalizão nacional de diversos grupos locais.

Teoricamente funciona como suporte para candidaturas de qualquer partido político (excluindo-se os socialistas e comunistas), sendo que obviamente seu apoio é para o Partido Republicano, seja através de acordos mútuos, ou, como já ocorreu, simplesmente para evitarem que um candidato considerado moderado ganhasse, como quando Christine O'Donnell's veio a ganhar as primárias do Partido Republicano em Delaware contra o favorito Mike Castle. Neste caso o apoio veio de um de seus grupos, o *Tea Party Express*, que arrecadou duzentos e cinquenta mil dólares para esta candidatura[107].

---

[100]Para mais informações http://www.teapartypatriots.org/, acessado em 08.05.11.
[101]Para mais informações http://www.americansforprosperity.org/national-site, acessado em 08.05.11.
[102]Para mais informações http://www.freedomworks.org/, acessado em 08.05.11.
[103]Para mais informações http://www.teapartyexpress.org/, acessado em 08.05.11.
[104]Para mais informações http://www.ourcountrydeservesbetter.com/, acessado em 08.05.11.
[105]JONSSON, P. "As others bolt, Sarah Palin stands by 'tea party' convention". *Christian Science Monitor*. 03.02.10. Disponível em http://www.csmonitor.com/USA/Politics/2010/0203/As-others-bolt-Sarah-Palin-stands-by-tea-party-convention, acessado em 08.05.11. Tradução nossa.
[106]HENNESSEY, K. "Tea parties form a federation, but don't call them organized". *Los Angeles Times*. 08.04.10. Disponível em http://articles.latimes.com/2010/apr/08/nation/la-na-tea-federation9-2010apr09, acessado em 08.05.11. Tradução nossa.
[107]MONTOPOLI, B.; HENDIN, R. "What is the Tea Party Movement?". *CBS News*. 15.09.10. Disponível em http://www.cbsnews.com/8301-503544_162-20016540-503544.html#ixzz1MAmO98oe, acessado em 05.05.11.

Sua liderança "simbólica" é de Sarah Pallin, ex-candidata para vice-presidente dos EUA e ex-governadora do Alasca, o rosto mais conhecido do movimento ao lado de Glenn Beck, e mais recentemente, Donald Trump. Em 2010 o *Tea Party* apresentou candidatos em quase todos os Estados, vencendo diversas primárias republicanas, tendo sido elemento importante para que os democratas perdessem a maioria no congresso, e elegeu dois congressistas: Marco Rubio, eleito pelo Estado da Flórida, e Rand Paul por Kentucky, e manteve uma cadeira no Senado, Jim DeMint, pela Carolina do Sul. Preparam-se para a disputa presidencial de 2012 com um comitê próprio[108]. Um dos seus pioneiros foi Rick Santelli, da rede televisiva CNBC, que em 19 de fevereiro de 2009, transmitindo ao vivo da Bolsa de Mercadorias e Mercado de Ações de Chicago, conclamou um protesto contra a administração Obama por esta estar auxiliando os proprietários de imóveis falidos a refinanciarem suas hipotecas:

> "Nós realmente queremos subsidiar as hipotecas dos perdedores?" Ele perguntou. "Isto é América! Quantos de vocês querem pagar a hipoteca dos seus vizinhos que tem um banheiro extra, mas não conseguem pagar suas contas?" Ele passou a sugerir então que iria organizar o Chicago Tea Party em Julho, onde capitalistas iriam despejar "alguns títulos derivativos no Lago Michigan." O vídeo de sua tirada se tornou um sucesso no YouTube, e deste modo o movimento foi criado[109].

Na semana subsequente, ocorreu sua primeira conclamação formal de protestos, que atingiram mais de quarenta cidades estadunidenses, tendo como "bandeira principal", a oposição ao auxílio de estímulo econômico federal de setecentos e cinquenta bilhões de dólares. Estas manifestações foram a preparação para uma série de protestos e passeatas durante o ano, sendo que em quinze de abril, "*the tax day*", o dia dos impostos estadunidense, foram organizado entre duzentos a setecentos e cinquenta eventos em todo o país (o número real é conflitante). Estes protestos focavam suas bandeiras contra os pacotes econômicos de estímulo, o resgate financeiro dos bancos responsáveis pela bolha, e contra a legislação de saúde pública em discussão no Congresso (chamado pejorativamente de "*Obamacare*"). Suas palavras de ordem acompanhavam acusações contra o presidente eleito e sua gestão, alegações racistas, anticomunistas, xenofóbicas, visando especialmente os imigrantes latinos e os islâmicos; homofóbicas; pela criminalização do aborto e pesquisas com células-tronco, pró-armas, contrários ao controle de armas pelo Estado, dentre outras, tendo como ponto comum todas serem embasadas e justificadas por um nacionalismo

---

Tradução nossa.

[108]TRAVIS, S. "Herman Cain wins Tea Party presidential live straw poll at Phoenix summit". *CNN Political Tick*. 27.02.11. Disponível em http://politicalticker.blogs.cnn.com/2011/02/27/herman-cain-wins-tea-party-presidential-live-straw-poll-at-phoenix-summit/, acessado em 10.05.11. Tradução nossa.

[109]"*'Do we really want to subsidize the losers' mortgages?' he asked. 'This is America! How many of you people want to pay for your neighbor's mortgage that has an extra bathroom and can't pay their bills?' He went on to suggest that he would organize a Chicago Tea Party in July, where capitalists would dump 'some derivative securities into Lake Michigan'.The video of his tirade became a YouTube hit, and thus the movement was born*". ROWEN, B. *History of the tea party movement*. Disponível em http://www.infoplease.com/us/government/tea-party-history.html, acessado em 01.05.11. Tradução nossa.

ufanista e profundamente militarizado.

Este movimento repentino, aparentemente "voluntarista" da população e caracterizado por parte da mídia como mera expressão "*redneck*" ("caipira"), começou a gerar desconfianças sobre os seus verdadeiros organizadores. Sua rede de financiamento contaria "*com grandes organizações como a American Crossroads, da qual Karl Rove, conselheiro de George W. Bush, é co-fundador, ou o Club for Growth, que prega redução de impostos e de gastos do governo*"[110], mas seus principais financiadores seriam os irmãos David e Charles Koch, donos da Koch Industries. Esta é a segunda maior empresa familiar dos EUA (depois da Cargill) com sede em Wichita, Kansas, conglomerado de refinação e transporte de petróleo, petroquímicos e papel, entre outros, que tem lucros anuais de cerca de 100 bilhões de dólares[111]. Dentre uma série de denúncias apuradas constatou-se a contratação massiva de pessoas para comparecerem aos protestos e passeatas, sendo que o ângulo mais explorado pela imprensa e pelos seus opositores foi o de tratar-se de uma organização racista, o que foi confirmado em alguns cartazes de protesto, mas que não serviu para explicar e unificar o combate contra o movimento.

O *Tea Party* é formado por 89% de brancos, contando com o apoio de somente 1% de negros, 1% de asiáticos e 6% de "outros" (não indicam o "restante")[112] – podemos apontar que tratam-se de latinos, em especial da comunidade cubana da Flórida, profundamente anticomunista. Mas a acusação de racismo acabou fracassando. Segundo Ted Nugent, famoso músico conservador, "*o primeiro motivador para o Tea Party é o Dr. Martin Luther King Jr., que eloquentemente disse, 'aqueles que estão engajados em uma direção não violenta não são os criadores da tensão. Nós estamos meramente trazendo para a superfície a tensão que já estava lá*"[113]. O Tea Party tornou-se uma máquina de arrecadação eleitoral:

> "As pessoas estão começando a perceber que o Tea Party é uma poderosa máquina de mobilização de eleitores", disse Matt Kibbe, presidente do Freedom Works, em declarações publicadas nesta terça-feira (21/9 [de 2010]) pelo jornal *Washington Post*. "Estão nos levando cada vez mais a sério. Não há nada como ser capaz de

---

[110]BBC BRASIL. "Crise econômica é combustível para ascensão do Tea Party". *BBC Brasil. 28.10.10. Disponível em http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/bbc/crise+economica+e+combustivel+para+ascensao+do+tea+party/n123781 3538498.html, acessado em 11.05.11.*

[111]JALIFE-RAHME, A. "As 10 transnacionais secretas que controlam as matérias primas". *Agência Carta Maior*. 08.05.11. Disponível em http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17766, acessado em 10.05.11.

[112]MONTOPOLI, B. "Tea Party supporters: who they are and what they believe". *CBS News*. 14.04.10. Disponível em http://www.cbsnews.com/8301-503544_162-20002529-503544.html, acessado em 10.05.11. Tradução nossa.

[113]"*A prime motivator for the Tea Party is Dr. Martin Luther King Jr., who so eloquently stated, 'Those who engage in nonviolent direct action are not the creators of tension. We are merely bringing to the surface a tension that is already there'*". NUGENT, T. *What the Tea Parties stand for*. Disponível em http://www.humanevents.com/article.php?id=36856, acessado em 13.05.11. Tradução nossa. Sobre a comprovação de racismo e pagamentos para participantes dos protestos ver o documentário *(Astro) Turf wars: the Tea Party documentary*. Seu trailer e aquisição estão disponíveis em http://astroturfwars.com/. Este documentário tem como resposta do movimento o *Tea Party: the documentary film*, que para contradizer estas acusações foca em diversos membros negros da organização. Disponível em http://www.teapartymovie.com. Acessados em 13.05.11.

arrecadar votos em uma eleição importante", acrescentou Kibbe que sustenta que o movimento conta com os grupos políticos mais enérgicos do país. O apoio do Tea Party coincide com um crescente fluxo de fundos para os cofres republicanos. O comitê de ação política (PAC, na sigla em inglês) das grandes empresas do país começaram a dar a maior parte do dinheiro a candidatos republicanos revertendo a tendência dos três últimos anos. O jornal *The Wall Street Journal* menciona nesta terça-feira (21/9) que essa mudança de tendência torna provável que os republicanos consigam "lucros significativos" em novembro. Segundo dados do Center for Responsive Politics, os PAC deram 52% de suas doações de 72,2 milhões de dólares a candidatos republicanos entre janeiro e julho. No mesmo período de 2009, esses comitês tinham dado 59% de seus de dólares 64 milhões em contribuições aos democratas […] Outros dois grupos próximos aos republicanos, American Crossroads e Crossroads GPS, criados por Karl Rove, principal assessor político durante o governo Bush, e Ed Gillespie, outro assessor político, já arrecadaram 32 milhões de dólares este ano. Esses grupos, assim como o doador anônimo do Tea Party Patriots, se beneficiam de uma falha judicial que permite que as grandes empresas façam contribuições, sem limites, às campanhas eleitorais[114].

Walter Benn Michaels irá compreender o motivo pelos quais a burguesia estadunidense, exatamente os que foram amplamente favorecidos por vinte anos de políticas de desregulamentação, irá financiar e se colocar ao lado de um movimento como este: "*a indignação demonstrada por Glenn Beck e o Tea Party é, contudo, curiosa. Eles geralmente pertencem à categoria dos 20% dos americanos mais ricos, para quem o neoliberalismo não foi um mau negócio. De fato, a imigração ilegal foi uma das fontes de sua prosperidade*"[115]. Mas este posicionamento

[…] é incongruente apenas na aparência. É certo que a parte da riqueza nacional devolvida aos 20% mais ricos tem continuado a crescer ao longo das últimas três décadas, o que é uma boa notícia para uma força política que santifica as desigualdades. A má notícia, porém, é que esse aumento beneficia, principalmente, o topo da cadeia. Em 1982, o 1% mais rico dos americanos recolheu 12,8% da riqueza nacional quando, em 2006, ele absorvia 21,3% – quase o dobro. Ao mesmo tempo, a fatia do bolo reservada aos 20% mais prósperos passou de 39,1% para "apenas" 40,1%. Assim, quando veem a imigração como uma ameaça, os integrantes do Tea Party não estão totalmente equivocados: seus simpatizantes percebem vagamente que as desigualdades estruturais que sustentam o seu modo de vida atingiram um nível que está além de seus interesses. O capitalismo criou vencedores e agora está ameaçando torná-los perdedores[116].

Então o *Tea Party*, acabou por revestir-se de uma retórica antielitista, sua principal palavra de ordem é "*we the people*", ou seja, "nós o povo", aliada a temas conservadores típicos, explorados em seu máximo:

---

[114]OPERAMUNDI. "Movimento conservador Tea Party aumenta doações para republicanos nos EUA". *Operamundi*. 21.09.10. Disponível em http://operamundi.uol.com.br/noticias/MOVIMENTO+CONSERVADOR+TEA+PARTY+AUMENTA+DOACOES+PARA+REPUBLICANOS+NOS+EUA_6493.shtml, acessado em 13.05.11.
[115]MICHAELS, W. B. "Contra o comunismo e o neoliberalismo". *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.11.10. Disponível em http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=806&PHPSESSID=fd25e6e417b75f7999578b00b7767c3c, acessado em 12.05.11.
[116]Idem.

> […] não foi só graças à sua fé cristã que a candidata do Tea Party, Christine O'Donnell, superou seu rival republicano no Estado de Delaware. Diretora da Aliança do Salvador para a vinda do Verdadeiro Ministério, uma seita evangélica que prega a abstinência sexual e eliminação da masturbação, o que lhe permitiu triunfar foi seu discurso inflamado contra a classe dirigente. "As elites não nos entendem, elas nos tomam por tolos. Mas nós somos o povo!", exclamou recentemente, sob uma chuva de aplausos. Depois, atacando os democratas ricos na esteira dos republicanos ricos, ela criticou o ex-candidato à presidência John Kerry, acusado de tentar sonegar os impostos devidos sobre seu novo iate, de US$ 7 milhões. "Eu nunca tive um emprego superbem pago, nem veículo pago pelo Estado. Eu nunca procurei esconder meu iate para escapar do Fisco e tenho certeza de que a maioria de vocês também não"[117].

Discurso efetivo em um país onde, "*nos primeiros anos da administração Reagan, os pobres e a classe média, que compunham 80% da população, recebiam 48% do rendimento nacional, agora não chega a 39%*", e onde "*44 milhões de americanos vivem abaixo da linha da pobreza, enquanto 1% da população controla metade da riqueza produzida pelo país*"[118]: dezoito por cento da população estadunidense se auto identifica como apoiadores do *Tea Party*. A *CBS News* e o *New York Times* entrevistaram mil quinhentos e oitenta adultos, destes oitocentos e oitenta e um apoiadores do movimento, buscando indicações para compreender a sua base social. De seus membros, 59% são homens, e 41% mulheres, cuja maioria, em faixa etária, concentra-se entre os 45-65 anos, sendo 75% do total; acima dos 65 são 29%, e abaixo de 45 anos somente 23%. 56% tem renda anual superior a 50 mil dólares; 35% abaixo de 50 mil dólares; e 20% acima de 100 mil dólares119. Sobre sua escolaridade, 37% têm títulos de graduação superior; 33% são graduados; e 29% somente tem segundo grau; politicamente, 4% consideram-se liberais, 20% moderados e 73% conservadores (dentre estes 39% se proclamam "muito conservadores"), sendo que 54% consideram-se republicanos, 5% democratas e 41% independentes; 61% são protestantes, dos quais 39% evangélicos, 22% católicos; 6% responderam "outra" e outros 6% nenhuma; 38% comparecem semanalmente ao serviço religioso; 58% admitem possuir armas em casa[120].

Ao serem perguntados em qual classe social se identificariam (as opções foram: alta, média

---

[117]MICHAELS, W. B. "Contra o comunismo e o neoliberalismo". *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.11.10. op. cit.
[118]Idem.
[119]O salário nos EUA é contabilizado por hora, e com diferentes mínimos por Estado, como consta na seguinte lista de 2011, em dólares: "*Alabama* [não consta] *Alaska $7.25 Arizona $7.35 Arkansas $6.25 California $8.00 Colorado $7.36 Connecticut $8.25 Delaware $7.25 District of Columbia $8.25 Florida $7.25 Georgia $5.25 Guam $4.10 Hawaii $7.25 Idaho $7.25 Illinois $8.25 Indiana $7.25 Iowa $7.25 Kansas $7.25 Kentucky $7.25 Louisiana $7.25 Maine $7.50 Maryland $7.25 Massachusetts $8.00 Michigan $7.40 Minnesota $7.25 Mississippi $7.25 Missouri $7.25 Montana $7.35 Nebraska $7.25 Nevada $7.55 New Hampshire $7.25 New Jersey $7.25 New Mexico $7.50 New York $7.25 North Carolina $7.25 North Dakota $7.25 Ohio $7.30 Oklahoma $7.25 Oregon $8.50 Pennsylvania $7.25 Puerto Rico $6.15 Rhode Island $7.40 South Carolina $7.25 South Dakota $7.25 Tennessee $7.25 Texas $7.25 U.S. Virgin Islands $6.55 Utah $7.25 Vermont $8.15 Virginia $7.25 Washington $8.67 West Virginia $7.25 Wisconsin $7.25 Wyoming $5.15*". MINIMUM-WAGE.ORG. *Minimum wage by state 2011*. Disponível em http://www.minimum-wage.org/wage-by-state.asp, acessado em 13.05.11. Supondo como média $7.25 por hora, um trabalhador que cumpra 40 horas semanais, em um ano terá recebido 13.920 dólares.
[120]MONTOPOLI, B. "Tea Party supporters: who they are and what they believe". *CBS News*. 14.04.10. op. cit.

alta, média, trabalhadora e baixa), 3% dos seus apoiadores responderam que são da classe alta; 15% da média alta; 50% na média; 26 % na trabalhadora; 5% na "baixa"; e 1% não sabe ou não respondeu. Quando interrogados sobre sua preocupação em decair de sua classe social atual, 41% responderam que estariam, enquanto 58% responderam que não, e 1% não sabe ou não responderam[121]. Do total de seus apoiadores, 53% descrevem-se com "raiva" em relação às coisas "feitas em Washington", em comparação com 19% do total de estadunidenses; Sobre as coisas com as quais mais estariam bravos, 16% identificou a reforma da saúde pública; 14% sobre o governo não representar o povo; 11% com os gastos estatais; e somente 8% com o desemprego e a economia. 92% acreditam que a "América" está no caminho errado (em aspas dada a ênfase do Estado-nação como sujeito). 88% desaprova a gestão Obama, enquanto 7% dizem que ela é boa (77% deles afirmam ser a gestão Obama "*liberal demais*"). Sobre o que não aprovam nesta gestão, a maior resposta, com 19% é a de que simplesmente não gostam dele; 11% acreditam que ele está levando o país em direção ao socialismo; 10% citaram a reforma da saúde pública; e 9% disseram que ele é desonesto. 64% acreditam que o presidente aumentou os impostos para a maioria dos estadunidenses, enquanto na realidade, como parte das medidas anti cíclicas tomadas, a maioria deles pagou menos impostos sob sua administração. Somente 1% acreditam que o Congresso está fazendo um bom serviço. 24% acreditam na necessidade da ação violenta contra o governo. 63% afirmaram obter a maioria de seus conhecimentos e notícias políticas na televisão, mais precisamente na *FOX News*, comparado com 23% da população total dos EUA; 47% afirmaram ser a televisão sua principal fonte sobre o *Tea Party*; enquanto 24% afirmaram ser a internet. 84% disseram que as perspectivas do partido refletem a vontade da maioria dos estadunidenses, enquanto somente 25% da população total afirma o mesmo, sendo que do mesmo total e 36% rejeitaram esta afirmação. Sobre o maior objetivos do *Tea Party*, por seus apoiadores, 45% afirmaram ser reduzir as funções do Estado; 9% criar empregos; 7% eleger seus candidatos; 6% cortar orçamentos; enquanto 18% responderam todas as alternativas; 7% "alguma outra coisa"; e 2% simplesmente não sabiam[122].

Como visto, o *Tea Party* constitui-se através da oposição e qualificação de seus inimigos, posicionando-se diante da insatisfação dos estratos médios da sociedade, que nos últimos vinte anos viram seu estilo de vida proletarizar-se. Insatisfações que não podem ser minimizadas, pois como Chomsky adverte, são legítimas. "*Os motivos de queixa são legítimos. Nos últimos 30 anos, os salários reais da maioria da população estancaram ou diminuíram, enquanto que a insegurança*

---

[121]CBS NEWS/NEW YORK TIMES POLL. "The tea party movement: who they are". *CBS News*. 5-12.04.10. Disponível em http://www.cbsnews.com/htdocs/pdf/poll_tea_party_who_they_are_041410.pdf?tag=contentMain;contentBody, acessado em 07.05.11. Tradução nossa.
[122]MONTOPOLI, B. "Tea Party supporters: who they are and what they believe". *CBS News*. 14.04.10. op. cit. Tradução nossa.

trabalhista e a carga de trabalho seguiram aumentando, do mesmo modo que a dívida", a acumulação de riquezas resultante da financeirização da economia, e o "*correspondente abandono da produção doméstica. Recordando esse processo: a mania da desregulamentação defendida por Wall Street e apoiada por economistas fascinados pelos mitos da eficiência do mercado*"[123], provocaram um aumento da desigualdade social sem precedentes:

> O público adverte que os banqueiros, responsáveis em boa parte pela crise financeira e que tiveram que ser salvos da bancarrota, estão desfrutando de lucros recordes e suculentas bonificações, enquanto os índices do desemprego continuam em torno de 10%. A indústria encontra-se em níveis similares aos da Grande Depressão: um de cada seis trabalhadores está desempregado, e o cenário indica que os bons empregos não vão voltar. O povo, com razão, quer respostas e ninguém as dá, com exceção de umas poucas vozes que contam histórias com certa coerência interna: desde que se suspenda a incredulidade e se adentre em seu mundo de disparate e engano. Mas ridicularizar as travessuras do Tea Party não é o mais acertado. Seria muito mais apropriado tentar compreender o que sustenta o encanto desse movimento popular e nos perguntar por que uma série de pessoas irritadas estão sendo mobilizadas pela extrema direita e não pelo tipo de ativismo construtivo que surgiu nos tempos da Depressão (como, por exemplo, o Congresso das Organizações Industriais, CIO). Neste momento, o que os simpatizantes do Tea Party ouvem é que todas instituições (governo, corporações e corpos profissionais) estão apodrecidas e que nada funciona. Entre o desemprego e outros inúmeros problemas, os democratas não têm tempo para denunciar as políticas que conduziram ao desastre. Pode ser que o presidente Ronald Reagan e seus sucessores republicanos tenham sido os grandes culpados, mas essas políticas iniciaram já com o presidente Jimmy Carter e se intensificaram com o presidente Bill Clinton. Durante as eleições presidenciais, entre o eleitorado principal de Barack Obama estavam as instituições financeiras[124].

Pode-se dizer mesmo, que a manifestação genérica da insatisfação foi a característica responsável por agrupar em torno do *Tea Party* os mais diversos setores dos estratos médios estadunidenses, e ao mesmo tempo explicar seu financiamento por setores da burguesia. Isto explicita porque características distintas são enfatizadas em diferentes regiões do país, ou seja, como o partido constrói suas explicações associando às questões regionais através da acusação qualificada contra a gestão democrata nacional, esta plenamente contaminada – "*noventa e dois porcento dos apoiadores do Tea Party acreditam que as políticas do presidente Obama estão movendo o país em direção ao socialismo. Cinquenta e dois porcento dos total dos americanos dividem esta crença*"[125]. Os membros do *Tea Party* "*estão com raiva. Mas não são articulados sobre os pontos específicos dos quais têm raiva e como vão consertar os que acham que está errado*", mas que dada a conjuntura atual estadunidense, "*ser antigoverno, mesmo sem um plano*

---

[123]CHOMSKY, N. "A raiva mal dirigida nos EUA". *Agência Carta Maior*. 25.11.10. Disponível em http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17214, acessado em 05.05.11.
[124]Idem.
[125]"*Ninety-two percent of Tea Party supporters believe President Obama's policies are moving the country toward socialism. Fifty-two percent of Americans overall share that belief*". MONTOPOLI, B. "Tea Party supporters: who they are and what they believe". *CBS News*. 14.04.10. op. cit. Tradução nossa.

alternativo, é uma posição que parece encontrar eco nos eleitores americanos”[126]. E a irracionalidade de seu programa torna-se explícita diante das perguntas mais simples, como a que Walter Benn Michaels provocativamente fez: para o *Tea Party* “*qual é o inimigo mais perigoso dos Estados Unidos?*”. Entre os apresentadores da *Fox News*, Bill O'Reilly, “*insistia na resposta esperada, a Al-Qaeda. Durante a administração George Bush filho, o choque de civilizações estruturava a visão de mundo dos conservadores americanos*”, ou seja, “*ao abordar um tema como a imigração ilegal, seu temor era que partidários de Osama bin Laden se esgueirassem entre os manobristas de hotéis em Chicago ou fossem trabalhar nos frigoríficos de Iowa*”, enquanto seu colega Glenn Beck, posicionava-se de maneira mais “*insólita*”, ao afirmar que “*não são os mujahedins* [...] *que 'estão tentando destruir o nosso país', mas 'os comunistas'. Para Beck, assim como para os ativistas de direita do Tea Party* [...] *o terrorismo representa uma ameaça muito menos preocupante que o socialismo*”[127]. Michaels continua:

> Por que o comunismo? E por que agora? Ao contrário da fobia contra o Islã, que usa como pretexto os milhares de americanos mortos pelos muhajedins, o anticomunismo de hoje não se baseia em nenhum elemento concreto. Não só não houve bolcheviques nos aviões que atingiram o World Trade Center, mas, além disso, não há praticamente nenhum comunista em todo os EUA e, mesmo na ex-URSS, eles são apenas um punhado [...] No entanto, como o antissemitismo sem judeus, o anticomunismo sem comunistas desempenha, hoje em dia, um papel crucial no discurso da direita, especialmente no seio daquela antineoliberal. Mas se as últimas três décadas nos ensinaram alguma coisa é que o marketing é uma política em si mesmo. Para Beck e seus milhões de simpatizantes, não é ao triunfo do capitalismo que devemos atribuir nossos problemas atuais, mas à volta do comunismo. Evidentemente, são “os imigrantes e socialistas”, e não os sauditas vindos de avião, que estão precipitando esse retorno. O mesmo raciocínio está presente nas reuniões do Tea Party, durante as quais os ânimos se agitam contra a “Obamacare” (a reforma do sistema de saúde, penosamente obtida pelo presidente dos Estados Unidos) e a suposta “socialização” da medicina. “Eu tive de explicar, educadamente, que era o Estado que lhes fornecia sua assistência médica”, observa o senador republicano Inglis, “mas eles não queriam entender nada”. Essa cegueira é facilmente explicada. Por um lado, os adeptos do Tea Party afirmam que o Medicare e a seguridade social estão em processo de colapso. Por outro, não veem que a privatização desenfreada e a falta de recursos é que levaram essas agências à beira da falência. O que eles querem, em outras palavras, é que se proteja tanto o neoliberalismo (suprimir o Obamacare) como o socialismo (não perder o Medicare)[128].

É uma política de cunho plenamente ultraliberal, mas que contém em si um elemento “antiliberal” impraticável, um antielitismo meramente retórico, já que o sistema que defendem e pelo qual militam é o que economistas da Escola de Chicago fabricam, e que consegue construir somente culpados genéricos para a crise pela qual passam: “*em suma, o que o Tea Party considera a*

---

[126]BBC BRASIL. “Crise econômica é combustível para ascensão do Tea Party”. *BBC Brasil. 28.10.10. op. cit.*
[127]MICHAELS, W. B. “Contra o comunismo e o neoliberalismo”. *Le Monde diplomatique Brasil*. 01.11.10. op. cit.
[128]Idem.

mais grave ameaça ao capitalismo nada mais é do que capitalismo..."[129]. Esta afirmação fica clara quando seus militantes responderam sobre o que imaginam ser o socialismo: "*cerca de metade dos adeptos Tea Party voluntariamente disseram ser a propriedade do governo ou controle, muito mais do que qualquer outra resposta. Onze por cento já tirando direitos ou limitando a liberdade, e oito por cento disseram que isso significa que a redistribuição da riqueza*"[130]. A seguir, reproduzimos a lista de "crenças não negociáveis" do *Tea Party*:

> 1. Imigrantes ilegais estão aqui ilegalmente. 2. Empregos pró-doméstico é indispensável. 3. Um exército forte é essencial. 4. Eliminação de interesses especiais. 5. A propriedade de armas é sagrada. 6. O governo tem de ser "enxugado". 7. O orçamento nacional tem de ser balanceado. 8. Gastos em déficit irão acabar. 9. Fianças estatais e planos de estímulo são ilegais. 10. Reduzir impostos. 10. Reduzir o imposto de renda pessoal é uma obrigação. 11. Reduzir o imposto de renda de negócios é obrigatório. 12. Cargos políticos disponíveis para os cidadãos comuns. 13. Impedimento de intrusões do governo. 14. Inglês como língua fundamental é obrigatório. 15. Encorajamento de valores tradicionais da família[131].

Esta lista de objetivos, altamente simplificada como "palavras de ordem", a ponto de soarem quase sem sentido, obviamente não é suficiente para constituir uma semente para um plano de longo prazo, sendo plenamente irracional em sua concretização. Mas podem-se observar suas linhas mestras: nacionalismo xenofóbico e militarista (em plena concordância com o imperialismo), avanço das reformas ultraliberais no aparelho de Estado, o entendimento que o mínimo de impostos cobrados é o máximo de ingerência que o Estado supostamente deve ter na economia. De um modo mais geral: a afirmação plena do imperativo categórico do livre mercado e da meritocracia. Outro documento que traz essas noções de um modo mais ordenado é o seu "contrato da América", distribuído para congressistas democratas e republicanos, sendo que somente alguns deste segundo partido o assinaram:

> 1. Proteger a Constituição 2. Rejeitar Cap & Trade [algo como "limite e negociação", utilizada para denominar um mecanismo de mercado que limita as emissões de gases de um setor ou grupo] 3. Exigir um orçamento balanceado 4. Decretar reformas tributárias fundamentais 5. Restabelecer responsabilidade fiscal e constitucionalmente os limites do governo 6. Acabar com a corrida de gastos do governo 7. Reembolsar, rejeitar, e substituir os serviços de saúde do governo 8.

---

[129] MICHAELS, W. B. "Contra o comunismo e o neoliberalismo". *Le Monde diplomatique Brasil*. 01.11.10. op. cit.

[130] "*Roughly half of Tea Party supporters volunteered government ownership or control, far more than any other answer. Eleven percent cited taking away rights or limiting freedom, and eight percent said it means the redistribution of wealth*". MONTOPOLI, B. "Tea Party supporters: who they are and what they believe". *CBS News*. 14.04.10. op. cit. Tradução nossa.

[131] "*1. Illegal Aliens Are Here Illegally. 2. Pro-Domestic Employment Is Indispensable. 3. Stronger Military Is Essential. 4. Special Interests Eliminated. 5. Gun Ownership Is Sacred. 6. Government Must Be Downsized. 7. National Budget Must Be Balanced. 8. Deficit Spending Will End. 9. Bail-Out And Stimulus Plans Are Illegal. 10. Reduce Personal Income Taxes A Must. 11. Reduce Business Income Taxes Are Mandatory. 12. Political Offices Available To Average Citizens. 13. Intrusive Government Stopped. 14. English As Core Language Is Required. 15. Traditional Family Values Are Encouraged*". TEA PARTY. *Non-negotiable core beliefs of the tea party*. Disponível em http://www.teaparty.org/about.php, acessado em 05.05.11. Tradução nossa.

> Passar uma política de energia "todas-opções-acima" 9. Parar os Earmarks [medida legislativa que direciona fundos aprovados para determinados projetos ou especifica exceções de impostos] 10. Parar o aumento de impostos[132].

É uma série de medidas que se articulam ao projeto ultraliberal de economia, que atacam os direitos das classes subalternas do corpo social, ao militarem pela redução do Estado, e pelo fim de suas responsabilidades sociais, no caso específico focando o sistema de saúde, a possibilidade de se renegociar a dívida hipotecária do indivíduo com falência decretada (lembrando o papel fundamental que esta dívida teve para a circulação de mercadorias e capitais nos EUA, como já discutido), atacando o meio ambiente e os trabalhadores da indústria, militando pelo fim do controle de poluentes. É um programa explicitamente de caráter burguês, chauvinista, nacionalista, anti operário, imperialista, e como visto, plenamente articulado ao projeto econômico ultraliberal, mesmo que retoricamente se faça antielitista e contra a formação de grandes fortunas individuais (seu irracionalismo intrínseco demonstra-se, mais uma vez, na "filiação" de Trump ao movimento).

E que se articula perfeitamente à existência de milícias, embarcando os *Minuteman Civil Defense Corps*, a maior de todas as milícias de fronteira entre os EUA e o México, e a *FIRE Coalition*, organizações de patrulha e controle de imigrantes. Isto não ocorre sem alguns conflitos internos, como os sobre a lei SB-1070 do Estado da Arizona, que exige que policiais exibam prova de residência legal para quem acreditam serem imigrantes ilegais (o que inviabiliza juridicamente as chacinas perpetradas na fronteira), em que o *Tea Party Patriots* arregimentou milhares de assinaturas a favor da lei, enquanto o *Tea Party Nation* participou e ajudou a patrocinar um evento em Phoenix, Arizona, apoiando os patrulheiros "patriotas"[133]. De acordo com Glenn Spencer, líder do *American Control Border* e apoiador do *Tea Party*:

> […] imigração ilegal é parte de uma guerra clandestina contra os EUA, uma lenta invasão planejada pelos mais altos níveis do governo mexicano para recapturar a Califórnia, o Texas e boa parte do Sudoeste para restabelecer o mítico império asteca de Aztlan. Spencer acusa a culpa por uma série de doenças sociais contemporâneas – tudo, desde as revoltas por Rodney King em Los Angeles até o vício em meta anfetamina – sobre esta atuação do México para desestabilizar a América. Qualquer tolo pode entender que uma nação temerosa a Deus, de famílias protestantes, é muito mais difícil de invadir e ocupar que uma cheia de revoltosos viciados em crack[134].

---

[132]"*1. Protect the Constitution 2. Reject Cap & Trade 3. Demand a Balanced Budget 4. Enact Fundamental Tax Reform 5. Restore Fiscal Responsibility & Constitutionally Limited Government 6. End Runaway Government Spending 7. Refund, Repeal, & Replace Government-run Health Care 8. Pass an 'All-of-the-Above" Energy Policy 9. Reduce Earmarks 10. Stop the Tax Hikes*". THECONTRACT.ORG. *The contract from America*. Disponível em http://www.thecontract.org/the-contract-from-america/, acessado em 10.05.11. Tradução nossa.

[133]Ver BAHADUR, G. "Nativist militias get a Tea-Party makeover". *The Nation*. 28.10.10. Disponível em http://www.theinvestigativefund.org/investigations/immigrationandlabor/1420/nativist_militias_get_a_tea-party_makeover/, acessado em 04.06.11.

[134]"[...] *illegal immigration is part of a clandestine war against the U.S., a slow invasion planned at the highest levels of the Mexican government to recapture California, Texas, and much of the Southwest to reestablish the mythical Aztec empire of Aztlan. Spencer lays the blame for a host of contemporary social ills – everything from LA's Rodney King riots to meth addiction – on Mexico's attempt to destabilize America. Any fool can see that a country of God-fearing,*

Como visto este movimento agrega-se diretamente às características formadoras dos movimentos fascistas, sendo que o irracionalismo inerente à reprodução ampliada das relações sociais capitalistas é não somente justificado, mas explicado como parte de um complô, como parte de uma ação racional levada a cabo por um grupo social ou político de forma subterrânea, com o sentido de desestabilizar o status quo, não avalizado como a estrutura de classes realmente existente, mas sob a forma do povo nação. E caso a classe trabalhadora daquele país deixe de manifestar-se politicamente contra este tipo de projetos políticos, é difícil não prever consequências graves. Estes levantes já iniciaram, no começo de 2011 nos protestos desencadeados após a ofensiva do capital em Wisconsin. Neste estado, Scott Walker elegeu-se governador com o apoio do *Tea Party*, e assim que empossado seu primeiro ato foi beneficiar empresários com cortes de impostos no valor de 117 milhões de dólares. Em seguida, em votação considerada ilegal na Assembleia Estadual, fez aprovar um projeto de lei que praticamente eliminaria os sindicatos dos funcionários públicos, declarando que com isso estaria visando economizar 150 milhões de dólares por ano:

> Não são só os sindicatos associados com os democratas o que Walter e seus colegas de Tea Party desejam destruir; são os sindicatos dos servidores públicos. Isto importa por razões que são muito mais obscuras que as demais, mas que estão claramente relacionadas com nossos problemas contemporâneos: a fiscalização do capitalismo contemporâneo, a globalização da indústria e do comércio e, de maneira mais geral, o ataque mundial aos avanços econômicos e sociais conquistados no último século e meio. O problema, em resumo, é que, para sobreviver o capitalismo precisa se expandir e, com tão poucas áreas com espaço disponível, a esfera pública se torna tentadora demais para resistir. É por isso que as elites econômicas miraram as instituições que até agora tinham evitado a mercantilização total. Ninguém mais as protege hoje em dia que aqueles que nelas trabalham[135].

A reação organizada, mesmo que defensiva, desencadeou uma série de protestos sindicais durante cerca de um mês e meio em 50 estados dos EUA. Ainda que a classe trabalhadora demonstre seu poder de reação diante da crise através de seus sindicatos, é notada claramente a falta de partidos representativos desta classe nos EUA, capazes de organizar uma atuação ofensiva em escala nacional. Os próprios sindicatos ainda são reféns da lei Taft-Hartley, de 1947, que proíbe "*as greves sectoriais, as greves 'selvagens' (não convocadas por sindicatos), as greves políticas ou de solidariedade, os 'boicotes secundários' (acções de apoio a uma greve efectuadas noutra empresa), os piquetes secundários ou massivos, o fecho de lojas*", além da proibição de qualquer

---

family-oriented Protestants is much to harder to invade and occupy than one one that's full of rioting crackheads". LEVINE, Y. "How the Tea Party gave new life to mexican-hunting ultra-right extremists". *The Exiled*. 07.06.11. Disponível em http://exiledonline.com/how-the-tea-party-gave-new-life-to-mexican-hunting-ultra-right-extremists, acessado em 10.07.11. Tradução nossa.

[135]LEVINE, A. "Protestos nos Estados Unidos: por que Madison importa". *Agência Carta Maior*. 28.02.11. Disponível em http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17493, acessado em 07.05.11.

“*contribuição financeira dos sindicatos para campanhas políticas federais*”[136]. Ou seja, apresenta-se uma conjuntura que não traz boas perspectivas para o desenvolvimento consequente da luta de classes pelo proletariado naquele país.

O *Tea Party* nos permite apontar como um movimento fascista de terceira onda plenamente desenvolvido (talvez até a vanguarda para este tipo de movimento, visto que ideologicamente sua defesa do ultraliberalismo é muito mais avançada que em seus congêneres) é integrado e atua dentro do sistema democrático parlamentar burguês. Buscam organizar a pequena burguesia e a nova pequena burguesia, embora ideologicamente também desenvolva uma atração considerável sobre o lumpenproletariado estadunidense. Sua estratégia organizativa e sua efetividade real dependem do estilhaçamento de sua rede extrapartidária, o que impede sua qualificação jurídica como fascista, ao mesmo tempo em que articula todo o espectro fascista e reacionário já existente na sociedade estadunidense (especialmente as milícias e os grupos extremistas de pouca repercussão), os colocando sob a égide de lideranças intelectuais vinculadas diretamente com o capital financeiro e os grandes conglomerados empresariais, que provém ao movimento financiamento e poder midiático. Cumprem plenamente a função de última defesa do capital, em sua fase de dominância do capital financeiro e especulativo.

6.2. O MSM e o *Tea Party*:

Este movimento acabou por ecoar diretamente no MSM, onde esta “expressão” do nacionalismo conservador estadunidense seria “*tanta que já consegue até estourar as manobras com que os globalistas vinham sutilmente, desde os anos 50, infiltrando gente sua no Partido Republicano, nominalmente a fortaleza dos conservadores*”, assim “*chicoteado pelo movimento do Tea Party, o GOP ('Great Old Party') está em discreto mas efetivo ritual de autodepuração, e quanto mais se livra de traidores e vendidos, melhor o seu desempenho nas eleições*”[137]. Segundo Heitor de Paola, entusiasmado:

> Muito escrevi nos últimos anos sobre o Suicídio da Águia, mergulhada num lodaçal de corrupção, esquerdismo, dominação do Partido Democrata pelo ‘*shadow party’* comandado pelos grandes financistas sob a batuta de George Soros e a modorra Republicana que os aproximava cada vez mais dos ‘liberais’ (socialistas). Parecia que a eleição de Obama seria o golpe final com seu programa claramente socialista, de abjeta submissão à ONU e à ‘comunidade internacional’, com as medidas contra a Constituição Americana para aceitar as leis internacionais como acima dos princípios

[136]GOODMAN, A. “'É uma guerra de classes': entrevista com Michael Moore”. *Passapalavra*. 13.05.11. Disponível em http://passapalavra.info/?p=39776, acessado em 13.05.11.
[137]CARVALHO, O. de. “Nacionalismo americano – I”. *Diário do Comércio.* 22.05.11. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/110322dc.html, acessado em 10.05.11.

da mesma. Obama e o grupo de Chicago que tomou de assalto o poder defendem que sempre que a Constituição Americana, que jurou 'preservar, proteger e defender', contrariar a lei internacional, esta teria precedência sobre a primeira. Para implementar sua agenda revolucionária, Obama e a gangue de Chicago tinham que atacar em duas frentes, pois a excepcionalidade histórica americana reside numa genial articulação entre uma economia livre de amarras governamentais e uma arraigada e inabalável moral judaico-cristã, obra fantástica dos *Founding Fathers* e *framers* da Constituição. Para realizar a '*Change'* que embalou a *obaminável* campanha Democrata de 2008 urgia atacar ambas rapidamente[138].

Este posicionamento de defesa incondicional do *Tea Party* e suas ações acabou por trazer à tona duas questões: a primeira, a inviabilidade de se fazer movimento semelhante no Brasil, e a segunda, sua defesa incondicional provocou um acirramento entre os grupos com os quais o MSM dialoga. Sobre o primeiro ponto, o MSM anota que os EUA possuem uma constituição plenamente "cristã", o que os possibilita uma base para reação, o que no Brasil seria impossível, já que nossas cartas são marcadas pelo "conservadorismo brasileiro":

> A ideologia dos fundadores da República Americana foi uma síntese originalíssima que harmonizava as reivindicações práticas do Iluminismo com as exigências e princípios do cristianismo bíblico […] "Nossa Constituição - afirmou o segundo presidente americano, John Adams - foi feita somente para um povo moral e religioso. Ela é totalmente inadequada para o governo de qualquer outro povo." Os americanos são o único povo, em todo o universo, governado por uma Constituição cristã, que ademais tem consciência disso e que continua vendo aí uma das fontes principais de inspiração para suas lutas, ao ponto de que mesmo os políticos hostis ou indiferentes ao cristianismo se vêem forçados a fazer-se de cristãos para não perder votos (Barack Obama, anticristão e pró-muçulmano, submeteu-se a essa ginástica só até o dia da eleição; tão logo se sentiu seguro no cargo deixou de frequentar os cultos dominicais, mesmo os da Black Liberation Theology)[139].

Então a questão é "explicada" em termos de experiências históricas, novamente reivindicando a explicação conservadora última para a questão brasileira, nosso suposto iberismo[140]:

> O movimento que virou a política americana do avesso em menos de dois anos tem raízes profundas no que há de mais expressivo historicamente naquele País, das raízes do movimento pela Independência, simbolizado pelo nome escolhido, Tea Party, em referência à reação revolucionária contra o aumento dos impostos cobrados pela Coroa Britânica após a aprovação do Stamp Act de 1765, que obrigava ao pagamento de um imposto mediante um selo aplicado a todos os documentos legais e jornais circulantes nas Colônias. Esta reação foi alimentada pelo brado de no taxation without representation (sem representação, nada de impostos) e ao boicote de mercadorias inglesas chegando à rebelião plena em 16 de dezembro de 1773 em Boston quando os carregamentos de chá foram jogados ao mar. A reação foi violenta,

[138]PAOLA, H. de. *No, you can't!* A águia reage!. **1**1.11.10. Disponível em http://www.heitordepaola.com/publicacoes_materia.asp?id_artigo=2242, acessado em 13.05.11.

[139]CARVALHO, O. de. *O que é o nacionalismo americano?* 22.03.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/11941-o-que-e-o-nacionalismo-americano.html, acessado em 17.05.11.

[140]Para uma reflexão mais ampla o iberismo, e suas diversas interpretações, ver o artigo de MAIA, J. M. "Pensamento brasileiro e teoria social: notas para uma agenda de pesquisa". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. nº. 71. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092009000300011&script=sci_arttext&tlng=., acessado em 17.05.11.

> mas encontrou os colonos unidos em Comitês, seguindo o criado por Samuel Adams em Boston um ano antes. O parlamento inglês editou novas leis destinadas a punir os revoltosos, os Intolerable Acts, levando à convocação do Primeiro Congresso Continental em 1774. Em menos de dois anos e após uma guerra contra o domínio britânico, as Colônias se tornaram independentes. No Brasil o único movimento de independência foi a Inconfidência Mineira, até mesmo inspirada nos acontecimentos nas Colônias do Norte. No entanto, o movimento não partiu do povo, mas sim de proprietários rurais, intelectuais, clérigos e militares, os mais prejudicados pela *derrama*, o imposto extra sobre os 'homens bons' para completar cem arrobas de ouro[141].

Sendo então estes três "fatores" explicativos para nossa "cordialidade submissa natural": primeiro, "*a falta total de apoio popular, tornando o movimento uma mera conspiração, enquanto lá os Comitês eram abertos*", a nossa "*expressão meramente regional, pois ainda não havia uma consciência nacional*". Segundo, por ser o Brasil "*ainda dividido em Capitanias não permitia que reverberasse uma identidade nacional*". E por fim, "*enquanto a Conquista do Oeste e a expansão da nacionalidade foi feita lá por homens livres em busca de território para se instalar e cuidar de suas vidas, quase sem atuação da União*" no nosso caso "*as Entradas era financiadas pela Metrópole e as Bandeiras eram expedições que, embora financiadas por particulares, tinham o único propósito de explorar e não colonizar permanentemente*". Assim, assinalando o salto histórico realizado sem nenhum pudor, "*os brasileiros não têm experiência, e conseqüentemente noção, do verdadeiro significado de liberdade individual, vivendo desde sempre sob o tacão português e depois de governos autoritários, iludidos por uma falsa sensação de proteção*". Do mesmo modo isto determina nossos grupos reacionários: "*certamente existem no Brasil vários movimentos conservadores, mas todos são de elite intelectual, os quais até o momento não conseguiram fazer contato político produtivo com esta imensa massa de cidadãos comuns*"[142].

Sobre o segundo ponto, a defesa aberta de um projeto fascista de massas acaba por confrontar as posições mais "moderadas", que buscam algum consenso entre os que compartilham posições da direita ultraliberal. Isto é observado na resposta de Heitor de Paola ao Instituto Millenium (em artigo cujo subtítulo é "*não vim para debater, mas para combater*"):

> RECADO AO IMBECIL COLETIVO DA PSEUDO-DIREITA (Instituto Millenium - cuja grana é administrada pelo Armínio Fraga, o*ffice-boy* de George Soros -, Reinaldo Azevedo, Demétrio Magnoli, *et caterva*): sou, sim, radical! Radical no sentido de que só se extermina a erva daninha matando a raiz, radical no sentido do *Tea Party Express*, movimento tipicamente *grassroot* (raiz de grama) significando gente arraigada aos princípios fundadores da única Nação onde impera a liberdade e o *rule of law*, radical no sentido de defender os princípios Judaico-Greco-Cristãos da Civilização Ocidental[143].

---

[141]PAOLA, H. de. *Um movimento conservador no Brasil?* 21.12.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/11706-um-movimento-conservador-no-brasil.html, acessado em 17.05.11.
[142]Idem.
[143]PAOLA, H. de. *A "direita" que a esquerda adora*. 27.02.10. Disponível em

E do mesmo modo que já tratado, a estratégia é a de ampliar a noção de crise para além da questão econômica, mas a tornando reflexo de uma crise moral, gerada e amplificada pela ação dos esquerdistas, liberais e republicanos “moderados”. Crise que não os tornaria incapazes de apontarem soluções “democráticas”, mas que faria parte de seu plano maior de implementação do comunismo, aproveitando o desespero da população. “*A imensa crise das hipotecas que abalou os últimos meses da Administração Bush – tenho sérias suspeitas de que foi armada para ocorrer naquele momento exato para eleger Obama*”, já que ocorreu “*logo depois do anúncio da escolha da Vice de McCain, Sarah Palin, que deu novo ânimo à sua candidatura – pegou o povo americano atônito com a catástrofe iminente e foi fácil convencê-lo a votar na bem propagandeada Change*”, para posteriormente “*aceitar a mais brutal intervenção governamental na economia desde o New Deal, a segunda pá de cal na liberdade econômica desde a criação do FED em 1913*”[144].

Em artigo publicado por Ernesto Ribeiro, intitulado *Leitor do MSM vs. André Petry* esta ligação fica clara:

> Todo mundo já esperava que a revista *Veja* fosse escalar o mentiroso de plantão do André Petry pra inventar a desculpa mais esfarrapada possível “explicando” a surra que Obama levou nessa eleição. **E o vigarista não decepcionou. Ele simplesmente NÃO SABE explicar coisa nenhuma do que está acontecendo lá nos EUA** (pois se contasse a verdade, mostraria que o mito Obama foi fabricado pela própria grande imprensa, incluindo a Veja) e se saiu com o surrado chavão de que *o problema é só a economia.* Estúpido. **É toda a destruição FÍSICA do país.** É a invasão de milhões de criminosos 'imigrantes' ilegais mexicanos e muçulmanos, em guerra contra os cidadãos com a criminalidade crescente, estupros de crianças, assassinatos e tráfico de heroína e crack. **É a Grande Crise Constitucional e Institucional**, com o governo federal rasgando a Constituição de mais de 200 anos do país e quebrando a Lei aprovada pelos Estados. **É o crime da Alta Traição**, com o presidente que vai a ONU para atacar o próprio povo, contrariando a vontade popular, destruindo a soberania nacional, se curvando servilmente aos piores inimigos do país, facilitando o trabalho dos terroristas e perseguindo os patriotas. **É a criminalização do Cristianismo** na maior nação cristã do planeta. É a **corrupção** do mar de lama que está fazendo Washington parecer Brasília. É a **devastação do ensino** nas escolas, obrigando as crianças a engolir merda de homossexualismo, islamismo, comunismo e ódio ao próprio país. Além de transformar os filhos dos outros em clientela pra pedófilos. É o escárnio **imoral** de insistir em nomear como “Czar da Segurança nas Escolas” um pedófilo com um histórico de abuso sexual infantil – contra os protestos de milhões de pais de alunos que estão retirando seus filhos das escolas para não deixar suas crianças nas mãos desses degenerados. É a **suprema canalhice** de nomear diretor da CIA um traidor que serviu á KGB. De indicar para juíza da Suprema Corte uma advogada dos mandantes dos terroristas que mataram 3 mil americanos no 11 de Setembro. **São as centenas de manifestações de protesto pipocando em todas as grandes cidades dos EUA, com quase 100 milhões de cidadãos adultos nas ruas querendo a cabeça de Obama. É o ataque á** [sic] **liberdade de expressão,** desrespeitando todos os opositores, com a proposta indecente de “Denuncie os boateiros contrários á reforma” e tentando implantar um sistema de terror similar ao stalinismo. É o desplante de **desprezar a vontade**

http://www.heitordepaola.com/imprimir_materia.asp?id_materia=1684, acessado em 10.05.11.
[144]PAOLA, H. de. *No, you can't!* A águia reage!. 11.11.10. op. cit.

> **contrária de 80% da população.** É a escancarada **destruição da economia**, torrando o dinheiro público como lixo, criando um déficit de TRILHÕES de dólares. São as **relações escusas**, doando BILHÕES a uma ONG criminosa investigada pelo Congresso, envolvida com prostituição e fraude eleitoral. É a odiosa **facada no coração do povo**, financiando a construção de uma mesquita muçulmana de 100 MILHÕES junto aonde ficavam as Torres Gêmeas, **cuspindo na memória das milhares de vítimas assassinadas no 11 de Setembro**, naquele que foi o maior atentado terrorista muçulmano da História[145].

Este tipo de posicionamento é compartilhado pela maioria dos leitores do MSM, o que evidencia o entendimento de democracia que seus leitores defendem, como Luíza Soares:

> Não importa em absoluto o quanto Obama destrua o país, 95% dos negros, algo em torno de 60% dos hispânicos e 35% dos brancos esquerdistas do país vão votar nele, PONTO. Esta gente quer recursos do governo, cargos, e benefícios e estão cagando e andando pro resto. Mas aí é que está: os "conservadores", espertos demais, apoiam o voto universal, independentemente de o sujeito declarar renda ou não, e aí chamam os comunistas para participarem das eleições. Quem os sabichões acham que, com o passar do tempo, vai criar uma base eleitoral crescente e absolutamente fiel? Acordem, gente. O Partido Democrata, assim como o PT no Brasil, não se preocupa primariamente com as próximas eleições, mas sim com seus interesses de longo prazo. É por isso que ambos os países, mesmo que em velocidades diferentes, vão inexoravelmente se transformar em ditaduras socialistas. Vocês não queriam voto universal e plena representação de ideologias na vida política? POIS TOMEM[146].

Este comentário gerou a resposta de jamesmdr, que congratula a autora: "*há anos que digo que os EUA estavam sendo corroídos por dentro, com a imigração desenfreada de pessoas oriundas de países atrasados e socialistas (desculpe o pleonasmo), gente com esta mentalidade*", e que "*se multiplicaram dentro dos EUA, obtiveram o direito a voto, seus descendentes são americanos que também votam, e o resultado aí está: a destruição dos EUA! Era óbvio!*"[147]. A "radicalização" do movimento conservador, assim como sua abertura para as massas se faz ponto convergente e necessário, encontrando mais justificativas que negações por parte do MSM (a experiência histórica, questões de conjuntura, explicitados na falta de dinheiro para organização de um partido formal) deixa claro que seu objetivo imediato não é a formação de um partido formal, expressão das camadas médias, mas o convencimento das "elites", da classe da dominante. Este posicionamento os impede de avançar como protagonistas, mas os possibilita espaço político suficiente para disseminarem todo um modo de ser. Se esta estratégia irá alterar-se ou não, não nos cabe conjecturar.

Deste modo, compreendemos o MSM dentro de um movimento de alcance global, cujas

---

[145] RIBEIRO, E. *Leitor do MSM vs. André Petry*. 13.11.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/mediawatch/outros/11594-leitor-do-msm-vs-andre-petry.html, acessado em 13.05.11.

[146] Comentário de Luíza Soares, de 19.04.2011 em CARVALHO, O. de. *O homem invisível*. 19.04.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/desinformacao/12017-o-homem-invisivel.html#comment-39876, acessado 05.05.11.

[147] Comentário de jamesmdr, de 20.04.2011 em CARVALHO, O. de. *O homem invisível*. 19.04.11. op. cit.

características que permitem o qualificar conceitualmente como um movimento fascista de terceira onda, não estão ainda plenamente desenvolvidas exatamente porque cabe ao MSM responder *de maneira possível* às exigências da conjuntura. Esta é marcada pela complexificação do campo político, onde não há a necessidade de um único aparelho privado de hegemonia ou partido *identificar abertamente em si* todas estas características, mas o exibir através de uma rede extrapartidária (entre ligações orgânicas e solidárias) congregando uma série de grupos em torno de elementos comuns de luta, servindo desta forma como formador para uma vida pré-estatal determinada: para um Estado autoritário com características fascistas abertas.

7. O MSM E SUA REDE EXTRAPARTIDÁRIA:

O que estamos investigando neste trecho da dissertação é a rede extrapartidária formada pelo MSM em torno de si. As redes extrapartidárias compõem um desdobramento baseado na complexificação do campo político. Esta complexificação do campo político brasileiro foi fruto das contradições sociais geradas nos mais de vinte anos de ditadura civil militar empresarial, que em seu acirramento fizeram ascender forças organizadas populares de caráter contestatório, ao mesmo tempo em que a própria classe dominante vivenciou sua crise de direção hegemônica[148], notadamente acerca do modelo de desenvolvimento capitalista. "*No final dos anos 70 e início dos 80, a burguesia, não tendo dirigido um movimento de incorporação da classe trabalhadora ao seu conceito de cidadania*", sendo que "*quando os trabalhadores iniciam as lutas por sua emancipação da regulação do Estado, tal processo se apresentaria como uma conquista que se faz contra ela, a burguesia*"[149]. Diante desta possibilidade, a classe dominante, dentro dos parâmetros da "modernização conservadora"[150], efetiva "*a reforma da institucionalidade autoritária e posterior criação da institucionalidade democrática sob Estado autocrático burguês*"[151]. Dentro de um processo truncado, que acaba resultando na eleição indireta de Tancredo Neves em 1985, abre-se a possibilidade de organização pluripartidária, de organização e reunião, sendo garantido os direitos individuais (entre vários, a volta do *habeas corpus*), e especialmente, eleições diretas para todos os cargos do executivo e legislativo nos três níveis de poder (municipal, estadual e federal): a institucionalização da democracia eleitoral parlamentar. Estas mudanças, especialmente sobre as eleições, como Jacob Gorender posteriormente constataria, embora fruto de lutas populares, constituiriam a legitimação maior "*da aceitação pelos milhões de moradores de barracos da sua imensa desigualdade diante dos pouquíssimos milionários*", condição justificável através da "*igualdade entre os dois extremos no momento mítico de depositar o voto na urna*"[152]:

> Os assalariados e os pobres em geral constituíram o grosso das massas populares que reclamaram, nas ruas, pelo fim da ditadura militar e pela realização de eleições diretas. A forma política democrática corresponde, portanto, a uma aspiração das classes subordinadas, aí incluindo também a classe média. Estas percebem que as liberdades democráticas lhes concedem espaço para sustentar reivindicações com vistas a melhoras concretas no seu viver cotidiano. Ao ceder à aspiração democratizante, a classe dominante burguesa conseguiu estabelecer o consenso

---

[148]Para mais informações ver ZEN, L. F. G. *"A conciliação das elites"* projeto hegemônico de democracia na revista Veja 1982-1985. Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido: UNIOESTE, 2009.
[149]ALMEIDA, G. R. de. *História de uma década quase perdida*: PT, CUT, crise e democracia no Brasil: 1979-1989. Rio de Janeiro: Garamond, 2011. p. 46.
[150]FERNANDES, F. *A revolução burguesa no Brasil*. Ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976. ver p. 318-321.
[151]MACIEL, D. "Florestan Fernandes e a questão do transformismo na transição democrática brasileira". *IV Simpósio Gepal*. Disponível em http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/anais_ivsimp/gt8/11_davidmaciel.pdf, acessado em 10.01.12.
[152]GORENDER, J. "Hegemonia burguesa – reforçada pela prova eleitoral de 94". *Crítica Marxista*. nº. 2. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/cm_2.1.pdf, acessado em 16.01.12.

> socialmente amplo acerca de sua própria dominação. As grandes massas populares não vêem que possa haver algo melhor para elas, em matéria de regime político, do que a democracia. Querem a democracia e, simultaneamente, só podem querer a democracia burguesa[153].

A investigação em rede aqui realizada parte de um pressuposto quase óbvio, que não se faz política de forma consequente isolando-se, que é necessário uma "estrutura" (organizada diretamente ou semiautônoma) para a disputa de caráter ideológico e/ou partidária. Os intelectuais do MSM sempre assinalaram esta necessidade, e investiram tempo e trabalho para a constituição de sua rede, em plena consciência que a direita não é capaz de organizar-se de maneira homogênea por muito tempo, dados as disputas em torno de interesses econômicos imediatos, o que acabou por formatar a rede em uma série de "instâncias" – compreendidas como diferentes eixos de articulação. Em torno de pautas específicas, como a luta contra o terceiro Programa Nacional de Direitos Humanos (III-PNDH), apresentado pelo governo Lula em 2010 ou a luta contra a legalização do aborto, por exemplo. Em torno de objetivos políticos comuns, como a oposição contra as gestões petistas no governo federal. Em torno de um programa mínimo, como o acordado através do Foro do Brasil, fundado em setembro de 2008. Este intitula-se " *entidade patriótica que tem por missão: Estudos para contribuir com o Aprimoramento Constitucional*" e é formado por "*28 entidades patrióticas em seu Conselho e representantes em oito estados*", sendo "*constituído pelo Conselho Geral e 14 Conselhos em áreas específicas de atuação*". Este Conselho Geral, presidido por Ronaldo Fontes, "*reúne-se semanalmente e realiza a Assembléia Geral a cada dois meses*"[154]. E até mesmo em torno de um programa amplo, como os pontos citados por Carvalho em entrevista para a constituição de um "verdadeiro" partido de direita no Brasil:

> 1. Anticomunismo. Não queremos comunismo na América Latina. Tchau, tchau e bênção. Adeus, Fidel Castro; adeus, Hugo Chávez, não queremos nada disso; 2. Livre empresa e respeito à propriedade; 3. Moral judaico-cristã; 4. Educação clássica. As pessoas têm de ter os valores fundamentais da civilização; 5. A verdadeira liberdade de discussão. 50% a 50%. Equilíbrio entre as correntes[155].

Estas articulações não são parte de uma estrutura enrijecida, pelo contrário, são extremamente dependentes da conjuntura política e econômica, mas que acaba por afirmar o MSM como uma das maiores lideranças, ou seja, que é capaz de em um momento de crise social articular toda esta rede como possibilidade política efetiva para a reorganização do bloco no poder, ascendendo politicamente como solução conservante das estruturas sociais existentes. A predominância do MSM pode ser observada na popularidade de seu domínio na *web* em relação aos demais. Segundo o Alexa, já citada ferramenta de ranking da internet, o MSM consta como número

---

[153]GORENDER, J. "Hegemonia burguesa – reforçada pela prova eleitoral de 94". *Crítica Marxista*. nº. 2. op. cit.
[154]FORO DO BRASIL. *Entrada*. Disponível em http://www.forodobrasil.info/, acessado em 11.01.12.
[155]GONÇALVES, M. A.; CARIELLO, R. "Direita na mídia". *Folha de S. Paulo*. 15.02.06. op. cit.

4.298 entre todos os *sites* brasileiros, e número 167.906 em comparação global[156]. Isto demonstra um alcance altamente considerável em torno de seus visitantes, já que, segundo informações oficiais, ele habita em universo de mais de 2.763.360 *sites* registrados como ".com.br"[157]. Seu público "possível" é composto por 37,4% da população total brasileira, mais de 75.982.000 de brasileiros, 3,6% da população total mundial usuária da rede[158], uma vez que 98,7% dos visitantes do MSM são brasileiros[159].

Mesmo com este alcance, o MSM não prescinde da constituição de uma rede extrapartidária, seu "estilhaçamento" em diversas frentes de atuação corresponde à necessidade de um movimento fascista na contemporaneidade de evitar sanções jurídicas diretas contra o centro de poder da rede (impedindo sua qualificação jurídica como "fascista", no caso de não o relacionar diretamente com milícias e grupos de ação direta); consegue responder às complexificações do campo político, identificando através desta rede uma série de conhecimentos ideológicos necessários para a formação de vida pré-estatal (ou seja, dado o avanço ou retrocesso da conjuntura política e econômica, esta "atuação conjunta" do mesmo modo resguarda o centro da rede extrapartidária); forma uma rede tanto militantes orgânicos quanto de solidariedade em torno de si, buscando disseminar suas formulações ideológicas entre aparelhos privados de hegemonia, partidos e organizações que compartilham crenças, símbolos e linguagem comuns; permite espaço para certa "pluralidade" interna, tanto em termos de bandeiras de luta específicas quanto formulações gerais, mas que podem vir a convergir, aqui especialmente em relação à crise aberta (mas que pode ocorrer em diversos termos, novamente, dependendo das necessidades impostas pela conjuntura). Na contemporaneidade a exigência de agrupar certa pluralidade em torno de si não restringe-se à direita fascista, assinalando que no capitalismo qualquer pluralidade capaz de unificação é diretamente subordinada à contradição fundamental entre capital e trabalho.

Para tentarmos abranger estas questões teoricamente, iremos nos apoiar na noção de rede extrapartidária constituída por Calil, sobre a conceituação gramsciana de partido (já abordada anteriormente). Este a construiu para situar as organizações formadas em torno do Partido de Representação Popular (PRP), que reorganizou os integralistas brasileiros no Pós-Guerra e existiu até 1965. Esta rede foi construída pela "*estruturação das várias organizações extrapartidárias*", que "*vinculava-se, de forma orgânica, a um projeto de retomada da iniciativa por parte dos*

[156]ALEXA. *Consulta por www.midiasemmascara.org*. Disponível em http://www.alexa.com/siteinfo/midiasemmascara.org#, acessado em 13.02.10.
[157]CETIC.BR. *Estatísticas diárias por categoria*. Disponível em http://www.cetic.br/dominios/index.htm, acessado em 13.02.12. O site do MSM é apresentado como .org mas quando acessado é redirecionado automaticamente para o .com.br.
[158]ECOMMERCE.ORG. *Os 20 países com maior número de usuários da internet*. Disponível em http://www.e-commerce.org.br/stats.php, acessado em 13.02.12.
[159]ALEXA. *Consulta por www.midiasemmascara.org*. op. cit.

integralistas, visando transcender os limites da ação estritamente partidária"[160]. Assinalando que, para Gramsci, o partido, especialmente o revolucionário, para criar uma "nova concepção de homem", sob uma concepção totalitária (no sentido de totalizante), implica ao partido a necessidade de "*romper todos os fios que ligam estes membros a organismos culturais estranhos*" ou "*incorporá-las num sistema cujo único regulador seja o partido*"[161]. Isto torna-se particularmente importante para o MSM visto seu posicionamento como partido "contrarrevolucionário" por excelência. Na pesquisa de Calil esta leitura foi corroborada pela interpretação de Plínio Salgado sobre os outros partidos do período, em especial o Partido Comunista Brasileiro (PCB), atuando conscientemente para criar e consolidar esta rede:

> Você não compreendeu o sentido e o alcance das organizações que devem integrar o Movimento Nacional Brasileiro. Não somos um partido burguês do tipo da UDN [União Democrática Nacional] e do PSD [Partido Social Democrático]. Somos do tipo do PCB ou do PTB [Partido Trabalhista Brasileiro]. Ora, o PCB vive porque tem a alimentá-lo várias organizações: Liga de Emancipação Nacional, Frente das Mulheres Democráticas, CTAL (Confederação dos Trabalhadores da América Latina), Liga dos Camponeses (que está tendo grande impulso, principalmente no Paraná), Campanha do Petróleo é Nosso, etc. etc. Por outro lado, o PTB vive porque tem organizações paralelas: os Institutos e o Ministério do Trabalho ... E nós? Que temos, pelo menos para aproveitar a votação que tive, extra-PRP? Nada. E nada de nada. Não se trata, portanto, de ampliar e dispersar, como você pensa; mas de aproveitar uma massa, que me acompanha, que votara no PRP por minha causa, que não pode ser abandonada, mas utilizada[162].

Calil interpretou esta "ampliação" como "*a construção de um conjunto de trincheiras, visando travar uma guerra de posição, já que o assalto imediato ao poder estava descartado naquela conjuntura*", e que "*pretendia-se não restringir a intervenção integralista aos aspectos meramente político-institucionais da pequena política*", os possibilitando "*retomar a iniciativa de uma ação política ampla*"[163]. No caso do PRP, esta rede extrapartidária foi constituída em sete "instrumentos" principais: o PRP em si (centro desta rede), a Livraria Clássica Brasileira, a Confederação dos Centros Culturais de Juventude (CCCJ), a União Operária e Camponesa do Brasil (UOCB), o jornal *A Marcha*, a Ação Nacional Brasileira e o seu programa radiofônico. Escolha estratégica que atingiu determinados objetivos:

> A estratégia de "guerra de posição", ocupando posições no parlamento e no executivo, além de facilitar a sobrevivência material do integralismo, permitiu-lhe colocar em prática alguns elementos de sua ideologia, ainda que em um ritmo e intensidade que muitas vezes decepcionava e desanimava sua militância, o que se

[160]CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro* – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. op. cit. p. 487.
[161]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 253-254.
[162]Correspondência de Plínio Salgado a Herculano Ramos, 21.04.1957 *apud* CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro* – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. op. cit. p. 487.
[163]CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro* – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. op. cit. p. 487-488.

> deve não apenas à nova estratégia assumida pelo movimento, mas também pela própria inviabilidade de concretização coerente do projeto integralista, claramente contraditório e irracionalista, como qualquer projeto fascista. Em termos gerais, a reformulação estratégica foi uma resposta aos desafios da nova conjuntura político-social, tendo obtido um relativo êxito, na medida em que tornou possível a intervenção do integralismo nas duas décadas seguintes e permitiu que os integralistas se apresentassem como "antifascistas", o que, a despeito de todas as evidências em contrário, era reiteradamente admitido por grupos políticos e sociais vinculados às classes dominantes[164].

Nosso intento ao recorrer a esta noção, não é o de somente apontar "apêndices", que auxiliariam a atuação do partido em si, mas indicar que estas outras frentes da guerra de posição, vinculadas organicamente a um centro dirigente, atuam decisivamente para seu crescimento quantitativo e qualitativo, para o cumprimento de seu projeto histórico. Esta rede é parte crucial da construção da vontade nacional, e atua angariando solidariedade e apoio de outros grupos (que necessariamente não se comprometeriam integralmente ao projeto político, mas que é passível de haver concordância às suas linhas gerais ou bandeiras específicas); disseminando de modo mais amplo agitação e propaganda; possibilitando fazer convergir outros campos sociais para o campo político, atingindo domínios da vida social fundamentais para a construção do "homem novo"; aumentando as chances para a cooptação e a formação de novos militantes; organizando uma quantidade maior de pessoas; enfim, possibilitando que o partido intervenha ativamente além dos limites institucionalizados do campo político-eleitoral burguês, observando seu projeto em implicações sociais mais abrangentes. Para nós, *esta rede organizada é o partido*, em todas suas implicações teóricas – relembrando que, segundo Lênin: "*o partido é um conjunto de organizações interligadas num todo único. O partido é a organização da classe operária, espalhada numa rede das mais diversas organizações locais e especiais, centrais e gerais*"[165].

A análise aqui desenvolvida só foi possível por considerarmos em nossas reflexões sobre a internet que o desenvolvimento tecnológico altera o próprio processo social de vida. Nesta consideração a tecnologia não coloca-se acima das classes e seus interesses, do mesmo modo que a disputa ideológica não faz-se dissociada das suas bases sociais. Então, retomando parte de nosso segundo capítulo, assinalemos novamente nosso entendimento sobre as formas e o conteúdo da internet. As formas são as determinações, materiais e virtuais que irão permitir a existência do conteúdo na rede, este referindo-se ao conjunto total das possibilidades de interações comunicativas humanas mediadas e permitidas pelas formas (material e virtual) da tecnologia. Deste modo buscamos assinalar a internet como "instrumento" que potencializa e dá forma para a atuação partidária, servindo como base para uma série de novos tipos de ações conjuntas entre os

---

[164]CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro* – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. op. cit. p. 795-796.
[165]LÊNIN, V. I. "Como V. Zassulich combate o liquidacionismo". *apud*. MARX, K.; ENGELS; F.; LÊNIN, V. I. *Acerca do partido*. Lisboa: Editorial Estampa, 1975. p. 48.

indivíduos:

> O computador é, portanto, antes de tudo um operador de potencialização de informação. Dito de outro modo: a partir de um estoque de dados iniciais, de um modelo ou de um metatexto, um programa pode calcular um número indefinido de diferentes manifestações visíveis, audíveis e tangíveis, em função da situação em curso ou da demanda dos usuários. Na verdade é somente na tela, ou em outros dispositivos interativos, que o leitor encontra a nova plasticidade do texto ou da imagem, uma vez, como já disse, o texto em papel (ou o filme em película) forçosamente já está realizado por completo. A tela informática é uma nova "máquina de ler", o lugar onde uma reserva de informação possível vem se realizar por seleção, aqui e agora, para um leitor particular[166].

A internet possui como fonte uma característica multifacetada, que não se permite resumir em um único modo de tratamento, sendo então, que temos de apontar sua especificidade como modo de comunicação. "*Se o acesso aos dados é possível pela interligação dos computadores dispostos em rede (net em inglês), a internet comporta diferentes formas de mídia (imagem, som, texto, gráfico, vídeo, etc.) sendo assim multimídia*"[167]. Deste modo, a grande característica da rede não é a imposição de um formato de mídia sobre outro, mas a interconexão destes. Como exemplos, podemos apontar "*o VoIP (Voz sobre IP), o IPTV (televisão sobre IP), o fenômeno Youtube, as redes sociais, as mensagens instantâneas e o correio eletrônico*"[168]. Como coloca Luciano Figueiredo, "*a reunião de texto, imagem e som parece representar uma das ultimas fronteiras alcançadas pela capacidade e desenvolvimento tecnológico*", que através do multimídia "*podem-se captar diferentes sentidos e formas de determinado recorte histórico — temático ou temporal — e concentrar todas as informações textuais, visuais e sonoras relevantes em um mesmo núcleo*"[169].

Esta correlação multimídia só pode ser compreendida através da noção de hipertexto, modalidade técnica marcada por ser o usuário que opta pela sequência da narrativa "*através de escolhas entre as alternativas possíveis de links que lhe são disponibilizadas a cada nó*", interagindo diante das possibilidades oferecidas e assim, obtendo uma leitura (o acesso a informações, seja em qual for o seu formato) de modo aparentemente não sequencial, não linear. Assim sendo "*não basta haver mistura entre textos, gráficos e vídeos em um sistema multimídia*"[170], mas que o usuário tenha uma relação ativa ao navegar através do espaço informacional.

A ideia de hipertexto é criada por Vannevar Bush no artigo de 1945 chamado *As we may think*, em que criticava os sistemas de indexação existentes, cuja ordenação se dava pela hierarquização da informação em classes, subclasses, etc. Este processo não era completamente

---

[166]LEVY, P. *O que é virtual?* op. cit. p. 41.
[167]HENGE, C. da. *Sujeitos e saberes*: redes discursivas em uma enciclopédia *online*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2009. p. 16.
[168]VELOSO, E. M. *Legislação sobre internet no Brasil*. op. cit.
[169]FIGUEIREDO, L. R. "História e informática: o uso do computador". *In*. CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. *Domínios da história*. Ensaios de teoria e metodologia. op. cit. p. 606-607.
[170]HENGE, C. da. *Sujeitos e saberes*: redes discursivas em uma enciclopédia *online*. op. cit. p. 19-20.

efetivo, no que buscou superar imaginando um sistema comparado com o pensamento humano, que ocorre através de associações. Para aproximar-se deste, Bush idealizou um dispositivo que chamou de Memex (*Memory extender*) para mecanizar tanto a classificação quanto a seleção das informações por associações[171]. Mas o termo hipertexto só é cunhado por Theodore Nelson em 1965, mesmo que seu funcionamento tenha sido elaborado anteriormente. Ele trabalhava, também nos Estados Unidos, no projeto Xanadu, buscando "*exprimir a idéia de escrita/leitura não linear em um sistema de informática*", através de uma "*imensa rede acessível em tempo real contendo todos os tesouros literários e científicos do mundo*"[172], ou seja, a disponibilidade de informação para uma série de usuários em que os documentos pudessem ser alterados por cada um destes, visando seu aprimoramento. "*O desejo de ampliar a memória humana (cognitiva) e a ânsia de concentrar todo o conhecimento do mundo, que é como mostram as propostas de Bush e Nelson, são as bases da formulação do termo 'hipertexto'*", já que seria através da "*informática, mais especificamente em suas máquinas, o meio material para a criação de uma memória (grande, extensa) através da escrita. Essa escrita, porém, não poderia ser linear, devido à necessidade de associações e atualizações entre imensos volumes de informação*"[173].

Segundo Jakob Nielsen:

> "Hipertexto" é a não-sequencionalidade ligando pedaços de texto ou outra informação. Se o foco de um sistema ou documento é sobre tipos não-textuais de informação, o termo hipermídia é geralmente utilizado em seu lugar. Em documentos impressos tradicionais, o único link praticamente existente é a nota de rodapé, sendo então o hipertexto geralmente referido como "a nota de rodapé generalizada". As coisas as quais podemos ligar para ou vindas de são chamados nós, e todo o sistema irá formar uma rede de trabalho de nós interconectados com links. Links podem ser classificados e/ou ter atributos, e eles podem ser uni ou bi direcionais. O usuário acessa a informação nos nós através da navegação por links[174].

A impressão de "liberdade" na navegação *online* é somente aparente, já que delimitada pelos nós que correspondem entre si. Este nós referem-se às informações em série que surgem para serem decodificadas pelo usuário na tela do computador, sendo que, cada um destes nós "*pode conter um número diverso de elementos, sejam eles palavras, imagens ou outras formas gráficas, que funcionam como dispositivo de deslocamento, isto é, são as ligações de um nó com o outro*". Através do "*clique sobre um link é que se começa a navegação propriamente dita na internet*", sendo que é este o "*grande marco do hipertexto, sem ele, não haveria relação entre nós disponíveis, e a cada bloco de informação a ser acessada seria necessária a digitação de todo o endereço*

---

[171]HENGE, C. da. *Sujeitos e saberes*: redes discursivas em uma enciclopédia *online*. op. cit. p. 17.
[172]NIELSEN, J. "*Hypertext and hypermedia*". Boston: Academic, 1990. p. 33. *apud* HENGE, C. da. *Sujeitos e saberes*: redes discursivas em uma enciclopédia *online*. op. cit. p. 18.
[173]HENGE, C. da. *Sujeitos e saberes*: redes discursivas em uma enciclopédia *online*. op. cit. p. 18.
[174]NIELSEN, J. *Hypertext'87 Trip Report*. Disponível em http://www.useit.com/papers/tripreports/ht87.html, acessado em 06.07.11. Tradução nossa

eletrônico que se gostaria de ler"[175]. Embora seja marcada pela navegação através de uma página inicial, a sequência a ser seguida através de uma única aba do navegador (o que raramente acontece em uma pesquisa genérica na rede) é através dele que é determinada a série de caminhos possíveis. "*O link é o gesto primeiro e fundamental das relações entre saberes na internet e é a relação entre os nós possíveis, mas também é o bloqueio/a restrição de tudo que ele não põe em relação: os nós impossíveis (não-linkados)*"[176].

É importante compreendermos a utilização da rede para investigação social contemporânea, já que esta cria vínculos passíveis de relações, indicativos sociais, que antes eram negados ao pesquisador ou exigiam uma pesquisa extremamente desgastante. Buscamos afirmar aqui uma metodologia, que através da rede, nos permitisse relacionar estes grupos, tendo como centro o MSM, ou seja, buscando atribuir a partir deste uma rede extrapartidária, *os nós, as ligações, que articulam sua atuação através de uma série de diferentes trincheiras e que escapam de uma existência "meramente" virtual*. Como afirma Pierre Levy, faz parte das funções do hipertexto informático "*hierarquizar e selecionar áreas de sentido, tecer ligações entre essas zonas, conectar o texto a outros documentos, arrimá-lo a toda uma memória que forma como que o fundo sobre o qual ele destaca e remete*"[177].

Desta forma trabalhamos com duas categorias metodológicas: as redes autoatribuídas e as atribuídas. As primeiras são as ligações explicitadas pelo MSM como estruturas formadoras em sua própria atuação partidária, como por exemplo, na lista que relaciona os *sites* de seus colunistas e editores. A tabela abaixo é uma versão da tabela número doze, mas desconsiderando alguns parâmetros daquela (articulistas sem *sites*, nacionalidade, profissão, artigos):

TABELA 18: *Sites* mantidos por atuais colunistas do MSM:

Nome	***Site***
Marcus Boeira	http://marcusboeira.blogspot.com
Leonardo Bruno	http://cavaleiroconde.blogspot.com
Olavo de Carvalho	www.olavodecarvalho.org, www.seminariodefilosofia.org, http://theinteramerican.org/
Alejandro Peña Esclusa	http://www.fuerzasolidaria.org, http://www.unoamerica.org
John Haskins	www.undergroundjournal.net
Ubiratan Iorio	www.ubirataniorio.org
Alan Keyes	www.alankeyes.com, www.aipnews.com, www.selfgovernement.us
Jeffrey Nyquist	www.jrnyquist.com
Heitor de Paola	www.heitordepaola.com, www.escolasempartido.org
Daniel Pipes	http://www.danielpipes.org

[175]HENGE, C. da. *Sujeitos e saberes*: redes discursivas em uma enciclopédia *online*. op. cit. p. 19.
[176]Idem. p. 24-25.Grifos nossos.
[177]LEVY, P. *O que é virtual?* op. cit. p. 37.

Nome	*Site*
Klauber Cristofen Pires	http://libertatum.blogspot.com
Percival Puggina	www.puggina.org
Cel. Luis Alberto Villamarin Pulido	http://www.luisvillamarin.co.nr
Tibiriça Ramaglio	http://observatoriodepiratininga.blogspot.com
Graça Salgueiro	http://notalatina.blogspot.com
Julio Severo	www.juliosevero.com, http://escolaemcasa.blogspot.com

FONTE: MÍDIA SEM MÁSCARA. *Colunistas*. op. cit.

A rede autoatribuída também aparece no caso de organizações em rede assumidas pelo MSM, a formação de frentes. Isto é visível no caso do, já citado, Foro do Brasil, que reúne uma série de entidades representativas de um pensamento“nacionalista”:

> O FORO DO BRASIL, nasceu como Grupo CAPA de discussões sobre problemas brasileiros, organizado por membros da ADESG/SP e cidadãos representantes de algumas entidades patrióticas no ano de 1996 [...] Tem como objetivo fundamental contribuir para o Aprimoramento das Instituições Nacionais. Tem como linha mestra, atuar dentro de parâmetros constitucionais, da ordem, da justiça e da verdadeira democracia. Defender os interesses da nação para que o país seja mantido livre, distante de ideologias que empregam o totalitarismo e a perpetuação do poder, seja de qualquer natureza. Acreditamos que o uso do consenso, participação e discussão das idéias, por representantes legítimos, seja a melhor forma de conseguirmos alcançar um caminho verdadeiro e sólido para o povo e nossas instituições. Trabalhamos para a reconquista e a manutenção dos Objetivos Nacionais Fundamentais a saber: – Soberania – Progresso – Paz Social – Democracia - Integridade do Território Nacional – Integração Nacional[178].

Na figura abaixo apresenta-se a articulação desenvolvida:

[178]FORO DO BRASIL. *Sobre*. Disponível em http://forodobrasil.info/fb/?page_id=2, acessado em 13.02.12.

FIGURA 6: *Sites* de parceiros do Foro do Brasil.

Foro do Brasil

Soberania Já!

Sites de Parceiros

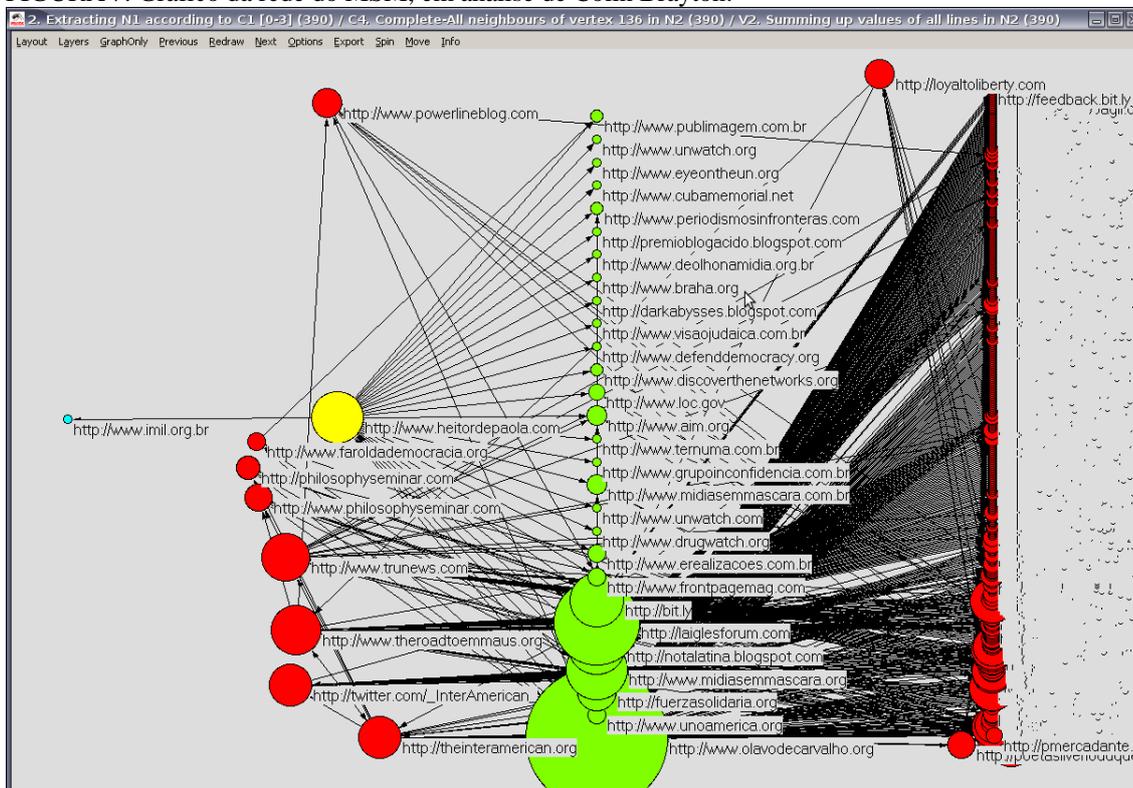
A Continência	www.acontinencia.com
Alerta em Rede	www.alerta.inf.br
Alerta Total	www.alertatotal.blogspot.com
A Verdade Sufocada	www.averdadesufocada.com
Blog do Clausewitz	www.blogdoclausewitz.blogspot.com
Blog do Reinaldo Azevedo	www.veja.abril.com.br/blogs/reinaldo
Brasil Acima de Tudo	www. brasilacimadetudo.lpchat.com
Cai o Pano - Christina Fontenelle	www.christina-fontenelle.blogspot.com
Câmbio	www.cambio.com.co/821
Coturno Noturno	www.coturnonoturno.blogspot.com
Defesa@Net	www.defesanet.com.br
Direto do Abismo	www.darkabysses.blogspot.com
Farol da Democracia Representativa	www.faroldademocracia.org
Fuerza Solidária	www.fuerzasolidaria.org
Grupo Guararápes	www.fortalweb.com.br/grupoguararapes
Grupo Inconfidência	www.grupoinconfidencia.com.br
Heitor de Paola	www.heitordepaola.com
Imortais Guerreiros	www.freewebs.com/imortaisguerreiros
InfoRel - Relações Internacionais	www.inforel.org
Levante-se Brasil !	www.levante-se.co.cc
Mídia sem Máscara	www.midiasemmascara.com.br
Nota Latina	www.notalatina.blogspot.com
Observatório Brasileño	www.observatoriobrasileno.blogspot.com
Olavo de Carvalho	www.olavodecarvalho.org
Ordem e Progresso	www.ordemeprogresso.co.cc
Paz no Campo	www.paznocampo.org.br
Políticos Brasileiros	www.politicosbrasileiros.com.br
Resistência Militar	www.resistenciamilitar.blogspot.com
Ternuma	www.ternuma.com.br
Tribuna Nacional	www.tribunanacional.com.br
ucho.info	www.ucho.info
UND - União Nacionalista Democrática	www.undbrasil.org
ViVerdenovo	www.montenegroviverdenovo.blogspot.com
Voto Eletrônico, Voto Seguro?	www.voto-e.blogspot.com

FONTE: Recebido por e-mail. 07.02.11.

Consideramos estas duas redes autoatribuídas como evidentes, já que ilustram ligações confirmadas pelo próprio MSM como parte de sua atuação partidária. Assim, não buscamos investigar cada um destes participantes para compor uma análise própria em sua relacionalidade com o MSM. Cabe-nos assinalar que estas redes são incompletas, não demonstram todo o poder de

articulação do MSM. Desta lacuna surgiu a necessidade de efetuarmos uma leitura própria, para caracterizar a rede que chamaremos “atribuída” (discutiremos as ligações pertencentes à rede atribuída junto com os resultados da rede autoatribuída).

A rede atribuída é uma leitura efetuada e determinada por nós. Sua feitura só foi possível de forma efetiva graças à ênfase do MSM em sua militância virtual, através da rede. Embora já exista uma investigação que buscava esta rede, seguindo o mesmo sentido, feita pelo jornalista estadunidense Colin Brayton, em artigo chamado *Democracy exportation – crosshairs over America do Sul* de 10.01.11[179], identificamos uma série de equívocos factuais contidos neste texto, o que impossibilitaria a apropriação de seus resultados. Para fins de comparação mencionaremos um de seus gráficos em que situa o MSM em uma rede (feita através da ferramenta da internet *Godaddy*[180]), lembrando que Brayton não faz nenhuma mediação conceitual em sua leitura, considerando todos os elementos como uma espécie de bloco ideológico comum, que diferiria em seus nomes “fantasia”:

FIGURA 7: Gráfico da rede do MSM, em análise de Colin Brayton:

FONTE: BRAYTON, C. *Democracy exportation – crosshairs over America do Sul*. Disponível em http://tupiwire.files.wordpress.com/2011/01/neoimilolavo.png, acessado em 13.02.12.

Nossa leitura foi feita em conjunto com um tecnólogo em sistemas de informação especializado em publicidade através da rede, Ariel Patschiki, que desenvolveu, baseado em um

[179]BRAYTON, C. *Democracy exportation – crosshairs over America do Sul*. op. cit.

[180]GODADDY.COM. *Web site analytics*. Disponível em http://www.godaddy.com/hosting/website-analytics.aspx?ci=9035, acessado em 13.02.11.

programa de código aberto já existente, a ferramenta para a leitura do MSM e sua rede extrapartidária. A técnica empregada para relacionar os *websites* é conhecida como *Web Crawler* ou *Spider*[181], que consiste em um dispositivo automatizado que verifica todos os *hiperlinks* de uma página base, e que, para cada hiperlink encontrado refaz a mesma verificação. O *Web Crawler* pode ser configurado para executar estas verificações quantas vezes forem necessárias, sendo que este número de vezes pode ser chamado de "profundidade" ("*dephts*") . Para realizar a análise do MSM, foi usada a técnica de *Web Crawler* através de um script[182] escrito na linguagem de programação *Ruby*[183] utilizando uma biblioteca específica para *Web Crawler* chamada *Anemone*[184].

Os passos desempenhados pelo script podem ser separados em dois momentos: primeiro analisando todos os *hiperlinks* existentes na totalidade de páginas do MSM. O resultado deste exame inicial foi uma lista de *websites* e a quantidade de *hiperlinks* existentes na soma de suas páginas. O segundo passo constituiu-se da apreciação via script de cada *site* encontrado, porém desta vez, limitando-se apenas ao segundo nível de profundidade de cada *hiperlink* (leitura que não foi tão arrojada quanto à efetuada em relação ao MSM, que foi devassado em sua totalidade, mas que foi a única possível de ser feita em prazos realistas). Durante estas duas investigações construiu-se um banco de dados com as informações de *hiperlinks* do MSM e de seus *links*, que após o fim da leitura nos permitiu efetuar uma análise de tipo *Data Mining*[185] para estabelecer a relacionalidade entre os *websites*. O script desenvolvido para esta análise encontra-se disponível para download e utilização pública e gratuita[186] e a pesquisa foi feita entre os dias primeiro de janeiro e sete de fevereiro de 2012.

O resultado da primeira fase do trabalho nos permitiu visualizar 1194 *links* de saída do MSM (entre estes resultados encontrando diferentes páginas do mesmo *site*)[187]. Estes resultados nos permitem visualizar, além da rede, a capacidade total do MSM de gerir informações, de pesquisa em suas mais variadas fontes – há uma série de *sites* relacionados à esquerda, estatísticas oficiais, jornais nacionais e estrangeiros, *sites* e *blogs* de políticos, etc. Após a obtenção destes dados foram feitas confrontações com cada uma das ligações encontradas através do *Web Crawler*, buscando verificar se existia ou não relacionamento recíproco de cada um destes com o MSM em suas duas

---

[181]KOBAYASHI, M.; TAKEDA, K. "Information retrieval on the web". *ACM Computing Surveys*. nº. 2, volume 32, junho de 2000. Disponível em http://dl.acm.org/citation.cfm?doid=358923.358934, acessado em 13.02.12.
[182]WIKIPEDIA. *Script* (computing). Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Script_(computing)#cite_note-1, acessado em 13.02.12.
[183]WIKIPEDIA. *Data mining* (programming language). Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Ruby_(programming_language), acessado em 13.02.12.
[184]ANEMONE. *What is it?*. Disponível em http://anemone.rubyforge.org/, acessado em 13.02.12.
[185]WIKIPEDIA. *Data mining*. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Data_mining, acessado em 13.02.12.
[186]PATSCHIKI, A. *Semantic spider*. Disponível em https://github.com/arielpts/semantic-spider, acessado em 13.02.12.
[187]PATSCHIKI, L. *Tabela anexo 1194*. Disponível em http://www.mediafire.com/?8kmur3bo6hg1ac4, acessado em 20.02.12.

principais profundidades. Após este tratamento foram obtidos 33.949 *links* reversos em 180 *sites* (15,8% do total).

Por fim, fora feita uma última verificação pelo pesquisador, já que tratava-se de uma consideração qualitativa em relação ao nosso objeto: buscamos nestes 180 *sites* excluir do resultado final da análise retornos que considerassem denúncias, repúdios, respostas, etc. ao MSM por *sites* que o combatem ou o discordam de seu conteúdo. Por exemplo, nesta busca encontramos *sites* como o Portal de Luis Nassif, a Agência de Informação Frei Tito para América Latina (Adital), de entidades de luta pelos direitos GLBTS, etc., além de *sites* utilizados como plataforma para a disputa ideológica, tal qual o Centro de Mídia Independente ou as páginas de comentários abertas de diversos jornais – lembrando que é através deste tipo de confrontação que o MSM também busca afirmar-se partidariamente (já discutido no tópico 5.1 *Criação e afirmação do MSM*, desta dissertação)[188]. Desta leitura restaram 139 *sites*, sendo que o próximo passo foi a produção de uma breve descrição de cada um destes, visando permitir a visualização da influência recíproca constituída entre o MSM e os diversos aparelhos privados de hegemonia: associações, institutos, grupos políticos e religiosos, indivíduos, etc. Foram consideradas entre a quantidade total de *links* de saída do MSM (mais de sete mil até uma, ponderando as maiores e mais organizadas evidentemente as que exibem maiores resultados) e dos *links* de retorno (que não correspondem necessariamente a mesma importância dada pelo MSM).

Para fins de apresentação separamos esta pesquisa em torno de três tabelas, nos permitindo fazer comentários específicos em relação a quantidades de *links* de saída do MSM. A primeira tabela dá conta dos maiores resultados, de mais de sete mil até oito:

TABELA 19: Rede extrapartidária do MSM até oito *links* de saída:

Site	***Links* de saída**	***Links* de retorno**	**Descrição**
juliosevero.blogspot.com	7829	3476	*Blog* do colunista Julio Severo
www.heitordepaola.com	7767	4	*Site* do colunista Heitor de Paola
www.olavodecarvalho.org	7666	38	*Site* do editor chefe do MSM Olavo de Carvalho
www.nivaldocordeiro.net	7610	10	*Site* do colunista Nivaldo Cordeiro
notalatina.blogspot.com	7599	425	*Blog* sobre América Latina mantido por Graça Salgueiro
www.seminariodefilosofia.org	7578	27	*Site* do Seminário de filosofia de Carvalho
www.escolasempartido.org	7566	17	*Site* mantido por Miguel Nagib contra a "ideologização" da escola brasileira

[188]Todos os *sites* podem ser verificados pelo próprio Google, através do comando exemplificado, levando em consideração a diferença nas datas da pesquisa: "site:www.iran-press-service.com link:www.midiasemmascara.org OR link:www.midiasemmascara.com.br OR 'midia sem mascara'".

Site	***Links* de saída**	***Links* de retorno**	**Descrição**
www.padrepauloricardo.org	7557	2	*Site* pessoal do Padre Paulo Ricardo, da Arquidiocese de Cuiabá (MT). É bacharel em teologia e mestre em direito canônico pela Pontifícia Universidade Gregoriana (Roma), atualmente lecionando nos cursos de Filosofia e Teologia. É autor de diversos livros e apresenta o programa "Oitavo Dia", pela Rede Canção Nova de Televisão.
www.ubirataniorio.org	7557	5	*Site* pessoal de Ubiratan Iorio
unoamerica.org	7557	4	ONG´s antichavista venezuelana mantida pelo colunista Alejandro Peña Esclusa
www.faroldademocracia.org	7556	161	Entidade de defesa do "livre mercado"
www.puggina.org	7555	1	*Site* do colunista Percival Puggina
profetaurbano.blogspot.com	7554	366	*Blog* mantido pelo colunista Edson Camargo
wisdomandvirtue.blogspot.com	7554	57	*Blog* anônimo em inglês que serve como "armazém" de *links* de interesse em torno do MSM, Carvalho, etc.
www.lifesitenews.com	97	4	*Site* estadunidense cristão de orientação "pró-vida" e que pretende-se internacional
www.luisvillamarin.com	90	10	*Site* do colunista colombiano Cel. Luis Villamarin Pulido
www.mises.org.br	75	28	*Site* do Instituto Von Mises Brasil, presidido por Hélio Beltrão Filho
www.dcomercio.com.br	60	7	*Site* do jornal *Diário do Comércio*, mantido pela Associação Comercial de São Paulo
brunopontes.blogspot.com	56	64	*Blog* do colunista Bruno Pontes
fuerzasolidaria.org	52	4	ONG´s antichavista venezuelana fundada pelo colunista Alejandro Peña Esclusa
www.ordemlivre.org	44	3	Entidade da *Atlas Economic Research Foundation* em cooperação com o *Cato Institute*, mantido por Diogo G.R. Costa, Elisa Lucena Martins e Magno Karl
www.jrnyquist.com	24	2	*Site* do colunista estadunidense Jeffrey Nyquist
ecologia-clima-aquecimento.blogspot.com	22	1	*Blog* cujo subtítulo é "*verde é o novo vermelho*", dedicado ao anticomunismo ecológico
lastdayswatchman.blogspot.com	18	2	*Blog* em inglês de Julio Severo
www.ternuma.com.br	16	5	*Site* dedicado à memória das "vítimas do terrorismo vermelho" durante a ditadura
www.averdadesufocada.com	16	29	*Site* do Coronel Brilhante Ustra, que busca "retratar" a imagem do Exército durante a ditadura
radardamidia.blogspot.com	13	1	*Blog* de comentários sobre a mídia de J. Sepúlveda
www.providaanapolis.org.br	13	1	Entidade "pró-vida" de Anápolis (GO) mantida pelo Padre Luiz Carlos Lodi da Cruz
laiglesforum.com	13	1252	Fórum estadunidense de discussão para "cristãos conservadores"
cavaleirodotemplo.blogspot.com	13	6861	*Blog* mantido pelo "Cavaleiro do templo" e Alex Brum Machado. Possuí publicidade da Livraria Cultura
www.unbconservadora.blogspot.com	13	339	*Blog* da Juventude Conservadora da UnB, mantido por Felipe Melo
libertatum.blogspot.com	12	2991	*Blog* mantido pelo colunista Klauber Cristofen Pires
espectivas.wordpress.com	12	10	*Blog* português mantido por Orlando Braga
menteconservadora.blogspot.com	11	242	*Blog* anônimo de divulgação do "pensamento conservador"
fratresinunum.com	10	9	*Blog* de notícias católicas

Site	**Links de saída**	**Links de retorno**	**Descrição**
www.dicta.com.br	10	3	*Site* da revista semestral *Dicta & Contradicta* do Instituto de Formação e Educação
felipemourabrasil.blogspot.com	8	172	*Blog* do redator publicitário e jornalista Felipe Moura Brasil
blogdomrx.blogspot.com	8	184	*Blog* de “Mr. X”, autor do livro *Politicamente incorreto! O melhor do blog de Mr. X*

FONTE: Pesquisa efetuada entre os dias 01.01.12-07.02.12.

Esta primeira tabela nos mostra os sites mais próximos do MSM, responsáveis pela formação e sustentação de seu discurso ideológico e atividades partidárias. Ela é basicamente formada por colunistas e entidades próximas. Encontram-se dezessete *sites* e *blogs* de caráter pessoal (o que não significa de uso pessoal ou restrito, mas de responsabilidade pessoal), referentes a colunistas e participantes esporádicos do MSM.

Destes o maior é o *blog* de Julio Severo, identificado como escritor, sendo autor dos livros *Orações proféticas* pela editora Propósito Eterno, *O movimento homossexual* pela editora Betânia e *As ilusões do movimento gay*, sem editora. Ele milita pela observação dos preceitos morais evangélicos para a sociedade, tornando-se conhecido crítico dos movimentos de liberalização do aborto e do casamento entre pessoas do mesmo sexo. Ele adquiriu certa visibilidade após seu “autoexílio” para os EUA, já que estaria sofrendo “assédio” da Polícia Federal no Brasil (não conta com acusações somente relativas á homofobia, mas também por educar seus filhos em casa, o que é ilegal no Brasil). Segundo ele:

> O Brasil está descaradamente caminhando para uma ditadura cultural e legal pró-homossexualismo e pró outras perversões, inclusive o sacrifício de crianças com amparo estatal. Que chances tenho eu de prosseguir meu trabalho sem sofrer muitas outras ameaças? Além disso, outras posições cristãs e éticas que eu e minha família temos são encaradas injustamente como “crimes” pela pseudo-democracia brasileira, trazendo grandes riscos de segurança para nós. Defendemos abertamente a educação escolar em casa, opção educacional que estava disponível para as famílias brasileiras até que os esquerdistas suprimiram, sem que ninguém percebesse, tal liberdade na Constituição de 1988 [...] Defendo também a liberdade de os pais optarem por não vacinar seus filhos, considerando o fato gravíssimo de que a maioria das vacinas infantis é feita a partir de linha de células fetais de bebês abortados [...] Uma sociedade justa e saudável tem escolas que, em vez de doutrinarem as crianças no homossexualismo, ensinam o valor do casamento, o valor do papel do pai e da mãe, o valor do sexo conjugal e desestimulam as crianças de todo comportamento nocivo, inclusive o homossexualismo[189].

Estas ações contra ele resultaram em uma espécie de conformação como escritor autorizado de parte dos evangélicos e católicos “tradicionalistas”. Seu *blog* conta com uma abrangência considerável, com quase dois mil seguidores e indicações de cerca de cento e cinquenta mil

[189]CRISTIANISMO HOJE. *Entrevista com Julio Severo*. 27.04.09. Disponível em http://juliosevero.blogspot.com/2009/06/entrevista-original-de-julio-severo.html, acessado em 13.02.12.

visitações mensais[190]. Também notam-se *sites* e *blogs* pessoais, como o de "Mr. X" e o "Mente Conservadora", que tratam da divulgação de pressupostos ideológicos partilhados com o MSM, através da produção de percepções próprias sobre a realidade social, caso do primeiro *site* indicado, ou através da mera reprodução, caso do segundo.

As "entidades" relacionadas ao MSM constam em número de onze, sendo que levamos em consideração para a inclusão nesta categoria basicamente a existência de estrutura própria em termos de organização e atuação partidária (o que não significa que estas estejam dissociadas do MSM). Deste grupo fazem parte: O Nota Latina, o Seminário de filosofia, o Escola sem Partido, a UnoAmérica, o Farol da Democracia, o Instituto Von Mises Brasil, o Fuerza Solidária, o Ordem Livre, o Ternuma, o Verdade Sufocada e o Pró-Vida Anápolis. Os dois primeiros são referentes à organização direta do MSM, enquanto o Escola sem Partido, o Farol da Democracia, o Instituto Von Mises Brasil, o Ordem Livre, o Ternuma, o Verdade Sufocada e o Pró-Vida Anápolis contam com participação de intelectuais do MSM, mas possuem certa autonomia, constituindo-se em aparelhos privados de hegemonia específicos. A UnoAmérica e o Fuerza Solidária são ONG´s venezuelanas de Alejandro Peña Esclusa, que contam com a participação de membros do MSM, especialmente Olavo de Carvalho e Graça Salgueiro, mas que não participam diretamente de sua organização, construindo-se como entidades internacionais com que solidarizam-se (participando de campanhas, abaixo-assinados, arrecadamento, etc.).

Entre eles, assinalaremos os de maior alcance: o Escola sem Partido, o Farol da Democracia Representativa e o Ternuma. O primeiro, coordenado por Miguel Nagib, acabou por tornar-se referência da direita no que refere-se à suposta "ideologização" da escola pública brasileira, graças à revista *Veja*, que tanto o citou em suas matérias quanto pela reprodução de diversos artigos de seu colunista Reinaldo Azevedo pelo já citado *site* (não sabemos em que ponto é orgânica esta relação, mas indique-se que o colunista nunca pediu para retirarem as reproduções do ar). O Farol da Democracia Representativa, presidido por Jorge Roberto Pereira, basicamente disponibiliza cadernos de leitura *online*, que consideram como "cursos", buscando a "*disseminação dos valores culturais que estruturaram a moral, a ética, a religiosidade e o saber jurídico da civilização ocidental*"[191]. O Ternuma (Grupo Terrorismo Nunca Mais) foi formado por "um punhado de democratas civis e militares, inconformados com a omissão das autoridades legais e indignados com a desfaçatez dos esquerdistas revanchistas"[192] em 25.07.98. O site começou como um memorial para as "vítimas" (ou assim consideradas) da guerrilha armada que lutou contra a ditadura no Brasil. Hoje em dia, ele expandiu-se, fornecendo aos seus leitores uma série de escritos de

[190]JULIO SEVERO. *Blog*. Disponível em http://juliosevero.blogspot.com/, acessado em 13.02.12.
[191]FAROL DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA. *Quem somos*. Disponível em http://www.faroldademocracia.org/quemsomos.asp, acessado em 14.02.12.
[192]TERNUMA. *Quem somos*. Disponível em http://www.ternuma.com.br/ternuma/index.php?open=1, acessado em 13.02.12.

caráter histórico, que buscam defender a atuação dos militares naquele período. Também organiza comemorações no dia 31 de março, data do Golpe de Estado, e possui considerável biblioteca *online* de cunho chauvinista.

Entre jornais e revistas encontram-se o já discutido *Diário do Comércio* e a revista *Dicta & Contradicta* do Instituto de Formação e Educação, que oferece cursos de formação na área de Humanas e Artes. Compõem este Instituto os seguintes: Guilherme Malzoni da Motta Rabello, engenheiro naval, doutorando em Neurociência na UNIFESP; Marcello Nébias Pilar, Gerente de investimentos da Hedging-Griffo; Luiz Felipe Leite Estanislau do Amaral, bacharel em Ciências Econômicas pelo INSPER, mestrando em Economia pela FEA-USP; Henrique Elfes, formado em Letras pela PUC-PR; Joel Pinheiro da Fonseca, bacharel em Ciências Econômicas pelo INSPER e em Filosofia pela USP, mestrando em Filosofia na mesma faculdade; Julio Cesar Lazzarini Lemos, escritor, doutorando pela Faculdade de Direito da USP; Martim Vasques da Cunha de Eça e Almeida, mestre em Filosofia da Religião pela PUC-SP, diretor da área de Humanidades do Instituto Internacional de Ciências Sociais e membro do MSM; Renato José de Moraes, Mestre pela Faculdade de Direito da USP, professor do Instituto Internacional de Ciências Sociais; Rodolfo Brito, administrador de empresas; e Rodrigo Scalamandré Duarte Garcia, formado em Direito pela PUC-SP[193].

O único grupo político formalmente organizado que aparece nesta leitura é já citada Juventude Conservadora da UnB, mesmo que ao nível do Movimento Estudantil. Este é organizado por Felipe Melo e, ao contrário da União Conservadora Cristã que é renegada por Carvalho, organiza-se diretamente em torno do MSM. Conta ainda com um fórum estadunidense, o "Laigles Forum".

A segunda tabela refere-se aos sites que possuem a quantidade de *links* de saída do MSM entre sete e dois resultados:

[193]INSTITUTO DE FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO. *Quem somos*. Disponível em http://www.ife.org.br/quem-somos.html, acessado em 13.02.12.

TABELA 20: Rede extrapartidária do MSM de sete até dois *links* de saída:

Site	*Links* de saída	*Links* de retorno	Descrição
www.domluizbergonzini.com.br	7	3	*Site* de Dom Luiz Bergonzini de Guarulhos, São Paulo
www.imil.org.br	7	3	*Site* do Instituto Millenium, entidade fundada em 2009, e que conta como mantenedores nomes como Armínio Fraga, Daniel Feffer, Gustavo Marini, Helio Beltrão, João Roberto Marinho, Jorge Gerdau Johannpeter, José Carlos de Salles Gomes Neto, Maristela Mafei, Nelson Sirotsky, Pedro Henrique Mariani, Ricardo Diniz, Roberto Civita, Roberto Mesquita, Salim Mattar, Sergio Foguel e William Ling. Neste escrevem como articulistas, entre vários, Bruno Garschagen, Denis Rosenfield, Klauber Cristofen Pires, Ubiratan Iorio, etc.
pt.danielpipes.org	7	69	*Site* do colunista Daniel Pipes, historiador especialista em Oriente Médio e Islamismo, com a missão de “promover os interesses americanos”
la3.blogspot.com	7	341	*Blog* português intitulado “Nadando contra a maré vermelha”, mantido pelo engenheiro mecânico Luis Afonso
observatoriobrasileno.blogspot.com	7	2	Versão em espanhol do Nota latina” mantido por G. Salgueiro, A. B. Machado e Luis Villamarin Pulido
www.erealizacoes.com.br	6	1	*Site* da editora É realizações de propriedade de Edson Filho
www.providafamilia.org.br	6	1	*Site* da Associação Nacional Pró-vida e Pró-família, presidido por Humberto Leal Vieira
www.freerepublic.com	6	2	Fórum estadunidense sobre “Deus, Família, Nação, Vida e Conservadores Liberais”
thenewamerican.com	6	1	*Site* da revista estadunidense “*The New American*”
livraria.seminariodefilosofia.org	5	243	*Site* da livraria virtual do Seminário de filosofia
salmo12.blogspot.com	5	21	*Blog* cristão de defesa contra o “comunismo universitário”
www.ipco.org.br	5	8	*Site* do Instituto Plinio Correia de Oliveira, fundado pelo engenheiro Adolpho Lindenberg, com sede“*no tradicional casarão do bairro de Higienópolis, em São Paulo, que durante mais de duas décadas serviu de local de trabalho e de reuniões ao Prof. Plinio Corrêa de Oliveira, na sua qualidade de fundador e presidente vitalício da Sociedade Brasileira de Defesa de Tradição, Família e Propriedade–TFP*”
brasilacimadetudo.lpchat.com	5	2720	*Site* de cunho nacionalista reprodutor de artigos e notícias
normabraga.blogspot.com	5	72	*Blog* da evangélica “conservadora” Norma Braga, colunista do MSM
coturnonoturno.blogspot.com	5	251	*Blog* de divulgação ligado a militantes do PSDB
cursopoa.blogspot.com	5	3	*Blog* de propaganda para palestras de José Nivaldo Cordeiro
debateolavodugin.blogspot.com	4	2	*Blog* sobre o debate público entre Carvalho e Alexandre Dugin, russo representante do Partido Nacional Bolchevista, sobre “a nova ordem mundial”
livrariarc.blogspot.com	4	76	*Blog* da Livraria Resistência Cultural de São Luís do Maranhão
conexaoconservadora.blogspot.com	4	26	*Podcast* com entrevistas e séries apresentado por Alex Brum Machado
aluizioamorim.blogspot.com	4	32	*Blog* do jornalista Aluízio Amorim
www.deuslovult.org	4	73	*Blog* católico mantido por Jorge Ferraz
www.institutoliberal.org.br	4	6	*Site* do Instituto Liberal, presidido por Arthur Chagas Diniz
www.cubdest.org	4	5	Lista de notícias sobre Cuba noticiadas nos EUA e América Latina
www.lahistoriaparalela.com.ar	3	20	*Site* argentino que reproduz artigos e notícias anticomunistas da América Latina

Site	*Links* de saída	*Links* de retorno	Descrição
www.visaojudaica.com.br	3	25	*Site* da revista mensal curitibana *Visão Judaica*
montenegroviverdenovo.blogspot.com	3	34	*Blog* de Arlindo Montenegro
www.eagora.org.br	3	49	*Site* de Eduardo Graeff. Ele é mestre em ciência política pela USP e foi subchefe da Casa Civil para Assuntos Parlamentares e Secretário-Geral da Presidência da República no governo Fernando Henrique Cardoso, e coordenador do escritório de representação do Estado de São Paulo em Brasília no governo José Serra.
zenobiofonseca.blogspot.com	3	16	*Blog* de Zenóbio Fonseca. Ele é professor universitário, Mestre em Estratégia e Gestão em Meio Ambiente pela UFF, Pós-Graduado em Direito do Consumidor pela FGV e Direito Privado pela UFF, Pós-Graduado em Formação Política e Processo Legislativo - IBGEN e membro do Movimento Pró-vida no Rio de Janeiro.
www.mvb.org.br	3	1210	*Site* do "Movimento Viva Brasil", de defesa das "liberdades individuais", tendo extensa atuação na oposição ao controle de armas
www.vanguardapopular.com.br	3	254	*Site* de humor anticomunista conhecido por sua loja virtual, que disponibiliza uma série de camisetas e acessórios do mesmo cunho
www.alertatotal.net	3	34	*Site* do jornalista Jorge Serrão
www.imortaisguerreiros.com	3	3	*Site* de propaganda mantido por diversos membros (cerca de trinta e um), dentre os quais, Félix Maier e Carlos Alberto Baggio
tempora-mores.blogspot.com	3	4	*Blog* mantido por Augustus Nicodemus Lopes (Pastor presbiteriano, mestre e doutor em Interpretação Bíblica, professor no Centro Presbiteriano de Pós-Graduação Andrew Jumper, da IPB e autor de vários livros), Mauro Meister (também pastor e professor) e Solano Portela
www.diogochiuso.com	3	145	*Site* de Diogo Chiuso
marcusboeira.blogspot.com	2	30	*Blog* do colunista Marcus Boeira
cavaleiroconde.blogspot.com	2	437	*Blog* do "Conde", autointitulado blogueiro da mídia golpista
carlosverezablog.blogspot.com	2	1	*Blog* do ator da Rede Globo de Televisão Carlos Vereza
www.pontocritico.com	2	4	*Site* da *newsletter* "Ponto Crítico", dirigido por Gilberto Simões Pires. Comentarista e jornalista já atuou na TVE, na TV Guaíba, no Grupo RBS, na TV Pampa, na Rede Bandeirantes e na NET RS.
www.lojasmaconicas.com.br	2	2	*Site* maçom, mantido por Wolney da Rocha Godoy.
vigiai.net	2	2	*Site* do impresso "Vigiai" de cunho evangélico. É um site de propriedade de Vital Sousa
www.paznocampo.org.br	2	2	Entidade contra a Reforma Agrária com sede em São Paulo. É controlada pelos "*seguidores da obra*" de Plinio Corrêa de Oliveira. Seu porta voz é o Príncipe Dom Bertrand de Orleans e Bragança.
blogdemirianmacedo.blogspot.com	2	2	*Blog* da jornalista Mirian Macedo
quebrandoneoateismo.com.br	2	3	*Blog* sobre antiateísmo mantido por "*Snowball*"
www.portaldafamilia.org	2	2	*Site* da ONG Associação Família Viva, fundada por Carlos Casagrande, Marcelo Guterman e outros
www.videeditorial.com.br	2	2	Braço editorial do VIDE. É responsável pelo lançamento do último livro de Carvalho
gaysdedireita.blogspot.com	2	68	*Blog* anônimo de denúncia da suposta "manipulação" que os grupos GLBTS estariam sofrendo da esquerda
diasimdiatambem.com	2	2	*Blog* "Vida sim, aborto não" de cunho católico mantido pelo blogueiro Wagner Moura

Site	*Links* de saída	*Links* de retorno	Descrição
ucho.info	2	1	Jornal *online* que tem uma coluna de Ipojuca Pontes
www.fundadores.org.br	2	2	*Site* dos "Fundadores", cisão da Tradição, Família e Propriedade ocorrida após a morte de Plinio Corrêa de Oliveira. Seu principal representante é o Príncipe Dom Bertrand de Orleans e Bragança
www.veritatis.com.br	2	2	*Site* do "apostolado" católico "*Veritatis Splendor*", destinado à divulgação e defesa das práticas ortodoxas daquela religião
www.expressodasilhas.sapo.cv	2	7	Jornal de Cabo Verde, cujo repórter Casimiro de Pina tem artigos reproduzidos no MSM
www.conservapedia.com	2	1	Enciclopédia estadunidense, estilo "Wikipedia", sobre conservadorismo. O MSM tem um verbete na seção sites.
archive.frontpagemag.com	2	1	*Site* da revista *online* estadunidense "*FrontPage*", que conta com uma série de colunistas do MSM como colaboradores
www.if.org.br	2	2	*Site* do Instituto Federalista, que proclama-se porta voz "*na difusão plena dos conceitos de federalismo, capitalismo, liberdade, autonomia, auto-gestão, governança responsável, participação social efetiva do processo decisório legislativo*", entre outras. É presidido pelo empresário curitibano Thomas Raymund Korontai, e está em vias de transformar-se em partido.
ogladio.blogspot.com	2	3	*Blog* português "conservador" mantido por Carlos Velasco
resistenciademocraticabr.blogspot.com	2	2150	*Blog* do jornal *online* "Resistência Democrática" de responsabilidade de Marília Valverde
www.jornadacrista.org	2	54	*Blog* anônimo católico

FONTE: Pesquisa efetuada entre os dias 01.01.12-07.02.12.

Esta tabela trata de *sites* importantes, mas cujas relações com o MSM são menos evidentes na formação do discurso ideológico deste, sendo que a função maior notada é a de propaganda, de disseminação ideológica e confrontação com outros discursos ideológicos existentes no corpo social. Neste sentido é importante assinalar a mudança de funções dos *sites* e *blogs* aqui observados: se na tabela anterior, maioria era de responsabilidade pessoal, aqui são voltados diretamente para a propaganda, contando com vinte e dois registros. Os mais relevantes são o "Conexão Conservadora", *podcast* de propaganda ideológica que funciona como um programa de entrevista em formato "*talk show*", o "Coturno Noturno" e o "Brasil Acima de Tudo", que contam com enormes quantidades de material ideológico disponível aos seus leitores. Entre os *sites* de cunho pessoal temos que citar o de Dom Luiz Bergonzini, Bispo da Igreja Católica da Diocese de Guarulhos, São Paulo. Em seu *site* são disponibilizados opiniões sobre uma série de temas, os mais citados: aborto, estupro, ateísmo, comunismo, homossexualismo, imprensa, pedofilia e o Partido dos Trabalhadores (note-se a propositul "conjunção" contruída entre todos estes assuntos). Conta ainda com um serviço direto de comunicações, o "Pergunte ao Bispo"[194]. Do mesmo modo o *blog* de Marcus Boeira, que nos últimos anos passou a destacar-se como colunista no MSM, especialmente em cogitações sobre o Estado e o campo jurídico. Três *sites* pessoais que chamam atenção ainda são o de Eduardo Graeff, de Zenóbio Fonseca e de Carlos Vereza, cujos dois

[194]DOM LUIZ BERGONZINI. *Início*. Disponível em http://www.domluizbergonzini.com.br/, acessado em 14.02.12.

primeiros contam formação acadêmica formal considerável: o primeiro, que mantém o “E Agora?”, *blog* de cunho político, ligado aos Institutos Teotônio Vilela e Fernando Henrique. Este último participou ativamente da divulgação de seu último livro, escrito diretamente em inglês e disponibilizado para a venda na Amazon (a maior loja virtual do mundo) chamado *Corruption in Brazil – from Sarney to Lula*, uma “resposta” às acusações relativas às privatizações nas gestões de FHC na presidência. Foi também um dos principais organizadores da campanha virtual de José Serra nas eleições de 2011, onde especialmente no segundo turno contra Dilma Roussef, do PT, as discussões tomaram um caráter de anticomunismo grosseiro e caricato. Segundo Luis Nassif, durante aquela campanha Graeff:

> [...] se transformou em um pitbull comandando o exército de trolls contratados por Serra. Dançou quando passei a fazer cruzamentos dos seguidores dos trolls no Twitter com os nomes cadastrados na Rede PSDB. A trama foi desmascarada. Graeff caiu. Esta eleição deixará indelevelmente no ex-Eduardo Graeff a marca da infâmia. Pelos próximos anos, toda vez que o virem passar, os seus ex-amigos saberão que ali está a pessoa que ajudou a transformar a face mais visível do partido de Vilmar Faria e de dona Ruth, de Vilma Motta e do Grama, no subsolo do esgoto mais fétido que a Internet já produziu [...]montou blogs apócrifos para atacar adversários, contratou profissionais da difamação e montou uma rede – Rede PSDB – com pessoas que deram ao seu partido a feição mais indigna que uma organização poderia ter[195].

O *blog* de Zenóbio Fonseca assume um foco assumidamente cristão, ou seja, quando se refere a questões políticas e jurídicas, o faz através das mediações do campo religioso, não sendo sem motivo, já que Fonseca é um dos mais ativos militantes do Movimento Pró-Vida Rio de Janeiro. O *blog* do ator Carlos Vereza, ex comunista, serve de base para a disseminação de textos seus, onde aglutina antilulismo, espiritualismo e anticomunismo, de modo muito próximo ao MSM.

Esta tabela conta com um número muito maior de jornais, editoras, boletins e livrarias, sendo doze ao total. Entre estes encontram-se as já citadas editoras É Realizações e a Vide Editorial; as livrarias do Seminário de filosofia e a Resistência Cultural (também virtual, mas que indica a possível aquisição de uma loja no Maranhão); as revistas religiosas a *Visão Judaica* (obviamente sobre judaísmo) e a *Vigiai* (evangélica); O jornal *Expresso das Ilhas* de Cabo Verde, e as revistas estadunidenses *FrontPage Magazine* e *The New American*; por fim, os seguintes órgãos de imprensa nacionais: o jornal *online Ucho.info*, o jornal *Resistência Democrática* e o boletim *Ponto Crítico*. O *Ucho.info* é a versão *online* do jornal do Distrito Federal, que possui conexão com o MSM por ter entre seus colunistas Ipojuca Pontes. O *Resistência Democrática* foi um jornal virtual que contou com sete edições, sendo a primeira de março de 2010 e a última de setembro de 2011. Seu editor era Fernando Bilhari e contava com a participação de Francisco Vianna, Mário Fortes, Thomas Korontai, Thomas Fendel, Sueli Guerra, Valfrido M. Chaves, Iracema Pedrosa, dentre

[195]NASSIF, L. *apud* BORGES, A. *Eduardo Graeff e o submundo tucano*. Disponível em http://www.advivo.com.br/blog/spin-in-progress/eduardo-graeff-e-o-submundo-tucano, acessado em 17.01.12.

outros[196]. O boletim virtual *Ponto Crítico* é de responsabilidade de Gilberto Simões Pires e as referências ao MSM são somente para enfatizar as proposições anticomunistas deste. Encontram-se ainda nesta tabela o fórum estadunidense "*Free Republic*" e a "enciclopédia" de publicações "conservadoras" daquele mesmo país "*Conservapedia*".

Em termos de propaganda não poderíamos minorar a importância da loja virtual Vanguarda Popular, que consolidou-se como site de humor anticomunista, passando a vender camisetas e acessórios de "humor político". Em seu *site* existe um "observatório da imprensa" satírico, que pode ser recebido como boletim eletrônico e que também é divulgado através do Twitter e do Facebook e a loja de camisetas (segundo eles "*agit-prop shirts*"). Nas duas imagens seguintes vemos a página inicial do *site* e a frente da camiseta de Olavo de Carvalho vendida por eles (na data da pesquisa custando vinte e sete reais e noventa centavos):

FIGURA 8: Página inicial do site "Vanguarda Popular":

FONTE: VANGUARDA POPULAR. Página inicial. Disponível em http://www.vanguardapopular.com.br/portal/, acessado em 03.03.12.

[196] RESISTÊNCIA DEMOCRÁTICA. Edição nº. 7, setembro de 2011. Disponível em http://www.newsflip.com.br/pub/resistenciademocratica//index.jsp?edicao=2198, acessado em 14.02.12.

FIGURA 9: Camiseta de Olavo de Carvalho vendida na “Vanguarda Popular”:

FONTE: VANGUARDA POPULAR. *ODC* - Sapientiam Autem Non Vincit Malitia. Disponível em http://d3cznlo0697e08.cloudfront.net/products/807-10d96ca3ba4f4cd10f71b82ce5b8e43e.jpg, acessado em 14.02.12.

Entre as “entidades” encontram-se o Instituto Millenium, o Instituto Liberal, o Movimento Viva Brasil, o Instituto Federalista, o Lojas Maçônicas, o apostolado católico “*Veritatis Splendor*”, a Associação Nacional Pró-vida e Pró-família, a Associação Família Viva, os Fundadores, Instituto Plinio Correia de Oliveira e o Paz no Campo.

As Lojas Maçônicas e o apostolado católico “*Veritatis Splendor*” são entidades de cunho específico, a primeira congregando lojas do Brasil, para troca de conhecimento e experiências, e a segunda define-se como apostolado católico pela defesa da “fé cristã”. A Associação Nacional Pró-vida e Pró-família e a Associação Família Viva são entidades de defesa da “família tradicional”, focando temas como aborto, homossexualismo, feminismo, pedofilia, adoção, etc. No *site* da última encontramos o seguinte artigo do “filósofo” Ivanaldo Santos:

> A idéia de assassinar um feto é terrível. Dificilmente um cidadão, gozando de suas plenas faculdades mentais, concordaria com ela. O mesmo se dá com a sociedade. Ela tende a rejeitar totalmente essa idéia. Para tornar essa macabra idéia agradável e aceitável, tanto pelo cidadão como também pela sociedade, entre em cena, mais uma vez, as técnicas de lavagem cerebral de Gramsci. O movimento favorável ao aborto ou pró-aborto se utiliza, basicamente, de duas grandes técnicas desenvolvidas por Gramsci. A primeira técnica é o esquecimento [...] Nos diversos meios de comunicação como, por exemplo, TV, cinema, jornal e revistas, a imagem da gravidez e do feto está, cada vez mais, desaparecendo [...] A segunda técnica utilizada é procura modificar o sentido original das palavras. Uma palavra que antes tinha um sentido positivo, após passar pela técnica de lavagem cerebral torna-se negativa e ruim. Para tanto, utiliza-se do procedimento de substituição de palavras [...] Entre as palavras que o movimento favorável ao aborto ou pró-aborto utiliza para substituir a palavra “feto” encontram-se “indesejado”, “pedaço de carne”, “massa”, “bife”, “alienígena”, “estrangeiro”, “estranho”, “monstro”, “vírus”, “doença”, “erro”, “resto”, “sobra”, “castigo” e “pacote”[197].

[197]SANTOS, I. *Gramsci, lavagem cerebral e o aborto*. Disponível em

É por este tipo de argumentação que relacionamos ideologicamente estas entidades com o MSM, proporcionando para este uma frente fundamental de atuação política, já que passa a articular um público alvo que compartilha com uma série de pressupostos ideológicos, crenças, símbolos, linguagem, etc.[198].

Nesta tabela encontram-se os maiores institutos com os quais o MSM dialoga, entre estes: o Instituto Millenium, o Instituto Liberal e o Instituto Federalista. Destes, o mais importante sem dúvida é o Instituto Millenium (IMIL), atualmente o maior aparelho privado de hegemonia da burguesia, contando com uma equipe fixa de manutenção de dez pessoas e com mais de duzentos colaboradores, maioria fixos, onde encontram-se nomes como Renato Skaf, Pedro Sette-Câmara, Merval Pereira, Leandro Narloch, João Mellão Neto, José Nêumanne Pinto, Washington Olivetto, Mario Vargas Llosa, José Padilha, Roberto Civita, Roberto DaMatta, Yoani Sanchéz, Guilherme Fiuza, Eugenio Bucci, Carlos Alberto Sardenberg, Ali Kamel, dentre diversos[199].

O IMIL foi fundado em 2005, pela economista Patrícia Carlos de Andrade (chamado então de Instituto da Realidade Nacional), trocando de nome atual durante o "Fórum da Liberdade" de 2006 em Porto Alegre, Rio Grande do Sul. Em 2009 o IMIL foi reconhecido como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público. Segundo eles lançado "*com a finalidade de promover valores e princípios de uma sociedade livre*", sendo que destes "*precisamente liberdade individual, propriedade privada, meritocracia, estado de direito, economia de mercado, democracia representativa, responsabilidade individual, eficiência e transparência*"[200].

Eles possuem um encontro de caráter nacional, o "Fórum da Liberdade", que em 2011 teve sua vigésima quarta versão, chamado "Liberdade na Era Digital", contando com transmissão *online* em tempo real. Este evento foi editado em oito "painéis": o primeiro, contou com o músico Lobão e o jornalista "historiador" Eduardo "Peninha" Bueno; o segundo, com o fundador do *site* Buscapé, Romero Rodrigues e o diretor-geral do Terra Brasil, Paulo Castro; o terceiro, com o publicitário e fundador da agência Box 1824 Rony Rodrigues e o Doutor em direito Carlos Affonso Pereira de Souza; o quarto, com o jornalista e colunista da revista *Veja*, Reinaldo Azevedo e o Doutor em economia Raul Velloso; o quinto painel, com os jornalistas Merval Pereira e Guillermo Zuloaga, presidente da Globovisión; o sexto, com o presidente da IBM no Brasil Ricardo Pelegrini e o CEO

---

http://www.providafamilia.org.br/site/_arquivos/2008/350__gramsci,_lavagem_cerebral_e_o_aborto.pdf, acessado em 14.02.12.

[198]Marina Amaral em entrevista com o antigo delegado do DOPS José Paulo Bonchristiano, perguntou-lhe o motivo pelo qual eles enterravam as vítimas de tortura, sendo que poderiam queimá-los ou "desovar" seus corpos no mar, sobre o que respondeu: "*nós somos católicos, pô!*". AMARAL, M. "Conversas com Mr. DOPS". *Pública*. 09.02.12. Disponível em http://apublica.org/2012/02/conversas-mr-dops/, acessado em 14.02.12.

[199]INSTITUTO MILLENIUM. *Articulistas e colunistas*. Disponível em http://www.imil.org.br/categoria/articulistas-e-especialistas/, acessado em 15.02.12.

[200]INSTITUTO MILLENIUM. *Histórico*. Disponível em http://www.imil.org.br/institucional/historico/, acessado em 15.02.12.

da Anhanguera Educacional Alex Dias; o sétimo, com o economista americano Tyler Cowen e o economista e presidente da *Foundation for Economic Education* Lawrence Reed; seu último painel contou com o jornalista Marcelo Tas e o humorista Marcelo Madureira. Foram premiados neste evento a blogueira cubana Yoaní Sanchez e o diretor-executivo do Instituto Millenium, Paulo Uebel.

O IMIL organiza uma série de conferências e palestras, debates e colóquios públicos (contando com intelectuais nacionais e estrangeiros); um "canal" de televisão *online* (transmitindo programas por *podcast*); boletim eletrônico; um projeto para "sala de aula"; além de manter diversas campanhas (geralmente através de anúncios em revistas e jornais de grande circulação) – na sua página de prestação de contas, conta que sua receita em 2009 fora de seiscentos e vinte mil reais; em 2010 de um milhão e noventa e um mil reais; e em 2011 de novecentos e sessenta e cinco mil reais[201].

Na sua página destinada aos "parceiros", o IMIL separa seus patrocinadores e parceiros da seguinte maneira, entre os "Mantenedores e parceiros" colocam: o Grupo Abril, o Estadão, a Gerdau, Grupo M&M, Grupo RBS, Instituto Ling, Thompson Reuters, Localiza, Máquina Public Relations, o Instituto Von Mises Brasil, a Vale e o Grupo Suzano[202].

Entre "instituições nacionais" constam: a Abert, o Andes Libres, a Casa do Saber Rio, Espírito Santo em Ação, o Instituto Atlântico, o Instituto de Estudos Empresariais, o Instituto da Cidadania Brasil, o Instituto Liberal, o Instituto Liberdade, o Instituto de Cultura e Cidadania, novamente o Instituto Ling, o Movimento Brasil Eficiente, o Movimento Endireita Brasil, o Movimento Viva Brasil, o *Opinião e Notícia*, o *Ratio Pro Libertas*, o Trata Brasil, a revista *Leader*, o Voto Consciente, a Câmara Americana de Comércio Brasil-Estados Unidos e a Câmara de Comércio Brasil-Alemanha.

Entre as "instituições internacionais": *Brazil In Focus*, *Investigaciones de Instituciones y Mercados de Argentina* (ESEADE-CIIMA), *Instituto de Libre Empresa*, *Latinoamerica Libre*, Perspectiva, Instituto para a Liberdade, Objetivismo.org e *Red Liberal de America Latina* (RELIAL). Como "*blogs* & *sites* parceiros": o Democracia Já, Brasil Libertário, *Blog* do Cristiano M. Costa, OrdemLivre.org, *El Instituto Indepiendente*, Foro Republicano, Implicante, *Desde El Exílio*, Maurício Serafim, Direita Já, Autoconsciência e Vida, Eagora.org.br, Vitor Wilher, Movimento Consciência Brasil, Bello OAB, *Libertad y Progreso*, *Soul* Brasileiro, Voz do Marajó e A Verdade Sufocada.

E por fim apresenta seus doadores individuais: Alexandre Lourenço, Alisson Lopes Suarte Nogueira, Antonio Carlos Vidigal, Armínio Fraga, Augusto Teixeira de Freitas, Eduardo Figueiredo Salazar, Eduardo Henrique Costa Braga de Oliveira, Gustavo Guillaumon, Gustavo Marini,

---

[201]INSTITUTO MILLENIUM. *Prestação de contas*. Disponível em http://www.imil.org.br/institucional/prestacao-de-contas/, acessado em 15.02.11.
[202]INSTITUTO MILLENIUM. *Parceiros*. Disponível em http://www.imil.org.br/parceiros/, acessado em 15.02.12.

Henrique Farah, Jayme Garfinkel, João Baptista Rocca Filho, João B. Portella Pereira, João Roberto Marinho, José Celso Macedo Soares, José Francisco de Lacerda Schiavo, Josué Gomes da Silva, Leandro Jardim, Leandro Narloch, Marcelo Henriques de Brito, Marcio David Silva de Mattos, Marcos Amendola Zaidan, Marcos Buckentin Bruzzi, Miguel Nagib, Patricia Castello Stefani, Pedro Henrique Mariani, Renato Neufeld, Renato Skaf, Ricardo Lagares, Roberto Civita, Samuel Y. O Kinoshita, Thiago Jabor Pinheiro, Tiago Pechutti Medeiros e Valter Police Junior[203].

Trata-se sem dúvida de um *think tank* de evidente importância para a classe dominante brasileira. Sua atuação busca tanto a formação de consenso intraclasse, através do "*financiamento de pesquisas de opinião acessíveis somente aos associados e mantenedores*"[204], quanto coloca-se abertamente para a disputa ideológica, através da "*promoção de eventos abertos ao público bem como a divulgação de artigos curtos acerca de temas diversos*", almejando a "*conscientização do público*". Seus colaboradores são evidenciados cotidianamente como "*experts em meios de comunicação (televisão, rádio, jornais)*". Além disto, cumpre um papel de mediador das negociações com o Estado, através da discussão política, pública e privada, com legisladores. Sua ligação com o MSM dá-se pela presença dos colunistas Klauber Cristofen Pires (36 artigos desde 2009) e Martim Vasques da Cunha (4 artigos desde 2009) como fixos, Ipojuca Pontes (3 artigos desde 2010) e Denis Rosenfield (66 artigos desde 2009) como convidados, além de estarem entre os maiores apoiadores da UnoAmerica no país[205].

Por fim, nos cabe discutir a presença nesta tabela da Tradição, Família e Propriedade (TFP), através de sua cisão os "Fundadores da TFP", que aparece em três referências: o site deste último, o Instituto Plínio Correia de Oliveira, e o Paz no Campo. Segundo Gizele Zanotto, a TFP é:

> [...] entidade civil fundada em 1960 por um grupo de católicos leigos conservadores. Sua matriz de interpretação do mundo deriva do catolicismo integrista, doutrina contra-revolucionária que preconiza uma reedificação da ordem social cristã como única solução aceitável para a solução dos problemas engendrados desde o fim da época medieval pela chamada modernidade. Tal proposta orienta doutrinária e praticamente a atuação cultural e política dos membros da TFP frente à sociedade brasileira e reveste-se de uma dupla natureza, temporal e sobrenatural, ou seja, além de um projeto sócio-político tal restauração é considerada pelos tefepistas como uma questão vital de verdade e de salvação[206].

Seu principal organizador foi Plínio Correia de Oliveira, autor de Revolução e contra revolução de 1959, até hoje um de seus principais documentos. Após seu falecimento em 1995, a

---

[203]INSTITUTO MILLENIUM. *Parceiros*. op. cit.
[204]SILVEIRA, L. "Fabricação de Ideias, Produção de Consenso: Estudo de Caso do Instituto Millenium e Casa das Garças". *XXVIII Congresso anual da ALAS*. Disponível em http://www.sistemasmart.com.br/alas/arquivos/alas_GT17_Luciana_Silveira.pdf, acessado em 15.02.12.
[205]INSTITUTO MILLENIUM. *Articulistas e colunistas*. op. cit.
[206]ZANOTTO, G. "Tradição, Família e Propriedade: Cristianismo, sociedade e salvação" *In*. *Anais do XI Congresso Latino-Americano sobre Religião e Etnicidade* - Mundos Religiosos: Identidades e Convergências. Disponível em http://www.larc.ufsc.br/arquivos/tfp_cristianismo_soc_salvacao.pdf, acessado em 13.02.12.

TFP dividiu-se em vários grupos, entre os quais os “Arautos do Evangelho”, a “Aliança de Fátima” e os “Fundadores da TFP”. Segundo estes últimos:

> Como infelizmente não é raro acontecer, morto o fundador, um certo grupo de pessoas resolve dar outros rumos à entidade, provocando uma divisão interna. Rebelam-se contra os que participaram da fundação e a ajudaram a dirigir desde sempre; e procuram impor suas novas idéias, de mais fácil aceitação no mundo que nos cerca. Não nos interessa aqui aprofundar as novas doutrinas, rumos e métodos dessa dissidência. Este site visa espelhar a fidelidade dos **fundadores** ao pensamento e ao espírito de Plinio Corrêa de Oliveira, em confronto com as idéias e os fatos que se atropelam no mundo atual[207].

Estes *sites* têm como articulador principal Dom Bertrand de Orleans e Bragança, herdeiro da família real brasileira, que “*percorre o Brasil fazendo conferências para produtores rurais e empresários, em defesa da propriedade privada e da livre iniciativa. Alerta para os efeitos deletérios da Reforma Agrária e dos movimentos ditos sociais*”, que segundo ele buscariam “*afastar o Brasil dos rumos benditos da Civilização Cristã, que seus antepassados tanto ajudaram a construir no País, hoje assolado por uma revolução cultural de caráter socialista*”[208]. Os “Fundadores” possuem sede própria, uma editora (especializada em questões relativas ao campo, como quilombolas e o MST), um sistema próprio de envio de cartas para congressistas (o “linha direta com Brasília”) e promovem uma variedade de eventos, onde política e religião são indissociáveis. Novamente, segundo Zanotto:

> Concebendo o mundo atual como condenado por ser pecador - infiel ao seu Deus e apóstata por renunciar as promessas divinas -, tais grupos constroem para si um futuro de glórias através da composição de uma visão maniqueísta e, porque não, simplista da sociedade, que, muito mais do que identificar o *outro* como encarnação do mal, serve para legitimar seu próprio *status* santificador. Os tefepistas, considerados em seu meio como paladinos da contra-revolução, aos poucos são instigados a acreditar que foram providencialmente escolhidos para combater a Revolução com as idéias de seu líder, idéias estas “capazes de modificar lentamente a mentalidade do homem contemporâneo e, assim, reestruturar sua alma”[209].

Ainda que com todas as distinções fica claro: esta rede é crucial para sustentação de uma rápida organização do bloco do poder em caso da crise de hegemonia. Mesmo sendo a TFP uma presença inesperada, dadas às raras referências a esta no discurso do MSM, não é de todo surpreendente, pela sua atuação em 1964, apoiando e participando ostensivamente nas passeatas em apoio ao Golpe militar logo que este ocorreu. Como escreveu Luiz Alberto Moniz Bandeira, naquele momento:

---

[207]FUNDADORES. *Quem somos*. Disponível em http://www.fundadores.org.br/servicos/qsomos/, acessado em 15.02.12.

[208]DOM BERTRAND DE ORLEANS E BRAGANÇA. *Blog de Dom Bertrand*. Disponível em http://www.paznocampo.org.br/Blog/Blog_db.asp, acessado em 15.02.12.

[209]ZANOTTO, G. “Tradição, Família e Propriedade: Cristianismo, sociedade e salvação” *In*. *Anais do XI Congresso Latino-Americano sobre Religião e Etnicidade* - Mundos Religiosos: Identidades e Convergências. op. cit.

> Enquanto a repressão prosseguia, com a invasão de lares e atentados aos direitos humanos, 200 000 pessoas (ponderável setor das classes médias e toda a burguesia) desfilaram pelas ruas do Rio de Janeiro, em 2 de abril, na Marcha da Família, com Deus, pela Liberdade, "A única nota triste", Gordon comentou [Lincoln Gordon, ex embaixador dos EUA no Brasil], "era a participação obviamente limitada das classes baixas". Sim. Banqueiros, industriais, comerciantes, latifundiários, ricos e privilegiados, todos os exploradores e todos os parasitas festejaram a vitória. Menos os trabalhadores. Eram os derrotados[210].

A tabela seguinte dá conta das ligações relacionadas com o MSM com um link de saída deste:

TABELA 21: Rede extrapartidária do MSM com um link de saída:

Site	***Links* de saída**	***Links* de retorno**	**Descrição**
advhaereses.blogspot.com	1	2	*Blog* anônimo católico
www.espada.eti.br	1	1	*Site* cristão mantido por Jeremias R D P dos Santos, formado basicamente por traduções do ministério estadunidense "*Cutting Edge*"
renatovargens.blogspot.com	1	2	*Blog* do Pastor Renato Vargens, conferencista, escritor, diretor da Scrittura Produções e pastor presidente da Igreja Cristã da Aliança em Niterói.
polibiobraga.blogspot.com	1	32	*Blog* do jornalista e advogado Políbio Braga. Já trabalhou no *Diário Catarinense*, no *Correio da Manhã*, no *Última Hora*, na *Gazeta Mercantil*, no *Zero Hora*, no *Correio do Povo*, no *Jornal do Comércio*, na *Veja* e na Exame
diplomatizzando.blogspot.com	1	6	*Blog* de Paulo Roberto de Almeida. Ele é Doutor em Ciências Sociais pela Universidade de Bruxelas. Atualmente é Bolsista Sênior de Estágio no Exterior do CNPq.
antenacrista.blogspot.com	1	1	*Blog* do bibliotecário Rodney Eloy
rightwingpumping.tumblr.com	1	3	*Blog* anônimo entitulado "*Conservative Attack Machine*" escrito em inglês e português
www.implicante.org	1	1	Portal assumido como "*oposição*" ao PT. Contém notícias, colunistas, *blogs*, vídeos e a "Petralhopédia", enciclopédia estilo "wiki" sobre políticos e acontecimentos do governo federal petista
cienciabrasil.blogspot.com	1	1	*Blog* de Marcelo Hermes, bibliotecário ex aluno da UnB, foco de maior parte de seus posts
peixotoneto.com.br	1	4	*Site* da editora Peixoto Neto, publica reproduções de artigos do MSM
olhonajihad.blogspot.com	1	459	*Blog* dedicado à propaganda anti Islã. Mantido por Guzman Moscardó, Al-Mutarjim (correspondente estadunidense) e mais um terceiro autor que prefere o anonimato
www.digestivocultural.com	1	144	*Site* de jornalismo "cultural". Publica artigos esporádicos de Félix Maier e outras reproduções do MSM
palavrasapenas.wordpress.com	1	4	*Blog* católico mantido por Fabrício L. Ribeiro,Bacharel em ciência da computação (ele é automaticamente redirecionado para o endereço "http://igrejadomestica.org"
fernandopasq.blogspot.com	1	37	*Blog* católico mantido por Fernando Pasquini
geremiasdocouto.blogspot.com	1	2	*Blog* católico mantido por Geremias do Couto
liberal.sapo.cv	1	20	Jornal de Cabo Verde, cujo repórter Casimiro de Pina tem artigos reproduzidos no MSM

---

[210]BANDEIRA, L. A. M. *O governo João Goulart*. As lutas sociais no Brasil 1961-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. p. 185-186.

Site	*Links* de saída	*Links* de retorno	Descrição
www.analitica.com	1	1	Jornal *online* venezuelano que reproduz esporadicamente artigos do MSM
robertovargas-make.blogspot.com	1	5	*Blog* de Roberto Vargas sobre catolicismo, vinhos e motocicletas
flaviomorgen.blogspot.com	1	44	*Blog* de Flávio Morgenstern, que intitula-se "*redator, Escritor, Tradutor, Analista de Mídia, Ator, Webdesigner*"
rodrigoconstantino.blogspot.com	1	26	*Blog* de Rodrigo Constantino, economista pela PUC-RJ com MBA em Finanças pelo IBMEC. Trabalha no setor financeiro desde 1997 e é autor de cinco livros. É colunista da revista *Voto*, do jornal *O Globo* e do *site* OrdemLivre.org, membro-fundador do Instituto Millenium e diretor do Instituto Liberal. Foi o vencedor do Prêmio Libertas em 2009, no XXII Fórum da Liberdade.
jaelsavelli.blogspot.com	1	14	*Blog* de Jael Savelli que busca assinalar "semelhanças" entre homossexualismo e pedofilia
cristaldo.blogspot.com	1	94	*Blog* de Janer Cristaldo. Ele é formado em Direito e Filosofia e doutor em Letras Francesas e Comparadas pela Sorbonne Nouvelle (Paris III). É escritor, tradutor e jornalista, já tendo trabalhado na *Folha de S. Paulo* e no *Estado de São Paulo*
tipsdeunoamerica.blogspot.com	1	1	*Blog* de notícias da ONG venezuelana UnoAmerica
thestupidleft.blogspot.com	1	8	*Blog* anônimo de recortes da imprensa especializado na "estupidez da esquerda"
ibloga.blogspot.com	1	3	*Blog* estadunidense anti Islã, parte da "*Infidel´s blogger aliance*"
prosaepolitica.com.br	1	10	*Blog* da jornalista Andriana Vandoni
www.portalcristaonews.com.br	1	1	*Blog* de notícias cristãs
www.midiagospel.com.br	1	1	Portal evangélico de notícias, entrevistas, vídeos, artigos, etc.
movimentoordemvigilia.blogspot.com	1	994	Site do "Movimento Ordem e Vigília contra a Corrupção". Foi criado como reação ao "mensalão" e é mantido por "Gabriela". "*Paralelamente ao trabalho do Fórum, a Gabriela participou inúmeras vezes (em nome do MOVCC) do Programa do Samir Achôa, na Rádio Trianon, no 'Falando Francamente', fazendo campanha sistemática contra a candidatura de Marta Suplicy à Prefeitura de São Paulo no pleito de 2004*".
blogsemmascara.blogspot.com	1	2185	*Blog* anônimo de reproduções de artigos e notícias anticomunistas, especialmente do MSM e de seus colunistas
www.pletz.com	1	2	*Site* de notícias da comunidade judaica
blogdafamiliacatolica.blogspot.com	1	1	*Blog* de Paulo Roberto Campos, jornalista colaborador da Revista *Catolicismo* (ligada a Tradição, Família e Propriedade) e da Agência Boa Imprensa
opiniaoenoticia.com.br	1	3	Jornal *online* ligado ao Instituto Millenium, "*que acredita na democracia e na economia de mercado. Embora contemos com alguns órgãos de imprensa tradicionais e respeitáveis, falta na nossa mídia uma voz que defenda as idéias liberais nas quais acreditamos. Sentimos também a ausência de um maior interesse pela conjuntura internacional*"
frenteocidental.com	1	128	*Blog* de recortes de publicações "pró Ocidente", especialmente de Carvalho e do MSM
reporterdecristo.com	1	5	*Site* cristão que publica artigos enviados por leitores, os "repórteres de Cristo". Reproduz uma série de matérias do MSM
angueth.blogspot.com	1	91	*Blog* de Antonio Emilio Angueth de Araujo, escritor e tradutor
christianrocha.wordpress.com	1	6	*Blog* de Christian Rocha, professor de hatha yoga, aikido e ritos tibetanos

Site	*Links* de saída	*Links* de retorno	Descrição
darkabysses.blogspot.com	1	22	*Blog* de divulgação e entrevistas “conservadoras” mantida por “Stella” e “Suzy” (cada uma delas mantém um *blog* separado com a mesma temática)
www.hacer.org	1	9	O HACER (sigla para *Hispanic American Center for Economic Research*) é uma organização que apóia uma série de entidades locais na América Latina (não só hispânica) tendo como objetivo promover estudos relacionados aos valores individuais, liberdade econômica, limitação estatal e responsabilidade individual. São ligados ao ATLAS e no Brasil indicam os seguintes parceiros: Instituto Liberal, Instituto Liberdade, Instituto Von Mises Brasil, Instituto Millenium e o Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista
realityisoutthere.blogspot.com	1	2	*Blog* de um anônimo “*inconformado com nossa 'terceiromundice*'”
libesfera-libertatum.blogspot.com	1	2	Divulga uma lista de *blogs* “liberais” entitulada “Liberesfera” feita por Klauber Cristofen Pires
palavracesa.blogspot.com	1	75	*Blog* de José Maria e Silva, jornalista e sociólogo, mestre em Sociologia pela UFG. Foi redator-chefe do Jornal *Opção* e comentarista do programa *Falando Sério*, da Rádio Interativa FM
acarajeconservador.blogspot.com	1	221	*Blog* mantido por Pedro Ravazzano e Edson Carlos de Oliveira

FONTE: Pesquisa efetuada entre os dias 01.01.12-07.02.12.

A última tabela é formada quase exclusivamente por *sites* e *blogs* de leitores “militantes”, estejam estes em processo de formação visando integrar-se ao MSM, ou que compartilhem suas premissas ideológicas básicas, integrando-as às suas próprias percepções sociais. No primeiro caso temos o “*Blog* Sem Máscara”, de Flávio Morgenstern e os participantes do “Movimento Ordem e Vigília”, não sem motivo os *sites* que possuem o maior número de *links* de retorno ao MSM. No segundo caso, encontramos o jornalista Políbio Braga, o jornalista e sociólogo José Maria e Silva, o economista Rodrigo Constantino, e o Pastor Renato Vargens. Ainda entre os “leitores militantes”, chama a atenção o “Diplomatizzando” de responsabilidade do Doutor em Ciências Sociais Paulo Roberto de Almeida, que por sua posição e status acadêmico, mediatamente acaba por revestir o discurso do MSM de certo caráter erudito, mesmo que em nível meramente formal. Do mesmo modo através do *blog* de Marcelo Hermes, ligado à Juventude Conservadora da UnB, em nível da política estudantil, indica-se certa assimilação do MSM na academia, ainda que com todas as restrições que encontradas pelo grupo neste campo.

Também temos de assinalar a efetividade do discurso ideológico do MSM em grupos católicos e evangélicos, que formam a maioria dos *sites* e *blogs* desta última tabela. Nesta verificamos ainda entidades que estão ligadas ao MSM através de mediações com os outras entidades da rede extrapartidária, caso do estadunidense HACER (*Hispanic American Center for Economic Research*, Centro Hispânico Americano para Pesquisa Econômica), que não reivindica abertamente o MSM, mas é ligado organicamente ao Instituto Liberal, Instituto Liberdade, Instituto Von Mises Brasil, Instituto Millenium e o Centro Interdisciplinar de Ética e Economia Personalista

(este último de responsabilidade de Ubiratan Iorio).

Metodologicamente esta leitura em rede, que utilizou como indicativos sociais de relacionamento os “nós” formados entre o MSM e os demais *sites*, permitiu-nos desvendar uma série de tramas, trazendo a tona diversas instituições, órgãos de comunicação e agentes políticos, que não iriam emergir através da leitura simples dos textos do MSM. Deste modo consideramos válido seu uso, mesmo com a condição de investigação de somente duas profundidades nos “*links* de saída” descobertos através da análise completa do *site* do MSM. Após a leitura destas três tabelas podemos observar que sua rede extrapartidária realiza mais do que meras “ligações”, sendo formadoras efetivas do seu discurso ideológico, caso já enfatizado na primeira tabela.

A observação mais detalhada desta rede delimita e afirma a penetração social de seu discurso, seja entre as entidades da burguesia, caso de diversos institutos presentes nas três tabelas – e especialmente verificadas na segunda (enfatizando o tamanho e importância do IMIL), bem como entidades da pequena burguesia (Associação Comercial de São Paulo, Instituto Federalista, etc.), religiosas (TFP, *blogs* e *sites* cristãos), de associações “pró-família” (talvez os mais enfáticos em reproduzirem os argumentos do MSM sobre a “crise da humanidade”, como discutiremos adiante), etc. Afirmando diferentes frentes que intencionam a “contrarrevolução” moral do homem o MSM atua tanto em sua rede extrapartidária quanto através desta buscando a formação consciente de uma base militante, “combatente” em uma série de trincheiras (baseando-se em diferentes instituições, tomadas como “decadentes”, como a Igreja, a religião cristã, a família, o exército, etc.) contra uma guerra “cultural” que perpassaria e contaminaria a totalidade do corpo social.

8. O MSM EM SEUS MARCOS IDEOLÓGICOS:

> "*Em contraste com as filosofias políticas antigas, que só admitiam revoluções para a restauração de direitos tradicionais usurpados, todas as ideologias revolucionárias modernas assentam-se na premissa absurda de que a mera hipótese de novos direitos, tão logo enunciada, deva conferir a seus porta-vozes o direito de matar para realizá-los: o direito à revolução torna-se ele mesmo a norma fundamental da qual derivarão todos os demais direitos. E a revolução, sendo o primeiro dos direitos, não tem de esperar que o estado de coisas se torne insuportável: é revolução permanente, empenhada em destruir não apenas um determinado mal, mas todo bem que não seja de natureza revolucionária, isto é, todo o bem que, inalteravelmente, exista desde o começo dos tempos. Assim, sempre que uma revolução terminar em banho de sangue e recrudescimento da tirania (como todas terminam), o teórico dirá que isso aconteceu porque ela não foi suficientemente revolucionária, e que é preciso começar tudo de novo e em maior escala. A mística da revolução mostra que a tendência da modernidade à idealização sentimentalista do mal traz consigo a perda do senso das proporções e o embotamento completo da inteligência moral*".
>
> Olavo de Carvalho, *O futuro do pensamento brasileiro*. Rio de Janeiro: Editora da Faculdade Cidade, 2007. p. 26.

Neste capítulo analisaremos o MSM em seu cerne ideológico, interrogando os marcos referenciais utilizados para constituírem sua *análise ideológica da realidade*. Reinteremos, não pretendemos (e nem seria possível), compreender o MSM como produtor de conhecimento, de um discurso cientificamente validável que visaria explicar e/ou desmistificar a vivência dos homens no tempo, o que nos levaria a considerar suas proposições como *interpretações possíveis (ou mesmo plausíveis) da realidade*. O que faremos aqui é buscar explicitar para nosso leitor estes referenciais entendendo que a *distorção analítica calculada do real* praticada por eles cumpre uma função social e política: a de buscar representar interesses políticos e sociais de um grupo como suposto interesse nacional, ou seja, buscando elevar as representações, valores e preconceitos de uma classe a caracterizações de caráter universal, trazendo com isto a falsa sensação de serem portadores de um projeto de sociedade particular. Neste sentido nos cabe responder suas afirmações, já que partimos da premissa de que *a verdade sempre é revolucionária*, e que deixarmos de fazer esta crítica seria menosprezar as funções sociais para as quais estas distorções prestam.

O procedimento de expulsão da verdade histórica é observado na citação escolhida para abrirmos este capítulo, onde Olavo de Carvalho, seguindo um caminho aberto por Karl Manheinn[211], afirma para seu leitor ser a filosofia política uma mera transposição ideológica, da qual resguarda desta qualificação as filosofias "antigas", que obviamente situa em sentido metafísico, supostamente além da realidade na qual fora constituída. Esta é sua chave para associar as filosofias "modernas" – no sentido de terem nascido sob o capitalismo, e que compreendem sua

[211]Sobre isto ver SCHAFF, A. *História e verdade*. op. cit. p. 258.

função para além da teoria abstrata, como metodologias para a análise da realidade e para a atuação coletiva dos homens nesta (no que simplifica como "mera busca de direitos"), históricas e que, portanto, compreendem o estado das coisas como passível de mudança – com a perda do senso de proporções, já que colocaria o horizonte de expectativa destes homens e mulheres engajados acima de uma consciência moral a-histórica, de suposta origem divina e/ou "natural". Nisto observa-se claramente a utilização deste discurso como recurso de convencimento, exatamente por invocar proposições morais profundamente enraizadas ideologicamente nas sociedades ocidentais, proposições como advindas "de fora da história", teológicas, que tornam-se tabus se inquiridos como históricos.

Antes de adentrarmos o MSM, nos cabe situar conceitualmente a questão da ideologia, cujo conteúdo não pode ser resumido a uma leitura idealista, como uma batalha de ideias dissociadas de seu chão material, "*à atividade material e ao intercâmbio material dos homens*"[212]. Retornando para Marx e Engels:

> São os homens os produtores de suas representações, suas ideias, etc., mas os homens reais e atuantes, tal como são condicionados por um determinado desenvolvimento de suas forças produtivas e das relações a eles correspondentes, até chegar às suas mais amplas formações. A consciência nunca pode ser outra coisa que o ser consciente[213].

A ideologia não se faz mero reflexo mecânico de uma determinada base material, que emergiria como consequência natural de dado desenvolvimento produtivo. A ideologia só pode ser compreendida dentro da análise concreta da luta de classes, não ignorando a necessidade da distinção entre verdade e falsidade, mas que a compreenda além destes marcos, através de sua função e eficácia real para agrupar classes, e frações destas, em posições de domínio e de subordinação. Para tanto iremos novamente recorrer a Gramsci. Ele conceitua ideologia através de duas categorias: a primeira é a das "*ideologias historicamente orgânicas, isto é, que são necessárias a uma determinada estrutura*", enquanto que "*têm uma validade que é validade 'psicológica': elas 'organizam' as massas humanas, formam o terreno no qual os homens se movimentam, adquirem consciência de sua posição, lutam, etc.*". E a segunda encarrega-se das "*ideologias arbitrárias, racionalísticas, 'voluntaristas'*", que "*não criam mais do que 'movimentos' individuais, polêmicas, etc.*". Mesmo atribuindo um lugar menor para estas, ainda afirma que "*nem mesmo estas são completamente inúteis, já que funcionam como o erro que se contrapõe à verdade e a afirma*"[214].

Para Gramsci estas duas distinções são cruciais na distinção do entendimento genérico do conceito: "*um elemento de erro na consideração sobre o valor das ideologias, ao que me parece,*

---

[212]MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martin Claret, 2004. p. 51.
[213]Idem.
[214]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 237-238.

deve-se ao fato (fato que, ademais, não é casual) de que se dê o nome de ideologia tanto à superestrutura necessária de uma determinada estrutura", assim, "*como às elucubrações arbitrárias de determinados indivíduos*". Então aponta três pontos desta depreciação: primeiro, "*identifica-se a ideologia como sendo distinta da estrutura e afirma-se que não são as ideologias que modificam a estrutura, mas sim vice-versa*". No segundo "*afirma-se que uma determinada solução política é 'ideológica', isto é, insuficiente para modificar a estrutura, enquanto crê poder modificá-la se afirma que é inútil, estúpida, etc.*". Sendo que no terceiro ponto, "*passa-se a afirmar que toda ideologia é 'pura' aparência, inútil, estúpida, etc.*"[215].

E retorna a Marx e Engels, para assinalar a:

> [...] freqüente afirmação de Marx sobre a "solidez das crenças populares" como elemento necessário de uma determinada situação. Ele diz mais ou menos isto: "quando esta maneira de conceber tiver a força das crenças populares", etc. Outra afirmação de Marx é a de que uma persuasão popular tem, com frequência, a mesma energia de uma força material, ou algo semelhante, e que é muito significativa. A análise destas afirmações, creio, conduz ao fortalecimento da concepção de "bloco histórico", no qual, precisamente, as forças materiais são o conteúdo e as ideologias são a forma, distinção entre forma e conteúdo meramente didática, já que as forças materiais não seriam historicamente concebíveis sem forma e as ideologias seriam fantasias individuais sem as forças materiais[216].

Aqui, se faz necessário que se esclareça a conceituação de Gramsci acerca das metáforas de infraestrutura e superestrutura de Marx. Ele as compreende como um bloco histórico, ou seja, uma unidade dialética das instâncias, sendo a "*unidade entre a natureza e o espírito (estrutura e superestrutura), unidade dos contrários e dos distintos*". Ao que questiona: "*pode-se introduzir o critério de distinção também na estrutura? Como se deverá entender a estrutura: como sistema das relações sociais será possível distinguir os elementos 'técnica', 'trabalho', 'classe', etc.*", conceitos situados "*historicamente e não 'metafisicamente'?*"[217]. Segundo Lúcia Neves e Ronaldo Sant´anna:

> Entre estrutura e superestrutura existe, portanto, um nexo necessário e vital. Por isso mesmo, conforme a visão gramsciana – e este é um de seus pontos mais centrais –, as possibilidades de que as superestruturas se constituam em resultante mecânica do que os homens vivenciam no plano estrutural representam uma séria distorção, posto que a articulação entre os planos aponta, inclusive para a possibilidade de que ocorra certa autonomia das relações superestruturais, conforme a conjuntura histórica, as correlações de forças e o grau de organização de uma formação social. Tal fato evidentemente não descarta, mas reforça a mencionada articulação entre os planos, porque essa relação de reciprocidade entre forças materiais e ideologias aponta para uma possibilidade concreta de o desenvolvimento histórico das formações sociais capitalistas ser uma resultante da simultaneidade entre instrumentos de coerção, persuasão das forças político-sociais em disputa pela hegemonia político-social e

---

[215]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 237-238.
[216]Idem. p. 238.
[217]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 26-27.

alterações concretas nas forças materiais de produção social[218].

Reafirmar esta leitura é crucial, pois como indicado, existem leituras reducionistas e distorcidas da obra de Gramsci, que se tornaram corrente através de autores como Norberto Bobbio, Perry Anderson ou até mesmo de Francisco de Oliveira, em que suas categorias orgânicas são cindidas e até tomadas como antagônicas[219], seja em relação ao Estado integral ou acerca do bloco histórico. O mesmo tipo de aviso que Gramsci fazia ao apagamento da relação dialética para as metáforas base e superestrutura, que alguns interpretavam em Marx, serve para os que distorcem sua obra: "*a pretensão (apresentada como postulado essencial do materialismo histórico) de apresentar e expor qualquer flutuação da política e da ideologia como uma expressão imediata da infra-estrutura deve ser combatida*", seja "*teoricamente, como um infantilismo primitivo, ou deve ser combatida, praticamente, com o testemunho autêntico de Marx, escritor de obras políticas e históricas concretas*"[220].

A ideologia não pode ser compreendida senão dentro de determinadas correlação de forças sociais, deixando claro que isso não a torna um sinônimo de hegemonia. Esta não pode ser resumida na ideologia, que a inclui como um de seus aspectos, mas refere-se à relação dialética total da luta de classes, afetando todos os níveis e aspectos da sociedade. Como já argumentado em nosso referencial teórico metodológico, a superação do conceito de revolução permanente pelo de hegemonia é crucial para podermos compreender o terreno das lutas sociais complexificadas, já que este novo momento histórico requer uma nova estratégia de atuação, que deixa de ser baseada na guerra de movimento para assumir a guerra de posições. Esta "*constitui para a arte política algo similar às 'trincheiras' e às fortificações permanentes de frente de combate na guerra de posição: faz com que seja apenas 'parcial' o elemento do movimento que antes constituía 'toda' a guerra, etc.*"[221]. Gramsci, para situar esta mudança retorna ao manuscrito *Greve geral, partido e sindicatos* de Rosa Luxemburgo, "*um dos documentos mais significativos da teorização da guerra manobrada aplicada à arte política*", para pensar a antiga estratégia, já assinalando a Revolução de Outubro como sendo o "*último fato deste gênero na história política*", ou pelo menos no caso europeu[222]. A antiga estratégia baseava-se no "*elemento econômico imediato (crises, etc.)*", que era "*considerado como a artilharia de campo*", responsável pelos seguintes efeitos: o primeiro, por "*abrir a brecha na defesa inimiga, depois de ter desbaratado o próprio inimigo e de levá-lo a perder a fé em si, em suas forças e em seu futuro*". O segundo, por "*organizar de modo fulminante as próprias tropas, criar os quadros ou, pelo menos, colocar com rapidez os quadros existentes (criados até então pelo*

[218]NEVES, L. M. W.; SANT´ANNA R. "Introdução: Gramsci, o Estado educador e a nova pedagogia da hegemonia". *In*. NEVES, L. M. W. *A nova pedagogia da hegemonia*: estratégias do capital para educar o consenso. op. cit. p. 21.
[219]BIANCHI, A. *O laboratório de Gramsci*: filosofia, história e política. São Paulo: Alameda, 2008. p. 173.
[220]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 238.
[221]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 24.
[222]Idem. p. 73.

processo histórico geral) em seu lugar de enquadramento das tropas dispersas". E por fim, por "*criar de modo fulminante a concentração ideológica da identidade do fim a alcançar*". Sobre a guerra de movimento, o autor ainda salienta que "*era uma forma de férreo determinismo economicista, com o agravante de que os efeitos eram concebidos como rapidíssimos no tempo e no espaço; por isso, tratava-se de um verdadeiro misticismo histórico, da expectativa de uma espécie de fulguração milagrosa*". Será, então, através da leitura analítica da relação de forças de determinada formação social, suas peculiaridades, que reside o fator decisivo para a organização, para a atuação estratégica. "*Trata-se, portanto, de estudar com 'profundidade' quais são os elementos da sociedade civil que correspondem aos sistemas de defesa na guerra de posição*"[223]. A citação seguinte traz elementos tanto para compreendermos a mudança estratégica quanto sua organização:

> *Passagem da guerra manobrada (e do ataque frontal) à guerra de posição também no campo político*. Esta me parece ser a questão de teoria política mais importante posta pelo período do pós-guerra e a mais difícil de responder corretamente. Ela está ligada às questões levantadas por Bronstein [Trotsky], que, de um modo ou de outro, pode ser considerado o teórico político do ataque frontal num período em que este é apenas causa de derrotas. Só indiretamente (mediatamente) esta passagem na ciência política está ligada àquela ocorrida no campo militar, se bem que, certamente, exista uma relação, e essencial. A guerra de posição exige enormes sacrifícios de massas imensas da população; por isto, é necessária uma concentração inaudita da hegemonia e, portanto, uma forma de governo mais "intervencionista", que mais abertamente tome a ofensiva contra os opositores e organize permanentemente a "impossibilidade" de desagregação interna: os controles de todo tipo, políticos, administrativos, etc., reforço das "posições" hegemônicas do grupo dominante, etc. Tudo isto indica que se entrou numa fase culminante da situação política-histórica, porque na política a "guerra de posição", uma vez vencida, é definitivamente decisiva[224].

Assim sendo, a disputa no terreno da ideologia tem que ser considerada como parte constitutiva da guerra de posições no campo político, o que Gramsci desenvolve no parágrafo intitulado *Paradigmas de história ético-política*, acerca da interpretação que Croce ofereceu para a história europeia do século XIX, e da Itália da época moderna, que resgata em seu devir histórico, indagando se "*em sua tendenciosidade, não tem uma referência atual e imediata, não tem por finalidade criar um movimento ideológico correspondente ao da época tratada*"[225]. Compreendendo a função de Croce como intelectual de uma classe, entende seus posicionamentos em seu alcance total, mesmo que mediado pelos campos aos quais remonta, e o faz quando situa socialmente o movimento de devir operado pelo autor, compreendendo-o em termos ideológicos e políticos, com funções distintas dentro da guerra de posições:

---

[223]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 71-73.
[224]Idem. p. 255-256.
[225]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 299.

> A hipótese ideológica poderia ser apresentada nestes termos: ter-se-ia uma revolução passiva no fato que, por intermédio da intervenção legislativa do Estado e através da organização corporativa, teriam sido introduzidas na estrutura econômica do país modificações mais ou menos profundas para acentuar o elemento "plano de produção", isto é, teria sido acentuada a socialização e cooperação da produção, sem com isso tocar (ou limitando-se apenas a regular e controlar) a apropriação individual e grupal do lucro. No quadro concreto das relações sociais italianas, esta pode ter sido a única solução para desenvolver as forças produtivas da indústria sob a direção das classes dirigentes tradicionais, em concorrência com as mais avançadas formações industriais de países que monopolizam as matérias-primas e acumularam gigantescos capitais. Que um tal esquema possa traduzir-se em prática, e em que medida e em que formas, isto tem um valor relativo: *o que importa política e ideologicamente, é que ele pode ter, e tem realmente, a virtude de servir para criar um período de expectativa e de esperanças, notadamente em certos grupos sociais italianos,* como a grande massa dos pequenos burgueses urbanos e rurais, e conseqüentemente, para manter o sistema hegemônico e as forças de coerção militar e civil à disposição das classes dirigentes tradicionais. *Esta ideologia serviria como elemento de uma "guerra de posição" no campo econômico (a livre concorrência e a livre troca corresponderiam à guerra de movimento) internacional, assim como a "revolução passiva" é este elemento do campo político. Na Europa de 1789 a 1870, houve uma guerra de movimento (política) na Revolução Francesa e uma longa guerra de posição cujo representante, além de prático (para a Itália), ideológico (para a Europa), é o fascismo*[226].

Existe um papel ativo da ideologia na guerra de posições, estes embates perpassam o corpo social, a luta de classes. Iremos nos dedicar a entender os marcos que o MSM utiliza para unificar o discurso de seus militantes e o disseminar, visando sempre a guerra de posições na expectativa da crise aberta. Neste sentido iremos explorar tanto os textos destinados para a formação de seus militantes quanto para propaganda, buscando as edições do MSM, os sites de sua rede extrapartidária e os livros de Olavo de Carvalho.

8.1. O anticomunismo contra Gramsci:

Para uma observação consistente do elemento ideológico unificador que funciona como uma espécie de fio condutor explorado pelo MSM, este trabalho procura uma identificação deste elemento em seus discursos. Assim, elaboramos duas tabelas, buscando ilustrar o conteúdo veiculado pelo MSM nas matérias de seu primeiro ano de publicação. A edição escolhida – mesmo sendo um *site* eles periodizam-se aos modos de um jornal – foi a sua terceira (a primeira completa disponibilizada pelo *Internet Wayback Machine*), cuja chamada principal foi *A morte ronda Taiwan*, sobre o cerco chinês a ilha. Esta edição nos permite visualizar certa quantidade de pautas, mesmo sem a diversidade temática que alcançará depois. As matérias eram escritas a partir de recortes da

[226] GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. op. cit. p. 299-300. Grifos nossos.

imprensa nacional e internacional, em que os textos eram precedidos pela frase “*Qual é a caca:*”.

TABELA 22: Lista de matérias do MSM de 18.09.02:

Título matéria	Autor
Pensar faz mal	Evandro Ferreira
A intervenção cubana em Angola (com a ajuda do Brasil)	Paulo Diniz Zamboni
A má-fé contra a fé	Henrique Dmyterko
A medida exata dos crimes	Olavo de Carvalho
A Noviclínica: a reforma psiquiátrica que é feita pelos loucos	Humberto Campolina (convidado)
A Paz do Terror	Martim Vasques da Cunha
A promessa da revolução	José Nivaldo Cordeiro
A Quinta Coluna dos Direitos Humanos	Michael Radu
Agora são todos cabos eleitorais	Pedro Paulo Rocha
Alca: ninguém entende, todo mundo explica	Argemiro Luis Brum
Allende não vale as lágrimas	Félix Maier
As Grandes Invenções da mídia	Milla Kette
Bactérias nas asas de um pássaro cubano	Vários autores
Bêbados de Emoção	Sandro Guidalli
Cada vez mais longe do século XXI	Paulo Diniz Zamboni
De Gorilas a Macacos Amazônicos	Carlos Alberto Reis Lima
Delírio global, sabotagem local	Henri Carrières
El cóndor pasa (e até os urubus tapam o nariz)	Félix Maier
Neo-Lula, sugestão coletiva e cubanização	Vários autores
Lula está excomungado. Os outros candidatos também	Olavo de Carvalho
A velha China e seus filhotes, ou: a prova que faltava	Vários autores
Rússia preparam invasão da Geórgia	Olavo de Carvalho
Três fariseus no palanque	Olavo de Carvalho
Um dia de cão	José Nivaldo Cordeiro
Estou fora de Época	Olavo de Carvalho
Fidel: salvando a alma ou o regime?	Vários autores
Globo da Morte	Carlos Alberto Reis Lima
Hitler e o PT	Vários autores
Jornalismo paranóico da mídia esquerdista brasileira: a culpa é do jornaleiro	Paulo Diniz Zamboni
Muito barulho por nada	Milla Kette
Notas de Graça Salgueiro	Graça Salgueiro
O escândalo que não houve	Milla Kette
Opressão e propaganda nas escolas: depoimentos de estudantes	Patrícia C. de Andrade
Paz, nem pensar	Vários autores
Perderam o bonde da História... e o dinheiro da passagem	Janer Cristaldo
Perseguição religiosa em Cuba nunca parou	Vários autores
Quem fiscaliza os fiscais?	Alceu Garcia
Quem mente?	Denis Rosenfield

FONTE: MÍDIA SEM MÁSCARA. *Arquivos*. Disponível em http://web.archive.org/web/20021004015706/www.midiasemmascara.org/arquivo.asp, acessado em 10.10.10.

A tabela seguinte permite-nos situar o conteúdo veiculado naquela edição, podendo avaliar como os seus colunistas articulam uma série de temas e questões em torno de suas proposições políticas, geralmente apresentadas como conclusões, servindo os diversos tópicos como reafirmações destas. Por uma questão de apresentação, dos 38 artigos, selecionamos os 10 primeiros (selecionados por ordem alfabética):

TABELA 23: Análise de 10 matérias do MSM de 18.09.02:

Título da matéria	Assunto principal	Ênfase do autor
Pensar faz mal	Desautorizar a relativização da ciência defendida por de Maria José Esteves de Vasconcellos, em artigo no jornal *Estado de Minas* de 31.08.02	Qualificar a autora como esquerdista para entender sua ênfase na linguagem em suas possibilidades de alterar o mundo material como programação neurolinguística
A intervenção cubana em Angola (com a ajuda do Brasil)	Denunciar o silêncio da mídia nacional acerca do patrocínio da governo brasileiro, ainda na ditadura ao governo supostamente socialista de Angola na década de 70, que contou com apoio cubano para rechaçar as tropas da África do Sul	Denotar o caráter imperialista e expansionista do comunismo, em especial da URSS, que teria feito 100 mil vítimas em Angola; e fazer a defesa da África do Sul que foi ao combate dos comunistas e que a mídia mundial rechaçou por causa de seu regime de apartheid, motivo que levou aos EUA a não intervir no combate, isenção que só teria levado a mais mortes
A má-fé contra a fé	Apontar distorções no artigo “A Bíblia passada a limpo - Descobertas recentes da arqueologia indicam que a maior parte da escrituras sagradas não passa de lenda” publicado na edição de julho de 2002 da revista *SUPER Interessante*, especialmente com a obra do historiador conservador Paul Johnson	Ilustrar a distorção tendenciosa que a mídia opera para desacreditar a religião em termos científicos
A medida exata dos crimes	Contabilizar os mortos pela ditadura argentina, que de 30.000 acabam por serem considerados “autênticos” meros 687, o resto sendo somente “desaparecidos”	Invocar a comparação com os 10.000 mil mortos por Cuba em Angola, com o apoio de Geisel, e ressaltar que novamente a não intervenção estadunidense só resultou em mais mortes
A Noviclínica	Resposta para Gilda Paolielo, presidente da Associação Mineira de Psiquiatria, que em nota introdutória ao X Congresso Mineiro de Psiquiatria defende a continuidade e aprofundamento da reforma psiquiátrica no Brasil, considerada irresponsável	Apontar que a reforma psiquiátrica não só tem um fundo político de esquerda mas como é impraticável, visando então, “amansar consciências individuais que se aventurassem contra o pensamento monolítico do coletivismo burocrático reinante”
A Paz do Terror	Apresentar dados que denunciam a China como ator político global ofensivo (negociação com os Talibans no mesmo dia dos ataques às Torres Gêmeas nos EUA , “sequestro” de Taiwan, perseguição religiosa, educação doutrinante, bloqueio do Google, etc.)	Creditar a abertura da China ao capitalismo como parte de sua expansão política em disputa pela hegemonia global, reafirmando, mesmo sem citar, o “choque de civilizações” de Samuel Huntington
A promessa da revolução	Refutação de texto de Leonardo Boff, publicado no Jornal do Brasil em 23/08/02, utilizando para tanto argumentações de Raymond Aron	Situar Lula como o “portador” da vontade coletiva revolucionária

Título da matéria	Assunto principal	Ênfase do autor
A quinta coluna dos direitos humanos	Compreender a ação esquerdista de ONG´s focando aqui as acusações destas da cumplicidade dos EUA na Operação Condor e assim isentando a responsabilidade dos grupos revolucionários pelos seus atos	Afirmar que qualquer disputa sobre o passado histórico conduzida por entidades de direitos humanos visaria somente limpar a imagens de terroristas marxistas
Agora são todos cabos eleitorais	Anotar a dificuldade de se atribuir culpa à figura do Lula "*light*", por ato de camuflagem desenvolvido pela esquerda para seu "pai espiritual"	Ilustrar o poder de ilusão da esquerda em consonância com a atuação da mídia nacional
Alca: ninguém entende, todo mundo explica	Refutar argumentos divulgados na imprensa sobre a perda de soberania nacional caso o país assinasse o acordo da Alca	Ilustrar que o acordo é satisfatório ao país, tal qual fora ao Japão e demais países europeus "beneficiados" por acordos no Pós-Guerra

FONTE: MÍDIA SEM MÁSCARA. *Arquivos*. op. cit.

O que podemos observar explicitamente é que o anticomunismo figura como tônica principal do MSM – ainda nesta edição, colateralmente fica clara a questão do imperialismo, na defesa da superioridade estadunidense no plano global como necessária para a existência do "mundo livre". O anticomunismo foi o elemento unificador de todos estes intelectuais no MSM, é o fio condutor de toda a sua ação política, que escapa do simples discurso, pois apropria-se deste para a atuação efetiva, para seu posicionamento estratégico, sob a forma da guerra de posições. Institui-se, desta forma, uma rede partidária que redimensiona e amplifica o seu alcance político, articulando uma série de grupos conservadores e reacionários em uma perspectiva ofensiva, sem que com isto estes passem a se posicionar de maneira abertamente fascista, caso do Instituto Millenium, por exemplo. Esta rede é constituída para disseminar um modo de ser, sendo capaz de posicionar-se coerentemente diante das disputas do dia a dia, utilizando estes espaços para criar seus intelectuais orgânicos, destinados a agir visando sempre à crise. Em artigo de seu seminário de filosofia, escrito destinado à formação destes intelectuais, Olavo de Carvalho julga que:

> Nenhuma análise séria de fatos políticos pode ser feita do ponto de vista conservador e do livre mercado a não ser que primeiro absorva a perspectiva do adversário. Se você não é capaz de fazer uma análise Marxista da situação exatamente como os teóricos e estrategistas do movimento revolucionário a fariam, suas opiniões sobre as políticas de esquerda irão sempre ser meras tentativas de projetar sobre isto categorias que não domina, ajudando, ainda, a encobrir as verdadeiras intenções e conferir às táticas e estratégias esquerdistas o privilégio de quase invisibilidade absoluta. Afinal, o Marxismo não é somente uma "ideologia": é a estratégia da práxis revolucionária e, neste sentido, uma ciência – uma ciência extremamente complexa e sutil, sobre a qual os fazedores de opinião conservadores e do livre mercado brasileiros não sabem praticamente nada. O deslocamento entre categorias analíticas e a natureza dos fenômenos estudados é uma garantia certa de incompreensão, e incompreensão é o curso da origem dos monstruosos erros estratégicos que, nos últimos trinta anos, reduziram a economia de livre mercado e o conservadorismo de forças reinantes para exceções doentias que somente se mantém graças à tolerância provisória do mercado. É fácil observar os erros da economia Marxista do lado de fora e pontificar cada movimento desta como condenado a fracassar. Mas a estratégia

> do movimento comunista não é, de todo, uma direta e mecânica consequência da economia. E principalmente isto não ocorre na esfera da luta cultural, aonde as manobras e rodeios da intelectualidade ativista vão na direção oposta direção oposta da que se poderia deduzir do Marxismo economicista vulgar. A estratégia do movimento revolucionário é essencialmente um ramo do conhecimento que tem alguma autonomia própria e não pode ser dominada exceto após longos anos de estudo. E somente aprendendo a pensar como os teóricos da revolução mundial que cada um pode transcender sua própria visão das coisas e condenar isto de uma maneira bem fundamentada. Para atirar pedras nisto do lado de fora é cair para seu nível e se tornar uma vítima cega do processo revolucionário[227].

O anticomunismo é tratado como a necessidade de se abordar consequentemente teórica e estrategicamente os movimentos do inimigo, uma ciência contra revolucionária, embora não resuma-se a isto. É importante lembrar que este texto é para "iniciados", para a capacitação de seus "quadros". O anticomunismo, segundo Lavabre, em seu sentido amplo:

> [...] pode ser definido como uma hostilidade sistemática ao comunismo, traduzindo-se de acordo com seu grau de desenvolvimento questionando o suporte teórico e ideológico do comunismo (o marxismo) ou das forças e regimes que o encarnariam (os partidos comunistas, os "países socialistas"). Para os comunistas, o anticomunismo é uma operação que consiste em caricaturizar os objetivos e as práticas do movimento comunista para o melhor combater[228].

Ele já aparece no *Manifesto do Partido Comunista*, onde Marx e Engels demandam que a Liga dos Comunistas coloque-se em combate contra as caricaturas e distorções do programa comunista pelo que chamaram de "santa aliança"[229]. Eles distinguiram dois elementos no

---

[227]"*No serious analysis of political facts can be made from the conservative and free-market point of view unless this stance first absorbs the adversary's perspective. If you are not capable of making a Marxist analysis of a situation exactly as the theorists and strategists of the revolutionary movement would make one, your opinions about left-wing politics will always be mere attempts to project onto it categories which are not its own, helping, therefore, to cover up its true intentions and confer upon leftism's tactics and strategies the privilege of almost absolute invisibility. After all, Marxism is not only an "ideology": it is a strategy of revolutionary praxis and, in this sense, a science—an extremely complex and subtle science, about which Brazilian free-market and conservative opinion makers do not know practically anything. The dislocation between analytical categories and the nature of the studied phenomenon is a sure guarantee of incomprehension, and incomprehension is in turn the origin of the monstrous strategic errors that, over the last thirty years, have reduced free-market economics and conservatism from reigning forces to sickly exceptions that only subsist thanks to the system's provisional tolerance. It is easy to observe the errors of Marxist economics from the outside and pontificate that every movement based upon it is condemned to failure. But the strategy of the communist movement is not, at all, a direct and mechanical consequence of its economics. And chiefly it is not so in the sphere of cultural struggle, where the maneuvers and circumlocutions of activist intellectuality go in the opposite direction from that which could be inferred from vulgar Marxist economism. The strategy of the revolutionary movement is essentially a branch of knowledge that has some autonomy of its own and cannot be mastered except through long years of study. It is only learning to think as the theorists of world revolution think that one can then transcend their view of things and condemn it in a well-founded manner. To throw stones at it from the outside is to fall below its level and become a blind victim of the revolutionary process*". CARVALHO, O. de. *The secret of a terrorist*. 23.06.10. Disponível em http://philosophyseminar.com/texts/articles/165-the-secret-of-a-terrorist.html, acessado em 13.04.11. Tradução nossa.

[228]"*Au sens large, l'anticommunisme se définit comme une hostilité systématique au communisme, se traduisant selon son degré d'élaboration par une mise en cause du support théorique et idéologique du communisme (le marxisme) ou des forces et régimes qui l'incarnent (les partis communistes, les "pays socialistes"). Pour les communistes, l'anticommunisme est une opération qui consiste à travestir les objectifs et les pratiques du mouvement communiste pour mieux le combattre*". LAVABRE, M-C. "Anticommunisme" (verbete). *In*. BENSUSSAN, G; LABICA, G. *Dictionnaire critique du marxisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1982. p. 39-40. Tradução nossa.

[229]"*É tempo dos comunistas exporem, à face do mundo inteiro, seu modo de ver, seus fins e suas tendências, opondo um*

anticomunismo: o primeiro, a função de difundir o medo do comunismo, focando temas como a partilha social ou a revolta popular. O que Lavabre compreende tratar-se de

> […] dotar aos objetivos imediatos dos comunistas a negação absoluta de valores (propriedade, família, nação) da sociedade burguesa. Esta operação permite desqualificar o programa dos comunistas pela imagem catastrófica de suas consequências: a abolição da propriedade individual, fruto do trabalho pessoal, os comunistas generalizantes da preguiça; a abolição da família, que iria introduzir a comunidade das mulheres; a liberdade, a pátria são da mesma forma os principais temas do anticomunismo descrito por Marx e Engels[230].

O segundo elemento refere-se à função de atribuir ao comunismo distorções, o atacando como sendo equivalente ao que se acusa de ser comunista. Sobre isto, Marx e Engels perguntaram: "*que partido de oposição não foi acusado de comunista por seus adversários no poder? Que partido de oposição, por sua vez, não lançou a seus adversários de direita ou de esquerda a pecha infamante de comunista?*"[231]. Após a Revolução Russa o anticomunismo adquire um novo formato, o de denúncia contra a "Pátria do socialismo", baseados agora na "verificação empírica" do mal que o comunismo poderia causar. Isto dotou o anticomunismo de uma "*dimensão suplementar: a oposição mundo livre/totalitarismo, Ocidente/Oriente, ou civilização/barbárie*"[232], assim taxando os Partidos Comunistas ao redor do globo de traidores da Pátria, partidos do estrangeiro, os supondo como "destacamentos avançados" de uma conspiração global, comandada pela União Soviética:

> Se *a luta contra o comunismo* aparenta ter sido o fundamento ideológico da maioria dos políticos reacionários ou simplesmente conservadores (verificar a instauração, em seu nome, dos regimes fascistas da Europa do entre-guerras ou o macarthismo dos anos 50 nos Estados Unidos), a definição de anticomunismo escolhida, da deformação e falsificação dos posicionamentos comunistas em serviço dos políticos da direita, não apresentou problemas no uso corrente que atribuiram aos partidos comunistas. Duas classes: um projeto, a revolução; um método, o partido; um modelo, a União Soviética[233].

---

manifesto do próprio partido à lenda do espectro do comunismo". MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista/A ideologia alemã*. op. cit. p. 15-16.

[230]"[…] *Plus précisément: l'anticommunisme consiste à donner pour but immédiat des communistes la négation absolue des valeurs (propriété, famille, nation) de la société bourgeoise. Cette opération permet de disqualifier le programme des communistes par le tableau catastrophique de ses conséquences : en abolissant la propriété individuelle, fruit du travail personnel, les communistes généraliseraient la paresse; en abolissant la famille, ils institueraient la communauté des femmes; la liberté, la patrie figurent de la même manière parmi les thèmes majeurs de l'anticommunisme tel que le décrivent Marx et Engels*". LAVABRE, M-C. "Anticommunisme" (verbete). *In*. BENSUSSAN, G; LABICA, G. *Dictionnaire critique du marxisme*. op. cit.p. 40. Tradução nossa.

[231]MARX, K.; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista/A ideologia alemã*. op. cit. p. 17.

[232]LAVABRE, M-C. "Anticommunisme" (verbete). *In*. BENSUSSAN, G; LABICA, G. *Dictionnaire critique du marxisme*. op. cit. p. 40. Tradução nossa.

[233]"*Si la lutte contre le communisme apparaît bien comme le fondement idéologique de la plupart des politiques réactionnaires ou simplement conservatrices (voir l'instauration, en son nom, de régimcs fascistes dans l'Europe de l'entre-deux-guerres ou le maccarthysme dans les années 50 aux Etats-L'nis), la définition de l'anticommunisme qui a été retenue, comme déformation et falsification des positions communistes au service de politiques de droite, n'est pas sans poser problème dans l'usage courant qu'en font les partis communistes. Deux classes, deux camps: un projet, la révolution; un moyen, le parti; un modèle, l'Union soviétique*". LAVABRE, M-C. "Anticommunisme" (verbete). *In*. BENSUSSAN, G; LABICA, G. *Dictionnaire critique du marxisme*. op. cit. p. 40. Tradução nossa.

O anticomunismo não refere-se somente a atuação de um Partido Comunista em específico, como rejeição direta deste, sendo um fenômeno que estende-se a tudo o que pode ser interpretado como contribuinte ao objetivo histórico esperado pelos comunistas. Deste modo, a abrangência do comunismo amplia-se a ponto de não poder ser quantificada de maneira simples: o "espectro" ronda todo o corpo social. Em todo este haveria a possibilidade de identificar os elementos contaminados, ou melhor, passando a dotar as práticas políticas mais diversas de um sentido político específico, o comunista, atuando em contraposição ao outro. Assim, projetos políticos de fundo irracionalista retoricamente passaram a arrogar-se de serem portadores da gênese de um projeto de sociedade, pois identificando o outro em termos sub reptícios, ao qual teriam a competência especializada para classificarem e isolarem os permitiu construir uma retórica supostamente "totalizante" de contraposição, afirmação maior da sua imunidade diante da disseminação viral do inimigo.

Tal movimento acaba por reduzir o campo político em duas posições irremediavelmente contrárias, uma leitura social binária, maniqueísta. Desta redução do campo político, entre prós e contras, gera-se uma desqualificação generalizante da própria política, que passa a ser compreendida como expressão de duas naturezas distintas (onde cada posicionamento torna-se *somatória direta* em direção a um fim da história), e que em última instância, poderiam ser resumidos na divisão entre bem e mal. Este é o objetivo último do anticomunismo, negar a capacidade racional humana de distinção entre realidade e falsificação, transmutando sua consciência histórica e social em mera sensação e, portanto, atribuindo ao conhecimento a incapacidade de basear a atuação humana, *já que incompleto pois ideológico* (e incapaz de aspirar a compreensão racional da realidade). Dota irremediavelmente o conhecimento de um sentido idealista, transcendente ao homem (seja deus ou a mão invisível do mercado), tornando o homem incapaz de julgar, de atuar *racionalmente* diante da sua realidade. Isto ecoa o entendimento de Palmiro Togliatti sobre o anticomunismo, que "*significa dividir categoricamente a humanidade em dois campos e considerar... o dos comunistas... como o campo daqueles que já não são homens, por haverem renegado e postergado os valores fundamentais da civilização humana*". Ele delimita e constrói o campo de atuação dos partidos por contraposição, definindo as possíveis estratégias para especificar claramente quais são as alianças possíveis e os seus inimigos dentro do campo eleitoral parlamentar burguês, que aqui assume uma interpretação plenamente restritiva da democracia, sustentada com base à "*incompatibilidade radical com o campo oposto, da inconciliabilidade dos respectivos valores e interesses*"[234]. Retornando a Olavo de Carvalho, verificamos que esta percepção é construída de modo "autorizado" utilizando sua breve passagem pelo PCB como justificativa:

---

[234]BONET, L. "Anticomunismo" (verbete). *In*. BOBBIO, N; MATTEUCCI, N; PASQUINO, G. *Dicionário de política*. Brasília: UNB, 1998. p. 34-35.

> […] acreditamos que bastava nos dar armas e que o resto nós faríamos: construiríamos um mundo melhor. E como construiríamos um mundo melhor? Pelo velho expediente de matar — matar quem não o desejasse. Esta é sempre a solução, qualquer que seja o problema, não é mesmo? Nós tomamos em sentido literal o que dizia Jean Paul Sartre: "O inferno são os outros". Basta matá-los e está tudo resolvido, basta matar quem não concorda conosco[235].

Agrega de forma grosseira que esta visão dicotômica de mundo é formadora da especificidade da atuação comunista, exatamente porque constitui a linha divisória entre “nós” e “eles” de modo claro, supostamente objetivado seu fim histórico. Em seguida este posicionamento é reafirmado como destino imutável para o campo político. Lembrando que este é um artigo feito sobre um Discurso pronunciado no Clube Militar do Rio de Janeiro, que acaba por inverter as posições de torturados e torturadores:

> Qual era o crime dos militares? Eles eram *a Direita*. Ora, a Direita quer dizer necessariamente o mal, portanto eles eram o mal encarnado. Não interessava saber o que estavam fazendo, por que estavam fazendo, etc. Não era preciso saber nada a respeito deles para odiá-los e condená-los. Era uma espécie de maldade onto1ógica que estava grudada na constituição deles, independentemente do que fizessem ou deixassem de fazer. Se um militar socorresse um doente na rua ele continuaria sendo mau, e se um homem da esquerda maltratasse uma criancinha, ainda assim ele continuaria sendo bom, porque a bondade e a maldade não dependiam dos atos e sim da identidade ideológica. Ora esta metafísica, esta horrenda metafísica maniquéia, ela na verdade é a essência mesma da política. Um dos grandes teóricos da política no século XX foi Carl Schmitt. Ele se perguntou qual a essência da política, o que distingue a política de outras atividades, o que distingue a política da moral, do direito da economia etc. E ele diz o seguinte: quando um conflito entre facções não pode ser arbitrado racionalmente pela análise do conteúdo dos conceitos em jogo e quando portanto o conflito se torna apenas confronto nu e cru de um grupo de amigos contra um grupo de inimigos, isto chama-se — *Política*[236].

Sendo a política irremediavelmente dotada destas características, acusa, citando que “*a politização geral da vida quer dizer que um garoto de quinze, de dezesseis anos, que mal está entrando na vida, que não tem a menor idéia do que se passa neste planeta, já está cooptado, já está inscrito no grupo dos amigos, cuja única finalidade é matar o grupos dos inimigos*”, para questionar: “*mas isto é vida? Isto é perspectiva que se ofereça a um jovem: politizá-lo desde o berço, oferecer-lhe o vício da militância política como se fosse a encarnação mais alta da ética e do bem?*”, para, por fim, denunciar os suposto autores de tal ato canalha: “*ora, quantas vezes não ouvi intelectuais brasileiros fazendo a apologia da politização, condenando as pessoas que não são politizadas!*”[237]. Obviamente esta é uma pregação deletéria, mas típica para quem advoga que as decisões devem ser tomadas sobre as massas, por uma elite intelectual e política, separada em sua

---

[235]CARVALHO, O. de. *Reparando uma injustiça pessoal*. Discurso pronunciado no Clube Militar do Rio de Janeiro em 31.03.99. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/reparando.htm, acessado em 04.07.11.
[236]Idem.
[237]Ibidem.

formação cultural e econômica do resto da população. Esta leitura maniqueísta sobre o campo político é tratada de modo distinto em seu livro de 1994, *O Imbecil coletivo 1*, quando cita um artigo da revista comunista *Novos Rumos*, do ano de 1962:

> "Cabe-nos rever uma outra atitude completamente enraizada entre nós, e que evidencia uma verdadeira letargia mental. Trata-se do hábito de raciocinar dentro de esquemas fixos. Este 'método' de raciocínio se limita a apanhar os fatos e a enquadrá-los dentro do esquema pré-determinado. Exemplo é o esquema 'revolucionário x reacionário'. Segundo este esquema, tudo o que temos de fazer é classificar as pessoas, os atos e os fatos em 'revolucionários' ou 'reacionários'. Feito isto, está concluída a 'tarefa'. Como poderemos compreender a realidade, mantendo esta atitude?"[238].

Carvalho, intencionalmente utiliza a citação de uma revista comunista para "demonstrar" como a intelectualidade comunista "evoluiu" do enquadramento da realidade na teoria, de modo automático, para uma construção teórica mais desenvolvida, mais sedutora, visando com isto contaminar de maneira sub-reptícia os aportes teóricos metodológicos de seus inimigos. O cerne do que Carvalho entende como sendo o pensamento marxista não seria capaz de evitar a leitura propositadamente binária em termos utilitários, práticos e imediatos – a revolução tornar-se-ia a necessidade ulterior teleológica para toda a prática humana, substituindo as matrizes mais básicas de qualquer atividade destes. E cita como o "resultado" desta virada estratégica, a leitura dominante sobre arte na Universidade de Colúmbia, EUA:

> O que vemos, porém, na universidade norte-americana, é a redução explícita e programática da arte à propaganda política, coisa que nenhum teórico comunista ousou jamais defender, na medida em que nunca houve incompatibilidade essencial entre marxismo e senso do ridículo […] Que a nação norte-americana, após ter-se empenhado por mais de meio século na tarefa amarga e necessária de livrar-nos do comunismo, agora distribua ao mundo, a título de cultura acadêmica, um lixo que nem mesmo o embotado olfato soviético poderia suportar, é sinal de que alguma coisa de muito grave ali acontece. A luta vitoriosa contra o comunismo deixou no vencedor algo mais que cicatrizes gloriosas: tendo matado o gigante a dentadas, o herói descobre agora que o falecido era aidético. Alguns dos traços mais repugnantes da velha mentalidade comunista reaparecem ampliados na produção cultural

---

[238]MIGLIOLI, J. "O papel crítico do intelectual marxista". *Novos Rumos*. nº. 163, abril, 1962. Reproduzido em *O comunismo no Brasil*. Inquérito Policial Militar nº. 709, Rio, Biblioteca do Exército, 1966. p. 230. *apud* CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo 1*. op. cit. p. 53. Do mesmo modo isto é enfatizado na resposta de Carvalho à Roseli Fischman na Folha de São Paulo de 15 de setembro de 1998: "*Ela não discute um só de meus argumentos, não toca aliás nem de longe no assunto do meu artigo. Saltando sobre esses desprezíveis detalhes teóricos, reage a minhas opiniões com um ato político: aponta-me à platéia de pessoas boas e anti-racistas como a personificação do inimigo a ser abominado. Responde a argumentos com uma ordem de combate e transfere a discussão do terreno da 'verdade versus falsidade' para o do 'nós versus eles', amigo versus inimigo. Sendo 'nós' os representantes da tolerância e do anti-racismo, quem quer que seja designado como inimigo está automaticamente identificado como intolerante e racista, sem que seja preciso declará-lo. Mil vezes repetido - por ela mesma ou por solícitos companheiros de militância -, o discurso de D. Roseli acabará por me fazer passar por um racista: a calúnia absurda, de início tão inverossímil que não ousa vir à tona senão como um leve sussurro, terminará por ser proclamada do alto dos telhados como um dogma inquestionável e universalmente admitido, podendo eventualmente servir de prova judicial de si mesma, a título de 'fato notório'* […] *O parentesco dessa engenharia social com o fascismo é demasiado óbvio, aliás, para ter de ser enfatizado*". CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo* – calamidades intelectuais da semana: cartas e respostas. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/imbecil.htm, acessado em 10.06.11.

> exportada pelos EUA, só que rotulados como inofensivos e próprios para o consumo pelo carimbo da *Food and Drug Administration*[239].

Este tipo de percepção é possível porque para Olavo de Carvalho o anticomunismo assume duas posições distintas e complementares, por vezes tomando a forma de uma ciência, a da contraposição da estratégia marxista, e por outras, a mera rejeição do comunismo. Desta forma, explica-se que não exista nenhuma tentativa de qualificar estes escritos, entre materiais de "formação" e de "propaganda", já que, pela interpretação elitista do MSM, seria a própria capacidade intelectual do indivíduo (seu leitor) encarregada de delimitá-los. Quando trata-se de assumir a segunda forma citada de interpretação do anticomunismo, sua antítese é simplesmente considerada uma inversão da realidade, *óbvia quando compreende-se este como mera ideologia*[240], afirmando um conceito de ciência "purista", indeferida de sua função social, onde a política certamente tem espaço fundante:

> O comunismo é uma "ideologia", isto é, um discurso de autojustificação de um movimento político identificável. O anticomunismo não é uma ideologia de maneira alguma, mas a simples rejeição crítica de uma ideologia por motivos que, em si, não têm de ser ideológicos, embora possam ser absorvidos no corpo de diversas ideologias […] Não é preciso dizer que os conceitos comunistas do "burguês" e do "proletário" são igualmente fantasmagóricos – se bem que envoltos numa embalagem intelectualmente mais elegante. O próprio historiador marxista E. P. Thompson reconheceu que é impossível distinguir um "proletário" por traços econômicos objetivos: é preciso acrescentar informações culturais e até psicológicas – entre as quais, é claro, a própria auto-imagem do sujeito que se sente integrado nas "forças proletárias" pelo ódio à imagem do "burguês" […] É analisando e decompondo esses compactados verbais e comparando-os com os dados disponíveis que o estudioso pode chegar a compreender a situação em termos bem diferentes daqueles do agente político. Mas também é certo que os próprios conceitos científicos daí obtidos podem se incorporar depois no discurso político, tornando-se expressões da doxa. É isso, precisamente, o que se denomina uma ideologia: *um discurso de ação política composto de conceitos científicos esvaziados de seu conteúdo analítico e imantados de carga simbólica*[241].

Ao considerar o marxismo como mera ideologia justificadora de uma prática política propositadamente mal delimitada, Olavo de Carvalho intenta justificar a inexistência de conteúdo científico e social para conceitos deste, mas argumentando de maneira plenamente anticientífica, já que não recorre para a realidade, se instrumentalizando em uma leitura concreta desta, o que

---

[239] CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo 1*. op. cit. p. 55.

[240] "*À guisa de amostra nacional* [segundo ele, da estupidez humana], *aponto a esmo a recém-publicada tese do prof. Rodrigo Patto Sá Motta, "Em Guarda Contra o 'Perigo Vermelho': o Anticomunismo no Brasil 1917-1964". Há muito o que observar nela, tal a profusão dos meios a que o autor recorre para fazer a difamação vitriólica do anticomunismo parecer a coisa mais isenta e científica do mundo. Não sobra espaço para comentar a obra aqui, ficando pois o assunto para um artigo vindouro. Para os curiosos, adianto apenas o seguinte: Patto, sobrenome do autor, escreve-se com dois "tt". Pato, com um "t" só, é o leitor*". CARVALHO, O. de. "Apostando na estupidez humana". *O Globo*. 06.06.02. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/07062002globo.htm, acessado em 14.04.11.

[241] CARVALHO, O. de. "Ciência e ideologia". *O Globo*. 20.09.03. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/09202003globo.htm, acessado em 14.04.11.

delimitaria as possibilidades e limites em cada uso. De uma maneira simplória, e buscando apoiar-se na chamada "virada linguística"[242], considera somente a dimensão discursiva destes conceitos para reconhecer seus usos em termos de "cargas simbólicas". Ao cometer este joguete semântico dá-se por satisfeito em seus objetivos de recusa do marxismo como ciência social – ao mesmo tempo em que atira para fora das ciências sociais qualquer categoria ontológica. Esta acusação ultrapassa o marxismo (ou os partidos comunistas), é uma afirmação sobre o caráter irracional que visa dotar como formadora do campo político, *a negação da prática política racional exatamente por quem o pratica*. É a cisão completa entre dois campos sociais, o científico e o político, recusando a dialética existente entre estes, sendo o primeiro considerado criador de "justificativas simbólicas" para o segundo, um apêndice – ainda indicando implicitamente que deva ser considerado posteriormente.

Só que o MSM existe quando a União Soviética não existe mais, e a própria existência do marxismo ou do comunismo (e também do fascismo, anotemos) foi decretada acabada por autores como Francis Fukuyama, sendo que o capitalismo, a democracia parlamentar burguesa, vencedora celebraria então o *fim da história*. Para poder manter uma argumentação "da guerra fria", Carvalho então afirma que:

> O mais notável fenômeno psicológico da última década foi o "upgrade" mundial do discurso comunista, que, por meio da pura alquimia verbal, transmutou o fracasso sangrento de um regime campeão de genocídio em argumento plausível para elevar ao sétimo céu o prestígio e a autoridade moral da causa esquerdista. Foi o maior "non sequitur" de todos os tempos. Para realizá-lo, os meios empregados foram espantosamente simples: Primeiro: declarar o comunismo episódio encerrado, de modo a inibir a tentação de estudá-lo, portanto a aptidão de reconhecê-lo no seu estado presente e a vontade de combatê-lo. Segundo: trocar a palavra "comunismo" por qualquer de seus equivalentes eufemísticos tradicionais ("forças democráticas", etc.), que, na atmosfera de esquecimento geral assim criada, poderiam sem dificuldade passar por novos. Terceiro: continuar imperturbavelmente a usar as mesmas categorias de pensamento e os mesmos meios de ação do marxismo tradicional, com a perfeita segurança de que ninguém na platéia os reconheceria. (Assim, por exemplo, a lei de quotas raciais é simples aplicação de um velho preceito de Stálin, mas quem lê Stálin hoje em dia?). Quarto: instigar a hostilidade muçulmana contra Israel e os EUA, de modo a disfarçar a guerra anticapitalista sob o manto de um conflito entre dois conservadorismos, o islâmico e o judaico-cristão [...] Pronto. Com esses poucos truques, a esquerda consegue fazer hoje a opinião pública aceitar as teses marxistas da luta de classes e da supressão completa da oposição conservadora como sinais de moderação e tolerância democrática. O mundo fica assim dividido em duas categorias de pessoas: as saudáveis, tolerantes e equilibradas, adeptas do comunismo sob qualquer nome que seja, e as radicais, insanas, fanáticas e autoritárias, adeptas de tudo o mais. O lugar das primeiras é na mídia; o das segundas, na cadeia ou no hospício[243].

---

[242]Para uma introdução sobre esta discussão e sua recepção entre os historiadores ver ROIZ, D. da S. "A reconstituição do passado e o texto literário: a resposta dos historiadores à 'virada linguística'". *Diálogos*. nº. 3. Volume 13. Maringá: DEHIS/PPGH UEM, 2009. p. 587-624. Para uma leitura crítica e política desta ver FONTANA, J. *A história dos homens*. op. cit. p. 343-413.
[243]CARVALHO, O. de. "Apostando na estupidez humana". *O Globo*. 06.06.02. op. cit.

Esta afirmação indica a necessidade do anticomunismo, da demonização do outro em termos políticos, para a ampliação das relações de dominação de uma classe sob as demais, como elemento "preventivo" a ser incorporado na ofensiva ultraliberal. O anticomunismo cumpre a função de delimitar negativamente tudo o que é sólido e deve ser desmanchado para que o capital aproprie-se de todos os campos possíveis da existência dos homens. É justificado como uma necessidade para a reprodução do estado das coisas (em termos de darwinismo social) frente a possíveis (imaginárias ou não) sublevações das classes subalternas, enquanto sua principal função é a de tornar possível ao capital delimitar e atacar – o que é apropriado das escolas de economia austríaca e de Chicago, por exemplo, nas supostas influências socialistas que os Estados de Bem-estar teriam.

Para eles, a "transfiguração" da esquerda pós-1989 não significa necessariamente a sua real organização e atuação na luta de classes, colocando-se abertamente para a disputa, mas pelo contrário, seria uma etapa de preparação, anterior à fase da disputa aberta, atuando de forma sub-reptícia para alterar as relações de força existentes. Atuação "esclarecida", racional de determinados grupos sociais, comunistas ou não, para alcançar um fim histórico definido: a revolução proletária. Esta é a sua grande questão, atribuir para a esquerda revolucionária uma mudança estratégica: antigamente baseada no leninismo, a guerra de movimento pregava o ataque direto ao Estado, transmutada para o que nomeia "gramscismo", agora baseado na guerra de posições, buscando a ocupação de espaços na sociedade para realizar a mudança moral do homem, e, então, somente aí, tomar o Estado. "*O objetivo primeiro do gramscismo e muito amplo e geral em seu escopo: nada de política, nada de pregação revolucionária, apenas operar um giro de cento e oitenta graus na cosmovisão do senso comum, mudar os sentimentos morais, as reações de base e o senso das proporções*", supostamente evitando "*o confronto ideológico direto que só faria excitar prematuramente antagonismos indesejáveis*"[244]. Este ponto é chave para o alcance da obra de Olavo de Carvalho e dos intelectuais do MSM, pois é na suposta mudança estratégica da esquerda que eles irão centrar toda sua atuação.

Ou de modo mais sintético:

> A estratégia de Gramsci virava de cabeça para baixo a fórmula leninista, na qual uma vanguarda organizadíssima e armada tomava o poder pela força, autonomeando-se representante do proletariado e somente depois tratando de persuadir os apatetados proletários de que eles, sem ter disto a menor suspeita, haviam sido os autores da revolução. *A revolução gramsciana está para a revolução leninista assim como a sedução está para o estupro*[245].

Isto traz para o primeiro plano a atuação comunista, ainda que esta represente um grupo

---

[244]CARVALHO, O. de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. op. cit.
[245]Idem. Grifos nossos.

minoritário no campo eleitoral-parlamentar. O inimigo não estaria simplesmente "oculto", mas sustentando tal clandestinidade como ponto nodal de sua atuação, em que, o objetivo maior figura na alteração do modo de ser da humanidade, para uma passagem para o socialismo "automática", sem que fosse percebida pelas consciências individuais. Neste período, entendido por eles, em um sentido conceitual plenamente esvaziado de conteúdo social, seria o de disputa pela "hegemonia", não se excluiria, "*é claro, a hipótese de um comando unificado, mas, para o sucesso da estratégia gramsciana, a unidade de comando, ao menos ostensiva, é bastante dispensável na fase da luta pela hegemonia*"[246]. Esta "estratégia obscura" estaria sendo levada a cabo no Brasil há pelo menos quatro décadas, onde a ditadura civil militar empresarial teria aliviado parcela dos comunistas da repressão, já que teria se negado a combatê-los no campo intelectual:

> O governo militar se ocupou de combater a guerrilha, mas não de combater o comunismo na esfera cultural, social e moral. Havia a famosa teoria da panela de pressão, do general Golbery do Couto e Silva. Ele dizia: "Não podemos tampar todos os buraquinhos e fazer pressão, porque senão ela estoura". A válvula que eles deixaram para a esquerda foram as universidades e o aparato cultural. Na mesma época, uma parte da esquerda foi para a guerrilha, mas a maior parte dela se encaixou no esquema pregado por Antonio Gramsci, que é a revolução cultural, a penetração lenta e gradual em todas as instituições de cultura, mídia etc. Foi a facção que acabou tirando vantagem de tudo isso – até da derrota, porque a derrota lhes deu uma plêiade de mártires [...] Acompanhe, por exemplo, as sessões ditas culturais dos principais jornais do país. Você vai ver que, durante 30 anos, não teve uma ideia conservadora lá. O primeiro passo para marginalizar uma corrente de ideias é excluí-la da alta cultura. Você trata aquilo como se fosse uma corrente popular, um bando de caipiras, um bando de fanáticos que não tem respeitabilidade intelectual. O período militar foi a época de maior progresso da indústria editorial de esquerda no Brasil. Nunca se publicou tanto livro de esquerda. Além de ter destacados colunistas de esquerda nos jornais, ainda havia vários semanários importantíssimos de oposição como os tabloides *Movimento*, *Fato Novo*, *O Pasquim*, *Ex*, *Versus*, as revistas *Civilização Brasileira*, *Paz e Terra* e muitas outras. Além disso, praticamente todos os grandes jornais eram dirigidos por homens de esquerda como Luís Garcia, Claudio Abramo, Alberto Dines, Narciso Kalili e Celso Kinjo. Outra coisa importantíssima: todos os sindicatos de jornais do país eram presididos por esquerdistas[247].

A esquerda então relegada a um espaço social "relativamente autônomo" da sociedade, onde "*embora houvessem agentes do governo militar assistindo as aulas dos marxistas nas universidades, estes podiam pregar tudo, desde que não tocassem em assunto de luta armada e reforma agrária*", supostamente se "reinventou estrategicamente". Assim, teria utilizado este espaço que supostamente os propiciou "*toda a liberdade para falar de aborto, divórcio, sexo livre, pois isso não era identificado como marxismo*" para dali atingir toda a sociedade, sendo que esta viragem em direção ao cultural teria como objetivo destruir os "principais sustentáculos da cultura

---

[246]CARVALHO, O. de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. op. cit.

[247]CASTRO, G. "Olavo de Carvalho: esquerda ocupou vácuo pós-ditadura". Entrevista. *Veja Online*. 03.04.11. Disponível em http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/olavo-de-carvalho-esquerda-ocupou-vacuo-pos-ditadura, acessado em 03.04.11.

ocidental”, a saber: “*o direito romano, a filosofia grega e a moral judaico-cristã*”[248]. Este movimento seria deste modo o responsável pela cisão entre o marxismo soviético e o ocidental, o último encarregado responsável pelos ataques acima delimitados, tendo em vista a destruição do senso comum, a mudança moral do homem. Segundo Carvalho esta gênese observa-se em Gramsci, que:

> [...] ficou, dizia eu, meditando na cadeia. Mussolini, que o mandara prender, acreditava estar prestando um serviço ao mundo com o silêncio que impunha àquele cérebro que ele julgava temível. Aconteceu que no silêncio do cárcere o referido cérebro não parou de funcionar; apenas começou a germinar idéias que dificilmente lhe teriam ocorrido na agitação das ruas. Homens solitários voltam-se para dentro, tornam-se subjetivistas e profundos. *Gramsci transformou a estratégia comunista, de um grosso amálgama de retórica e força bruta, numa delicada orquestração de influências sutis, penetrante como a Programação Neurolinguística e mais perigosa, a longo prazo, do que toda a artilharia do Exército Vermelho*. Se Lênin foi o teórico do golpe de Estado, ele foi o estrategista da revolução psicológica que deve preceder e aplainar o caminho para o golpe de Estado[249].

Ou de modo mais claro, como o Farol da Democracia Representativa, entidade ligada por laços orgânicos ao MSM, afirma para seus leitores na sessão denominada “sala de leitura” – uma introdução a seus livros e artigos disponíveis para a leitura *online*:

> As tentativas e processos de implantação do comunismo nos diversos países (antes percebidas com clareza, graças à rusticidade do processo) tornaram-se sofisticados: ganharam contornos de ação cultural, psicológica e de comunicação, a ponto de as sociedades flageladas nem mesmo perceberem que estão sendo alvo de um processo revolucionário socialista. De espectador de filmes e documentários, ou de testemunhas da implantação sangrenta do sonho comunista aqui e ali, o cidadão passou a ser protagonista passivo e – pior! – agente de sua própria perda de liberdade e de dignidade. O terreno da luta se deslocou do universo exterior ao homem para um território de difícil identificação: a sua mente. Isso mesmo, caro leitor: o processo de perda da sua liberdade, da sua dignidade e de todos os seus valores morais e patrióticos está acontecendo dentro de sua própria mente. O enfrentamento é mais doloroso e angustiante ainda, quando você, para reconquistar o real sentido de sua vida, se vê desafiado a superar convicções formadas a partir de conceitos pervertidos que lhe foram impostos desde a sua infância e que de alguma forma são hoje os seus referenciais de valores. Em todos os campos de atuação e de saber, o senso comum vem sendo violentamente transformado, num processo acima de tudo dissimulado e insidioso. A sua derrota – acredite caro leitor - serão favas contadas, se não tiver a coragem e o espírito de luta para entender o que está acontecendo, e se posicionar em favor daquilo que precisa defender: a Democracia. Ambiciosa e tentacular, esta “revolução cultural” socialista está em curso, investindo na destruição de valores e comportamentos, numa rede de tolerância que se estende desde a criminalidade urbana até os descalabros dos governantes no uso da máquina pública[250].

[248]RICARDO, P. Pe. *Introdução à filosofia – o marxismo cultural!* (extratos de uma palestra). Disponível em http://antiforodesaopaulo.blogspot.com/2009/05/iniciacao-filosofia-o-marxismo-cultural.html, acessado em 10.04.11.
[249]CARVALHO, O. de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. op. cit. Grifos nossos.
[250]FAROL DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA. *Sala de leitura*. Disponível em http://www.faroldademocracia.org/salaleitura.asp, acessado em 14.04.11.

No Brasil a influência do marxista sardo sobre a esquerda teria sido tão poderosa, que nos dias de hoje, qualquer pessoa que "*deseje reduzir a um quadro coerente o aglomerado caótico de elementos que se agitam na cena brasileira, tem de começar a desenhá-lo tomando como centro um personagem que nunca esteve aqui, do qual a maioria dos brasileiros nunca ouviu falar*", obviamente Antonio Gramsci, que mesmo estando "*morto há mais de meio século* […] *dirige em segredo os acontecimentos nesta parte do mundo*", sendo seu pensamento responsável pela "hegemonia esquerdista" nos campos intelectual e cultural brasileiros:

> Se há um consenso imperante nos meios acadêmicos ao menos brasileiros, é aquele que faz do fundador do Partido Comunista Italiano o mais importante dos pensadores, mais importante, sob certos aspectos, do que o próprio Karl Marx. Esse consenso produziu-se aliás pelos mesmos meios preconizados por Gramsci para a imposição de qualquer outra idéia: primeiro os adeptos da idéia "ocupam os espaços", apropriando-se de todos os meios de divulgação; depois conversam entre si e dizem que as conclusões da conversa expressam o consenso universal. A coisa, dita assim, parece um estelionato grosseiro. Ela é de fato um estelionato – e na invenção desse estelionato consiste toda a pretensa genialidade de Antonio Gramsci –, mas não é nada grosseira: a fabricação do simulacro de debate chega ao requinte de forjar previamente toda uma galeria das oposições admitidas, que são precisamente aquelas cujo confronto levará fatalmente à conclusão desejada. As demais são excluídas como aberrantes, criminosas, sectárias ou não representativas[251].

Para citarmos somente dois exemplos da penetração desta qualificação da intelectualidade brasileira – passível de ser verificado em qualquer revista de grande circulação semanal brasileira – primeiro, citaremos Kátia Abreu, senadora líder da ala ruralista, que na sua saída do Partido Democratas (DEM) para ingressar no Partido Social Democrático (PSD), declarou que:

> O que vemos como urgência - e isso faz parte da reforma das mentalidades na política - é a defesa da liberdade individual, da liberdade de pensamento, liberdade para fazer suas escolhas (Liberalismo = Liberdade). Vemos cada vez mais o país sendo submetido à ação das patrulhas do pensamento, que impõem os dogmas do politicamente correto, criminalizando os que deles divergem. Liberdade de pensamento é o convívio civilizado com as idéias com que não concordamos, mesmo com as que eventualmente abominamos, nos limites da lei. Ser tolerante é tolerar o intolerável. É essa intolerância que ameaça o convívio democrático, empobrece o debate e impede a livre circulação de idéias na sociedade, não permitindo que seja juiz dos que disputam o seu voto. É essa intolerância que estigmatizou os que vêem no socialismo uma doutrina anacrônica, fracassada e ineficaz, associando o pensamento liberal ao totalitarismo fascista, que lhe é antípoda. Socialismo e fascismo, sim, têm algo em comum: o culto ao Estado, que, em ambos os casos, deixa de servidor do cidadão para tornar-se seu dono, intrometendo-se crescentemente em questões inerentes à vida privada e ao arbítrio das famílias. É contra esse estigma ideológico, falso como uma nota de três reais, que combateremos […] A hegemonia do pensamento esquerdista, que a estratégia gramsciana de revolução cultural inoculou na academia, estabeleceu a ditadura do pensamento. Quem hoje se sente à vontade, nas universidades e meios culturais, de

[251]CARVALHO, O. de. "Antonio Gramsci e a teoria do bode". *IEE*. 29.10.02. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/iee_gramsci.htm, acessado em 14.04.11.

> se apresentar como sendo de direita ou liberal? Será renegado e excluído do debate, como um pária. E isso é trágico. Torna a democracia um engodo, um debate entre iguais, que deriva para uma luta por cargos. Nada mais. É para romper com esse paradigma e permitir que a sociedade brasileira - sobretudo sua classe média -, que se tem mostrado avessa à agenda comportamental do politicamente correto, que o PSD entra em cena[252].

Como segundo exemplo, temos um texto de João Mellão Neto, jornalista e deputado estadual do DEM, reproduzido do jornal *Estado de S. Paulo* no *site* oficial do Exército Brasileiro. Neste ele interroga o motivo de Dilma Roussef durante sua campanha eleitoral ter diversas vezes reafirmado as garantias democráticas fornecidas pelas instituições:

> Que instituições são essas? O Estado? Não apenas ele. O Estado nada mais é do que um reflexo dos costumes, crenças e valores da sociedade. Não é o Estado, mas a sociedade, que cria as instituições. E as modela de acordo com o que pratica e com aquilo em que acredita. Existem, assim, dois tipos de instituições: as formais, que são as igrejas, a escola, o poder público, as leis, as Forças Armadas, a universidade, etc.; e as ditas informais, como os preceitos religiosos, a ética, a moralidade e tudo o mais em que as pessoas acreditam e que norteia o seu comportamento. Mesclando as instituições formais e informais, as pessoas sentem-se à vontade para interagir economicamente […] Por falar nisso, vale ressaltar que nossas esquerdas também têm consciência da importância das instituições, que no dicionário delas são chamadas genericamente de "superestrutura". Antes de alcançar o poder, os petistas e que tais diziam que era necessária uma insurreição popular para que pudesse ser implantado o socialismo. Agora, depois que chegaram lá, trocaram as ideias incendiárias de Ernesto Guevara pelas mais amenas, de Antonio Gramsci. Explicando melhor: os ensinamentos e o exemplo de Che Guevara na década de 1960 passaram a todas as esquerdas latino-americanas a noção de que - existindo ou não "condições objetivas" - a transição para o socialismo deveria ser feita de imediato. E se a sociedade local não estivesse madura para tanto? Não importa. A luta armada obrigaria todas as pessoas a tomar posição e assim se desencadearia a "revolução". Em toda a América Latina, essa incontinência revolucionária levou muita gente à guerrilha e à clandestinidade. A maioria foi torturada e boa parte morreu. Quatro décadas depois, nossas esquerdas descobriram que poderiam chegar ao poder de modo pacífico. Como? Via eleições, dentro das regras democráticas. Guevara foi convenientemente deixado de lado. O novo guru, agora, é o pensador italiano - também marxista - Gramsci. Segundo este, para que a revolução se dê de forma efetiva, antes de tudo é preciso aperfeiçoar o modo de pensar da sociedade. Nos corações e mentes das pessoas, os valores capitalistas têm de ser substituídos pelos socialistas. E para tanto o que deve ser feito pelos militantes da causa? Esta é a parte mais confortável. Devem, tão somente, incrustar-se no ensino, nos círculos acadêmicos e, principalmente, na administração pública, para - ocupando os postos estratégicos - poderem mudar a mentalidade geral. Ou seja, chega de sangue, suor e lágrimas! O certo, agora, é "aparelhar" o Estado e tratar de reformá-lo "por dentro". Foi assim, por meios tortos, que, no Brasil, o pensamento de esquerda incorporou o papel fundamental das instituições. Até por que, enquanto a revolução não vem, o melhor a fazer é refestelar-se, em segurança, nos bons empregos públicos[253].

---

[252]ABREU, K. *Discurso no senado*. 11.04.11. Disponível em http://www.visoesdiversas.com/2011/04/discurso-da-katia-abreu.html, acessado em 13.04.11.

[253]MELLÃO NETO, J. "Enquanto a revolução não vem". *O Estado de S. Paulo*. 31.12.10. Reproduzido em http://www.exercito.gov.br/c/journal/view_article_content?groupId=18107&articleId=304348&version=1.0, acessado em 10.05.11.

Estes dois discursos, sobre questões distintas e veiculados em lugares diferentes nos permitem visualizar a influência que o discurso criado por Olavo de Carvalho e pelo MSM têm sobre os setores conservadores da sociedade. O anticomunismo serve como fio condutor para a penetração ideológica, pois embora estes meios que os reproduzem (Instituto Millenium, o Democratas, a *Veja*, o *Estado de S. Paulo* ou Exército Brasileiro) possam ser qualificados como reacionários e conservadores, não costumam editorialmente assumir discursos fascistas.

Sobre os motivos de se "resgatar" as elucubrações teóricas de Gramsci, Carvalho afirma que foi buscada pelos comunistas nas supostas dificuldades que o Partido Comunista Soviético teve em convencer a população russa após a revolução. O povo russo, teria um caráter "plenamente conservador" (como sempre, consideram a massa mais disposta a obedecer do que rebelar-se), ou seja, em termos últimos reprodutores de uma cultura "antiga" que rejeitava as políticas bolcheviques, e não tendo a "malícia" do marxista sardo, foram obrigados a recorrer para a violência:

> Gramsci estava particularmente impressionado com a violência das guerras que o governo revolucionário da Rússia tivera de empreender para submeter ao comunismo as massas recalcitrantes, apegadas aos valores e praxes de uma velha cultura. A resistência de um povo arraigadamente religioso e conservador a um regime que se afirmava destinado a beneficiá-lo colocou em risco a estabilidade do governo soviético durante quase uma década [...] Para contornar a dificuldade, Gramsci concebeu uma dessas idéias engenhosas, que só ocorrem aos homens de ação quando a impossibilidade de agir os compele a meditações profundas: amestrar o povo para o socialismo *antes* de fazer a revolução. Fazer com que todos pensassem, sentissem e agissem *como* membros de um Estado comunista enquanto ainda vivendo num quadro externo capitalista. Assim, quando viesse o comunismo, as resistências possíveis já estariam neutralizadas de antemão e todo mundo aceitaria o novo regime com a maior naturalidade[254].

O que Gramsci teria feito, segundo esta distorção extrema de sua obra, seria uma inversão estratégica do leninismo, através de "*uma distinção, das mais importantes, entre 'poder' (ou, como ele prefere chamá-lo, 'controle') e 'hegemonia'*". O primeiro seria "*o domínio sobre o aparelho de Estado, sobre a administração, o exército e a polícia*"[255], enquanto a hegemonia supostamente seria:

> […] o domínio psicológico sobre a multidão. A revolução leninista tomava o poder para estabelecer a hegemonia. O gramscismo conquista a hegemonia para ser levado ao poder suavemente, imperceptivelmente. Não é preciso dizer que o poder, fundado numa hegemonia prévia, é poder absoluto e incontestável: domina ao mesmo tempo pela força bruta e pelo consentimento popular — aquela forma profunda e irrevogável de consentimento que se assenta na força do hábito, principalmente dos automatismos mentais adquiridos que uma longa repetição torna inconscientes e coloca fora do alcance da discussão e da crítica. O governo revolucionário leninista

[254]CARVALHO, O. de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. op. cit.
[255]Idem.

> reprime pela violência as idéias adversas. O gramscismo espera chegar ao poder quando já não houver mais idéias adversas no repertório mental do povo[256].

Através desta cisão imaginada pelo MSM, a tomada do poder só viria a ocorrer quando não houvesse mais traços reconhecíveis da cultura antiga (exceto toda a sustentação material desta), pois "*a luta pela hegemonia não se resume apenas ao confronto formal das ideologias, mas penetra num terreno mais profundo, que é o daquilo que Gramsci denomina — dando ao termo uma acepção peculiar — 'senso comum'*". Assim, as mudanças estéticas, da linguagem, das artes e da cultura popular não estariam mais relacionadas com as mudanças históricas e sociais dentro de determinada formação social (e especialmente com a classe dominante nesta), mas seriam então resultado de um esforço de manipulação monstruoso, e ao mesmo tempo quase imperceptível, pelo partido revolucionário. Quase imperceptíveis, pois, operado na "filtragem" que os indivíduos fazem da sua realidade, alterando suas percepções em relação a sua vivência nesta. E sobre o partido revolucionário, Gramsci

> [...] adaptou Maquiavel às demandas da ideologia socialista, coletivizando o "Príncipe". Em lugar do *condottiere* individual que para chegar ao poder utiliza os expedientes mais repugnantes com a consciência tranquila de quem está salvando a pátria, Gramsci coloca uma entidade coletiva: a vanguarda revolucionária. O Partido, em suma, é o novo Príncipe. Como o sangue-frio dos homens fica mais frio na medida em que eles se sentem apoiados por uma coletividade, o Novo Príncipe tem uma consciência ainda mais tranquila que a do antigo. O *condottiere* da Renascença não tinha apoio senão de si mesmo, e nas noites frias do palácio tinha de suportar sozinho os conflitos entre consciência moral e ambição política, encontrando no patriotismo uma solução de compromisso. No Novo Príncipe, a produção de analgésicos da consciência é trabalho de equipe, e nas fileiras de militantes há sempre uma imensa reserva de talentos teóricos que podem ser convocados para produzir justificações do que quer que seja[257].

Aqui os comunistas "escapariam" dos sindicatos e centrais sindicais, organismos da classe trabalhadora, para imiscuir-se através da mídia, da educação, etc. Buscando a transformação da realidade pela recusa na disseminação aberta do marxismo enquanto ciência, tendo como cerne exatamente esta recusa no debate aberto, o que geraria contrariedades desnecessárias. É esta percepção, afirmada como uma nova "estratégia verdadeira" que permite ao MSM atribuir culpabilidade para qualquer ator político ou social, já que escapa dos parâmetros da ação direta por determinados atores políticos, proliferando-se por todo o corpo social, o agredindo como vírus, não mais através de uma apunhalada (seja pela frente ou pelas suas costas, para seguir o mesmo tipo de metáfora que dá ao corpo social sentido de sujeito), atribuindo sentido à qualquer ação política como resultante da atuação comunista. Para tanto, um dos conceitos desenvolvidos por Antonio

---

[256]CARVALHO, O. de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. op. cit.
[257]Idem.

Gramsci tornar-se fundamental para eles: o de intelectual, que também é revestido desta concepção "etapista". "*Os intelectuais no sentido elástico são o verdadeiro exército da revolução gramsciana, incumbido de realizar a primeira e mais decisiva etapa da estratégia*", esta "*a conquista da hegemonia, um processo longo, complexo e sutil de mutações psicológicas graduais e crescentes, que a tomada do poder apenas coroa como uma espécie de orgasmo político*"[258]. Estes intelectuais, arrancados do mundo da produção – de seu sentido conceitual originário –, revolucionários profissionais distribuídos em uma miríade de lugares na sociedade e no Estado, de onde desempenhariam, de modo caricaturado, todas suas atividades visando à revolução, como pode ser visto na citação seguinte:

> Os intelectuais desempenham por isso, na estratégia gramsciana, um papel de relevo. Mas isto não quer dizer que suas idéias sejam importantes em si mesmas, pois, para Gramsci, a única importância de uma idéia reside no reforço que ela dá, ou tira, à marcha da revolução. Gramsci divide os intelectuais em dois tipos: "orgânicos" e "inorgânicos" (ou, como ele prefere chamá-los, "tradicionais"). Estes últimos são uns esquisitões que, baseados em critérios e valores oriundos de outras épocas, e sem uma definida ideologia de classe, emitem idéias que, ignoradas pelas massas, não exercem qualquer influência no processo histórico: acabam indo parar na lata de lixo do esquecimento, a não ser que tenham a esperteza de aderir logo a uma das correntes "orgânicas". Intelectuais orgânicos são aqueles que, com ou sem vinculação formal a movimentos políticos, estão conscientes de sua posição de classe e não gastam uma palavra sequer que não seja para elaborar, esclarecer e defender sua ideologia de classe. Naturalmente, há intelectuais orgânicos "burgueses" e "proletários". Estes são a nata e o cérebro do Novo Príncipe, mas aqueles também têm alguma utilidade para a revolução, pois é através deles que os revolucionários vêm a conhecer a ideologia do inimigo [...] O conceito gramsciano de intelectual funda-se exclusivamente na sociologia das profissões e, por isto, é bem elástico: há lugar nele para os contadores, os meirinhos, os funcionários dos Correios, os locutores esportivos e o pessoal do *show business*. Toda essa gente ajuda a elaborar e difundir a ideologia de classe, e, como elaborar e difundir a ideologia de classe é a única tarefa intelectual que existe, uma *vedette* que sacuda as banhas num espetáculo de protesto pode ser bem mais intelectual do que um filósofo, caso se trate de um "inorgânico" como por exemplo o autor destas linhas[259].

---

[258]CARVALHO, O. de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. op. cit. Nos é quase irresistível a comparação com outros anticomunistas brasileiros, aqui em relação ao integralista Olbiano de Mello, em texto datado de 1931: "*Dois são os processos usados pelos bolcheviques para a implantação de sua doutrina. Um puramente revolucionário – aquele que explodiu na Rússia em Novembro de 1917, empolgando o poder – é o que, se aproveitando dos abalos sociais por que às vezes passam os povos, assalta à mão armada as posições oficiais e nela se instala, transformando, a geito, os diversos aparelhos administrativos dos Sovietcs. O outro, mil vezes pior, terrivelmente mais perigoso, visto como é sorrateiro e maneiroso, é mentiroso e sem exemplo: é entorpecente administrado aos poucos, lentamente até que empolgue por inteiro as consciências. É o teórico, pregado pelos escritores marxistas. É o que se infiltra com pés de lã nas mais nobres instituições, aquele que transpõe os umbrais dos lares, melhores organizados, através de uma literatura adrede preparada, mascarada em romances e novelas pelos ideólogos do novo credo, aconselhando o desrespeito dos filhos aos pais e vice-versa, erigindo em uma instituição a delação, a traição, o adultério, o incesto, o amor ao prazer e ao luxo. É ainda aquele que se aboleta nas cátedras oficiais dos estabelecimentos de ensino primário, secundário e superior, antepondo às forças morais as materiais, procurando materializar os espíritos das gerações moças que lhes vêem desprevenidas às mãos*". MELLO, O. de. "Comunismo ou fascismo?" Rio de Janeiro: Typografia Terra do Sol, 1931. p. 137-139. *apud* CHAUÍ, M. "Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira". *In*. CHAUÍ, M; FRANCO, M. S. C. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978. p. 98-99.

[259]CARVALHO, O. de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. op. cit.

Sem retornar para nossa leitura dos conceitos gramscianos, podemos afirmar que o que o MSM chama de “gramscismo” seria, para além de todas as propositais deturpações, a afirmação da revolução passiva como estratégia positiva para os comunistas, invertendo seu sentido original de uma derrota seguida da ampliação do Estado, e ainda revestindo esta estratégia de um caráter “etapista”. Nesta simulação de estratégia marxista o transformismo se torna a principal tarefa dos intelectuais revolucionários, pois quanto mais bem sucedida for sua “aparência” de alinhamento à ordem pelo partido revolucionário, mais efetiva seria a ocupação de espaços no Estado e na sociedade civil: a guerra de posições visando uma mudança moral do homem. Ela seria pautada pela disseminação viral de novas mediações teleológicas para as atividades dos homens, ou seja, a libertação do homem não ocorreria através de mudanças nas relações sociais de produção, mas sim nas representações (como mediação racional anterior à realização de determinado ato e posteriormente, sobre as consequências e objetivos atingidos por sua realização) que os homens fariam destas. O partido comunista assim abandona o proletariado visando à formação de intelectuais orgânicos (quase no sentido de dependência física do partido que o cria) e no “entrismo” destes nos aparelhos privados de hegemonia. O MSM raramente refere-se ao proletário, pois buscam associar o comunismo com a atuação de somente um grupo de lideranças, a vanguarda como sósia de uma elite. O transformismo é tido como atuação transformista, como construção de personas duplas por parte de todo um grupo político objetivando um fim histórico determinado idealmente.

Para fins de ilustração desta guerra de posições, o General do Exército Carlos Alberto Pinto Silva, ex-comandante de Operações Terrestres (COTer), do Comando Militar do Sul, do Comando Militar do Oeste, e Membro da Academia Brasileira de Defesa, baseado no livro de Sérgio Augusto de Avellar Coutinho, oferece um sumário de como o “gramscismo” estaria atuando no Brasil (não encontramos relação do General com o MSM, mas ele exemplifica como esta proposição constituiu-se como “idéia-força”):

TABELA 24: Mapa da atuação do "gramscismo" segundo Sérgio Augusto de Avellar Coutinho:

Trincheiras	Idéia-Força	Temas explorados
Judiciário	- Instrumento de Opressão; - Parcialidade; - Ineficiência; - Improbidade.	- Favorecimento dos ricos; - Privilégio dos burgueses; - Impunidade dos ricos e dos colarinhos brancos; - Lentidão funcional; - Corrupção e privilégios dos magistrados.
Congresso	- Ineficiência; - Improbidade; - Parasitismo.	- Privilégio; - Ociosidade; - Escândalos; - Barganhas; - Falta de espírito público.
Executivo	- Ineficiência; - Autoritarismo; - Improbidade.	- Conduta autoritária; - Abuso de autoridade; - Corrupção; - Escândalos.
Partido político	- Falta de representatividade; - Legenda de aluguel; - Ambição pessoal; - Fascismo.	- Fisiologismo; - Falta de programa; - Corrupção; - Verbas de campanha; - Escândalos.
Forças armadas	- Ineficiência; - Desnecessidade; - Ônus para o país; - Fascismo.	- Destinação; - Acidentes de trabalho; - Escândalos; - Golpismo e ditadura; - Tortura.
Aparelho policial	- Ineficiência; - Truculência; - Improbidade.	- Reforma e extinção da Polícia Militar; - Escândalos; - Violência; - Corrupção.
Igreja católica	- Anacronismo da moral cristã; - Opressão moral e intelectual; - Aliança com o poder.	- Celibato clerical; - Escândalos sexuais; - Inflexibilidade doutrinária (homossexuais, aborto, controle de nascimento, indissociabilidade do matrimônio); - Inquisição; - Papel político-histórico; - Devoções populares e culto de leigos (fora das Igrejas).
Capitalismo	- Divisão de classes e exploração do proletariado urbano e camponês; - Imperialismo; - Má divisão de renda.	- Greves e protestos; - Domínio econômico; - Ambição e abuso; - Injustiça social; - Neoliberalismo; - Globalização; - Desemprego.

FONTE: SILVA, C. A. P. *Entendendo aspectos da conjuntura brasileira atual "Brasil e a revolução no Ocidente"*. Extratos do livro "A revolução gramscista no Ocidente. A concepção revolucionária de Antônio Gramsci em os Cadernos do cárcere" de Sérgio Augusto de Avellar Coutinho. Rio de Janeiro: Estandarte, 2002. Disponível em http://ultradireita.wordpress.com/2010/07/28/entendendo-aspectos-da-conjuntura-brasileira-atual-%e2%80%9cbrasil-e-a-revolucao-no-ocidente%e2%80%9d/, acessado em 06.06.11.

A atuação comunista, para ser funcional neste esquematismo teórico, não poderia estar *completamente desorganizada, exatamente porque esta impressão de desorganização é a suposta chave-mestra da estratégia*. Ela teria de reportar-se a um organismo maior, sendo este o partido nacional revolucionário, que não se apresentaria como tal, dada a necessidade de dissimular suas

intenções para poder disseminar-se por todo o corpo social, além de coordenar a atuação nacional com a perspectiva internacionalista. No caso brasileiro o partido revolucionário é identificado com o Partido dos Trabalhadores, que, como já assinalamos, de um nascimento combativo passa a integrar a ordem, capacitando-se como agente competente para a gestão do capitalismo brasileiro quando alcança a presidência com Lula. Esta mudança é para o MSM a grande jogada da estratégia, pois ao revestir-se dos interesses da classe dominante, tornando-se "inofensivo" (a imagem maior desta brandura seria a divulgada pelo PT na campanha de 2002, do Lula "*light*"), o partido supera a tática leninista para atuar de maneira plena através do "gramscismo":

> Estávamos conversando sobre a política nacional, quando surgiu o nome do ex-Presidente Molusco, do Sr. Lula, e da stalinista búlgara Stella, ou Dilma Rousseff. Eu fiquei perplexo com a conclusão do meu amigo jornalista: ele achava que o PT tinha se tornado um partido de direita! Tal resposta deixou-me intrigado. E aí ele finalizou: achava que o PT era de direita porque modificou toda sua política anterior. Negociava com banqueiros, cooptava empresários e ainda era tão ou mais corrupto quanto os governantes anteriores, além de aceitar a estrutura democrático-parlamentar. Se meu amigo fosse marxista, Lênin diria que ele sofre do problema do "*esquerdismo*", a doença infantil do comunismo[260].

Precisamente no momento do "transformismo" petista, para eles, a guerra cultural da esquerda teria adquirido uma nova forma ofensiva, que ficaria evidente na "gestão" do Estado sobre os caracteres morais da população brasileira. "*A normalidade do sistema deve estar acima das preferências partidárias, mas a esquerda se colocou acima do sistema, engoliu o Estado e o transformou em instrumento do partido. Note que nem mesmo os militares fizeram isso*", sendo que na ditadura, supostamente, "*no Parlamento, na mídia e nas cátedras universitárias havia mais esquerdistas naquele tempo do que direitistas hoje. Os milicos foram autoritários, mas não totalitários. Hoje estamos caminhando para o totalitarismo perfeito e indolor*"[261]. A tomada do poder, deste modo, só aguardaria uma crise social, que colocaria a massa já doutrinada ao lado dos marxistas:

> *A "esquerda moderada" é um inimigo ainda mais perigoso dos conservadores do que poderiam sê-lo os próprios comunistas de carteirinha, os quais sem ela não teriam poder nenhum.* Entre liberais e conservadores, no Brasil e no resto do mundo, só uns poucos têm uma noção clara de quem é seu inimigo e de como enfrentá-lo. A maioria luta apenas contra uma esquerda idealizada, um *trompe l'oeil* fabricado pela própria esquerda para ser consumido por seus adversários como uma droga estupefaciente, paralisante e incapacitante. O modelo do artifício é copiado de algo que já existiu historicamente: uma esquerda humanitária, democrática, anticomunista, só separada da direita pela diferente concepção dos meios, mais estatistas do que capitalistas, a ser usados para realizar valores que no fundo eram os

[260]BRUNO, L. *Questões de coerência*. 03.03.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/cultura/11898-questoes-de-coerencia.html, acessado em 13.04.11.
[261]LEÃO, S. R. "O PT já nasceu corrompido". Entrevista com Olavo de Carvalho. *Jornal de Brasília.* 31.01.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/entrevistas/10772-qo-pt-ja-nasceu-corrompidoq.html, acessado em 14.04.11.

mesmos de parte a parte – liberdade, direitos humanos e uma vida decente para todos […] Na América Latina, a encarnação mesma da "esquerda moderada", o Partido dos Trabalhadores, é discretamente o coordenador do Foro de São Paulo, isto é, o estrategista máximo da violência revolucionária no continente. Em suma, a esquerda democrática, civilizada, concorrente leal dos conservadores, já não existe mais como força política independente. Financiando e acobertando movimentos terroristas e subversivos por toda parte, e impondo sob outros nomes as mesmas políticas que seriam rejeitadas pela população se apresentadas com o rótulo de comunistas, a "esquerda moderada" é um inimigo ainda mais perigoso dos conservadores do que poderiam sê-lo os próprios comunistas de carteirinha, os quais sem ela não teriam poder nenhum[262].

Como citado, o organismo internacionalista, a coordenação estratégica gramsciana em nivel internacional estaria a cabo do Foro de São Paulo, entidade supranacional formada pelo PT em 1990 e presidida por Lula até 2002. Para o MSM ele agruparia as mais variadas tendências e facções de esquerda latino-americanas, "*mais de uma centena de partidos legais e várias organizações criminosas ligadas ao narcotráfico e à indústria dos seqüestros, como as FARC e o MIR chileno*"[263] além da Organização dos Estados Americanos (OEA) e *think tanks* estadunidenses com o único propósito de resguardar e coordenar o comunismo na América Latina. Segundo Carvalho:

1) Conforme afirmei desde o início, e contra todo o exército de achismos e desconversas, o Foro de São Paulo existe e é a coordenação estratégica do movimento comunista na América Latina […] 2) Ao longo de seus dezessete anos e meio de atividade, não se observa nas atas de suas assembléias e grupos de trabalho a menor divergência, muito menos conflito sério, entre as centenas de facções de esquerda que o compõem. Todas as declarações finais foram assinadas pela unanimidade dos participantes […] Nenhuma das queixas e recriminações vociferadas pelos antipetistas de esquerda na mídia que eles mesmos chamam de direitista e burguesa foi jamais levada às discussões internas do Foro, o que prova que a esquerda latino-americana permanece unida por baixo de suas divergências de superfície, por mais que estas impressionem a platéia ingênua. 3) As ações do Foro prolongam-se muito além daquilo que consta das atas. Segundo confissão explícita do sr. presidente da República, os encontros da entidade são ocasião de conversações secretas que resultam em decisões estratégicas de grande alcance, como, por exemplo, a articulação internacional que consolidou o poder de Hugo Chávez na Venezuela […] Estas decisões e sua implementação prática subentendem uma unidade estratégica e tática ainda mais efetiva do que aquela que transparece nas atas. 4) Segundo as Farc, a criação desse mecanismo coordenador salvou da extinção o movimento comunista latino-americano e foi diretamente responsável pela ascensão dos partidos de esquerda ao poder em várias nações do continente […] 5) As declarações de solidariedade mútua firmadas no Foro de São Paulo entre partidos legais e organizações criminosas (ver por exemplo X Foro de São Paulo, "Resolução de Condenação ao Plano Colômbia e de Apoio ao Povo Colombiano") não ficaram no papel, mas traduziram-se em ações políticas em que as entidades legais eram instantaneamente mobilizadas para proteger e libertar os agentes das Farc e do Mir presos pelas autoridades locais[264].

---

[262]CARVALHO, O. de. *A esquerda inventada*. 06.03.09. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/174-a-esquerda-inventada.html, acessado em 14.04.11. Grifos nossos.

[263]CARVALHO, O. de. "A maior trama criminosa de todos os tempos". *Digesto Econômico.* Setembro/dezembro 2007. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/0709digestoeconomico.html, acessado em 14.04.11.

[264]CARVALHO, O. de. "Digitais do Foro de São Paulo". *Diário do Comércio.* 2801.08. Disponível em

Obviamente aqui não nos cabe defender o PT, plenamente incorporado na ordem e representante competente do projeto ultraliberal, cuja direção é praticamente alheia a sua base social e mesmo partidária; ou o Foro de São Paulo, um agrupamento heterogêneo de partidos e forças de esquerdas que reivindicam a via eleitoral como caminho revolucionário (ou estão tentando se integrar a esta), numa espécie de ressurreição do "espírito" da Segunda Internacional, em que se isentam de uma coordenação política efetiva.

Por fim, cabe-nos sublinhar novamente que o anticomunismo assumido como postura política não se resume a um partido ou linha política, mas atinge a esquerda como um todo. A denúncia das práticas "comunistas" tem como objetivo descreditar a ação das lideranças populares e entidades classistas historicamente constituídas, frear as classes de reconhecerem-se enquanto tais, generalizar os resultados de qualquer ação imediata comunista como caminho mecânico para a "ditadura do proletariado" (em aspas dada a quantidade de significados atribuídos a esta, o mais comum como sinônimo de "totalitarismo"), e em última instância, desacreditar o próprio campo político, visando sua restrição ou extinção. Assim, o MSM apresenta-se como o agente competente para a denúncia, caça e repressão aberta dos comunistas, não somente justificando as perseguições sofridas pelos movimentos contra hegemônicos do passado e do presente – o assassinato, a tortura, o expurgo sistemático de toda tentativa de avanço democrático no século XX no Brasil – como vai além, *afirmando que só o que foi feito não foi suficiente*. Não nos enganemos, a proposta maior do MSM é a exclusão completa do comunismo, da existência real dos comunistas e de todo seu "espectro". Não advogam simplesmente um Estado autoritário, mas desenvolto em sua plenitude terrorista.

8.2. A história entre a revolução e a reação:

Neste trecho da dissertação iremos continuar a investigação dos pressupostos ideológicos que o MSM reivindica, apresentando criticamente como entendem suas funções políticas e sociais, seu lugar na história – explicitada através de sua interpretação histórica que, como adiantamos no título, baseia-se em uma leitura binária dos movimentos e transformações históricas: entre revolucionários e contrarrevolucionários. Deste modo as formulações aqui abordadas "para além" do anticomunismo não são no sentido que o superam, mas que o utilizam como base para constituir toda sua leitura ideológica. Estas discussões estão presentes no processo de formação de seus quadros e militantes, ainda que a organização de seus grupos ativistas não seja explicito no MSM

---

http://www.olavodecarvalho.org/semana/080128dc.html, acessado em 13.04.11.

(como nos partidos formais, onde estes são qualificados através de "manuais" e treinamentos), uma vez que a formação de seu leitor como militante e mesmo sua passagem para "quadro" derivaria da capacidade, disciplina e esforços próprios em se auto educar através dos marcos ideológicos oferecidos.

Desta maneira, compreender a formação do quadro participativo do MSM não reside na análise de escritos restritos. A capacidade de entendê-los é uma das tarefas incumbidas aos seus militantes potenciais (tal como criatividade na propaganda e/ou "novas" interpretações ideológicas, geralmente a reprodução do cerne ideológico desenvolvido pelo Estado maior sob algum campo específico da realidade). Obviamente aqui a questão da hierarquia torna-se explícita, através da obediência ideológica definida como "retidão" e coerência intelectual diante do inimigo: o MSM o tempo todo busca que seus leitores e militantes entrem em confronto com qualquer indivíduo discordante de suas posições, o que funcionaria de maneira dupla: estratégia de propaganda e processo de formação para o leitor militante. Abrindo um parêntese, lembremos que foi Olavo de Carvalho o responsável pela reedição comentada e ampliada de *Como vencer um debate sem precisar ter razão* de Arthur Schopenhauer pela editora Topbooks em 1997[265], onde o filósofo alemão discorre sobre 38 estratagemas genéricos[266] para sair-se vitorioso de qualquer querela que não inclua a violência física (desconsiderando o amplo uso desta obra para argumentação jurídica, onde a violência estatal alça *status* de justiça[267]).

O protagonismo da militância é uma das estratégias centrais no processo de formação de um membro ativo, ligado ideologicamente às proposições do MSM. Como Klauber Pires escreve, em artigo publicado em sua coluna no Instituto Millenium, acabar com as influências da esquerda "*somente pode ser conseguido mediante a incorporação de um senso de militância, onde cada pessoa deve agir como a protagonista*"[268]. O MSM atua como organismo responsável pela formação de ideologia, sendo seus militantes-leitores encarregados por estarem "*divulgando às outras os conceitos de uma sociedade livre e estimulando-as a se unirem em torno da diminuição*

---

[265]TOPBOOKS. *Apresentação* "*Como vencer um debate sem precisar ter razão*". Disponível em http://www.topbooks.com.br/frApres_ComoVencer.htm, acessado em 24.12.11.

[266]A saber: Ampliação indevida; Homonímia sutil; Mudança de modo; Pré-silogismos; Uso intencional de premissas falsas; Petição de princípio oculta; Perguntas em desordem; Encolerizar o adversário; Perguntas em ordem alterada; Pista falsa; Salto indutivo; Manipulação semântica; Alternativa forçada; Falsa proclamação de vitória; Anulação do paradoxo; Várias modalidades do argumentum ad hominem; Distinção de emergência; Uso intencional da mutatio controversiæ; Fuga do específico para o geral; Uso da premissa falsa previamente aceita pelo adversário; Preferir o argumento sofístico; Falsa alegação de petitio principii; Impelir o adversário ao exagero; Falsa reductio ad absurdum; Falsa instância; Retorsio argumenti; Provocar a raiva; Argumento ad auditores; Desvio; Argumentum ad verecundiam; Incompetência irônica; Rótulo odioso; Negação da teoria na prática; Resposta ao meneio de esquiva; Persuasão pela vontade; Discurso incompreensível; Tomar a prova pela tese; Último estratagema. SCHOPENHAUER, A. *Como vencer um debate sem precisar ter razão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999. p. 7-10.

[267]Sobre direito, leis e justiça ver THOMPSON, E. P. *Senhores e caçadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

[268]PIRES, K. C. *O antipolítico*. 23.10.09. Disponível em http://www.imil.org.br/artigos/o-antipolitico/, acessado em 14.04.11.

dos impostos, da máquina pública e das leis que limitem as liberdades individuais"[269], em um processo ativo. Neste mesmo artigo, encontramos uma citação de um colaborador pertencente ao *Ludwig Von Mises Institute*, Hans-Hermann Hoppe (que tem a peculiaridade de ser monarquista, e é mais conhecido por suas declarações homofóbicas que propriamente por sua obra):

> Para trazermos o estatismo e o socialismo ao fim, nem mais nem menos deve ser feito que uma mudança na opinião pública que iria levar as pessoas a não mais usarem as saídas institucionais para participação política de desejo de poder, mas, ao contrário fazê-las suprimir qualquer desejo dessa natureza e tornar esta própria arma organizacional do estado contra ele e empurrá-lo incondicionalmente a um fim à tributação e regulação dos proprietários naturais onde e quando haja uma chance de influenciar a política[270].

Este ataque ao campo político burguês constituído extrapola em muito a mera caracterização como "liberais" e mesmo de um mero caráter "conservador", explicitando a defesa de um Estado de cunho fascista. Como intitulam-se <u>*liberais conservadores*</u>, cabe-nos distinguir estas características autoatribuídas, começando pela sua interpretação do liberalismo. No liberalismo advogado pelo MSM, a propriedade privada figura como garantia para a liberdade do homem civilizado, sendo o traço que distingue a humanidade do estado de selvageria. Apoiam sua conceituação em cinco "valores" fundamentais, "*de forma absolutamente diferente do que estabelece a Constituição brasileira de 1988*"[271], segundo o Farol da Democracia Representativa:

> 1. Do valor jurídico: a primeira forma de obtenção da propriedade privada é a "apropriação original". Por este conceito, um indivíduo declara ser dono sobre um dado recurso natural jamais antes pertencente a outro indivíduo. O conceito de propriedade emerge sempre que pensamos em raridade dos recursos, e é por si mesmo, a medida solucionadora de disputas entre dois seres humanos. Mesmo o próprio local no qual um ser humano põe os pés sugere a necessidade de um critério pacífico de resolução de conflitos, dado que duas pessoas não têm como ocupar o mesmo lugar no espaço. Da apropriação original, surgem diversos destinos que uma pessoa pode dar ao seu bem: a troca, a doação, o empréstimo, gratuito ou oneroso, ou outras formas mais complexas de relacionamento com outros humanos, todas pacíficas e porque voluntárias, também mutuamente benéficas. 2. Do valor filosófico: do conceito de propriedade privada surge a garantia de liberdade de um ser humano. A primeira propriedade de uma pessoa é o seu próprio corpo. Um ser humano tem um elo lógico, naturalmente aceitável por qualquer um, para declarar seu corpo como sendo sua propriedade: é ele quem o ocupa, que o forma e que o mantém; qualquer outro critério que alguém alegue para declarar a sua propriedade sobre o corpo de outrem, digamos por exemplo, o fato de ser mais forte, ou mais claro, ou de ter sido encarregado de uma missão divina, é destituído de qualquer vínculo natural e lógico, mas antes, baseado em conceitos puramente arbitrários por ele mesmo estabelecidos. 3. Do valor moral: a liberdade, que é o fruto garantido pelo direito de propriedade, não tem um valor finalístico próprio, mas é ela mesma

---

[269]PIRES, K. C. *O antipolítico*. 23.10.09. op. cit.

[270]HOPPE, H-H. "Uma teoria sobre o socialismo e o capitalismo". p. 100-101. *apud* PIRES, K. C. *O antipolítico*. 23.10.09. op. cit.

[271]FAROL DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA. *Economia e livre iniciativa*. Disponível em http://www.faroldademocracia.org/salaleitura_detalhe.asp?id_tema=24, acessado em 13.04.11.

incondicionalmente ligada à procura da felicidade. Dado que não há, absolutamente, nenhum critério pelo qual um ser humano possa ditar a outro como ser feliz, a busca da felicidade, objetivamente considerada, deve envolver somente o juízo de cada indivíduo, e do que ele estabelece para si mesmo como sendo o alvo de suas aspirações. Quando alguém – um indivíduo, ou um grupo de indivíduos unidos por uma convenção, digamos, o Estado - começa a ditar restrições ao direito de propriedade, ou mais sutilmente, sobre as variações de uso da propriedade, por exemplo, sobre o modo como as trocas podem ser feitas, inexoravelmente inicia um processo de derrogação da liberdade e portanto, da felicidade humana individual. 4. Do valor econômico: Já vimos até aqui que, com a propriedade privada, surge a possibilidade de os seres humanos efetuarem trocas. Estas trocas, quando realizadas pacifica e voluntariamente, atendem ex-ante aos anseios dos seus protagonistas e permitem, com o uso de um meio de troca, ou seja, da moeda, uma avaliação cada vez mais apurada e precisa dos valores que uma dada população atribui a cada bem, dado que os indivíduos, com o objetivo de incrementarem suas condições de vida, tendem a balancear as relações de custo X benefício[272].

Trata-se de uma apropriação extrapolada das mesmas conceituações tratadas pelos clássicos liberais, especialmente John Locke e Thomas Hobbes. As doutrinas destes teriam desenvolvido acertadamente "*um corpo científico em Economia, inovador e, a meu ver, definitivo, para explicar a lei da escassez, o processo de produção e distribuição de riquezas e - o mais valioso de tudo - determinar o exato papel do Estado no processo de produção das riquezas*", além de haver cultivado "*a liberdade, a política assim como a individual, abrindo uma nova dimensão para o ser humano, sem igual na História. Essas grandes conquistas foram uma aquisição permanente para a humanidade*"[273]. Mas ao mesmo tempo, estas doutrinas teriam levado "*ao desenvolvimento da variação jacobina do liberalismo, as doutrinas historicistas que se fundaram sobretudo em Rousseau, mas não podem negar sua gênese em Locke*"[274]. Sobre o que, Nivaldo Cordeiro afirma ter chego a

> […] raiz do problema, que é dupla: de um lado, a doutrina do jusnaturalimo, que propõe uma nova antropologia filosófica, assumindo saber o que é a natureza humana e, a partir daí, propondo a tese do contrato social e a doutrina dos direitos fundamentais, que são os mal afamados *direitos humanos*. Essa suposta natureza humana seria moldável e aperfeiçoável, a grande ilusão dos revolucionários desde então. Não é possível estudar o assunto sem concluir que os direitos humanos de segunda e terceira geração têm a sua raiz teórica em Hobbes […] Do outro lado temos a questão dos *valores*, sejam eles de origem religiosa, sejam as virtudes filosóficas. A exacerbação do individualismo e de sua liberdade anárquica leva à degeneração dessa aquisição preciosa da tradição, descambando para o relativismo moral e para o niilismo. O liberalismo vinculou-se indelevelmente a esse aspecto deletério da modernidade e está na raiz da crise totalitária do século XX. No século XIX o apogeu do liberalismo clássico só foi possível de ser conquistado porque a inércia dos valores cristãos impediu o regresso civilizacional verificado no século

---

[272]FAROL DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA. *Economia e livre iniciativa*. op. cit.
[273]CORDEIRO, N. *Liberalismo e conservadorismo*. 26.02.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/10838-liberalismo-e-conservadorismo.html, acessado em 03.03.11.
[274]Idem.

subseqüente, tanto na Europa como nos EUA e em toda parte[275].

Carvalho, em entrevista a Jeffrey Nyquist, afirma a mesma lógica para os processos do presente, para a história vivida:

> "*Um dos fatores que causou esta mudança, com suas consequências altamente corrosivas para a vida diária dos americanos, foi o "neo-liberalismo" em voga, que via o mundo dos negócios como um poder auto-regulatório, capaz de se sobrepor à moralidade, à religião e à cultura e de ditar padrões de conduta com base no poder supostamente milagroso das leis do mercado. O que tornou os EUA grandes não foi só a economia de livre mercado, mas uma síntese disso com a moralidade cristã e com uma cultura que incluía o amor ao país e à família. Separada dessas forças regulatórias, a economia capitalista se torna um motor de auto-destruição, que é exatamente o que está acontecendo hoje*." Sem dúvida, há muita verdade na afirmação de que a sociedade americana tradicional sofreu colapso, sendo substituída pela "sociedade aberta", assim batizada por George Soros e Karl Popper, a sociedade aberta se define como "*não reconhecendo nenhum valor transcendente e deixando tudo à mercê de conveniências econômicas - conveniências que se alegam até para se justificar a própria demolição do mercado livre e sua substituição pelo estado de bem-estar social, baseado em taxação e dívida.*" Carvalho está dizendo que o livre mercado não torna os homens bons. Ele não os treina para serem morais. Ele não se dá ao trabalho de se defender do socialismo. Esses elementos na sociedade que no passado instilavam valores morais não são mais tão eficazes, se é que têm alguma eficácia[276].

Assim a moral (em sentido civilizacional) e o econômico convergiriam para a manutenção da sociedade, mas não de modo dialético, já que seria possível observar sua suposta cisão – a primazia do econômico como imperativo moral na sociedade capitalista. Cisão a quem pode ser atribuída culpabilidade (as origens revolucionárias do liberalismo e a atuação consciente da esquerda mundial). Aqui vemos o primeiro descolamento que o MSM se propõe a protagonizar: ao identificar o "neoliberalismo" em voga com um processo de "liberdade anárquica", situa a denúncia intelectual de um suposto "comunismo" generalizante como uma tarefa moral, a ser empreendida por seus pares, como uma contraposição necessária a um processo histórico existente, que, para garantir a reprodução econômica do capitalismo, *fim da história*, atribuiu sua gestão política a gerentes de outras classes que não a burguesa, o que traria mudanças decisivas na relação de forças (sendo o perigo dado que, para eles, toda experiência comunista *realmente existente* não passou de uma modalidade desastrosa de gestão política deste mesmo capitalismo). No caso brasileiro, este movimento teria culminado na vitória presidencial do Partido dos Trabalhadores, implicando que outras classes sociais poderiam ser consideradas competentes para a gestão do Estado capitalista, o que é considerado uma vitória crucial na guerra de posições, já que o acesso ao aparelho de Estado permite a concretização uma série de demandas sociais, não necessariamente econômicas, mas que

---

[275]CORDEIRO, N. *Liberalismo e conservadorismo*. 26.02.10. op. cit.
[276]NYQUIST, J. *Aviso de um filósofo*. Entrevista com Olavo de Carvalho. 27.02.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/globalismo/11885-aviso-de-um-filosofo.html, acessado em 01.03.11. Grifos nossos.

alterariam o senso moral de determinada formação social – modificando, portanto, o quadro geral das relações de força. Marcus Boeira, discutindo a ascensão do fascismo na Alemanha, alega que:

> A tarefa das instituições políticas é, em qualquer cultura de ordem, adaptar-se a essa mesma cultura de maneira a representar não a vontade dos governantes ou mesmo a vontade/interesses do povo, senão os símbolos autenticamente significativos da ordem dessa mesma cultura, isto é, representações da verdadeira existência dessas sociedades, manifestas pelo consentimento da comunidade política (Voegelin, Eric. *The authoritarian state: an essay on the problem of the Austrian State*). Em teoria política, chamamos tal consentimento de aceitação por parte de todos com relação aos valores que referem aspectos existenciais comuns entre todos, valores significativos do ser humano enquanto homem pertencendo a uma cultura. Ser um homem dentro de uma cultura é ter uma existência cujos aspectos são decerto manifestações ativas e passivas em uma dialética entre o espírito, a alma e o corpo. Tal dialética existencial é a reprodução mesma da vida do homem e, por sua vez, da sociedade [...] Não há sociedade e, assim, não há homem sem cultura, pois esta é a primeira concepção de ordem presente tanto externa quanto internamente no homem. Externa porque a vida em sociedade só é ordenada por fatores culturais que produzem nas instituições políticas um amplo respeito e admiração pelos valores que acabam por fazerem dessas mesmas instituições entes que servem a sociedade e que, assim, são naturalmente limitadas em seu agir político. Internamente, porque reflete na alma do homem um agir em conformidade com esses mesmos valores, que participam na formação do caráter atribuindo à constituição da personalidade uma ordem indispensável para a integridade do homem, bem como seus juízos constitutivos acerca da vida e do significado da existência. A cultura, nesse aspecto antropológico, aparece como ordem[277].

Então, sendo função maior do Estado a garantia da ordem, e, reconhecendo que a passagem "da propriedade para a felicidade" não ocorre de modo automático, quando (e inevitavelmente, como assinalado) os políticos liberais e democratas são imiscuídos de valores pluralistas, estes deixariam de refletir a ordem cultural (o consentimento) de determinado povo. Ou ainda, compreendendo que os responsáveis por esta hegemonia são os intelectuais, isto os permite fazer uma leitura elitista da própria cultura, já que o terreno da disputa é entre esta elite, não entre a "massa irracional". Assim a pluralidade (a negação da falsa unidade, por eles afirmada verdadeira e também conservadora) só teria como fim fazer avançar a disputa de classes e grupos sociais, correspondendo, necessariamente, a um avanço para os grupos minoritários (que nesta interpretação, só poderia ser uma derrota para os grupos dominantes, não podendo corresponder a uma mudança histórica), em direção à crise aberta. Obviamente, esta é uma interpretação grosseira e brutal do convencimento das classes subalternas, mas é constituída buscando enfatizar a necessidade da coerção aberta e generalizada contra os grupos "revolucionários", dissidentes, já que estes supostamente seriam os únicos com condições de sobressair em uma crise de hegemonia:

> Olhando a história política desde meados do século XIX dei-me conta da paulatina

---

[277]BOEIRA, M. *Porque Weirmar cedeu ao totalitarismo*. 30.08.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/11378-por-que-weimar-cedeu-ao-totalitarismo.html, acessado em 01.04.11.

derrota dos liberais dentro do poder de Estado, em toda parte, inclusive e sobretudo nos EUA. A causa dessa derrota é que liberais e socialistas têm o mesmo paradigma filosófico originário, os primeiro fazendo um discurso racional e os segundos um discurso que chamei "do coração", emocionando as massas. A cada direito humano conquistado, a cada eleição realizada o campo liberal perdeu forças para os socialistas. O resultado foi também duplo: a implantação do totalitarismo e do Estado de bem estar social, sua variação homeopática, que venceu em toda parte. [...] *Os liberais, por apelarem para a razão e por defenderem valores assemelhados com os socialistas, não têm como fazer reverter o quadro dentro da normalidade democrática. Os conservadores podem fazer isso. Há um anseio das massas por uma ordem justa e por valores compatíveis com a tradição*. Há um anseio por um Estado que não ameace a vida prática, que não tome o cidadão por mera mônada indefesa, à disposição dos burocratas, esses engenheiros sociais portadores de total insensibilidade […] Chegou o tempo dos conservadores irem à praça pública e passar sua mensagem, retomar a tradição, reconstruir o Estado que tem sido deformado em todas as dimensões, sobretudo na dimensão jurídica, pelos sucessivos governos socialistas. [278].

Ou seja, o ultraliberalismo assumido pelo MSM é truncado, conciliando discursivamente a concordância com alguns pontos dos clássicos, relativas à mínima interferência do Estado e do livre exercício do mercado, com a rejeição dos seus aspectos morais. Para tanto recorrem a Eric Voegelin, que entende o liberalismo como fruto do "*movimento interno da modernidade depois da ruptura com o cristianismo e a filosofia clássica. Desde então haverá uma sucessão de revoluções, contra-revoluções, restauração e conservadorismo, todos elementos do drama moderno oriundos da ruptura original*"[279]. Segundo Cordeiro, Voegelin divisa o liberalismo em quatro ângulos:

[…] o político, o econômico, o religioso e o científico. Há uma tendência a se olhar a doutrina liberal apenas sob a ótica dos dois primeiros. O liberalismo político logrou grande parte da sua aceitação e legitimidade porque a luta contra os abusos do poder absolutista carregava em si um elemento óbvio de justiça, propondo a separação de poderes e a limitação do tamanho do Estado. *Da mesma forma, o liberalismo econômico, que demonstrou cientificamente a superioridade da ordem fundada no Estado mínimo e nas livres trocas, com o mínimo ou a total ausência de regulação*. O aspecto religioso do liberalismo, que inicialmente se identificou com a Reforma e, posteriormente, com o materialismo ateu, é a sua ponte mais ostensiva com os movimentos coletivistas revolucionários da mesma natureza. Por isso que os liberais estão na linha de frente em questões como o aborto, gayzismo, a eutanásia, a liberação das drogas e a livre sexualidade (e a destruição do casamento monogâmico tradicional, sua conseqüência inevitável). Talvez por isso que nos EUA, "liberal" equivale a esquerdista, pois aqui não há que se fazer distinção: ambos comungam da rebelião contra Deus. A adoção das doutrinas epicurista e estóica (utilitarismo e centralidade imanentista no ego como um substituto de Deus) é elemento que torna o liberalismo e o marxismo, por exemplo, uma única e mesma realidade política doutrinal[280].

Este seria o próprio ideário liberal clássico "*essencialmente revolucionário, mas toda*

---

[278]CORDEIRO, N. *Liberalismo e conservadorismo*. 26.02.10. op. cit. Grifos nossos.
[279]CORDEIRO, N. *Liberalismo e revolução*. 15.03.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/10903-liberalismo-e-revolucao.html, acessado em 01.12.10.
[280]Idem.

revolução gera o seu contrário e o próprio liberalismo acabou por ser ele mesmo a variante que precisa controlar a anarquia revolucionária, estabilizando-a"[281], este aspecto uma característica intrínseca da doutrina, ela necessariamente contém um elemento a ser fortemente combatido, o que os permite "assemelhar" projetos históricos tão distintos como o marxista e o liberal (mesmo que o primeiro possa ser considerado contenção do segundo, este só existe em função do primeiro) nos mesmos termos de fim histórico, o que nos remete para a discussão sobre o maniqueísmo exigido pelo anticomunismo feita no tópico anterior. Segundo Olavo de Carvalho, "*o liberalismo, no sentido em que uso o termo, acredita que a liberdade é um princípio fundante da política, mas a liberdade é apenas uma regra formal*", que quando tratada como "*condição de princípio, resulta no esvaziamento relativista de todos os valores, fomentando a mutação revolucionária e a extinção da própria liberdade*"[282].

Esta apreensão marca sua peculiaridade política em relação aos liberais "tradicionais", pois mesmo retoricamente partilhando com a luta pelo avanço do desmonte do Estado e da intervenção deste no mercado, eles utilizam justificativas civilizacionais, morais, para desta base constiuírem seus elementos ideológicos de cunho fascista. Não trata-se de uma "evolução normal" de uma direita "extremada", mas da configuração de um projeto fascista nas bases econômicas exigidas pelo capitalismo em sua historicidade. Tanto que, no movimento da modernidade assinalam sua expressão máxima com o marxismo, doutrina que teria como mote o assassinato de deus, a inspiração maior para os totalitarismos, já que, supostamente partiria de uma concepção acabada de história – portanto de um projeto acabado de sociedade, destinado a forçar a realidade à utopia:

> A essencialidade (*Wesenhaftigkeit*) do homem na natureza torna a busca de uma essência além da natureza como inessencialidade (*Unwesentlichkeit*) do ser alienante divino. Deixará de ser preciso o ateísmo como negação de Deus enquanto condição de posicionamento da existência do homem. O socialismo é a auto-consciência positiva da realidade humana sem a mediação da negação religiosa. (*Manuscritos 1844*, 3, pp.125 e ss.) O comunismo é uma contra-ideia que visa ultrapassar um estado histórico; não é uma reforma institucional; é uma mudança na natureza do homem. O comunismo em bruto (*roher Kommunismus)* pretende a propriedade privada geral e o nivelamento social. É movido pela inveja e é uma manifestação de selvageria, *Niedertracht*, na comunização dos bens e das mulheres. O socialismo ou verdadeiro comunismo, *wahre Kommunismus, Sozialismus*, é o regresso do homem a si mesmo como ser social. É um naturalismo humanístico com a solução do conflito entre o homem e a natureza[283].

Ao retirar-se do indivíduo a capacidade de mediar a realidade sensível com um plano transcendental, metafísico e a-histórico, lugar de que seria proveniente a moral, os valores, as

---

[281]CORDEIRO, N. *Liberalismo e revolução*. 15.03.10. op. cit.

[282]GARSCHAGEN, B. *"Ser conservador é não ser jamais o portador de um futuro radiante"*. Bruno Garschagen entrevista Olavo de Carvalho. 01.08. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/0801entrevista.html, acessado em 10.04.11.

[283]VOEGELIN, E. *Karl Marx (1818-1883)*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/convidados/mendo2_2.htm, acessado em 11.03.11.

normas civilizacionais, garantias de uma vivência humana *possível*, estaria cumprida a grande missão do marxismo e dos marxistas. Estes resumiriam o homem em uma dimensão única, social, que é por ele compreendida como funcionalista:

> Na raiz da ideia marxiana está uma doença espiritual, a revolta gnóstica de quem se fecha à realidade transcendente. A incapacidade espiritual aliada à vontade mundana de poder provoca o misticismo revolucionário [...] A tendência para estreitar o campo da experiência humana à área da razão utilitária e pragmática; a tentação de a tornar a preocupação exclusiva do homem; a tentação de a tornar socialmente preponderante por pressão económica e por violência, fazem parte de um processo cultural que visa operar a substância humana através de uma vontade planeadora pragmática. Mas o sonho de criar o super-homem que sucederá à criatura divina, a ideia do indivíduo total que se apropria das faculdades do sistema industrial, para a sua auto-actividade, são empiricamente irrealizáveis. A mudança da natureza humana através da experiência da revolução é um estéril misticismo intramundano[284].

Como visto, o entendimento "funcionalista" dos diferentes projetos históricos e sociais surgidos na modernidade o permitem configurações metafísicas absolutamente distorcidas sobre estes projetos, pois sejamos justos com o próprio funcionalismo, o que o MSM e seus intelectuais cometem ideologicamente é uma somatória abstrata de assemelhações, que exatamente por esta só ser possível no terreno do abstracionismo mais idealista, julga todas as operações dos mais distintos projetos sociais como sendo da mesma ordem. É a inadequação completa de qualquer dialética entre a abstração e a realidade social, e mesmo entre os mais distintos níveis de abstração possíveis de serem entendidos na produção do conhecimento. E exatamente esta justificativa "transcendental" que os permite compreender ideologicamente um elemento fortemente liberal, no sentido que só o capitalismo de livre mercado pode prover ao homem o *máximo possível de sua liberdade*, e ao mesmo tempo o elemento dominante estritamente reacionário, combativo e distintivo dos liberais "puros", dado sua necessidade de combater a molécula revolucionária contida no liberalismo clássico – o que só seria possível através do imperativo categórico metafísico das normas sociais. "*Agostinho estava convencido de que nada na história acontecia sem o conhecimento e sem a aprovação de Deus. O mal, nessa perspectiva, deriva da perversidade do homem, que abusa da dádiva do livre arbítrio. E também carrega consigo a mancha do pecado original*", que configuraria esta "tese" como "*a verdadeira antropologia cristã e quer me parecer que é a expressão da verdade enquanto tal*"[285]. Este entendimento alegadamente errôneo é o que os permitem "enxergar" no Leviatã, no Estado moderno todas estas supostas implicações sociais e culturais, já que gestor da formação (ou deformação) moral do homem – que nos dias de hoje negaria este papel de conciliação cultural, contrapondo-o à religião, à família –, forçando os homens

---

[284]VOEGELIN, E. *Karl Marx (1818-1883)*. op. cit.
[285]CORDEIRO, N. *A questão do mal natural*. 20.01.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/cultura/11777-a-questao-do-mal-natural.html, acessado em 03.01.11.

a reduzir e deformar suas características naturais, cujas formas mais extremas ocorreriam sob o totalitarismo:

> O que Voltaire fez foi supor, como de resto todos os Iluministas, que o homem nasce "bom" e a sociedade é que o desencaminha. Vão além dessa tese, ao dizer que o homem pode ser aperfeiçoado moralmente, desde que direcionado para isso pela via do Estado. Daí a fé de que o sistema jurídico estatal pode criar o homem perfeito neste mundo. Desde então o esforço nessa direção tem sido total. Não deixa de ser irônico que o Jardim da Infância na estrutura escolar - o Kindengarten - tenha sido uma criação nazista mundialmente copiada, no suposto de que, tirando a criança da família biológica ainda cedo e entregando-a ao Estado, se estaria construindo um mundo melhor. Não demorou para que os criadores dessa monstruosidade inaugurarem os fornos crematórios. Enfim, o mal natural é um dado da existência que só prova a fragilidade do homem e a única coisa sábia a fazer é aceitar os ensinamentos da tradição[286].

Isto significa que o MSM compreende o Estado em seu sentido integral para assim o negar, entendendo claramente a necessidade de um Estado forte para a gestão econômica liberal, mas focando no mesmo sentido que Gramsci viu a taylorização, da atuação civilizacional sobre os homens, assim justificando sua atuação neste campo. O combate contra este Estado se faz possível em especial pela força de pressão sobre o campo jurídico, o que na maior parte dos casos ocorre de modo reativo. Segundo Gramsci:

> A formulação do movimento do livre-câmbio baseia-se num erro teórico cuja prática não é difícil identificar, ou seja, baseia-se na distinção entre sociedade política e sociedade civil, que de distinção metodológica é transformada e apresentada como distinção orgânica. Assim, afirma-se que a atividade econômica é própria da sociedade civil e que o Estado não deve intervir em sua regulamentação. Mas, dado que sociedade civil e Estado se identificam na realidade dos fatos, deve-se estabelecer que também o liberismo é uma "regulamentação" de caráter estatal, introduzida e mantida pela via legislativa e coercitiva: é um fato de vontade consciente dos próprios fins, e não a expressão espontânea, automática, do fato econômico. Portanto, o liberismo é um programa político, destinado a modificar, quando triunfa, os dirigentes de um Estado e o programa econômico do próprio Estado[287].

Isto é consoante com sua atuação política como guerra cultural, pois mesmo concordando com o projeto econômico ultraliberal, alinhando-se assim as proposições da classe dominantes, diretamente dependentes do capital-imperialismo, o fazem também para ser possível ir além, já que compreendem que as transformações morais advêm do mesmo Estado, que teria de garantir a ordem social, apenas possível, na concepção do MSM, com um Estado que admita plenamente suas funções como combatente da "desordem". Este tipo de proposições ainda que os aproxime da burguesia nacional, ao mesmo tempo impede que seu projeto seja assumido por todas suas frações. Novamente, que advogar um projeto político que almeje como horizonte a derrubada dos dirigentes

---

[286]CORDEIRO, N. *A questão do mal natural*. 20.01.11. op. cit.
[287]GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. op. cit. p. 47.

atuais do Estado não o faz ser um fim em si, *mas constituí a sua base para atuação política*. Sua justificativa assume um caráter totalizante do Estado, pois a sociedade política teria supostamente sido infectada pelo liberalismo e pelo comunismo, conivente com a ascensão de uma série de símbolos culturais "artificiais" advindos da permissão da existência de uma elite intelectual "revolucionária" na sociedade civil – existência elitista, pois contrária à "índole" do povo brasileiro, que naturalmente ansearia pela busca da ordem:

> Porém, quando as instituições estatais não se vinculam mais aos símbolos representativos dessa ordem cultural, a saber, aos nexos de consentimento da comunidade política, o primeiro passo certo seria uma reforma profunda no seio dessas mesmas instituições. No entanto, quando as instituições permanecem as mesmas, sobretudo quando o coração dessas instituições é neutro, vazio e sem sentido cultural, como o que aconteceu com Estado administrativo germânico nos anos 30, a saída não pode ser outra senão a criação artificial de novos símbolos representativos da ordem. Artificiais porque os símbolos não mais seriam manifestações do consentimento da sociedade, mas representações criadas pelos homens que exerciam poder político para manter seus cargos e usarem dos mesmos para realização de um projeto messiânico escatológico. O totalitarismo, assim, foi entrando em uma cultura cega, pueril, em uma sociedade sem condições existenciais de avaliar a ordem e a desordem reinante. Os responsáveis pela maturação do Estado total foram criadores de símbolos artificiais em uma cultura de desordem espiritual. Daí o sucesso desses homens! A desconexão entre a realidade política (símbolos artificiais) e os símbolos anteriores (símbolos naturais, frutos do consentimento) provocou uma dissociação entre os valores autênticos da cultura e a própria realidade existencial, tornando as instituições passivas diante do quadro instaurado[288].

Fica claro, que é tendo como perspectiva a crise de hegemonia que estes intelectuais atuam, mesmo que a significando em termos "culturais", enfatizando a existência de descompasso entre o Estado e os símbolos da ordem. Desta maneira defendem que o Estado teria sido relegado ao "*mundo dos negócios como um poder auto-regulatório, capaz de se sobrepor à moralidade, à religião e à cultura e de ditar padrões de conduta com base no poder supostamente milagroso das leis do mercado*", sendo que separada das idéias-força que incutiam e assim reproduziria a ordem cultural, a "*moralidade cristã e com uma cultura que incluía o amor ao país e à família*", já que o livre mercado, a atuação das grandes corporações e seus *think tanks*, por si mesma "*não torna os homens bons. Ele não os treina para serem morais. Ele não se dá ao trabalho de se defender do socialismo. Esses elementos na sociedade que no passado instilavam valores morais não são mais tão eficazes, se é que têm alguma eficácia*"[289]. Portanto, o estado em crise deve ser combatido para a manutenção do mesmo. Para compreendermos a função que a crise tem como elemento operativo em um discurso ideológico, retornamos para Chauí, que entende que, quando os conflitos internos de uma sociedade são representados como impossíveis de serem "*controlados surge uma idéia-chave, panacéia de todos os males, uma explicação irrecusável daquilo que 'efetivamente' estaria*

---

[288]BOEIRA, M. *Porque Weirmar cedeu ao totalitarismo*. 30.08.10. op.cit.
[289]NYQUIST, J. *Aviso de um filósofo*. Entrevista com Olavo de Carvalho. 27.02.11. op. cit.

ocorrendo no real", esta: "*a imagem da crise*"[290].

Esta crise gerada na realidade social e enfatizada pelo discurso, "*é imaginada como um movimento de irracionalidade que invade a racionalidade, gera desordem e caos e precisa ser conjurada para que a racionalidade (anterior ou outra, nova) seja restaurada*", assim servindo "*para opor uma ordem ideal a uma desordem empírica, na qual a norma ou a lei são contrariadas pelo acontecimento, de sorte que a 'conjuntura' põe em risco a 'estrutura'*", mas sempre pressupondo um "*dever-ser contrariado pelo acontecer, mas que poderá ser restaurado justamente porque é um dever-ser*"[291]. A clara identificação acerca do elemento metafísico, capaz de adquirir e formular lógica ao discurso, ao mesmo tempo nos provém do elemento irracional, da necessidade reacionária da busca pelo direito natural do homem, só podendo mensurar este através da mediação transcendental. "*Quando a verdade se torna óbvia demais e as mentes obstinadas continuam a negá-la sem que se possa acusá-las de ocultação interesseira, então estamos diante daquele fenômeno que Eric Voegelin chamava 'estupidez criminosa'*", que constitui "*o abuso intolerável do direito à imbecilidade*"[292]. Sobre suas funções para o discurso contrarrevolucionário Chauí anota dois sentidos complementares:

> [...] por um lado serve de explicação (saber) para a emergência do irracional no coração da racionalidade (isto é, serve para ocultar a crise verdadeira), por outro lado, mobiliza os agentes sociais acenando-lhes o risco da perda da identidade, suscitando-lhes o medo da desagregação social, isto é, da revolução e oferece-lhes a oportunidade de restaurar uma ordem não crítica graças à ação de alguns salvadores da ordem ameaçada (eis porque a crise, no discurso contra-revolucionário, é posta como crise de autoridade) […] A crise é usada para fazer com que surja diante dos agentes sociais o sentimento de um perigo que ameaça igualmente a todos, dá-lhes sentimento de uma comunidade de interesses e de destino e leva-os a aceitar a bandeira da salvação da sociedade supostamente homogênea. Nesta medida, a imagem da crise pode funcionar como mola propulsora de um discurso e de uma prática contra-revolucionários porque visa a impedir que as classes sejam assumidas como tais[293].

Retornamos para Boeira, na sua análise sobre a República de Weimar, onde entende que o Estado optou por não partilhar desta disputa cultural, assim conscientemente abdicando o papel de gestor principal dos símbolos da ordem:

> Ainda assim, é importante que se diga que no início dos anos 30 as instituições administrativas, como instituições estatais que eram, não estavam mais representando a existência e o consentimento da comunidade na prestação "devida" dos serviços, mas eram instituições burocráticas cujo único caráter era o de servir

---

[290]CHAUÍ, M. "Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira". *In*. CHAUÍ, M; FRANCO, M. S. C. *Ideologia e mobilização popular*. op. cit. p. 127.
[291]Idem. op. cit. p. 127-128.
[292]CARVALHO, O. de. "Estupidez criminosa". *Diário do Comércio,* 26.02.07. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/070226dc.htm, acessado em 10.02.11.
[293]CHAUÍ, M. "Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira". *In*. CHAUÍ, M; FRANCO, M. S. C. *Ideologia e mobilização popular*. op. cit. p. 129.

> não mais ao público, mas ao poder. Assim, o crescimento do Estado administrativo no final dos anos 20 levou à falência de uma representação legítima das instituições burocráticas com relação à comunidade política. A idéia de consentimento não servia mais como a base para a legitimação racional legal e o projeto idealizado por Weber não mais se fazia representar. A maior ênfase na finalidade política e não burocrática levou a administração e, assim, o Estado a desconsiderar a substância do poder (consentimento da comunidade), levando a ausência de conexão entre o arranjo de instituições e o *consensus* político-social. Essa ausência provocou uma distância entre o Poder, o Direito e a Administração de um lado, e a sociedade alemã, inserta em um ambiente cultural maciçamente coletivista e materialista, de outro. E, se o direito, que é a base do poder e da administração em um Estado de Direito estão distantes do consentimento social, ele fica a mercê daqueles que exercem esses mesmos cargos em órgãos estatais. Resultado: *a situação caótica de uma democracia sem ordem fez com que o primeiro antidemocrata que subisse ao poder implementasse seu "Estado Ideal" goela a baixo da sociedade alemã*. O *Rechtsstaat* foi substituído por um Estado Totalitário, cuja ideologia era encarada como "verdade absoluta" da história. Seu líder: um messias revolucionário, que apareceria como salvador de uma Alemanha devastada, não por fora, mas por dentro, vez que o lado espiritual da cultura alemã havia desaparecido com o romantismo e com o coletivismo historicista[294].

Esta argumentacão permite ao MSM compreender o totalitarismo em formulações plenamente ultraliberais, partindo exatamente da leitura totalizante do Estado capitalista e suas funções gestoras das formas de exploração nos limites nacionais, já discutida. A questão para eles torna-se problemática pela ampliação deste, entre as formas de gestão da coerção e do convencimento: qualquer abertura no aparato de Estado para as reivindicações das classes não proprietárias assim como para grupos sociais que em seu modo de vida divirjam das proposições idealistas chauvinistas concebidas entre povo e Nação (com predominância clara do primeiro sobre o segundo, o formando e normatizando). Qualquer expressão da luta de classes dentro dos aparelhos de Estados é considerada elemento danoso à passagem da liberdade para a felicidade. Assim é possível, para eles, considerar todas as ampliações dos Estados capitalistas (que associam com a "sociedade aberta" tal qual formulada por Karl Popper) relacionadas com a comunização da sociedade, permissivas com caráter revolucionário da etapa histórica que vivemos e que em última instancia (seguindo a mesma lógica que já discutimos em relação ao anticomunismo) só poderia levar ao mesmo fim social: o totalitarismo burocrático. O Estado somente deveria fazer-se palanque para a classe dominante, prioritariamente coercitivo, autoritário e chauvinista. A ampliação dos Estados capitalistas durante o século XX, em seu aumento considerável relativo tanto aos crescimento da necessidade de funcionários, cujos encargos burocráticos giram em torno da gestão das formas de dominação, de exploração, da expropriação, somente ofuscariam a necessidade da ênfase nos "símbolos da ordem", da coerção estatal sobre todas as classes subalternas assim como os "desviantes", estes sendo de qualquer origem social.

As ascensões dos regimes totalitários só poderiam estar relacionados com as crises que as

---

[294]BOEIRA, M. *Porque Weirmar cedeu ao totalitarismo*. 30.08.10. op.cit.

doutrinas da modernidade (como elemento base para uma interpretação cultural unidimensional e com um forte elemento irracionalista das crises sociais do capitalismo) obrigatóriamente fazem aflorar, sendo que como elemento "preventivo", só poderiam então ser contidas, combatidas em nome da reação, da disputa pela ordem, do direito natural dos homens, considerado "*religiosa e filosoficamente transcendental*". A disputa desvincula-se do campo social para mistificar-se em uma necessidade "*que a ordem temporal seja o reflexo da ordem da alma. Esse é o verdadeiro tema de nosso tempo*"[295]. Tema este que figura como domínio alegadamente exclusivo do MSM e dos intelectuais que reivindica. A citação seguinte é um pouco longa, mas é crucial para compreender a relação entre a direita e a reação, ou seja, expõe "historicamente" o traço distintivo que o MSM busca afirmar para si:

> Independentemente e acima das definições mutáveis que os grupos políticos dão a si mesmos e a seus adversários, existe a realidade histórica que o estudioso pode apreender desse mesmo conjunto de mutações tal como aparece num período de tempo suficientemente longo. Historicamente – não ideologicamente – "esquerda" é o movimento revolucionário mundial, "direita" é a reestabilização periódica da sociedade segundo o arranjo possível entre os valores tradicionais da civilização judaico-cristã e o estado de coisas criado pelas expansões e retrações do movimento revolucionário a cada etapa do processo histórico. Nesse sentido – e só nele –, sou, com toda a evidência, um direitista. Também nesse sentido é corretíssima a denominação que os esquerdistas deram à direita em geral: "reação" […] O movimento revolucionário como um todo é uma tradição de pleno direito, com unidade e continuidade conscientes, refletidas não só nos incessantes reexames históricos a que seus líderes e mentores se entregam com mal disfarçada volúpia, mas na história dos grupos, correntes e organizações militantes, notáveis pela sua estabilidade e permanência ao longo dos tempos. A "reação" não tem nenhuma unidade em escala mundial [...] Uma "internacional direitista" é quase inconcebível, e é de certo modo inevitável que seja assim. A ação revolucionária é global de nascença, seu campo de ação é o mundo inteiro. As reações não poderiam ser senão locais e esporádicas, conforme a multiplicidade casual dos valores – patrióticos, religiosos, morais, sociais e econômicos – que pareçam mais diretamente ameaçados pelo movimento revolucionário em cada lugar e ocasião. Voltando-se contra aspectos determinados e parciais da revolução, as reações vivem num perpétuo desencontro do qual só poderão sair quando enxergarem a unidade do inimigo e entrarem num acordo de combatê-lo como um todo, não por pedaços isolados. Uma dificuldade que se opõe a isso é que, como as dissidências internas do movimento revolucionário se rotulam mutuamente de reacionárias, com freqüência algumas delas passam como verdadeiramente direitistas perante a população mal informada e até perante a liderança reacionária, que assim acaba dividida por efeito da infiltração e das intrigas. Outra dificuldade é que, tomadas isoladamente, nem todas as propostas do movimento revolucionário são más ou destrutivas. Ao contrário, muitas delas não são senão valores tradicionais usurpados, adulterados e colocados a serviço do plano revolucionário de conjunto[296].

Para Carvalho, somente se pode compreender o real papel, tanto das direitas quanto das esquerdas na história, através da procura entre as "*diferenças estruturais de percepção da realidade,*

---

[295]CORDEIRO, N. *Liberalismo e conservadorismo*. 26.02.10. op. cit.
[296]CARVALHO, O. de. "Estupidez criminosa". *Diário do Comércio*. op. cit.

das quais os sucessivos discursos historicamente registrados como de direita e esquerda pudessem se desenvolver com toda a sua variedade interna alucinante, sem prejuízo das estruturas básicas", sendo que para ele, este resultado só teria chegado a resultados práticos, quando teria substituído "*os termos 'esquerda' e 'direita' pelos de 'revolução' e 'reação'. Daí para diante, foi ficando cada vez mais evidente para mim a unidade histórica do movimento revolucionário*", possibilitando-o compreender como "*muitos movimentos tidos popularmente como 'de direita' operavam, de fato, na clave revolucionária e não reacionária*". Estes "*acabavam jogando lenha na fogueira da revolução, e trabalhando, portanto, contra seus próprios ideais declarados*". Desta conclusão extraiu sua profissão de fé, a necessidade de "*captar e descrever a unidade do movimento revolucionário*", de apresentar "*a verdadeira natureza do seu inimigo permanente. É desfazer uma infinidade de confusões catastróficas, que determinaram, ao longo do tempo, outras tantas políticas suicidas*"[297].

Esta interpretação do processo histórico, entendido como resultado da disputa entre grupos sociais antagônicos, e irreconciliáveis ideologicamente (propositadamente não há nenhuma indicação sobre a questão em termos sociais), apresentaria a arena de combate para o conservador, que entendendo que a este cabe a manutenção do existente e a negação do futuro histórico prometido pelos outros, já que, por seu caráter "irrealizável", só levaria a terríveis consequências. "*Tomar a sua própria ideologia como culminação e objetivo final da História e depois redesenhar a sucessão dos tempos passados para forçá-la a confirmar esse preconceito*", seria um vício advindo dos "*pensadores modernos, que acabou por penetrar fundo na alma dos povos e consolidar-se como um dogma da religião civil em quase todos os países do mundo*". Isto se verificaria nos repetição levada a cabo nos "*debates populares os partidários das correntes mais díspares apelam aos lugares-comuns do 'avanço' e do 'retrocesso', do 'progresso' e do 'atraso', não só para comparar sua imagem de si próprios com a de seus adversários*", sendo que "*se tornou natural e improblemático imaginar a totalidade do movimento histórico como uma linha unidirecional com trajeto uniforme e objetivo predeterminado*"[298]. Em entrevista, Carvalho explicita esta questão:

> Se o oposto de revolução é "reação" ou "conservadorismo", um reacionarismo ou conservadorismo consciente não atacará o movimento revolucionário apenas na superfície dos seus ideais proclamados ou da sua conduta política ostensiva, mas na base mesma, que é a inversão revolucionária da consciência e das consciências. Como todo movimento revolucionário se arroga o papel de representante do futuro, ele só responde perante o tribunal do futuro, mas como esse futuro, por definição, é móvel, o seu autonomeado representante no presente não tem jamais de responder perante ninguém. A mentalidade revolucionária é, na base, a reivindicação de uma autoridade ilimitada, de um poder divino. As pretensões explícitas de tal ou qual

[297]GARSCHAGEN, B. *"Ser conservador é não ser jamais o portador de um futuro radiante"*. Bruno Garschagen entrevista Olavo de Carvalho. 01.08. op. cit.
[298]CARVALHO, O. de. "Estupidez criminosa". *Diário do Comércio*. 26.02.07. op. cit.

> líder revolucionário podem até parecer modestas e sensatas na formulação verbal que ele lhes dê no momento, mas no fundo delas está sempre essa reivindicação, essa exigência implícita. Os movimentos revolucionários não criaram as grandes ditaduras genocidas do século XX por um desvio dos seus belos ideais ou por um acidente histórico qualquer. *Eles as criaram por necessidade intrínseca da própria dialética revolucionária, que sempre terminará em totalitarismo sangrento, seja por um caminho, seja por outro caminho aparentemente inverso. É nesse ponto, precisamente, que a mentalidade revolucionária tem de ser atacada de maneira implacável e incansável: ela é demência megalômana na sua essência mesma. Ela nunca pode produzir nada de bom. Ela é a mentira existencial mais vasta e profunda que já infectou a alma humana desde o início dos tempos. Ela é crime e maldade desde a sua raiz mesma – e é essa raiz que tem de ser cortada, não as ramificações mais aparentes apenas*. A boa notícia é que o movimento revolucionário não é uma constante na história humana. Ele apareceu numa dada civilização e num dado momento do tempo. Ele teve um começo e terá um fim. Apressar esse fim é o dever de todos os homens de bem[299].

Neste artigo aparece novamente o caráter fascistizante da prática política do MSM, que em momento nenhum esconde sua apregoada função enquanto formadores de uma nova intelectualidade capaz de gestar o Estado e a sociedade, atuando exatamente como escolas de vida estatal. "*Na esquerda, os intelectuais têm uma função orgânica, são os formuladores de estratégias gerais que os políticos seguem com uma constância admirável. Já a direita quer intelectuais apenas como propagandistas de idéias prontas*", que teriam como "*agravante de que aquelas idéias não são nem idéias, são apenas os preconceitos, ilusões e regras de bom-tom da classe economicamente privilegiada, cuja máxima aspiração é amolecer o coração da esquerda, na vã esperança de que, bem afagada, ela a deixará em paz*"[300]. Então assumindo-se como parte de um contra movimento maior que si (a necessidade histórica de sua função), ostenta-se a exata perspectiva já equacionada em relação à liberdade: *sua atuação política também é condicionada ao possível*. Isto significa que não apresentando o MSM como partido formal (o que segundo Carvalho custaria muito dinheiro) e, ao mesmo tempo, não assumindo o papel típico de "salvador" de determinada conjuntura social (o que por sinal dotam ainda de irracionalismo intrínseco, mas sempre enfatizando sua eficácia) para atuar dentro do possibilismo, o que supostamente impediria acusar esta prática política como fascista.

Isto é observado dentro do próprio possibilismo como uma posição estratégica, já que a conjuntura não permite avançar neste sentido – mensurado mais em termos de aceitação entre a burguesia do que do ponto de vista da disputa entre classes, pois nota-se a aproximação clara entre as direitas reacionárias, inclusive seu armamento, ao mesmo tempo que só nos resta constatar a desmobilização sistemática da maioria das organizações historicamente constituídas pela classe trabalhadora (vide-se o caso das Centrais Sindicais nacionais, fenômeno de alcance global). Para o

[299]GARSCHAGEN, B. *"Ser conservador é não ser jamais o portador de um futuro radiante"*. Bruno Garschagen entrevista Olavo de Carvalho. 01.08. op. cit. Grifos nossos.
[300]CARVALHO, O. de. *Quem avisa amigo é*. 02.03.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/10858-quem-avisa-amigo-e.html, acessado em 13.11.10.

MSM, as tarefas para o combate do movimento revolucionário iniciariam pela pressão para o avanço das reformas ultraliberais, a “modernização” das economias nacionais, mas ao mesmo tempo enfatizando a necessidade de *trazer à tona os símbolos da ordem*, perspectiva deixada de lado pelo que chamam de neoliberais globalistas, convictos da hegemonia de seu projeto histórico – que não supre as revoltas e rebeliões, mas tiram de seu plano imediato a possibilidade revolucionária, contanto em última instância, com o poder coercitivo do capital-imperialismo e seu maior representante, os Estados Unidos, como visto nos levantes árabes. Para o MSM trata-se de resolver nacionalmente, no interior de cada formação social as convulsões e rebeliões sociais geradas pela contradição capital-trabalho, investindo como solução para as crises o Estado de exceção, capaz de aniquilar “cirurgicamente” os intelectuais capazes de atuar para que estas rebeliões se politizem, tanto que o exemplo que sempre reivindicam é o da ditadura civil militar empresarial brasileira, que teria tido uma capacidade estratégica de contenção dos elementos subversivos muito mais eficiente, e que teria errado somente ao não ser levada a suas últimas conseqüências, graças à teoria da panela de pressão de Golbery.

Quando indagado sobre as características que diferenciaria os direitistas conservadores dos alinhados aos revolucionários, dos perigos de não existir uma contraposição consequente ao movimento revolucionário, Carvalho respondeu que:

> O principal e mais desastroso reflexo é que o próprio impulso conservador, um dos mais básicos e mais saudáveis da humanidade, acaba por não ter meios próprios de expressão e por copiar as estratégias e táticas revolucionárias, infectando-se da mentalidade que desejaria combater. Só para dar um exemplo, quando você rejeita alguma proposta revolucionária, logo lhe perguntam: “Mas o que você propõe em lugar disso?” Aí o conservador começa a inventar hipotéticas soluções conservadoras para todos os problemas humanos, e perde a autoridade da prudência, passando a discursar na clave psicótica das “propostas de sociedade”. *Ser conservador é não ter nenhuma proposta de sociedade, é aceitar que a própria sociedade presente vá encontrando pouco a pouco a solução para cada um dos seus males* [...] Ser um conservador é saber que os limites da capacidade humana não desaparecerão só porque Lênin mandou ou porque Trotski disse que no socialismo cada varredor de rua será um novo Leonardo da Vinci**[301]**.

Mas no caso do Brasil, segundo o MSM, por sua característica formação histórica, sempre visou a conciliação entre as elites, de modo a perpetuar o grupo dominante, nosso “conservadorismo” acabou por ter características específicas e negativas, derivadas de nosso “iberismo”[302] – a maneira tonitruante da direita “explicar” o desenvolvimento nacional através da

---

[301]GARSCHAGEN, B. *“Ser conservador é não ser jamais o portador de um futuro radiante”*. Bruno Garschagen entrevista Olavo de Carvalho. 01.08. op. cit. Grifos nossos.

[302]“*O anseio da unidade divina, nostalgia da coincidentia oppositorum, já havia sido notado por Hermann Keyserling como uma das constantes da alma portuguesa. Mas os portugueses nunca acreditaram que a paz entre o lobo e o cordeiro pudesse ser realizada neste mundo. Nunca confundiram a esperança apocalíptica com a fé em promessas autocontraditórias de políticos espertalhões*”. CARVALHO, O. de. “Um clássico e um paralelo”. *O Globo*. 07.06.03. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/030607globo.htm, acessado em 10.04.11.

"via prussiana". Discutindo o livro *A consciência conservadora no Brasil*, de Paulo Mercadante, Carvalho entende plenamente confirmada sua hipótese, que apresenta nas três proposições abaixo:

> 1. A mentalidade conservadora em geral, tal como se delineia numa tradição que vem de Edmund Burke a Russel Kirk, define-se pelo senso da continuidade temporal, pela ojeriza às súbitas mutações revolucionárias, pelo desejo de preservar a integridade do legado civilizacional por baixo das lutas e traumatismos ideológicos de cada momento histórico. 2. No Brasil, essa mentalidade adquire uma nuance peculiar, que a diferencia de todos os conservadorismos conhecidos no mundo. É que entre nós ela se instaura e se mantém por meio de uma estratégia de conciliação que, no afã de evitar as rupturas, tenta harmonizar até mesmo o incompatível. O caso mais flagrante, entre mil outros citados no livro, é a quase candura com que os mentores da nossa independência adaptaram a ideologia do liberal-capitalismo às exigências da economia escravagista, em contraste com os americanos que não hesitaram em se matar nos campos de batalha para afirmar a preponderância de um dos lados. 3. A conciliação a todo preço, estando na base da unidade nacional, é a origem das venturas e desventuras do conservadorismo brasileiro. De um lado, ela permitiu que o país atravessasse mudanças profundas com pouquíssimo dispêndio de sangue humano. De outro, a acomodação pragmática aos impulsos desencontrados rebaixa o valor das idéias, degradando-as a meros pretextos para os arranjos de interesses, dessensibilizando as inteligências para a diferença entre a verdade e o erro, infectando toda a cultura nacional com o vírus do fingimento e sedimentando, de tempos em tempos, o "compromisso da banalidade" como fórmula mágica para a solução aparente de problemas que, por baixo dos sorrisos do *establishment*, conservam toda a sua carga explosiva[303].

Compreendendo que esta "*tese é imbatível*", a verifica "*da maneira mais patente, na corrida geral dos 'direitistas' para aderir a um partido que chegou ao poder prometendo exclui-los para sempre da arena política*", o mesmo governo que na "*ânsia de conciliações impossíveis*" busca "*ao mesmo tempo reprimir o narcotráfico e continuar amiguinho das Farc, harmonizando a lei e o crime*". Assim sendo, o conservadorismo nacional acaba por não ser "*uma filosofia política, não é nem mesmo uma ideologia: é uma atitude -- ou vício -- do espírito, que, fugindo aos confrontos, foge à realidade. E que o faz, não raro, camuflando em efusões de triunfalismo retórico a sua impotência de agir*", sendo que tanto a "*direita e esquerda no Brasil são, nesse sentido, igualmente 'conservadoras'*"[304]. Conservadorismo marcado como expressão de um compromisso social em torno de frações da burguesia, e de modo restrito em relação às demais classes subalternas (julgando que, afinal, o "conservadorismo brasileiro", teria evitado banhos de sangue), ou seja, este conservadorismo polui-se por sua incapacidade de rejeitar tanto o socialismo proletário quanto o liberalismo interessista de nossa burguesia, ambos convergentes para a crise da sociedade. Então, embora este conservadorismo seja funcional, afinal teria vigorado por tanto tempo a ponto de tornar-se um caractere nacional, ele não prevê uma ação definitiva, suprimindo o surgimento de um conservadorismo capaz de impor-se sem estas mediações, que por tentar fazer convergir os interesses de diferentes classes sociais dentro de um mesmo projeto político (a ênfase não ocorre

[303]CARVALHO, O. de. "Um clássico e um paralelo". *O Globo*. 07.06.03. op. cit.
[304]Idem.

pelo desenvolvimento da hegemonia, pela incorporação de interesses parciais das classes subalternas para a reprodução da dominação de classes) acaba por convergir em um só ponto: que numa sociedade em que existem duas classes fundamentais, qualquer tipo de conciliação só pode ser feita para o detrimento dos estratos intermediários – os mesmos que o MSM reivindica como representante autorizado.

O MSM não posiciona-se como anticapitalista, mas dotado uma posição "antineoliberal" retórica, pois ao beneficiar o desenvolvimento de monopólios e oligopólios o capital-imperialismo necessita superar as bases econômicas do qual se originou, acabando com o espaço social ocupado pelo empreendedor capitalista pequeno burguês, o estrato médio da sociedade, que tende a ocupar com trabalhadores urbanos adequados às exigências do mercado de trabalho[305]. Utilizam sua interpretação distinta do papel do elemento econômico e do político, o seu ultraliberalismo assumido para poder situar-se em uma posição onde seria possível qualificar os que defendem um Estado interventor (ou melhor, que intervenha na economia de maneira explícita, seguindo um projeto político) no campo econômico de fascistas: "*É dado comum condenar o liberalismo como a causa de muitos males sociais*", segundo eles no meio acadêmico, que tabém busca o associar *indevidamente ao fascismo, ainda que a doutrina liberal seja anti-estatista e defenda a integridade do indivíduo contra a coletividade e arbitrariedade do governo, além da apologia ao livre mercado*'[306].

Através desta cisão retórica entre o campo político e o campo econômico, que MSM cria sua aparência "democrática", defensora das liberdades garantidas pelo direito natural do homem para ao mesmo tempo atacar os defensores de um tipo de Estado intervencionista, em última instância "totalitário". Caso que estaria ocorrendo no Brasil contemporâneo, que estaria vivenciando "*um 'capitalismo de concessão', de 'união não voluntária'. A liberdade econômica foi*

---

[305]Discurso que assemelha-se ao dos "neoliberais globalistas", como visto em artigo de Fernando Henrique Cardoso, presidente de honra do PSDB, em que conclama a "oposição" a buscar na classe média a base para voltar ao poder: "*é preciso que a oposição diga alto e bom som que os mecanismos de mercado, a competição, as regras jurídicas e a transparência das decisões são fundamentais para o Brasil se modernizar, crescer economicamente e se desenvolver como sociedade democrática* […] *Na vida política tudo depende da capacidade de politizar o apelo e de dirigi-lo a quem possa ouvi-lo. Se gritarmos por todos os meios disponíveis que a dívida interna de R$ 1,69 trilhão (mostrando com exemplos ao que isto corresponde) é assustadora, que estamos pagando R$ 50 bilhões por ano para manter reservas elevadas em dólares, que pagamos a dívida (pequena) ao FMI sobre a qual incidiam juros moderados, trocando-a por dívidas em reais com juros enormes, se mostrarmos o quanto custa a cada contribuinte cada vez que o Tesouro transfere ao BNDES dinheiro que o governo não tem e por isso toma emprestado ao mercado pagando juros de 12% ao ano, para serem emprestados pelo BNDES a juros de 6% aos grandes empresários nacionais e estrangeiros, temos discurso para certas camadas da população. Este discurso deve desvendar, ao mesmo tempo, o porquê do governo assim proceder: está criando um bloco de poder capitalista-burocrático que sufoca as empresas médias e pequenas e concentra renda. Este tipo de política mostra descaso pelos interesses dos assalariados, dos pequenos produtores e profissionais liberais de tipo antigo e novo, setores que, em conjunto, custeiam as benesses concedidas ao grande capital com impostos que lhe são extraídos pelo governo. O lulopetismo não está fortalecendo o capitalismo em uma sociedade democrática, mas sim o capitalismo monopolista e burocrático que fortalece privilégios e corporativismos*". CARDOSO, F. H. "O papel da oposição". *Interesse Nacional*. nº. 13. abril-junho, 2011. Disponível em http://interessenacional.uol.com.br/artigos-integra.asp?cd_artigo=101, acessado em 14.04.11.

[306]BRUNO, L. *O liberalismo visto pelo imaginário universitário*. 08.05.09. Disponível em http://cavaleiroconde.blogspot.com/2009/04/o-liberalismo-visto-pelo-imaginario.html, acessado em 04.12.2011.

esquecida, praticamente abolida”, sendo então “*nossos plutocratas, a começar pelos banqueiros, não passam de sócios do Erário e mais das vezes tornam-se serviçais do poder por puro instinto de sobrevivência. Haverá cartório mais perfeito do que o setor bancário no Brasil? Fora do compadrio estatal não há prosperidade*”[307].

Esta percepção é o que permite leituras como a de Carvalho sobre as forças ideológicas globais em disputa, que segundo ele, estariam delimitadas entre três blocos ideológicos dominantes. O primeiro destes seria o já citado “neoliberalismo globalista”, que “*proclama que a liberdade econômica é a condição necessária e suficiente de todas as outras liberdades, que toda interferência de valores extra-econômicos na vida econômica é uma ameaça ao progresso*”, sendo para seus defensores “*que o enriquecimento de todas as pessoas é o objetivo moral supremo e que portanto as leis, os Estados, as religiões, as artes e os costumes devem ser julgados segundo sua maior ou menor capacidade de fomentar a prosperidade geral num ambiente de livre mercado*”. Isto resulta “*que todas as barreiras nacionais, religiosas e culturais que se opõem à mundialização do mercado são obstáculos ao progresso humano*”. Para superar estas percalços “*ele cria a técnica da engenharia social que permite destruir os valores tradicionais, abolir as diferenças de culturas nacionais e religiosas por meio da educação em massa, da propaganda e das leis*”, sendo então que “*todos os atos, sentimentos e reações humanas, mesmo os mais íntimos, tornam-se então objeto de planejamento estatal – e, quando finalmente a liberdade econômica impera sobre o mundo, todas as demais liberdades desapareceram para sempre*”[308].

O segundo seria o comunista, que “*proclama que a igualdade é o supremo valor. Não existe pior mal no mundo do que um homem ser rico e o outro pobre. Quando todos estiverem economicamente nivelados, um não poderá mais oprimir o outro pela ameaça da fome e do desemprego*”. Este bloco ideológico supostamente afirmaria, que “*para instituir a igualdade, é preciso quebrar a espinha dorsal do poder econômico, e o instrumento para fazer isso é o Estado. Mas como quem tem o poder econômico não o cede de mão beijada, o Estado, para tomá-lo, tem de ser forte, muito mais forte do que o ralo Estado liberal*”, que nunca efetivamente existiu. No Estado socialista “*o poder não somente se centraliza, mas se eleva. Abolido o poder econômico, resta apenas o poder político. As diferenças entre os homens não desapareceram, mas agora só há uma diferença essencial*”, que seria marcada “*entre quem tem e quem não tem poder político, entre quem está dentro e quem está fora da Nomenklatura. Antigamente, o homem alijado do poder político podia usar do poder econômico, seu ou emprestado, para fazer face à autoridade do Estado*”, sendo que “*o poder econômico fazia a mediação entre os de cima e os de baixo. Agora não há mais*

[307]CORDEIRO, N. *O feixe*. 03.01.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/economia/10658-o-feixe.html, acessado em 12.02.11.
[308]CARVALHO, O. de. “Viva o fascismo!”. *Jornal da Tarde*. 04.05.99. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/990304jt.htm, acessado em 12.12.10.

mediação. Quem sobe, sobe dentro do Estado. Quem cai, cai pelo cano do esgoto do Estado. E como não há poder fora do Estado” acaba por até ser “*compreensível que quem está dentro não queira sair nunca, e quem está fora não tenha como entrar senão por especial concessão dos de cima*”. Concluindo-se que, “*quando finalmente se estabelece a perfeita igualdade econômica, a desigualdade de poder político é tamanha, que torna o governante socialista uma divindade inacessível aos clamores de baixo*”[309].

Carvalho afirma ainda que que toma por possível conclusão histórica do destino das disputas entre estes dois blocos ideológicos, um terceiro, exatamente o fascista, que sairia vitorioso. Mesmo que “*hoje ele não encanta senão a uma minoria, mas é uma minoria profética. Ele proclama que o liberalismo é a ditadura do poder econômico, o socialismo a ditadura do poder político. Quem tem de mandar, diz ele, não é este nem aquele: é a nação*”. Para consolidar esta nação “*ele propõe uma aliança do poder econômico com o poder político, do capital com o Estado. A nação é a unidade, a conciliação dos contrários, a superação de todas as divergências. Com os dois poderes irmanados e cantando em uníssono na harmonia do Estado-síntese*”, ou seja, “*a nação ergue a cabeça entre as nações e, se alguém reclamar, pau nele*”. Então “*se o neoliberalismo realizava a liberdade mediante a supressão das liberdades, se o socialismo realizava a igualdade mediante a absolutização da desigualdade, o fascismo encarna o terceiro ideal da modernidade*”, já que somente “*ele realiza a fraternidade: no fascismo todos os que têm poder são irmãozinhos, e não gostam que a gente se meta nos assuntos de família deles*”, só ele “*pode tornar felizes, ao mesmo tempo, os neoliberais e os socialistas. E nós? Ora, eles vão estar tão felizes que não vão querer saber a nossa opinião. E, a essa altura, se vocês querem meu conselho, será melhor mesmo não ter nenhuma*”[310]. Neste sentido qualquer qualificação que Carvalho e seus pares façam como sendo meros “liberais” desaparece, é contra estes que combatem nestas formulações. Ao aproximarem sem mediações teóricas noções vagas de “totalitarismo” e “estatismo”, militam abertamente pela aniquilação de qualquer “direito” ou garantia de cunho estatal, incluindo aqui não só as classes subalternas, mas contra parte da própria classe dominante, defendendo o fim das garantias estatais “individuais” (seriam supostamente substituídas por critérios meritocráticos) à burguesia através da gestão das formas de exploração. E citam os fascistas, de sua própria boca, para defender esta posição:

> Benito Mussolini resumiu a doutrina fascista numa regra concisa: “Tudo para o Estado, nada contra o Estado, nada fora do Estado.” No Brasil, se você é contra essa idéia, se você é a favor da iniciativa particular e das liberdades individuais, logo aparece um chimpanzé acadêmico que tira daí a esplêndida conclusão de que você é Benito Mussolini em pessoa. E não caia na imprudência de imaginar que essa conversa é demasiado pueril para enganar o resto da macacada. Quando você menos espera, guinchados de ódio cívico se erguem da platéia, e uma frota de micos,

[309]CARVALHO, O. de. “Viva o fascismo!”. *Jornal da Tarde*. 04.05.99. op. cit.
[310]Idem.

lêmures, babuínos, orangotangos e macacos-pregos se precipita sobre você, às dentadas, piamente convicta de estar destruindo, para o bem da humanidade símia, um perigoso fascista. Cuidado, portanto, com o que diz por aí. Você não faz idéia da autoridade intelectual dos chimpanzés na terra do mico-leão[311].

Através da repetição da argumentação ideológica dos próprios fascistas, assim como a defesa da escola econômica ultraliberal, seriam os dois traços que os distanciariam do fascismo, obviamente de modo retórico, visto todas as medidas organizativas em torno da necessidade da ação diante da crise aberta, todas as justificativas ultraliberais são tratadas indistintamente como fins históricos a serem alcançados como parte do combate "reacionário". O que não torna nenhuma surpresa quando Calil em sua pesquisa sobre o PRP assinala a defesa que o integralismo fazia em torno das doutrinas ultraliberais, referenciando nominalmente Friederich Hayek. Nas palavras de Plínio Salgado: "*Repugna-nos a idéia das planificações com excessiva intervenção do Estado, mesmo nas democracias liberais, como hoje acontece, as quais levam, na opinião de Friederich Hayek, ao caminho da servidão e da ditadura*"[312]. Lembremos que para os teóricos ultraliberais, a ditadura, o Estado de exceção e mesmo o fascismo nunca fizeram-se problemas. Segundo Ludwig Von Mises: "*não se pode negar que o fascismo e movimentos semelhantes, visando ao estabelecimento de ditaduras, estejam cheios das melhores intenções e que sua intervenção, até o momento, salvou a civilização europeia*" sendo que este "*mérito que, por isso, o fascismo obteve para sí estará inscrito na história*"[313].

E existe dentro do MSM outra interpretação sobre o "estado das coisas" no Brasil, mais refinada teoricamente, que não é dominante, e é utilizada como demonstrativo de como distintas investigações teóricas chegam às mesmas conclusões políticas. Esta vertente é representada por Denis Rosenfield e José Antônio Giusti Tavares, ambos professores acadêmicos na Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Estes compartilham a caracterização do Estado brasileiro como sendo um "totalitarismo democrático", derivado de uma suposta estratégia da esquerda para os países "democráticos" que nomeiam de "bonapartismo plebiscitário". Sobre as origens deste "totalitarismo democrático", Tavares diz que:

A noção de totalitarismo democrático não me pertence e tem a sua origem no século XIX. Creio que deve ser datada dos anos 1835 a 1840, ao longo dos quais Alexis de Tocqueville escreveu os quatro tomos de sua obra *A Democracia na América*, notável pela penetrante acuidade e pela compreensão profética dos destinos da democracia não apenas na sociedade norte-americana mas no mundo. Em 1871, Fiódor Dostoievski, em seu romance *Os Demônios*, fez uma análise de extraordinária densidade psicológica sobre o tema, recorrendo a uma versão livre e

---

[311]CARVALHO, O. de. "Viva o fascismo!". *Jornal da Tarde*. 04.05.99. op. cit.

[312]SALGADO, P. "Trigésimo aniversário da Ação Integralista Brasileira e atualidade de seus princípios". 06.04.1962 *In*. "Discursos Parlamentares". Brasília. Câmara dos Deputados, 1982. p. 466-485, p. 472. *apud*. CALIL, G.. G.. *O integralismo no processo político brasileiro* – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. op. cit. p. 739.

[313]MISES, L. V. *Liberalismo* – segundo a tradição clássica. Rio de Janeiro: Instituto Liberal; José Olympio, 1987. p. 53.

com pseudônimos da conspiração terrorista liderada pelo psicopata Nietcháiev, que elaborara um *Manifesto*, famoso na literatura socialista e anarquista, cujo amoralismo e cuja brutalidade constituem, sem exagero, uma antecipação do espírito de Lenine. Em 1945, a expressão *A Democracia Totalitária* apareceu, provavelmente pela primeira vez, como título do capítulo XIV do livro de Bertrand de Jouvenel, *O Poder. História Natural de seu Crescimento*. Enfim, em 1951, Jacob Loeb Talmon, o celebrado professor da Universidade Hebraica de Jerusalém, publicou *As Origens da Democracia Totalitária* e, em 1960, *O Messianismo Político*, obras nas quais traça o desenvolvimento da ideologia totalitária de Rousseau a Marx e ao comunismo[314].

Esta noção daria conta de explicitar como a politização "sem limites" teria um objetivo definido, exatamente o de desacreditar/minar as próprias instituições políticas, já que caberia somente a estas delimitar o campo político dentro de um Estado de direito. Segundo Rosenfield:

Há duas acepções da democracia em questão, a da democracia totalitária e a da democracia representativa ou constitucional. A democracia totalitária volta-se contra o espaço de liberdade próprio da sociedade, de suas regras, leis e instituições, o que é precisamente assegurado pela democracia representativa. Esta se baseia no exercício da liberdade em todos os seus níveis, da liberdade de imprensa, de expressão, de organização política, econômica até o respeito à divisão dos Poderes republicanos, passando pela consideração do adversário como alguém que compartilha os mesmos princípios. Disputas partidárias, por exemplo, são regradas e não desembocam no questionamento das próprias instituições, vale dizer, da Constituição. Nesse sentido, processos eleitorais se inscrevem neste marco mais geral, não podendo, portanto, ter a autonomia de subverter os princípios constitucionais, o ordenamento das instituições. Processos desse tipo são necessariamente limitados. Nas democracias totalitárias temos um processo de outro tipo, em que o voto passa a ser utilizado de forma ilimitada, como se ele fosse por si mesmo, graças à manipulação de um líder carismático e de seu partido, o princípio do ordenamento institucional. Eis por que tal tipo de regime político tenta funcionar por meio de assembleias constituintes e referendos sistemáticos, num constante questionamento de todas as instituições, tidas por "burguesas" e expressão das "elites". A democracia totalitária não admite nenhuma limitação, nenhuma instância que a regre [...] Ela terá como alvo a ser destruído todo espaço que se configure como independente, em particular aquele espaço que torna possíveis as liberdades individuais e o processo de livre escolha[315].

Ela assinalaria parte da estratégia a ser utilizada para a implementação de um Estado "totalitário", baseada no *Dezoito Brumário de Luís Bonaparte* de Marx, o que chamam de bonapartismo plebiscitário:

Quanto ao bonapartismo plebiscitário, são fundamentais as análises de Aléxis de Tocqueville, sobretudo em seu livro *Souvenirs*, sobre as jornadas revolucionárias de 1848, e de Karl Marx, em seu *O Dezoito Brumário de Luís Bonaparte*, obra que, concluída em março de 1852, descreve o ciclo de instalação da ditadura do Príncipe Presidente, de 1848 ao golpe de Estado de dezembro de 1851. O *Dezoito Brumário* é, certamente, o texto mais objetivo e verdadeiro de Marx, um autor para o qual a

---

[314] TAVARES, J. A. G. *Totalitarismo democrático*: I. Paranóia e política. 21.01.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/movimento-revolucionario/11781-totalitarismo-democratico-1-paranoia-e-politica.html, acessado em 10.05.11.

[315] ROSENFIELD, D. L. "Democracia totalitária". *O Estado de S.Paulo*. 03.07.09. Disponível em http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20090803/not_imp412618,0.php, acessado em 10.05.11.

objetividade e a verdade jamais constituíram valores essenciais[316].

Então, substituindo a história real pela suposta estratégia de um grupo, "*o texto de Marx, que aqui é tratado como um estudo, converteu-se provavelmente, para os comunistas, em um manual que ensina a estratégia*". Sendo possível afirmar que estaria ocorrendo um processo similar na América Latina, cujo motor não seriam as massas, mas as lideranças carismáticas: "*organizações, os partidos e os governos - embora ainda não regimes -, neo-comunistas da América do Sul têm arrebatado o controle hegemônico, proto-totalitário, dos países em que se instalaram: a Venezuela, a Bolívia, o Equador, o Paraguai, a Argentina e o Brasil*"[317]. Este processo só estaria ainda em andamento pela conivência das classes dominantes destes países com os "partidos não constitucionais": "*em uma democracia constitucional e representativa, sobretudo quando erodida e fragilizada pela decadência de suas elites, bem como pela corrupção e pela desinformação políticas generalizadas*", os chamados "*partidos constitucionais e a própria ordem pública constitucional devem enfrentar o paradoxo de que se encontram com freqüência em inferioridade de condições frente aos partidos não constitucionais que, entretanto, participam da política institucional*".

Supostamete os partidos subversivos teriam vantagens, já que, primeiro "*beneficiam-se das prerrogativas e dos recursos que ela confere, sem obrigar-se aos valores, às regras e aos limites que ela impõe e, sobretudo, sem abrir mão do comportamento revolucionário, conspiratório, insurrecional e golpista*". Segundo, porque "*os partidos totalitários apelam para a participação e para a mobilização políticas permanentes, para o profissionalismo, para o ativismo revolucionário de tempo integral e, enfim, para a politização da totalidade das esferas da existência, desde aquelas mais íntimas*". Terceiro, porque "*a compreensão adequada dos valores sobre os quais está fundada a democracia constitucional e das normas e das instituições com as quais opera, bem como os processos econômicos por referência aos quais se definem as políticas públicas e o comportamento dos partidos*", exigem "*dos indivíduos, em virtude de sua complexidade e sutileza, um nível muito elevado de discernimento intelectual, que se encontra normalmente fora do alcance da informação e do entendimento do homem comum*", o que não seria problema para o subversivo, já que "*recorre a uma simplificação brutal da realidade política e econômica, substituindo a informação e a análise racional pela ideologia, um 'saber' de custo baixo, próximo de zero, que contém, por outro lado, um apelo direto à emocionalidade e ao inconsciente de indivíduos*", já que sendo "*a maioria das pessoas, pouco capazes de suportar a incerteza e os riscos da própria liberdade, a ideologia totalitária proporciona uma explicação mágica e omnicompreensiva da*

[316]TAVARES, J. A. G. *Totalitarismo democrático*: I. Paranóia e política. 21.01.11. op. cit.
[317]Idem.

realidade e da história, que lhes devolve a segurança a baixo custo”[318]. Estas deturpações, que baseiam-se e comprtilham premissas marxistas para as esvaziarem de sentido racional e social, tem menos abragência e circulação, especialmente porque requerem a leitura compreensiva (ideológica, mas mesmo assim trabalhosa) das obras marxistas, sendo restrita a poucos círculos universitários de Pós-Graduação, sendo que mesmo nestes níveis não tornaram-se referencia, geralmente as leituras distorcidas sobre os marxistas não incentiva investigação real da obra destes, mas seu abandono.

Retornado ao posicionamento principal do MSM, o esquematismo em blocos ideológicos de Olavo de Carvalho, onde somando-se dois extremos ideológicos se desenvolveria como fruto o irreconciliável, anota-se o perigo em que estaria a sociedade burguesa, pois além da “reforma moral do homem” que acompanha as mudanças neoliberais, o próprio centro de poder político estaria sendo destacado do Estado-nação, assim ultrapassando todas as instituições políticas tradicionais. Poder que estaria sendo retirado do Estado pelas entidades suprancionais relativas ao capital-imperialismo, cabendo à “nação” lidar com as consequências drásticas, anárquicas desta perda de soberania, especialmente na manutenção da contradição capital-trabalho:

> E quando ouvir um esquerdista fazer um discurso inflamado contra o neoliberalismo, lembre-se de três coisas: 1ª Neoliberalismo não tem nada a ver com liberalismo. Liberalismo é liberdade para a iniciativa econômica popular; neoliberalismo é economia global dirigida — o socialismo dos ricos. 2ª O neoliberalismo é um projeto abrangente, que inclui (e compatibiliza com os interesses da estratégia global) todos os programas atualmente defendidos pela esquerda no Brasil (aborto, controle de armas, casamentos gays, quotas raciais etc. etc.). 3ª A palavra “neoliberalismo”, na nossa imprensa, não significa nada disso, mas é sinônimo de FHC. Ao falar contra o neoliberalismo, a esquerda está apenas disputando com FHC o cargo de executor local dos planos neoliberais. Ela jamais baterá de frente nos interesses estrangeiros que a sustentam. Não se trata portanto de uma luta contra o dono, mas apenas contra o gerente. Derrubado FHC, mudará o estilo da subserviência: passaremos do esculacho risonho à anarquia sangrenta. Os donos do mundo já anunciaram: para eles, dá na mesma[319].

O ápice para os “donos do mundo” seria a sujeição dos Estados nacionais a um suposto governo mundial da ONU, sendo que nesta luta estariam empenhados tanto as corporações transnacionais quanto a esquerda mundial – modo de poderem denunciar de modo mistificado as instâncias supranacionais capital-imperialistas, resumindo uma série de entidades como a OMC, o FMI, o BM, dentre uma série em uma única, a ONU, cujo próprio formato associativo já é considerado superado. Esta pluralidade de atores mundiais se uniria em torno de uma série de ministérios dirigidos sob a ONU, já atuando para a profunda modificação da humanidade. Segundo Heitor de Paola:

---

[318]TAVARES, J. A. G. *Partidos não constitucionais em democracias constitucionais*. 01.02.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/movimento-revolucionario/11811-partidos-nao-constitucionais-em-democracias-constitucionais.html, acessado em 11.05.11.

[319]CARVALHO, O. de. *Quem trabalha para quem*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/coimbra.htm, acessado em 12.04.11.

> **O Governo Mundial não é uma ameaça: é uma realidade**; já está instalado e em pleno funcionamento. O que ocorre é que quem está submerso no processo não percebe, tal como Maria Antonieta que, ao mandar o povo comer brioches já estava quase sem cabeça e não sabia de nada! Quem tem autoridade moral – e logo, logo, militar – sobre todo o mundo hoje em dia? Quem dita as normas de conduta ética? Quem tem o poder de guerra e de paz? Não é a Organização das Nações Unidas? Estamos acostumados a tomar como certo tudo que a ONU diz e determina. Suas estatísticas são incontestáveis. Suas recomendações são ordens. Tudo que de lá vem é bom, por princípio! Pois não é lá que se defende a paz e a harmonia entre os homens? Uma espécie de deus de uma religião pagã? Seus funcionários se metem em tudo através das diversas 'agências' – sofisma que será empregado até poderem usar o nome verdadeiro: **Ministérios Mundiais!** A burocracia já atingiu níveis nunca alcançados em nenhum outro lugar, nem mesmo na URSS […] É a OMS que diz o que podemos comer, como devemos cuidar de nosso corpo e mente, que medidas sanitárias devemos usar. A OMC determina como deve ser o comércio mundial. A AIEA determina quem pode ter armas nucleares. A UNICEF estabelece as categorias nas quais temos que cuidar de nossos filhos, quantos devemos ter. A FAO distribui os plantios agrícolas. O complexo bancário FMI/BANCO MUNDIAL/BID decide quais países serão economicamente viáveis, quais devem falir […] São tantas as 'agências/ministérios' que nem sei quem determina a falácia chamada IDH – Índice de Desenvolvimento Humano[320].

Acertam em compreender diferentes instâncias de organização e consenso do capital-imperialismo como formadoras e disseminadoras de todo um modo de ser, mas mistificam esta perspectiva quando alheiam de seu conteúdo a realidade do imperialismo, que nem de longe presta-se a simplificação de uma "economia global planificada", para a fazerem confluir as esquerdas e as direita ultraliberal sobre o mesmo processo de "revolução cultural", agrupando sobre o mesmo rótulo desde o multiculturalismo das instituições Ford e Rockfeller até a luta anticapitalista de movimentos sociais como o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-Terra, grupos de guerrilha como as FARC e organizações simplesmente criminosas como o Comando Vermelho. É um trabalho de mistificação extremamente frágil, mas que adquire força explicativa, ou ao menos assim seus formuladores advogam, como parâmetro maior da crise da modernidade. Novamente, segundo Paola, que vê nesta atuação ainda a acusação mistificadora contra os EUA:

> Limitar-me-ei, por ora, a uma das maiores mentiras que vem sendo administrada de forma gradual e eficientíssima na mente das pessoas: a da necessidade de um Governo Mundial que assegure a eterna Paz entre os homens, do qual a Organização das Nações Unidas já seria o embrião. Esta seria a verdadeira globalização, mas enquanto isto se lança a idéia oposta: de que a globalização seria do interesse dos Estados Unidos da América. Esta é uma das mais eficientes estratégias de dissimulação. Lança-se um projeto, atribui-se o mesmo ao inimigo como coisa do demônio e, enquanto ele é combatido, instala-se aquilo mesmo que se finge combater. A idéia inicial data de 1931 e tem sua origem na Escola Lênin de Guerra Política, de Moscou[321].

[320]PAOLA, H. de. *Governo mundial: realidade ou mito?* 31.08.06. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/arquivos/5479-governo-mundial-realidade-ou-mito.html, acessado em 12.04.11.
[321]PAOLA, H. de. *True Lies*. 20.01.04. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/globalismo/9622-true-lies.html, acessado em 13.04.11.

Estranhamente, como exemplo da força deste governo sobre as individualidades, o autor cita a campanha anti tabagista levada a cabo pela OMS:

> Da mesma forma que a campanha contra o fumo foi um teste bem sucedido, como denuncia Estulin, para medir o grau de sujeição hipnótica da população mundial, a campanha do desarmamento também o é. A absurda aversão ao cigarro e aos fumantes prova que uma propaganda subliminar bem feita é capaz de converter facilmente milhões em robôs ou cães de Pavlov: toca a campainha os cães salivam, acenda um cigarro e os robôs se enchem de indignação! Ninguém se espante se algum dia a OMS disser que andar de quatro faz bem para a coluna, aumente exponencialmente o número de quadrúpedes na Terra, todos alegrinhos com as 'melhoras' obtidas[322].

E o fim histórico que agrupa esta multiplicidade de atores econômicos, políticos e culturais é o de uma "nova era cultural", movimento altamente tortuoso e arriscado, mas que permite ao MSM alinhar adversários estritamente contraditórios, os dotando de sentidos e significados dentro de uma idealização a-histórica evolutiva em direção a uma "nova ordem mundial", marcadamente através de "planos" secretos, "protocolos" restritos aos lideres responsáveis pela subversão de toda ordem cultural ocidental. Entre estes, figuram, segundo o MSM, o capitalista George Soros:

> O Sr. Soros é um imperialista esquerdista que busca erguer um governo de um mundo único. Ele é um anti-capitalista furioso. Ele defende impostos altos, gastos públicos abundantes, estatismo *a la* welfare, maciça distribuição de renda aos pobres e um sistema regulatório das finanças internacionais rigidamente controlado. Ele despreza o nacionalismo e a herança judaico-cristã do Ocidente. Sua meta é dar início a uma nova ordem global - baseada no materialismo científico e na engenharia social progressista. Ele defende anistia para os imigrantes ilegais e a supressão de nossas fronteiras com o México e o Canadá. Em sua opinião, a religião, os estados-nacionais e a familia são instituições repressoras que devem ser abolidas. Ele é inimigo da América e da democracia […] Ele é um estudante perspicaz de história. Como Leon Trotsky, um dos líderes de Revolução Bolchevique de 1917, o Sr. Soros acredita no fomento permanente da crise a serviço da revolução permanente. Uma crise econômica prolongada dizimará a classe média - e trará com ela a aceitação de uma intervenção sem precedentes do governo. É isto que por vários anos ele esperou que acontecesse […] O Sr. Soros é, em última análise, um megalomaníaco amoral alienado da realidade. Ele se refere a si mesmo como "o patrão do papa."[323].

Deste modo o capital-imperialismo e suas consequências, como o papel dominante do capital portador de juros, a formação de novos oligopólios mundiais, as expropriações, a brutal distribuição de renda, as crises do capitalismo, permitem serem dotadas de um sentido lógico, "explicativo" e mistificador, que tira o foco do imperialismo monetário, para situar a disputa "última" na questão da unidade civilizacional nacional, onde as burguesias nacionais "neoliberais" e as esquerdas "sem pátria" *compartilhariam um mesmo modo último de ser*, confundindo

[322]PAOLA, H. de. *Governo mundial: realidade ou mito?* 31.08.06. op. cit.
[323]KUHNER, J. T. *O império de Soros*. 03.09.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/globalismo/11569-o-imperio-de-soros.html, acessado em 17.12.10.

propositadamente o cosmopolitismo burguês e o internacionalismo proletário.

O MSM justifica sua existência pela emergência esperada de uma crise capaz de abrir espaço para a quebra da ordem social existente, uma crise revolucionária, apoiando-se na descrença da democracia liberal, apresentando-se como capaz de alterar a situação de forças de modo mais efetivo. O anticomunismo é fundante em sua construção doutrinária, embora articulado de maneira distante das condições objetivas de existência social, pois serve para constituir uma contraposição binária, entre eles e seus inimigos, mote fundamental para a mobilização – o MSM reproduz uma série de elementos das três ondas do fascismo: chauvinismo, apropriação seletiva de elementos provenientes do arcabouço teórico marxista, alinhamento com o capital financeiro, “antiultraliberalismo” retórico, etc. Sua intitulação como “liberais conservadores” é a chave principal de sua atuação “possível”, resguardando-se contra incriminações jurídicas e intelectuais, ao mesmo tempo que permite sua aproximação com grupos e instituições representantes das frações mais avançadas da burguesia, sem detrimento para estas. Seu conservadorismo consiste em assumir um lado em uma cisão maniqueísta da luta de classes, que reduz a dialética histórica a uma leitura binária, entre revolucionários e reacionários (sendo que os últimos só existiriam em consequência dos primeiros, uma construção idealista que busca remeter ao “equilíbrio natural do universo” através de pares inversos). Seu liberalismo é a garantia da manutenção do imperialismo, do livre mercado, do trabalho alienado e do Estado capitalista como ditadura terrorista declarada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

"*Não há nunca testemunhas. Há desatentos. Curiosos, muitos.*
Quem conhece o drama, quando se precipita, sem máscara?".

Carlos Drummond de Andrade. *Tarde de Maio*. 1951.

Buscamos nesta dissertação uma investigação de caráter totalizante em relação ao nosso objeto, o MSM, não com o sentido de buscar esgotar a realidade constituinte deste, mas de identificar as relações e conexões fundamentais para sua explicação. Compreender seu sentido e significado histórico exigiu apontar o próprio sistema social que o "permitiu" em seus desdobramentos históricos e sociais, não como determinação evolutiva para além do homem, mas em suas contradições, continuidades, transformações, conflitos e possibilidades de emancipação. Esta perspectiva exigiu um plano de investigação amplo, abordando diversos aspectos históricos, os quais desculpamo-nos por abordá-los de modo por vezes pontual, mas que intencionaram proporcionar ao leitor a formação de um panorama, de um quadro geral em camadas, tendo o MSM como foco central.

Nossa primeira investigação foi em busca das mudanças históricas no modo de produção dominante, suas transformações qualitativas durante o século XX, procurando especialmente situar sua fase atual: o capital-imperialismo. Somente desta maneira pudemos delinear as determinações sociais constituintes de nosso objeto e do "suporte" que permitiu a organização e atuação do MSM, a internet. Analisando o desenvolvimento social da pesquisa, ampliação e difusão das tecnologias de comunicação e informação pudemos descartar uma série de suposições reproduzidas pela grande mídia e por alguns setores da academia, especialmente sobre a tecnologia ser uma área "neutra" no tecido social, com funções e utilizações que seriam próprias aos que dela se apropriassem. A internet não é um espaço público, sua arquitetura de poder é extremamente limitadora em suas normas de utilização e possibilidades de subversão, que mesmo existentes não escapam destas. As determinações em torno de suas formas e conteúdos resultam de disputas entre as empresas exploradoras do setor em instâncias distantes de qualquer participação popular: seja pelas decisões, na prática unilaterais, dos EUA através do ICANN, uma das muitas teias do capital-imperialismo, seja no caso brasileiro, através do Comitê Gestor da Internet no Brasil, que até serviu como modelo de exclusão popular inspirador para o ICANN.

A acusação sobre a falta da liberdade na internet costuma ser feita em relação aos países que passaram por mudanças sociais de cunho socialista ou comunista, mas o que se vê é que nestes países, especialmente a China, é a radicalização de pressupostos que estão presentes na configuração da internet dos países capital-imperialistas: a Inglaterra tirou do ar quase todo seu sistema de telecomunicações durante as revoltas do ano de 2011, e os EUA já tentou aprovar

integralmente diversas leis neste sentido, como a *Combating Online Infringement and Counterfeits Act* (Lei de Combate à Violação *Online* e Falsificações) o SOPA (*Stop Online Piracy Act*, Ato para Impedir a Pirataria Online) e o PIPA (*Protect IP Act*, Ato de Proteção de IP) para poder ampliar seu poder de repressão e censura que já vem sendo praticado sobre a rede, seja de maneira legal, como nas ações sob o *Patriotic Act* (Ato Patriota) de George W. Bush, seja sob a atuação coercitiva de suas agências governamentais, como o FBI e a CIA. As leis de censura sobre a internet foram barradas em sua integralidade tanto pela incapacidade das propostas técnicas para a restrição ao conteúdo (a filtragem de DNS) quanto por pressão da comunidade usuária da internet, mas o Congresso estadunidense já anunciou que estas medidas serão aprimoradas em conjunto com representantes da indústria e retornarão à votação.

Reafirmemos a necessidade da investigação de cunho social para os fenômenos relativos à rede mundial de computadores, uma vez que grande parte destas diminui ou ignora este aspecto em favor de uma leitura reduzida, espécie de "batalha de ideias" sem base material (ou considerando esta somente em sua dimensão discursiva). Também nos referimos às investigações que assumem proposições filosóficas como realidades históricas, a contemporaneidade como sendo a "era da informação", "era digital", "pós-moderna", dentre uma gama de outras denominações, considerando estas hipóteses epistemológicas como pressupostos totalizantes evidentes, contribuindo para a fetichização dos acontecimentos e processos sociais. A criação e a expansão da rede mundial de computadores são inimagináveis sem considerar as determinações históricas do capital, da ampliação das suas formas de reprodução, na qual a tecnologia é uma das suas maneiras mais efetivas de "demonstração de supremacia", de pedagogia, estando diretamente ligada às novas expropriações, à superexploração e ao sobretrabalho exigidos pelo capital-imperialismo[324], seja através da chamada reestruturação produtiva ou pelo que Francisco de Oliveira chamou de "trabalho fantasmagórico"[325]: nada mais é que os capitalistas em ofensiva direta contra as classes subalternas. Ofensiva, que tal qual a rede, tem alcance global. Isto não significa que devamos abandonar a internet para a organização e atuação contra hegemônica, pelo contrário, mas deve-se sublinhar um antigo aviso de Lênin, que sem a teoria, sem a análise concreta da relação de forças existente, não pode haver luta revolucionária consequente[326].

O MSM convive com o fenômeno burguês da convergência midiática, que congregando e sincronizando informações em diferentes mídias, possibilita às grandes corporações globais atingir uma nova escala tanto na fabricação social da amnésia quanto no monismo explicativo dos acontecimentos e processos da realidade social, o que Octávio Ianni chamou de "Príncipe

[324]FONTES, V. O *Brasil e o capital-imperialismo*. Teoria e história. op. cit. p. 84-99.
[325]OLIVEIRA, F. de. *O ornitorrinco*. op. cit.
[326]LÊNIN, V. I. *Que fazer?* Disponível em http://www.marxists.org/portugues/lenin/1902/quefazer/cap01.htm, acessado em 31.12.11.

Eletrônico”. Este movimento evidencia o crescimento significativo das superestruturas no capital-imperialismo e, por conseguinte, dos profissionais da ideologia e da política, os intelectuais. Apresenta-se como um “observatório da imprensa”, o que pudemos entender como autoatribuição de um suposto papel crítico sobre as funções sociais da mídia, e que é plenamente ancorado no mito liberal da imparcialidade da imprensa, “*a confusão, a mistificação e até mesmo a ingenuidade que cercam a discussão sobre a 'verdade'*” no jornalismo. “*O senso comum vê a realidade como definitiva, pensa a existência de um mundo único e de uma verdade inquestionável*”[327]. Aproveitando a brecha maior deixada pela convergência, que produz discursos exclusivos ou semelhantes em termos de “verdades”, o MSM utiliza esta simples constatação como mote para arrogar-se produtor de conhecimento, afirmando-se capaz de obter análises críticas e validáveis sobre a realidade social (completamente generalizantes e nada elucidativas, sublinhemos). A falibilidade de suas conclusões é observada no quadro do campo midiático brasileiro, onde para o MSM existiriam “*dois grupos de interesse que hoje partilham quase sem conflitos, por um acordo de cavalheiros, o domínio sobre o jornalismo nacional: os donos das empresas e os grupos políticos que fazem a cabeça da classe jornalística*”. Cabendo aos primeiros tratar “*jornais e revistas como produtos, que devem atender à demanda do mercado*” e os outros “*como meios de criar ressentimento e ódio no povo para produzir uma revolução e tomar o poder*”[328].

Este tipo de percepção maniqueísta irá ser uma das marcas mais evidentes do discurso ideológico do MSM e é diretamente tributária de seu anticomunismo (no qual Olavo de Carvalho, assim como outros membros do Estado maior do MSM, afirmam-se “especialistas”, justificando-se através de experiências anteriores como militantes de partidos e organizações de cunho comunista). Sua peculiaridade, o anticomunismo contra Gramsci, serviu tanto para unificar diversos intelectuais em torno de seu projeto, quanto para fazer ascender seus posicionamentos, acompanhando o vagalhão anticomunista iniciado na vitória presidencial de Luiz Inácio Lula da Silva em 2002 – a ascensão de um representante da classe trabalhadora como gestor competente do Estado capitalista foi uma novidade na autocracia burguesa brasileira, que utilizou seu domínio sobre a imprensa nacional para pressioná-lo a cumprir os acordos assumidos por este com a classe dominante brasileira e representantes do imperialismo. O discurso anticomunista não regrediu através dos anos, mesmo depois que Lula consolidou a hegemonia ultraliberal no país em novos patamares qualitativos, o que segundo Perry Anderson, pode ser explicado pela diminuição da força de influência da imprensa nacional nas relações de força eleitorais, através da ampliação das políticas federais de transferência direta de renda, de grande repercussão social, que do mesmo modo

[327]HERNANDES, N. *A mídia e seus truques*: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo: Contexto, 2006. p. 18-19.
[328]CARVALHO, O. de. *Jornalismo e verdade*. Entrevista a um grupo de estudantes da PUC-Minas. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/jornalismo.htm, acessado em 10.10.10.

diminuiu a efetividade política das relações clientelistas regionais[329].

O anticomunismo pretende reduzir o campo político em duas posições antagônicas, movimento que busca desqualificar a própria política, que passa a ser espaço de conflito entre *ideologias* de duas naturezas distintas, sendo que cada "vitória" ou "derrota" (não existindo mais nenhum espaço para mediações, acordos temporários, etc.) é a conquista de mais uma etapa em direção a um fim histórico determinado. Visa recusar a capacidade de julgamento e atuação racional dos homens perante a realidade social, em distinguir entre a realidade e a distorção, julgando ser a verdade histórica e científica mera percepção e a consciência histórica e social mera sensação. Impõe ao conhecimento humano um sentido irremediavelmente idealista, incompleto já que ideológico, e incapaz de aspirar ao conhecimento totalizante, já que transcendental. É a afirmação do irracionalismo no campo onde, em termos aristotélicos, deveria encontrar-se o ápice da racionalidade humana[330]. Seu discurso ideológico é composto por sofismas a-históricos, que arrogam uma falsa continuidade "espiritual", como se estes fossem atributos "metafísicos" do homem "civilizado" (mas "natural", segundo a argumentação liberal clássica de Hobbes ou Locke). Pela operação da sensação de "desmascaramento", que supostamente promovem, afirmam seu protagonismo político, sua eficiência real em consolidar preconceitos rasos e leituras baixas da realidade social, seja entre seus pares ou adversários, cumprindo uma função específica na dominação para além da "disseminação ideológica": a conformação cultural e ética de todo um modo de ser.

Visando a pequena burguesia e a nova pequena burguesia, que em sua vivência intermediária, longe dos centros de decisão hegemônicos e contra hegemônicos, encontra eco para sua radicalidade retórica, mas que busca, incentiva, pleiteia a ação. Exatamente por distarem-se de qualquer protagonismo, a pequena burguesia e nova pequena burguesia encontram espaço para o radicalismo dentro do sistema democrático liberal burguês, o que determina o "possibilismo" como estratégia, sendo que que em caso de acirramento da luta de classes acaba por aproximá-los da classe dominante, os elevando como "solução" para um período de crise de hegemonia.

Sublinhando suas características ideológicas condizentes com o fascismo, o MSM cumpre perfeitamente o papel "profilático" que assume – novamente, nenhuma violência se faz preventiva senão contra alguém ou algo – prevendo o acirramento da luta de classes, da possível ascensão de organizações revolucionárias do proletariado e do campesinato. Embora seu caráter de classe seja plenamente burguês e imperialista, a origem social de seus intelectuais, sua intenção organizativa e ideológica é toda voltada para a pequena burguesia e para a nova pequena burguesia. Posicionam-se

---

[329]ANDERSON, P. "Lula´s Brazil". *London Review of Books*. op. cit.

[330]Isto não significa que concordamos com a dimensão universal que Aristóteles atribui para a política: o homem enquanto animal político – o que supõe o Direito e o Estado como categorias ontológicas, incapazes de superação. Para mais detalhes ver LESSA, S. "Marxismo e ética". *Crítica Marxista*. nº. 14. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/D_SLessa.pdf, acessado em 20.02.12.

como “defensores” destes, denunciando de forma mais dura os resultados negativos daquele mesmo projeto, os atribuindo ao “governo” (propositadamente confundido com o Estado), que visaria a proletarização de toda a sociedade pela via revolucionária do “gramscismo”. Deste modo dissociam o projeto econômico de suas consequências, tornadas políticas em determinada especificidade (através da atuação de dado grupo). Esta cisão retórica entre economia e moral que levam a cabo, os permite defender argumentos ultraliberais em relação à economia enquanto moralmente advogam por uma sociedade plenamente submetida e controlada através de instituições tradicionais, capazes de disseminar “símbolos de ordem” que já estariam contidos “naturalmente” no povo (ou seja, assumem uma aparência de primado da moral sob a economia, mesmo que esta não necessite de demasiado “controle estatal”). O maior responsável por “disseminar símbolos de ordem” seria um Estado capaz de definitivamente silenciar os que tentariam impor “novos símbolos”. Sua qualificação como “liberais conservadores” busca encobrir seu conteúdo fascista, permitindo aproximação e diálogo os mais diversos grupos e instituições sociais, excluindo obviamente às da classe trabalhadora. Seu conservadorismo advém de uma cisão binária que imaginam entre revolucionários e reacionários através de dados períodos da história, e é assim, o assumir de uma missão histórica contra seus antagonistas. Seu liberalismo é a intransigente defesa do livre mercado como fim histórico. Assumem profundamente em seu discurso ideológico o recurso à imagem da crise, o que os permite construir explicações mistificadoras da crise real, deste modo atuando de maneira a impedir as classes de tomarem consciência de si. Utilizam para a disseminação de sua propaganda uma série de recursos técnicos provenientes da publicidade de massas. Seu elitismo dota as massas de uma completa irracionalidade, que mesmo quando constituídas na sujeição passiva à liderança que as constrói, impedem a ação racional coletiva, já que afirmam que todo conhecimento da realidade é incompleto para o homem, portanto, fadado ao desastre histórico.

Seu entendimento da “revolução cultural gramsciana” – uma leitura distorcida da revolução passiva como estratégia positiva para a esquerda – teria exigido que assumissem a estratégia de guerra de posições, que os permitiu não só marcarem-se como agentes anticomunistas competentes, mas também capazes de qualificar como “revolucionários” os mais diversos atores políticos, e reconhecer o “espectro” comunista nos mais diversos setores e espaços sociais. Deste modo agregando sentido político aos mais diversos fenômenos sociais, que convergeriam para a destruição das “bases morais do capitalismo”. Apropriam-se de um cabedal conceitual oriundo do marxismo não só para constituírem-se em oposição a este (o que chamam de “ciência estratégica marxista”), mas para aniquilar qualquer conteúdo social e analítico original. Sua luta prevê não só a destruição dos direitos sociais obtidos pela classe trabalhadora, como vai contra qualquer direito democrático garantido pela luta popular, como os direitos das minorias, etc. Este movimento os qualifica e os enquadra à aliados estratégicos ultraliberais, que visam o mesmo tipo de objetivo: a

expropriação massiva de direitos e garantias sociais das classes subalternas radicalizada através da defesa do extermínio intelectual e físico de qualquer oposição proletária e campesina: um Estado desenvolto em suas funções coercitivas autoritárias e terroristas, guiado por um chauvinismo derivado de uma leitura rasa da realidade social, capaz de agrupar bases de sustentação para a reorganização violenta do bloco no poder em caso de uma crise aberta.

O MSM mesmo que não "desenvolvendo-se" como um partido parlamentar formal, cumpre efetivamente esta função. Ao consolidar-se como "portal" hierarquiza as iniciativas, os modos de atuação e sua rede extrapartidária. Percebemos que seu sucesso em levar este empreendimento adiante foi marcado pelo contexto político do período e sua inovação consiste no domínio das novas possibilidades de inserção política permitidas pela internet. Ao realizar esta tarefa de maneira organizada tornou-se atraente para uma série de intelectuais. Podemos afirmar que a formação destes "quadros" foi bem sucedida, consolidando-se como expressão legítima da pequena burguesia e nova pequena burguesia. Colocam-se como elemento ativo no campo político brasileiro, disputando cotidianamente "ideia por ideia, cabeça por cabeça", produzindo material de propaganda e de formação, obtendo cada vez mais espaço na grande mídia e no mercado editorial, conscientemente visando à contrarrevolução moral do homem através da guerra de posições. Mantém uma estrutura organizada e disciplinada que gira em torno de Olavo de Carvalho, centralização extremada que ainda não os possibilita ampliar-se em termos de massa (seja pela estruturação como partido formal parlamentar ou periódico impresso), mas que ao mesmo tempo os permite lidar de modo incisivo com suas contradições internas (especialmente pela expulsão de editores e colunistas). Mesmo seus intelectuais sendo alvo de sanções judiciais (especialmente Júlio Severo) sequer chegou-se a cogitar a extinção do MSM.

Entendemos que sua opção pela guerra de trincheiras (além da justifica ideológica) serviu para guiar a constituição de sua rede extrapartidária, movimento que observamos recorrente em outros movimentos fascistas na contemporaneidade. Compreendemos os desdobramentos dos movimentos e partidos fascistas através de suas três "ondas" históricas, como verificado por Jean-Yves Camus[331]. A primeira relativa aos fascismos clássicos, a segundo correspondente aos desdobramentos transformativos do Pós-guerra para sua manutenção. E a terceira "onda" emergindo após os anos oitenta, quando estes partidos assumem um projetos econômicos de cunho ultraliberal associado à defesa "cultural" de cunho chauvinista. A estratégia organizativa que marca esta onda é o estilhaçamento de sua rede extrapartidária, da qual depende sua efetividade real, permitindo a articulação do "espectro" fascista (especialmente as milícias), os colocando sob a égide de lideranças intelectuais vinculadas diretamente com o capital financeiro e os grandes conglomerados empresariais. Cumprem plenamente a função de última defesa do capital, em sua fase de

[331]CAMUS, J-Y. "Metamorfoses políticas na Europa". *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.05.02. op. cit.

dominância do capital financeiro e especulativo. O "estilhaçamento" destes partidos em várias frentes de atuação responde às complexificações do campo políticos nos países "ocidentais", evitam a caracterização como movimento fascista (resguardando o centro de poder da rede, impedindo sua qualificação jurídica e impedindo a simples relação com milícias e grupos de ação direta, do mesmo modo que propicia certa "mobilidade", já que este centro de poder passa a ser constituído através de disputas internas na rede partidária); os permitem abranger uma série de campos da sociedade utilizando a rede para a formação da vida pré-estatal (que dado o avanço ou retrocesso do contexto, do mesmo modo resguarda o centro da rede extrapartidária); abarca tanto militantes orgânicos quanto indivíduos solidários, atuando politicamente entre aparelhos privados de hegemonia, partidos e organizações que compartilham crenças, símbolos e linguagem comuns; permite espaço para certa "pluralidade" interna, tanto em termos de bandeiras de luta específicas quanto formulações gerais.

A nossa leitura da rede extrapartidária do MSM permitiu visualizar os grupos sociais com que dialoga e organiza-se, nos proporcionando embasamento para afirmar sua proximidade com grupos da grande (e pequena) burguesia, apoio que compreendemos como uma "prática histórica" da autocracia burguesa brasileira: a manutenção de grupos de suporte para "golpes preventivos" em caso de acirramento da luta de classes[332]. Não buscamos forçar uma relação orgânica de um grupo ao outro, mas evidenciar que sua relacionalidade ocorre não somente em termos ideológicos, e que esta proximidade organizada serve para a rápida unificação em momentos de crise. A crise cuja expectativa os fazem assumir uma postura ideológica e organizativamente específica (que não foi compartilhada pela segunda onda fascista, que não previa a possibilidade de ruptura institucional como iminente – o que não significa que não a previam ou descartavam) é entendida como sendo a crise de 2008, desencadeada no centro do sistema capitalista, os EUA, e que ainda encontra-se em seus desdobramentos – no Brasil ainda são esperadas suas consequências, foram tomadas medidas anticíclicas pelo Estado que impediram sua sincronia, mas não seus efeitos. Sublinhemos novamente, o fascismo não é contraponto da democracia liberal burguesa, a ofensiva ultraliberal das últimas décadas atende os mesmos objetivos últimos: extermínio dos partidos e centrais sindicais comunistas, submissão dos sindicatos e a expropriação massiva de direitos sociais, conquistados em séculos de lutas pelas classes subalternas.

Duas questões convergentes tornaram-se claras ao fim desta pesquisa: a necessidade da defesa da especificidade do conceito de fascismo em sua atualidade, ou seja, como ferramenta analítica para a compreensão de fenômenos deste tipo na contemporaneidade. Incorre em erro ignorar ou minimizar a capacidade de atuação destes grupos, tal como prescrito por intelectuais

[332] Para mais detalhes ver FERNANDES, F. *A revolução burguesa no Brasil*. Ensaio de interpretação sociológica. op. cit.

como Emir Sader, para quem "*Olavo de Carvalho não existe*"[333], Carlos Nelson Coutinho, que alegou ser este "*uma figura isolada*"[334], ou mesmo Caio Navarro de Toledo, que em artigo dedicado a criticar o retorno da participação de Carvalho na "*Folha de S. Paulo*", escreveu que "*examinar os trabalhos do 'filósofo de província' não seria pura vacuidade intelectual ou 'render-se ao seu jogo'?*"[335]. Analisar criticamente movimentos e partidos fascistas (mesmo que ainda não plenamente desenvolvidos) de modo algum significa "superestimá-los" – como afirmamos em toda esta dissertação, estes são prepostos, funcionários: *os litores da nossa burguesia* – ou atribuir para estes legitimidade. Significa antes de qualquer coisa defender uma leitura totalizante das relações de forças das sociedades. Em outra perspectiva, mas neste mesmo sentido, autores como Gilles Deleuze e Michel Foucault prestaram um desserviço à capacidade explicativa das ciências humanas quando autorizaram o conceito de fascismo para análises genéricas do cotidiano social[336]. Assinalemos, estes posicionamentos podem levar a graves consequências políticas, estes grupos assumiram um combate diário e ininterrupto, uma guerra por eles declarada. Esta pode ainda não apresentar-se em suas facetas mais cruentas, mas ignorar ou minimizar este tipo de declaração somente tem efeito desmobilizador diante das tarefas do presente, jamais perdendo de vista que: *enquanto existir a sociedade de classes existirão cães de guarda a serviço da classe dominante*.

---

[333]SADER, E. *Olavo de Carvalho não existe*. 09.04.03. Disponível em http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/04/252167.shtml, acessado em 22.02.12.
[334]VALOR ECONÔMICO. "Intelectuais em extinção. Entrevista com Carlos Nelson Coutinho". *Valor Econômico*. 24-26.11.00. op. cit.
[335]TOLEDO, C. N. de. "Caio Toledo: Folha reabilita o ideólogo da ditabranda". *Viomundo*. 19.11.11. Disponível em http://www.viomundo.com.br/politica/caio-toledo-folha-reabilita-o-ideologo-da-ditabranda.html, acessado em 22.02.12.
[336]FOUCAULT, M. "Preface". *In*. DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Anti-oedipus*: capitalism and schizophrenia. New York: Viking Press, 1977. p. 11-14.

BIBLIOGRAFIA:

Livros:

ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
ALMEIDA, G. R. de. *História de uma década quase perdida*: PT, CUT, crise e democracia no Brasil: 1979-1989. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.
ANDERSON, P. "As antinomias de Gramsci". *In*. ANDERSON, P. *Afinidades seletivas*. São Paulo: Boitempo, 2002.
ANDERSON, P. "Balanço do neoliberalismo". *In*. SADER, E.; GENTILI, P. *Pós-neoliberalismo*. As políticas sociais e o Estado democrático. São Paulo: Paz e Terra, 2010.
ARBEX JR., J. "O legado ético de Perseu Abramo e Aloysio Biondi". *In*. ABRAMO, P. *Padrões de manipulação na grande imprensa*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.
ARRIGHI, G. *O longo século XX*. Rio de Janeiro: Contraponto; São Paulo: UNESP, 1996.
AZEMA, J-P. "Tempo presente" (verbete). *In*. BURGUIÈRE, A. (org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
BANDEIRA, L. A. M. *O governo João Goulart*. As lutas sociais no Brasil 1961-1964. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977.
BIANCHI, A. *O laboratório de Gramsci*: filosofia, história e política. São Paulo: Alameda, 2008.
BLOCH, M. *A estranha derrota*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.
BONET, L. "Anticomunismo" (verbete). *In*. BOBBIO, N; MATTEUCCI, N; PASQUINO, G. *Dicionário de política*. Brasília: UNB, 1998.
BONNAFOUS, S. "Sobre o bom uso da derrisão em J. M. Le Pen". *In*. GREGOLIN, M. do R. *Discurso e mídia*: a cultura do espetáculo. São Carlos: Claraluz, 2003.
BOURDIEU, P. "A ilusão biográfica". *In*. AMADO, J.; FERREIRA, M. de M. (orgs.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.
BOURDIEU, P. *Economia das trocas linguísticas*: o que falar quer dizer. São Paulo: EDUSP, 1998.
BOURDIEU, P. *Questões de sociologia*. Lisboa: Fim de século; Sociedade unipessoal, 2003.
BUCI-GLUCKSMANN, C. *Gramsci e o Estado*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
BURGUIÈRE, A. "Anais (escola dos)" (verbete). *In*. BURGUIÈRE, A. (org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
CALIL, G. G. "A pequena burguesia e projeto social". *In*. SILVA, C. L.; CALIL, G. G.; KOLING, P. J. *Estado e poder*: Abordagens e perspectivas. Cascavel: Edunioeste, 2008.
CARCANHOLO, R. A. "A grande depressão do século XXI: a função do trabalho improdutivo e do capital fictício". *In*. DIERCKXSENS, W.; CAMPANÁRIO, P.; CARCANHOLO, R. A.; JARQUIN, A.; NAKATANI, P.; HERERRA, R. *Século XXI: crise de uma civilização*. Fim da história ou começo de uma nova história? Goiânia: CEPEC, 2010.
CARDOSO, C. F. *Um historiador fala de teoria e metodologia*. Bauru: EDUSC, 2005.
CASTELLS, M. *A galáxia da internet*: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade. Río de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. A era da informação: economia, sociedade e cultura. Volume 1. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. Fim de milênio. Volume 3. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
CASTELLS, M. *A sociedade em rede*. O poder da identidade. Volume 2. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
CHAUÍ, M. "Apontamentos para uma crítica da Ação Integralista Brasileira". *In*. CHAUÍ, M; FRANCO, M. S. C. *Ideologia e mobilização popular*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.
CHAVEAU, A.; TÉTARD, P. "Questões para a história do presente". *In*. CHAVEAU, A.; TÉTARD, P. (orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.
CHESNEAUX, J. *Devemos fazer tábula rasa do passado?* Sobre a história e os historiadores. São Paulo: Ática, 1995.

CHOMSKY, N. *O lucro ou as pessoas*: neoliberalismo e ordem global. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.
CLAUDÍN, F. *A crise do movimento comunista*. São Paulo: Global, 1986.
CONTADOR, C. R. "Introdução". *In*. KEYNES, J. M. *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda*. São Paulo: Global, 1982.
DELEUZE, G. GUATTARI, F. *Mil platôs*. Capitalismo e esquizofrênia. Volume 1. São Paulo: Editora 34, 1995.
DIDEROT, D. *Paradoxo sobre o comediante*. São Paulo: Escala, 2006.
EAGLETON, T. *Marxismo e crítica literária*. São Paulo: UNESP, 2011.
FALCON, F. "História e poder". *In*. CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. (orgs.). *Domínios da história:* ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
FERNANDES, F. *A revolução burguesa no Brasil*. Ensaio de interpretação sociológica. Rio de Janeiro: Zahar editores, 1976.
FIGUEIREDO, L. R. "História e informática: o uso do computador". *In*. CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. *Domínios da história*. Ensaios de teoria e metodologia. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
FOLHA DE S. PAULO. 30.12.82 *In*. MOLICA, F. *Dez reportagens que abalaram a ditadura*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
FONSECA, F. C. P. da. *O consenso forjado*: a grande imprensa e a formação da agenda ultraliberal no Brasil. São Paulo: Hucitec, 2005.
FONTANA, J. *A história dos homens*. Bauru: EDUSC, 2004.
FONTES, V. "A sociedade civil no Brasil contemporâneo: lutas sociais e lutas teóricas na década de 1980" *In* LIMA, J. C.; NEVES, L. M. W. *Fundamentos da educação escolar no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Fiocruz/EPSJV, 2006.
FONTES, V. *O Brasil e o capital imperialismo*. Teoria e história. Rio de Janeiro: EPSJV/UFRJ, 2010.
FONTES, V. *Reflexões im-pertinentes*: história e capitalismo contemporâneo. Rio de Janeiro, Bom texto, 2005.
FONTES, V.; GARRONI, S. "O trabalho abstrato e a cultura contemporânea, os desafios atuais do pensamento histórico" *In*. FONTES, V. *Reflexões im-pertinentes*: história e capitalismo contemporâneo. Rio de Janeiro, Bom texto, 2005.
FOUCAULT, M. "Preface". *In*. DELEUZE, G; GUATTARI, F. *Anti-oedipus*: capitalism and schizophrenia. New York: Viking Press, 1977.
FRANSMAN, M. *Telecoms in the internet age*: from boom to bust to... Oxford University Press, 2002.
GARCIA, A. S. "Empresas transnacionais brasileiras: dupla frente de luta". *In*. INSTITUTO ROSA LUXEMBURG STIFTUNG (org.). *Empresas transnacionais brasileiras na América Latina*: um debate necessário. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
GONÇALVES, R. J. M. "Antonio Gramsci, a revolução passiva e a história do Brasil". *In*. SILVA, C. L.; CALIL, G. G.G.; KOLING, P. J. (orgs.). *Anais do II simpósio de pesquisa Estado e Poder*: a hegemonia em questão. Cascavel: EDUNIOESTE, 2010.
GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 1. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.
GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 3. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 4. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
GRAMSCI, A. *Cadernos do cárcere*. Volume 5. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.
GRAMSCI, A. *Escritos políticos*. Volume 2. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.
HARVEY, D. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1992.
HARVEY, D. *O novo imperialismo*. São Paulo: Edições Loyola, 2004.
HERNANDES, N. *A mídia e seus truques*: o que jornal, revista, TV, rádio e internet fazem para captar e manter a atenção do público. São Paulo: Contexto, 2006.
IASI, M. L. "Nosso guia na floresta de papel: o artífice da palavra clara". *In*. KONDER, L.

Introdução ao fascismo. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
IASI, M. L. *As metamorfoses da consciência de classe*: o PT entre a negação e o consentimento. São Paulo: Expressão Popular, 2006.
KEYNES, J. M. *A teoria geral do emprego, do juro e da moeda*. São Paulo: Global, 1982.
KONDER, L. *Introdução ao fascismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2009.
LACOUTURE, J. "A história imediata". *In*. LE GOFF, J.; CHARTIER, R.; REVEL, J. (orgs.). *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
LAVABRE, M-C. "Anticommunisme" (verbete). *In*. BENSUSSAN, G; LABICA, G. *Dictionnaire critique du marxisme*. Paris: Presses Universitaires de France, 1982.
LE GOFF, J. "A história nova". *In*. LE GOFF, J.; CHARTIER, R.; REVEL, J. (orgs.). *A história nova*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
LE GOFF, J. "A visão dos outros: um medievalista diante do presente". *In*. CHAVEAU, A.; TÉTART, P. (orgs.). *Questões para a história do presente*. Bauru: EDUSC, 1999.
LÊNIN, V. I. "Como V. Zassulich combate o liquidacionismo". *apud*. MARX, K.; ENGELS; F.; LÊNIN, V. I. *Acerca do partido*. Lisboa: Editorial Estampa, 1975.
LÊNIN, V. I. *O imperialismo, fase superior do capitalismo*. Brasília: Nova Palavra, 2007.
LESSA, S. *Trabalho e proletariado no capitalismo contemporâneo*. São Paulo: Cortez, 2007.
LÉVY, P. *As tecnologias da inteligência*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1993.
LÉVY, P. *Cibercultura*. São Paulo: Editora 34, 1999.
LÉVY, P. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 1996.
LOUREIRO, I. *A revolução alemã*, 1918-1923. São Paulo: UNESP, 2005.
MARCUSE, H. *A ideologia da sociedade industrial*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
MARX, K. *O Capital*. Volume 1. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
MARX, K.; ENGELS, F. *A ideologia alemã*. São Paulo: Martin Claret, 2004.
MARX, K; ENGELS, F. *Manifesto do Partido Comunista/A ideologia alemã*. Lima: Los Libros Más Pequeños del Mundo, 2010.
MEDEIROS, C. A. de. "O desenvolvimento tecnológico americano no pós-guerra como um empreendimento militar". *In*. FIORI, J. L. (org.). *O poder americano*. Petrópolis: Vozes, 2004.
MESZAROS, I. *Para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2002.
MINOIS, G. *História do riso e do escárnio*. São Paulo: UNESP, 2003.
MISES, L. V. *Liberalismo* – segundo a tradição clássica. Rio de Janeiro: Instituto Liberal; José Olympio, 1987.
MORAZÉ, C. *A lógica da história*. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.
NEVES, L. M. W.; SANT´ANNA, R. "Introdução: Gramsci, o Estado educador e a nova pedagogia da hegemonia". *In*. NEVES, L. M. W. *A nova pedagogia da hegemonia*: estratégias do capital para educar o consenso. São Paulo: Xamã, 2005.
NOVAES, H. T. *O fetiche da tecnologia*. A experiência das fábricas recuperadas. São Paulo: Expressão Popular, 2010.
OBSERVATÓRIO INTERNACIONAL DA CRISE. "Introdução. A complexidade da crise atual". *In*. DIERCKXSENS, W.; CAMPANÁRIO, P.; CARCANHOLO, R. A.; JARQUIN, A.; NAKATANI, P.; HERERRA, R. *Século XXI: crise de uma civilização*. Fim da história ou começo de uma nova história? Goiânia: CEPEC, 2010.
OLIVEIRA, F. de. "O enigma de Lula: ruptura ou continuidade?" *In*. ESTANQUE, E.; SILVA, L. M. e; VÉRAS, R.; FERREIRA, A. C.; COSTA, H. A. (orgs.) *Mudanças no trabalho e ação sindical*: Brasil e Portugal no contexto da transnacionalização. São Paulo: Cortez, 2005.
PAILLARD, B. "Imediata (história)" (verbete). *In*. BURGUIÈRE, A. (org.). *Dicionário das ciências históricas*. Rio de Janeiro: Imago, 1993.
PETRAS, J. *Armadilha neoliberal e alternativas para a América Latina*. São Paulo: Xamã, 1999.
POULANTZAS, N. *As classes sociais no capitalismo hoje*. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.
POULANTZAS, N. *Fascismo e ditadura*. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
POULANTZAS, N. *O Estado, o poder, o socialismo*. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
RÉMOND, R. "Introdução". *In*. RÉMOND, R. (org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro:

FGV, 2003.
RODRIGUES, G. “História: uma ciência do presente”. *In*. FERNANDEZ, E. P. F.; PADRÓS, E. S.; RIBEIRO, L. D. T.; GORKON, C. Van. *Contrapontos* – Ensaios de história imediata. Porto Alegre: Folha da história/Palmares, 1999.
RÜDIGER, F. *As teorias da cibercultura*: perspectivas, questões e autores. Porto Alegre: Sulina, 2011.
SADER, E. “Notas sobre a globalização neoliberal”. *In*. MATTA, G. C. (org.). *Estado, sociedade e formação profissional em saúde*: contradições e desafios em 20 anos de SUS. Rio de Janeiro; EPSJV, 2008.
SAES, D. “Classe média e política”. *In*. FAUSTO, B. (org). *História Geral da Civilização Brasileira*. Tomo III: O Brasil Republicano. Volume 3: Sociedade e Política 1930-1964. Rio de Janeiro, Bertand, 1991.
SAES, D. *Classe média e sistema político no Brasil*. São Paulo: T. A. Queiroz, 1979.
SANTOS, M. *O poder norte-americano e a América Latina no pós-guerra fria*. São Paulo: Anneblume; Fapesp. 2007.
SARDENBERG, R. M. “Apresentação”. *In*. TAKAHASHI, T. (org.). *Sociedade da informação no Brasil*: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2000.
SCHAFF, A. *A sociedade informática*: as conseqüências sociais na segunda revolução industrial. São Paulo: UNESP; Brasiliense, 1995.
SCHAFF, A. *História e verdade*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
SILVA, A. S.; ORTIZ, F.; DE POLLI, M. et all. *Wunderblogs.com*. São Paulo: Barracuda, 2004.
SILVA, C. L. *Veja*: o indispensável partido neoliberal. Cascavel: Edunioeste, 2009.
SIMIAND, F. *Método histórico e ciência social*. Bauru: EDUSC, 2003.
SIMONCINI. P. “Garantizar el acesso a la información”. *In*. FUNDACIÓN LIBERTAD (org.). *Los desafios a la sociedad abierta a fines del siglo XX*. Buenos Aires: Ameghino, 1999.
SRAFFA, P. *Produção de mercadorias por meio de mercadorias*. São Paulo: Abril Cultural, 1985.
TAKAHASHI, T. (org.). *Sociedade da informação no Brasil*: livro verde. Brasília: Ministério da Ciência e da Tecnologia, 2000.
THOMPSON, E. P. *Miséria da teoria*: ou um planetário de erros. Sem editora, 2009.
THOMPSON, E. P. *Senhores e caçadores*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
ZAVERUCHA, J. *Frágil democracia*: Collor, Itamar, FHC e os militares (1990-1998). Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

Teses e dissertações:

CALIL, G. G. *O integralismo no processo político brasileiro* – o PRP entre 1945 e 1965: cães de guarda da ordem burguesa. Tese de Doutorado. Niterói: UFF/UNIOESTE, 2005.
CARNEIRO, M. R. da S. R. *Do sigma ao sigma* – entre a anta, a águia, o leão e o galo – a construção de memórias integralistas. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2007.
COELHO, E. *Uma esquerda para o capital*: crise do marxismo e mudanças nos projetos políticos dos grupos dirigentes do PT (1979-1998). Tese de Doutorado. Niterói, UFF: 2005.
COSTA, G. M. M. da. *Abertura das telecomunicações e reprodução da estrutura global de poder*: o caso da Argentina e do Brasil. Tese de Doutorado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.
COSTA, P. R. N. *Empresariado e democracia no Brasil* (1984-1994). Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 2003.
GARCIA, C. *PT: da ruptura com a lógica da diferença à sustentação da ordem*. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2008.
GONÇALVES, R. J. M. *História fetichista*: o aparelho de hegemonia filosófico Instituto Brasileiro de Filosofia/Convivium (1964-1985). Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido Rondon: UNIOESTE, 2009.
HENGE, C. da. *Sujeitos e saberes*: redes discursivas em uma enciclopédia *online*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: UFRGS, 2009.

MELLO, N. B. *Subdesenvolvimento, imperialismo, educação, ciência e tecnologia no Brasil*: a subordinação reiterada. Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2004.
MONTEIRO, A. Q. *Trabalho, ciberespaço e acumulação de capital*: estudo sobre produção e consumo na interatividade da internet comercial. Dissertação de Mestrado. Marília: UNESP, 2008.
MUNIZ, K. da S. *Piadas*: conceituação, constituição e práticas – um estudo de um gênero. Dissertação de Mestrado. Campinas: UNICAMP, 2004.
OLIVEIRA, F. R. de. *Trajetórias intelectuais no exílio*: Adolfo Casais Monteiro, Jorge de Sena e Vítor Ramos (1954-1974). Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2010.
OLIVEIRA, M. E. de. *Sob o signo do "novo sindicalismo"*: das mudanças de identidade e de estratégia, na trajetória do PT e da CUT, à consolidação do populismo sindical no Governo Lula. Dissertação de Mestrado. São Paulo: PUC-SP, 2008.
PEREIRA, J. M. M. *O Banco Mundial como ator político, intelectual e financeiro* (1944-2008). Tese de Doutorado. Niterói: UFF, 2009.
PERISSINOTTO, R. M. *Estado e capital cafeeiro*: burocracia e interesse de classe na condução da política econômica (1889-1930). Tese de Doutorado. Campinas: UNICAMP, 1997.
SILVA, M. T. C. da. *A geopolítica da rede e a governança global de internet a partir da cúpula mundial da sociedade da informação*. Tese de Doutorado. São Paulo: USP, 2008.
SIMON, C. L. *Launching the DNS war*: dot-com privatization and the rise of global internet governance. Tese de Doutorado. Coral Gables: University of Miami, 2006.
ZEN, L. F. G. *"A conciliação das elites"* projeto hegemônico de democracia na revista Veja 1982-1985. Dissertação de Mestrado. Marechal Cândido: UNIOESTE, 2009.

Revistas acadêmicas:

BOITO JR, A. "Classe média e sindicalismo". *Politeia*: história e sociedade. nº. 1. Volume 4. Vitória da Conquista: DEHIS UESB, 2004.
BORON, A. "El fascismo como categoria histórica: en torno del problema de las dictaturas en América Latina". *Revista Mexicana de Sociologia*. nº. 2. México: UNAM, 1977.
DANTAS, G. "O desequilíbrio econômico na Grécia, as rebeliões operárias e os limites da atual política anticrise". *Antítese*. nº. 8. Goiânia: CEPEC, 2010.
DIAS, E. F. "Democrático e popular?". *Outubro*. nº. 8. São Paulo: Instituto de Estudos Socialistas, 2003.
MACIEL, D. "'Melhor impossível': a nova etapa da hegemonia neoliberal sob o Governo Lula". *Universidade e Sociedade*. nº. 46. Brasília: ANDES-SN, 2010.
ROIZ, D. da S. "A reconstituição do passado e o texto literário: a resposta dos historiadores à 'virada linguística'". *Diálogos*. nº. 3. Volume 13. Maringá: DEHIS/PPGH UEM, 2009.
SAES, D. "Classe média e políticas de classe (uma nota teórica)". *Contraponto*: Revista de Ciências Sociais do Centro de Estudos Noel Nutels. Ano II, nº. 2, novembro 1977.
SANTOS, T. dos. "Socialismo y fascismo en América Latina hoy". *Revista Mexicana de Sociologia*. nº. l. México: UNAM, 1977.

***Sites*:**

AFONSO, C. A. *Internet no Brasil*: o acesso para todos é possível? Disponível em http://reseau.crdi.ca/uploads/user-S/10245206800panlacafoant.pdf, acessado em 10.10.10.
AGÊNCIA REUTERS. *Classes A e B lideram e-commerce brasileiro*. 08.12.10. Disponível em http://info.abril.com.br/noticias/mercado/classes-a-e-b-lideram-e-commerce-brasileiro-08122010-28.shl, acessado em 05.01.11.
ALEXA. *Consulta por www.midiasemmascara.org*. Disponível em http://www.alexa.com/siteinfo/midiasemmascara.org#, acessado em 13.02.10.
ALEXA. *Site info for www.olavodecarvalho.org*. 19.01.12. Disponível em

http://www.alexa.com/siteinfo/olavodecarvalho.org#, acessado em 19.02.12.
ALVES, N.; GALHARDO, R. "Extrema direita universitária se alia a skinheads. Jovens estudantes neo-conservadores fogem ao estereotipo de arruaceiros mas defendem ação violenta das gangues". *Ig*. 26.09.11. Disponível em http://ultimosegundo.ig.com.br/politica/extrema-direita-universitaria-se-alia-a-skinheads/n1597226175495.html, acessado em 14.11.11.
AMARAL, M. "Conversas com Mr. DOPS". *Pública*. 09.02.12. Disponível em http://apublica.org/2012/02/conversas-mr-dops/, acessado em 14.02.12.
ANDERSON, P. "Lula´s Brazil". *London Review of Books*. Vol. 33, nº. 7, 31.03.2011. Disponível em http://www.lrb.co.uk/v33/n07/perry-anderson/lulas-brazil, acessado em 10.09.11.
ANDES-SN. *Educação à distância, abertura do mercado educacional ao capital estrangeiro e ampliação espúria da educação superior*: Uma crítica à política de EAD do governo Lula da Silva. Disponível em http://www.andes.org.br/imprensa/Uploads/Circ290-05.zip, acessado em 13.11.10.
ANEMONE. *What is it?*. Disponível em http://anemone.rubyforge.org/, acessado em 13.02.12.
ARTEN, F. *O domínio norte-americano e a dromocracia na sociedade cibercultural*. Disponível em http://www.fafich.ufmg.br/compolitica/anais2007/sc_pi-arten.pdf, acessado em 20.08.10.
ATTUCH, L. "A redenção da Delfin". *Istoé Dinheiro*. 05.04.06. Disponível em http://www.istoedinheiro.com.br/noticias/4843_A+REDENCAO+DA+DELFIN, acessado em 14.01.11.
AVESTRAND, H. T. *RFC 3935*. Disponível em http://www.ietf.org/rfc/rfc3935.txt, acessado em 12.01.11.
BAB.LA. *Brokerage* (verbete). Disponível em http://pt.bab.la/dicionario/ingles-portugues/brokerage, acessado em 09.10.11.
BAHADUR, G. "Nativist militias get a Tea-Party makeover". *The Nation*. 28.10.10. Disponível em http://www.theinvestigativefund.org/investigations/immigrationandlabor/1420/nativist_militias_get_a_tea-party_makeover/, acessado em 04.06.11.
BARBIERI, C. P. *Perversão, humor e sublimação*. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372009000100005&lng=pt&nrm=iso, acessado em 30.09.10.
BARBOSA, A. F.; CAPPI, J.; GATTO, R. *Os caminhos para o avanço do governo eletrônico no Brasil*. Disponível em http://www.cgi.br/publicacoes/artigos/artigo63.htm, acessado em 04.04.11.
BARBOSA, J. R. "Entre milícias e militantes (III): skinheads nacional-socialistas e integralistas e os "carecas do subúrbio". *Passapalavra*. 07.05.09. Disponível em http://passapalavra.info/?p=6041, acessado em 03.05.11.
BARBOSA, J. R. "Ideologia e intolerância: a extrema direita latino-americana e a atuação no Brasil dos herdeiros do eixo". *Aurora*. nº. 2. Disponível em http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Aurora/aurora_dossie_01.pdf, acessado em 04.07.2011.
BARONAS, R. L. *Derrisão*: um caso de heterogeneidade dissimulada. Disponível em http://cpd1.ufmt.br/meel/arquivos/artigos/7.pdf, acessado em 30.10.10.
BARRETO, A. de A. *Mudança estrutural no fluxo do conhecimento*: a comunicação eletrônica. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-19651998000200003&script=sci_arttext&tlng=es, acessado em 13.10.10.
BARROS, C. *Para um novo paradigma historiográfico*. Disponível em http://www.h-debate.com/cbarros/spanish/articulos/nuevo_paradigma/hacia/tempo.htm, acessado em 10.09.10.
BATISTA, A. B. "Paulo Francis e o cenário político-ideológico de 1989: Análise do discurso sobre o fim do socialismo no leste europeu' e 'o perigo Lula' no processo político-eleitoral brasileiro daquele ano". *Anais do Simpósio Nacional de História 2011*. Disponível em http://www.snh2011.anpuh.org/resources/anais/14/1300936846_ARQUIVO_AlexandreBatista-ANPUH2011-Completo.pdf, acessado em 20.02.12.
BATISTA, P. N. *O Consenso de Washington*. A visão neoliberal dos problemas latino-americanos. Disponível em http://www.fau.usp.br/cursos/graduacao/arq_urbanismo/disciplinas/aup0270/4dossie/nogueira94/no

g94-cons-washn.pdf, acessado em 13.01.11.
BBC BRASIL. "Crise econômica é combustível para ascensão do Tea Party". *BBC Brasil. 28.10.10. Disponível em http://ultimosegundo.ig.com.br/mundo/bbc/crise+economica+e+combustivel+para+ascensao+do+tea+party/n1237813538498.html, acessado em 11.05.11.*
BBC.BRASIL. "Entenda a crise na Grécia e suas implicações". *BBC.Brasil*. 29.07.11. Disponível em http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2011/06/110616_entenda_crisegrega_pai.shtml, acessado em 14.01.12.
BECKSTROM, R. *O futuro da ICANN. Fala de abertura do Primeiro fórum .ORG anual*. Washington, 28.01.10. Disponível em http://www.icann.org/pt/presentations/future-of-icann-beckstrom-28jan10-pt.htm, acessado em 16.10.11.
BERNARDO, J. "Entre a luta de classes e o ressentimento. A propósito do artigo "Cadilhe, o 'coveiro rico'". *Passapalavra*. 26.03.09. Disponível em http://passapalavra.info/?p=1852, acessado em 04.07.2011.
BOITO JR., A. "Burguesia no governo lula". *Crítica Marxista*. nº. 21, 2005. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/critica21-A-boito.pdf, acessado em 29.01.12.
BOITO JR., A. "Neoliberalismo e relações de classe no Brasil". *Idéias*. nº. 1. Disponível em http://www.iheal.univ-paris3.fr/IMG/pdf/PIICdos.pdf, acessado em 29.01.12.
BOITO JR., A. *As relações de classe na nova fase do neoliberalismo no Brasil*. Disponível em http://www.iheal.univ-paris3.fr/IMG/pdf/PIICdos.pdf, acessado em 22.01.12.
BOITO JR., A.; GALVÃO, A.; MARCELINO, P. *Brasil*: o movimento sindical e popular na década de 2000. Disponível em http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/osal/osal26/05boito.pdf, acessado em 10.11.11.
BOLAÑO, C. R. S.; CASTAÑEDA, M. V. *A economia política da internet e sua crise*. Disponível http://www.eca.usp.br/alaic/material%20congresso%202002/congBolivia2002/trabalhos%20completos%20Bolivia%202002/GT%20%202%20%20cesar%20bolano/Marcos%20Bolano.doc, acessado em 01.09.10.
BORGES, A. *Eduardo Graeff e o submundo tucano*. Disponível em http://www.advivo.com.br/blog/spin-in-progress/eduardo-graeff-e-o-submundo-tucano, acessado em 17.01.12.
BRAYTON, C. *Democracy exportation – crosshairs over America do Sul*. Disponível em http://tupiwire.files.wordpress.com/2011/01/neoimilolavo.png, acessado em 13.02.12.
BRENNER, R. "A crise emergente do capitalismo mundial: do neoliberalismo à depressão?". *Outubro*. nº. 3. Disponível em http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/03/out3_02.pdf, acessado em 13.10.11.
BRESSANE, R. "Senhora do destino". *Trip*. nº. 138. Disponível em http://revistatpm.uol.com.br/49/vermelhas/home.htm, acessado em 03.03.12.
BRYAN, N. A. P. "Educação, trabalho e tecnologia em Marx". *Educação & Tecnologia*. nº. 1. Disponível em http://revistas.utfpr.edu.br/pb/index.php/revedutec-ct/article/view/1010, acessado em 10.10.11.
CAMUS, J-Y. "Metamorfoses políticas na Europa". *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.05.02. Disponível em http://diplo.org.br/2002-05,a299, acessado em 10.05.11.
CAPÍTULO BRASILEIRO DO CLUBE DE ROMA. *Quem somos*. http://www.clubofrome.at/brasil/organisation/index.html, acessado em 29.12.11.
CARCANHOLO, M. D. "Crise econômica atual: seus impactos para a organização da classe trabalhadora". *Aurora*. nº. 6. Disponível em http://www.marilia.unesp.br/Home/RevistasEletronicas/Aurora/1%20CARCANHOLO.pdf, acessado em 04.06.11.
CARVALHO, M. L. B. de. *Linha do tempo da internet no Brasil*. Disponível em http://homepages.dcc.ufmg.br/~mlbc/cursos/internet/historia/Brasil.html, acessado em 20.10.10.
CAVALCANTI, J. C. *Economia de redes*. Disponível em http://www.cgi.br/publicacoes/artigos/artigo1.htm, acessado em 04.11.10.

CBS NEWS/NEW YORK TIMES POLL. “The tea party movement: who they are”. *CBS News*. 5-12.04.10. Disponível em http://www.cbsnews.com/htdocs/pdf/poll_tea_party_who_they_are_041410.pdf?tag=contentMain;contentBody, acessado em 07.05.11.

CENTRAL NACIONAL DE ASTROLOGIA. *Juan Alfredo César Müller*. 27.01.10. Disponível em http://cnastrologia.org.br/site/blog/2010/01/27/juan-alfredo-cesar-muller/, acessado em 10.01.11.

CETIC.BR. *Estatísticas diárias por categoria*. Disponível em http://www.cetic.br/dominios/index.htm, acessado em 13.02.12.

CGI.BR. “No *podium*”. *Revista CGI.br*. nº 3. Disponível em http://www.cgi.br/publicacoes/revista/edicao03, acessado em 18.11.10.

CGI.BR. *Grupos de trabalho: GTER*. Disponível em http://www.nic.br/grupo/gter.htm, acessado em 20.12.10.

CGI.BR. *Grupos de trabalho: GTS*. Disponível em http://www.nic.br/grupo/gts.htm, acessado em 13.12.10.

CGI.BR. *Histórico*. Disponível em http://www.cgi.br/sobre-cg/definicao.htm, acessado em 30.10.10.

CHESNAIS, F. “A teoria do regime de acumulação financeirizado: conteúdo, alcance e interrogações”. *Economia e Sociedade*. nº. 1. Disponível em http://www.eco.unicamp.br/docdownload/publicacoes/instituto/revistas/economia-e-sociedade/V11-F1-S18/01-Chesnais.pdf, acessado em 16.10.11.

CHOMSKY, N. “A raiva mal dirigida nos EUA”. *Agência Carta Maior*. 25.11.10. Disponível em http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17214, acessado em 05.05.11.

CIA. *World factbook*. Disponível em https://www.cia.gov/library/publications/the-world-factbook/rankorder/2079rank.html?countryName=United%20States&countryCode=us®ionCode=noa&rank=1#us, acessado em 10.10.11.

CINTRA, A.; LOBREGATTE, P. “A deterioração ética e moral do jornalismo. Entrevista com Luis Nassif”. *Portal Vermelho*. 05.03.08. Disponível em http://www.direitoacomunicacao.org.br/content.php?option=com_content&task=view&id=2796, acessado em 20.01.12.

CLINTON, W. J.; GORE JR., A. *Technology for America’s economic growth, a new direction to build economic strength*. 22.02.1993. Disponível em http://ntl.bts.gov/lib/jpodocs/briefing/7423.pdf, acessado em 14.03.11.

CMI Brasil. *Leia com atenção*. Disponível em http://prod.midiaindependente.org/indymediabr/servlet/OpenMir, acessado em 14.11.11.

CODATO, A. N. “O golpe de 1964: luta de classes no Brasil – a propósito de 'Jango', de Silvio Tendler”. *Espaço Acadêmico*. nº. 36. Disponível em http://www.espacoacademico.com.br/036/36ccodato.htm, acessado em 15.04.11.

COGGIOLA, O. “O sentido histórico da Segunda Guerra Mundial”. *Olho da história*. nº. 1. Disponível em http://www.oolhodahistoria.ufba.br/01sentid.html, acessado em 01.06.11.

COSTA, P. R. N. “Como os empresários pensam a política e a democracia: Brasil, anos 1990”. *Opinião Pública*. nº. 2. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-62762005000200006&script=sci_arttext, acessado em 21.01.12.

COSTA, P. R. N. “Empresariado, regime político e democracia: Brasil, anos de 1990”. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. nº. 57. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v20n57/a07v2057.pdf, acessado em 20.01.12.

DESCICLOPÉDIA. *Olavo de Carvalho* (verbete). Disponível em http://desciclopedia.ws/wiki/Olavo_de_Carvalho, acessado em 19.01.12.

DIAS, E. F. “Reestruturação produtiva: forma atual da luta de classes”. *Outubro*. nº. 1. Disponível em http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/01/out01_03.pdf, acessado em 16.10.11.

DIEESE. *Médias anuais do salário mínimo*. Disponível em http://www.dieese.org.br/esp/salmin/tabela.zip, acessado em 10.09.11.

DINES, A. “Carta aberta aos alunos e professores da Univer$idade – UniverCidade”. *Observatório da Imprensa*. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da270620011.htm, acessado em 13.01.12.
ECOMMERCE.ORG. *Os 20 países com maior número de usuários da internet*. Disponível em http://www.e-commerce.org.br/stats.php, acessado em 13.02.12.
ESTADÃO.COM.BR. “As medidas do Brasil contra a crise. Infográfico”. *Estadão.com.br*. 09.04.09. Disponível em http://www.estadao.com.br/especiais/as-medidas-do-brasil-contra-a-crise,54143.htm, acessado em 14.01.12.
ESTADÃO.COM.BR. “Como o mundo reage à crise. Infográfico”. *Estadão.com.br*. 09.10.08 atualizado em 08.06.09. Disponível em http://www.estadao.com.br/especiais/como-o-mundo-reage-a-crise,32895.htm, acessado em 18.01.12.
FEDERAL NETWORKING COUNCIL. *Definition of internet*. Disponível em http://www.nitrd.gov/fnc/Internet_res.html, acessado em 14.10.11. Tradução nossa.
FELITTI, G. “IGF 2007 confirma função do ICANN, mas debate novo gerenciamento”. *IDGNow!* Disponível em http://idgnow.uol.com.br/internet/2007/11/19/idgnoticia.2007-11-19.8192687980, acessado em 10.11.10.
FOLHA ONLINE. “Entenda a crise hipotecária que atinge a economia dos EUA”. *Folha de S. Paulo*. 11.07.08. Disponível em http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u421556.shtml, acessado em 14.01.12.
FONSECA, F. *O ultraliberalismo e seus contendores*. Disponível em http://cbrayton.files.wordpress.com/2006/09/teopol15.pdf, acessado em 17.02.12.
FONTES, V. *Considerações sobre um debate eleitoral*. Disponível em http://www.artnet.com.br/~gramsci/arquiv236.htm, acessado em 10.10.10.
FREE NET PROJECT. *Home*. Disponível em http://freenetproject.org/, acesssado em 20.02.12.
GADELHA, A. C. “Editorial”. *Revista CGI.br.* nº. 3. Disponível em http://www.cgi.br/publicacoes/revista/edicao03, acessado em 18.11.10.
GANTOIS, G. *Aumento do crédito e do consumo são heranças de Lula*. Governo aproveitou os anos dourados da economia mundial, mas deixa inflação em risco. 31.12.2010. Disponível em http://noticias.r7.com/economia/noticias/aumento-do-credito-e-do-consumo-sao-herancas-de-lula-20101231.html, acessado em 13.03.11.
GENTILI, V. “Levinsohn vs. Veja”. *Observatório da imprensa*. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/da090520011.htm, acessado em 22.01.12.
GIANNOTTI, V. “Comunicação e hegemonia. A batalha da hegemonia exige convencimento e força”. *Brasil de Fato*. 18.10.11. Disponível em http://www.brasildefato.com.br/content/comunica%C3%A7%C3%A3o-e-hegemonia, acessado em 14.11.11.
GLOBAL ONENESS. *History of the internet*: encyclopedia II - history of the internet - maintaining the infrastructure. Disponível em http://www.experiencefestival.com/a/History_of_the_Internet_-_Maintaining_the_infrastructure/id/5164084, acessado em 12.01.11.
GODADDY.COM. *Web site analytics*. Disponível em http://www.godaddy.com/hosting/website-analytics.aspx?ci=9035, acessado em 13.02.11.
GONÇALVES, M. A.; CARIELLO, R. “Direita na mídia”. *Folha de S. Paulo*. 15.02.06. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/folha_de_s_paulo_destaca_ascensao_da_direita_na_midia, acessado em 14.01.12.
GOODMAN, A. “'É uma guerra de classes': entrevista com Michael Moore”. *Passapalavra*. 13.05.11. Disponível em http://passapalavra.info/?p=39776, acessado em 13.05.11.
GORENDER, J. “Hegemonia burguesa – reforçada pela prova eleitoral de 94”. *Crítica Marxista*. nº. 2. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/cm_2.1.pdf, acessado em 16.01.12.
HARTUNG, W. “Profits of war: the fruits of the permanent military-industrial complex”. *Multinational monitor*. janeiro/fevereiro, 2005. Disponível em

http://www.thirdworldtraveler.com/Military_Industrial_Complex/Profits_of_War.html, acessado em 08.10.11.
HENNESSEY, K. "Tea parties form a federation, but don't call them organized". *Los Angeles Times*. 08.04.10. Disponível em http://articles.latimes.com/2010/apr/08/nation/la-na-tea-federation9-2010apr09, acessado em 08.05.11.
HISTÓRIA AGORA. "Entrevista com o professor Ciro Flamarion Cardoso (19.03.07)". *História Agora*. nº. 1. Disponível em http://www.historiagora.com/index.php?option=com_content&task=view&id=10&Itemid=30, acessado em 10.09.10.
HTMSTAFF. *História da internet*. Disponível em http://www.htmlstaff.org/ver.php?id=65, acessado em 13.07.10.
IANNI, O. "O príncipe eletrônico". *Questiones*. nº. 4. Disponível em http://www.journals.unam.mx/index.php/cuc/article/view/2033/1595, acessado em 20.12.10.
IANNI, O. *O príncipe eletrônico*. Disponível em http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/anpocs/ianni.rtf, acessado em 20.12.10.
ICANN. *Board representation by nationality*. Disponível em http://www.icann.org/en/maps/board.htm, acessado em 12.12.10.
ICANN. *Fatos*. Disponível em http://www.icann.org.br/general/fact-sheet.html, acessado em 12.12.10.
ICANN. *Nominees of the 2003 Nominating Committee to the ICANN board, GNSO council, and At-Large advisory committee*. 16.06.03. Disponível em http://www.icann.org/en/committees/nom-comm/nominee-biographies-16jun03.htm, acessado em 05.12.11.
IETF. *NomCom*. Disponível em http://www.ietf.org/nomcom/, acessado em 12.01.11.
INSTITUT D'HISTOIRE DU TEMPS PRÉSENT. *Historique*. Disponível em http://www.ihtp.cnrs.fr/spip.php%3Frubrique1&lang=fr.html, acessado em 13.09.10.
INTERNET WAYBACK MACHINE. *Consulta por www.midiasemmascara.org*. Disponível em http://web.archive.org/web/*/http://www.midiasemmascara.org, acessado em 13.10.10.
INTERNET WAYBACK MACHINE. *Consulta sobre www.olavodecarvalho.org*. Disponível em http://web.archive.org/web/20020802221943/www.olavodecarvalho.org/, acessado em 13.10.10.
INTERNET WORLD STATS. *Internet world users by language*. Disponível em www.internetworldstats.com/stats7.htm, acessado em 10.09.10.
ISTOÉ DINHEIRO. "Querem matar a concorrência a pauladas. Entrevista com Ronald Levinsohn". *Istoé Dinheiro*. 28.05.03. Disponível em http://www.istoedinheiro.com.br/entrevistas/11477_QUEREM+MATAR+A+CONCORRENCIA+A+PAULADAS, acessado em 13.01.12.
JALIFE-RAHME, A. "As 10 transnacionais secretas que controlam as matérias primas". *Agência Carta Maior*. 08.05.11. Disponível em http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17766, acessado em 10.05.11.
JONSSON, P. "As others bolt, Sarah Palin stands by 'tea party' convention". *Christian Science Monitor*. 03.02.10. Disponível em http://www.csmonitor.com/USA/Politics/2010/0203/As-others-bolt-Sarah-Palin-stands-by-tea-party-convention, acessado em 08.05.11.
KNEBEL, P. "Estudo ressalta a nova classe média digital no país". *Jornal do Comércio*, 01.11.2010. Disponível em http://jcrs.uol.com.br/site/noticia.php?codn=45175, acessado em 05.01.11.
KOBAYASHI, M.; TAKEDA, K. "Information retrieval on the web". *ACM Computing Surveys*. nº. 2, volume 32, junho de 2000. Disponível em http://dl.acm.org/citation.cfm?doid=358923.358934, acessado em 13.02.12.
KOTZ, D. M. *A teoria marxista da crise e a severidade da crise económica actual*. Disponível em http://www.marilia.unesp.br/Home/Pesquisa/Orgdemo/A_severidade_da_crise_economica_atual_Set_2010.doc, acessado em 13.10.11.
LÊNIN, V. I. *As três partes e as três fontes constitutivas do marxismo*. Disponível em

http://files.agb-recife.webnode.com.br/200000028-b54e4b649e/As%20Tr%C3%AAs%20Fontes%20e%20as%20Tr%C3%AAs%20partes%20Constitutivas%20do%20Marxismo%20(Lenin).pdf, acessado em 14.10.11.
LÊNIN, V. I. *Que fazer?* Disponível em http://www.marxists.org/portugues/lenin/1902/quefazer/cap01.htm, acessado em 31.12.11.
LESSA, S. "Marxismo e ética". *Crítica Marxista*. nº. 14. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/D_SLessa.pdf, acessado em 20.02.12.
LEVINE, A. "Protestos nos Estados Unidos: por que Madison importa". *Agência Carta Maior*. 28.02.11. Disponível em http://www.cartamaior.com.br/templates/materiaMostrar.cfm?materia_id=17493, acessado em 07.05.11.
LEVINE, Y. "How the Tea Party gave new life to mexican-hunting ultra-right extremists". *The Exiled*. 07.06.11. Disponível em http://exiledonline.com/how-the-tea-party-gave-new-life-to-mexican-hunting-ultra-right-extremists, acessado em 10.07.11.
LIMA, R. *Como era gostoso meu Wunderblog*. Disponível em http://www.nacaradogol.mondo-exotica.net/arquivo/002520.htm, acessado em 19.01.12.
Literalmente um "pedido de comentário", documento que descreve previamente os padrões de cada protocolo da rede a serem considerados um padrão.
LITMAN. J. *The DNS wars*: trademarks and the internet Domain Name System. Disponível em http://www-personal.umich.edu/~jdlitman/papers/DNSwars.pdf, acessado em 12.01.11.
LÖWY, M. "O romantismo revolucionário de maio 68". *Espaço Acadêmico*. nº. 84. Disponível em http://www.espacoacademico.com.br/084/84esp_lowyp.htm, acessado em 10.08.10.
MACHADO, C. E. "Para 'mentor' do Wunderblog.com, blogueiro tem ironia e falta de respeito". *Folha.com*. 03.07.04. Disponível em http://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u45593.shtml, acessado em 19.01.12.
MACIEL, D. "Florestan Fernandes e a questão do transformismo na transição democrática brasileira". *IV Simpósio Gepal*. Disponível em http://www.uel.br/grupo-pesquisa/gepal/anais_ivsimp/gt8/11_davidmaciel.pdf, acessado em 10.01.12.
MACIEL, D. "Hegemonia neoliberal e trabalhadores no governo Lula". *Anais Marx e o marxismo 2011*: teoria e prática. Disponível em http://www.uff.br/niepmarxmarxismo/MM2011/TrabalhosPDF/AMC401F.pdf, acessado em 10.12.11.
MAIA, J. M. "Pensamento brasileiro e teoria social: notas para uma agenda de pesquisa". *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. nº. 71. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-69092009000300011&script=sci_arttext&tlng=., acessado em 17.05.11.
MARTINS, R. "Veríssimo: imprensa brasileira é de direita". *Direto da Redação*. 19.11.07. Disponível em http://www.diretodaredacao.com/noticia/verissimo-imprensa-brasileira-e-de-direita, acessado em 21.01.12.
MARX, K. "Maquinaria e trabalho vivo (os efeitos da mecanização sobre o trabalhador)". *Crítica Marxista*. nº. 1. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/CM_1.7.pdf, acessado em 11.10.11.
MICHAELS, W. B. "Contra o comunismo e o neoliberalismo". *Le Monde Diplomatique Brasil*. 01.11.10. Disponível em http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=806&PHPSESSID=fd25e6e417b75f7999578b00b7767c3c, acessado em 12.05.11.
MINIMUM-WAGE.ORG. *Minimum wage by state 2011*. Disponível em http://www.minimum-wage.org/wage-by-state.asp, acessado em 13.05.11. Supondo como média $7.25 por hora, um trabalhador que cumpra 40 horas semanais, em um ano terá recebido o salário de 13.920 dólares.
MOLIANI, J. A. *Curriculum lattes*. Disponível em http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=N539772, acessado em 23.01.12.
MONTOPOLI, B. "Tea Party supporters: who they are and what they believe". *CBS News*. 14.04.10. Disponível em http://www.cbsnews.com/8301-503544_162-20002529-503544.html,

acessado em 10.05.11.
MONTOPOLI, B.; HENDIN, R. “What is the Tea Party Movement?”. *CBS News*. 15.09.10. Disponível em http://www.cbsnews.com/8301-503544_162-20016540-503544.html#ixzz1MAmO98oe, acessado em 05.05.11.
MORA, E. A. “Tensões na formação profissional da CUT e na disputa dos fundos públicos”. *Outubro*. nº. 6. Disponível em http://www.revistaoutubro.com.br/edicoes/06/out6_06.pdf, acessado em 10.11.10.
MORAES, D. de. “Mídia e poder mundial”. *História e Luta de Classes*. nº. 2, fevereiro, 2006. Disponível em http://site.projetoham.com.br/arquivos/revistas/2.Linguagem%20Comunicacao%20e%20Cultura.edicaocompleta.pdf, acessado em 13.10.11.
MORAES, R. C. “Neoliberalismo e neofascismo - ès lo mismo pero no ès igual?”. *Crítica Marxista*. nº. 7. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/criticamarxista/critica7parte6dossie.pdf, acessado em 04.07.2011.
MOREIRA, D. “O que é uma startup?” *Exame.com*. 20.10.10. Disponível em http://exame.abril.com.br/pme/dicas-de-especialista/noticias/o-que-e-uma-startup, acessado em 09.10.11.
MUELLER, R. S. III. *Countering the terrorist threat*. Preparedness group conference. 06.10.10. Disponível em http://www.fbi.gov/news/speeches/countering-the-terrorism-threat, acessado em 12.11.10.
NIC.BR/CGI.BR. *TIC domicílios e TIC empresas 2007. Pesquisa sobre o uso das tecnologias da informação e da comunicação no Brasil*: a evolução da internet no Brasil 2008. Disponível em http://www.cetic.br/palestras/pdf/2008/pal2008conip-06.pdf, acessado em 12.11.10.
NIELSEN, J. *Hypertext'87 Trip Report*. Disponível em http://www.useit.com/papers/tripreports/ht87.html, acessado em 06.07.11.
NÓBREGA, J. “Alternativa P2P tenta desafiar ICANN”. *Computerworld.com.pt*. 30.11.10. http://www.computerworld.com.pt/2010/11/30/alternativa-p2p-tenta-desafiar-icann, acessado em 12.12.10.
OBSERVATÓRIO DA IMPRENSA. *Objetivos*. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/objetivos.asp, acessado em 10.10.10.
OLIVEIRA, F. de. “O momento Lênin”. *Novos Estudos CEBRAP*. São Paulo, nº. 75. Disponível em http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0101-33002006000200003&script=sci_arttext, acessado em 29.01.12.
OLIVEIRA, F. de. *O ornitorrinco*. Disponível em http://afoiceeomartelo.com.br/posfsa/Autores/Oliveira,%20Francisco/Francisco%20de%20Oliveira%20-%20O%20Ornitorrinco.rtf, acessado em 13.12.10. Grifos nossos.
OPERAMUNDI. “Movimento conservador Tea Party aumenta doações para republicanos nos EUA”. *Operamundi*. 21.09.10. Disponível em http://operamundi.uol.com.br/noticias/MOVIMENTO+CONSERVADOR+TEA+PARTY+AUMENTA+DOACOES+PARA+REPUBLICANOS+NOS+EUA_6493.shtml, acessado em 13.05.11.
PADRÓS, E. S. “História do tempo presente, ditaduras de segurança nacional e arquivos repressivos”. *Tempo e argumento*. nº. 1. Disponível em http://periodicos.udesc.br/index.php/tempo/article/view/708/599, acessado em 12.12.10.
PATSCHIKI, A. *Semantic spider*. Disponível em https://github.com/arielpts/semantic-spider, acessado em 13.02.12.
PATSCHIKI, L. *Tabela anexo 1194*. Disponível em http://www.mediafire.com/?8kmur3bo6hg1ac4, acessado em 20.02.12.
PAULANI, L. M. “A crise do regime de acumulação com dominância da valorização financeira e a situação do Brasil”. *Estudos Avançados*. nº. 66. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/ea/v23n66/a03v2366.pdf, acessado em 15.01.12.
PINTO, L. F. “Paulo Francis e a bomba esquecida”. *Observatório da Imprensa*. 04.05.10. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/news/view/paulo-francis-e-a-bomba-

esquecida, acessado em 14.01.11.
POSTEL, J. *RFC 349*. Disponível em http://tools.ietf.org/html/rfc349, acessado em 12.01.11.
POULANTZAS, N. *As classes sociais*. Disponível em http://www.cebrap.org.br/imagens/Arquivos/as_classes_sociais.pdf, acessado em 10.03.10.
R7. *Confrontos virtuais vão substituir a guerra fria, diz ex-agente da CIA*. Governos ainda discutem represálias aos ataques virtuais. Disponível em http://noticias.r7.com/internacional/noticias/confrontos-virtuais-vao-substituir-a-guerra-fria-diz-ex-agente-da-cia-20110803.html, acessado em 16.10.11.
RECUERO, R *Uma reflexão sobre redes sociais online e offline*. Disponível em http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/uma_reflexao_sobre_redes_sociais_online_e_offline.html, acessado em 13.10.10.
RECUERO, R. *Redes sociais online x redes sociais offline*. Disponível em http://www.pontomidia.com.br/raquel/arquivos/redes_sociais_online_x_redes_sociais_offline.html, acessado em 23.10.10.
RÉMOND, R. *Por que a história política?* Disponível em http://virtualbib.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewArticle/1975, acessado em 10.09.10.
REYNOLDS, J. K. *RFC 1060*. Disponível em http://tools.ietf.org/html/rfc1060, acessado em 12.01.11.
RIPAMONTE, N. *Os riscos do grande avanço na democratização da internet*. Disponível em http://www.cbeji.com.br/br/downloads/secao/O%20Comitê%20Gestor%20da%20Internet%20do%20Brasil%2001_07_04[1].doc, acessado em 10.10.10.
RODA VIVA. *Entrevista com Octavio Ianni*. 25.11.01. Transcrição disponível em http://www.tvcultura.com.br/rodaviva/programa/pgm0776, acessado em 20.12.10.
ROWEN, B. *History of the tea party movement*. Disponível em http://www.infoplease.com/us/government/tea-party-history.html, acessado em 01.05.11.
SADER, E. *Olavo de Carvalho não existe*. 09.04.03. Disponível em http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2003/04/252167.shtml, acessado em 22.02.12.
SALVADORI, F. "Banda larga no Brasil é cara e ruim; entenda". *Galileu*. Disponível em http://revistagalileu.globo.com/Revista/Common/0,,EMI138571-17770,00-BANDA+LARGA+NO+BRASIL+E+CARA+E+RUIM+ENTENDA.html, acessado em 03.05.11.
SANTOS, I. G. "A 'eficiência real': apontamentos de Gramsci para uma história/concepção dos partidos políticos". *Anais V CEMARX*. Disponível em http://www.unicamp.br/cemarx/anais_v_coloquio_arquivos/arquivos/comunicacoes/gt2/sessao2/Igor_Santos.pdf, acessado em 19.03.11.
SARTORATO, D. "Afif diz que só paulistas têm vontade de trabalhar". *ABDCD Maior*. 20.05.08. Disponível em http://www.abcdmaior.com.br/noticia_exibir.php?noticia=6774, acessado em 22.01.12.
SERABIAN, J. A. Jr. *Cyber threats and the US economy*. 23.02.00. Disponível em https://www.cia.gov/news-information/speeches-testimony/2000/cyberthreats_022300.html, acessado em 10.10.10.
SIAFI. *Banco de dados* (execução do Orçamento da União). Disponível em http://www.camara.gov.br/internet/orcament/bd/exe2010mdb.EXE, acessado em 13.10.11. Elaboração: Auditoria Cidadã da Dívida.
SILVA, F. C. T. da. *Neofascismo*. Disponível em http://www.tempopresente.org/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=34, acessado em 04.07.2011.
SILVEIRA, L. "Fabricação de Ideias, Produção de Consenso: Estudo de Caso do Instituto Millenium e Casa das Garças". *XXVIII Congresso anual da ALAS*. Disponível em http://www.sistemasmart.com.br/alas/arquivos/alas_GT17_Luciana_Silveira.pdf, acessado em 15.02.12.
SMANIOTTO, M. A. "*Software* livre e possibilidades contra-hegemônicas". *Anais IV Simpósio Lutas Sociais na América Latina*. Disponível em http://www.uel.br/grupo-

pesquisa/gepal/anais_ivsimp/gt2/12_MarcosSmaniotto.pdf, acessado em 20.02.12.
SOARES, E. P. G. *Entenda a crise da economia dos EUA e sua extensão*. 01.10.08. Disponível em http://www.umavisaodomundo.com/2008/10/entenda-crise-economia-eua.html, acessado em 14.01.12.
TAVARES, M. da C. “A retomada da hegemonia norte-americana”. *Revista de Economia Política*. nº. 2. Disponível em http://www.rep.org.br/pdf/18-1.pdf, acessado em 13.02.11.
TELECO. *Privatização*: telecomunicações no mundo. Evolução do setor de telecomunicações. Disponível em http://www.teleco.com.br/tutoriais/tutorialprivat/pagina_2.asp, acessado em 09.10.11.
TOLEDO, C. N. de. “Caio Toledo: Folha reabilita o ideólogo da ditabranda”. *Viomundo*. 19.11.11. Disponível em http://www.viomundo.com.br/politica/caio-toledo-folha-reabilita-o-ideologo-da-ditabranda.html, acessado em 22.02.12.
TOLEDO, C. N. de. “Crônica política sobre um documento contra a 'ditabranda'”. *Sociologia Política*. nº. 34. Disponível em http://www.scielo.br/pdf/rsocp/v17n34/a14v17n34.pdf, acessado em 20.03.11.
TRAVIS, S. “Herman Cain wins Tea Party presidential live straw poll at Phoenix summit”. *CNN Political Tick*. 27.02.11. Disponível em http://politicalticker.blogs.cnn.com/2011/02/27/herman-cain-wins-tea-party-presidential-live-straw-poll-at-phoenix-summit/, acessado em 10.05.11.
UOL NOTÍCIAS. *Reunião mundial no Rio debate internet mais segura e democrática*. 10.11.07. Disponível em http://governanca.cgi.br/noticias/reuniao-mundial-no-rio-debate-internet-mais-segura-e-democratica-1, acessado em 12.10.10.
VACCA, G. *Guerra de posição e guerra de movimento*. Disponível em http://www.franca.unesp.br/GUERRA%20DE%20MOVIMENTO.pdf, acessado em 06.01.12.
VALOR ECONÔMICO. “Intelectuais em extinção. Entrevista com Carlos Nelson Coutinho”. *Valor Econômico*. 24-26.11.00. Disponível em http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/al0512200091.htm, acessado em 21.01.12.
VELOSO, E. M. *Legislação sobre internet no Brasil*. Consultoria Legislativa da Câmara de Deputados, 05.09. Disponível em http://www2.camara.gov.br/documentos-e-pesquisa/fiquePorDentro/temas/regulacao_da_internet/2009-6863%20Estudo%20Internet.pdf, acessado em 12.12.10.
VIANA, N. “Crise financeira, Estado e regularização jurídica”. *Direito GV*. nº. 6. Disponível em http://www.direitogv.com.br/subportais/publica%C3%A7%C3%B5e/direitogv10/06.pdf, acessado em 13.10.11.
VIDAL, D. “A perseguição ao Islã e o neofascismo”. *Le Monde Diplomatique Brasil*. 03.01.11. Disponível em http://diplomatique.uol.com.br/artigo.php?id=843&PHPSESSID=42aea8cb512dc16234fbde253a5e6e7e, acessado em 04.07.2011.
WIKIPEDIA. *Data mining* (programming language). Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Ruby_(programming_language), acessado em 13.02.12.
WIKIPEDIA. *Data mining*. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Data_mining, acessado em 13.02.12.
WIKIPEDIA. *Diego Casagrande*. Disponível em http://pt.wikipedia.org/wiki/Diego_Casagrande, acessado em 12.12.10.
WIKIPEDIA. *Internet Assigned Numbers Authority*. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Internet_Assigned_Numbers_Authority, acessado em 12.01.11.
WIKIPEDIA. *Internet Engineering Task Force*. Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Internet_Engineering_Task_Force#Chairs, acessado em 12.01.11.
WIKIPEDIA. *Script* (computing). Disponível em http://en.wikipedia.org/wiki/Script_(computing)#cite_note-1, acessado em 13.02.12.
ZANOTTO, G. “Tradição, Família e Propriedade: Cristianismo, sociedade e salvação” *In*. *Anais do XI Congresso Latino-Americano sobre Religião e Etnicidade* - Mundos Religiosos: Identidades e Convergências. Disponível em http://www.larc.ufsc.br/arquivos/tfp_cristianismo_soc_salvacao.pdf,

acessado em 13.02.12.

FONTES:

Livros:

CARVALHO, O. de. *A longa marcha da vaca para o brejo & os filhos da PUC*. O imbecil coletivo II. Rio de Janeiro: Topbooks, 1998.
CARVALHO, O. de. *O futuro do pensamento brasileiro*: estudos sobre o nosso lugar no mundo. Rio de Janeiro: Editora da Faculdade da Cidade, 1997.
CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo 1*. Rio de Janeiro: Editora da Faculdade Cidade, 1997.
CARVALHO, O. de. *O jardim das aflições*: de Epicuro à ressurreição de César - Ensaio sobre o materialismo e a religião civil. Rio de Janeiro: Diadorim, 1995.
SCHOPENHAUER, A. *Como vencer um debate sem precisar ter razão*. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.

***Sites*:**

ABREU, K. *Discurso no senado*. 11.04.11. Disponível em http://www.visoesdiversas.com/2011/04/discurso-da-katia-abreu.html, acessado em 13.04.11.
ANDRADE, R.; PINHEIRO, É. *Olavo de Carvalho*. Curriculum Vitæ, 2005. Disponível em http://dennymarquesani.sites.uol.com.br/semana/olavcrvl.htm, acessado em 19.02.11.
ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO. *A ACSP*. Disponível em http://www.acsp.com.br/institucional/institucional.html, acessado em 21.01.12.
ASSOCIAÇÃO COMERCIAL DE SÃO PAULO. *História*. Disponível em http://www.acsp.com.br/institucional/institucional_historia.html, acessado em 21.01.12.
BERTOL, R. "Filósofo acidental. Entrevista de Olavo de Carvalho". *O Globo*. 25.05.00. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/acidental.htm, acessado em 13.11.11.
BOEIRA, M. *Porque Weirmar cedeu ao totalitarismo*. 30.08.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/11378-por-que-weimar-cedeu-ao-totalitarismo.html, acessado em 01.04.11.
BRASIL ANTI ANTIFA. *O ato e outras cositas mas...* Disponível em http://brasilantiantifa.blogspot.com/, acessado em 14.01.12.
BRUNO, L. *Diga não aos verdadeiros golpistas*. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/governo-do-pt/11425-diga-nao-aos-verdadeiros-golpistas.html, acessado em 20.12.10.
BRUNO, L. *O liberalismo visto pelo imaginário universitário*. 08.05.09. Disponível em http://cavaleiroconde.blogspot.com/2009/04/o-liberalismo-visto-pelo-imaginario.html, acessado em 04.12.2011.
BRUNO, L. *Questões de coerência*. 03.03.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/cultura/11898-questoes-de-coerencia.html, acessado em 13.04.11.
CALDAS, S. *O instituto*. 08.08.10. Disponível em http://www.institutoolavodecarvalho.com/o-instituto/quem-somos.html, acessado em 22.01.12.
CARDOSO, F. H. "O papel da oposição". *Interesse Nacional*. nº. 13. abril-junho, 2011. Disponível em http://interessenacional.uol.com.br/artigos-integra.asp?cd_artigo=101, acessado em 14.04.11.
CARPEAUX, O. M. *A idéia da universidade e as idéias das classes médias*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/carp3.htm, acessado em 21.10.10.
CARVALHO, O de. "A nova religião nacional". *Diário do Comércio*. 26.03.07. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/070326dc.html, acessado em 14.01.12.
CARVALHO, O. "História marxista é charlatanismo". *O Globo*. 27.05.02. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/05272002globo.htm, acessado em 10.10.10.

CARVALHO, O. de *Flagrantes da vida real*. 13.03.09. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/humor/28-flagrantes-da-vida-real.html, acessado em 18.09.10.
CARVALHO, O. de *Flagrantes da vida real*. 13.03.09. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/humor/28-flagrantes-da-vida-real.html, acessado em 18.09.10.
CARVALHO, O. de. “A burguesia indefesa”. *Diário do Comércio.* 17.08.09. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/editorial/7949-a-burguesia-indefesa.html, acessado em 08.10.10.

CARVALHO, O. de. “A falta que a militância faz”. *Diário do Comércio*. 05.07.10. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/100705dc.html, acessado em 05.10.10.

CARVALHO, O. de. “A farsa radical”. *Jornal do Brasil.* 21.06.07. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/070621jb.html, acessado em 13.04.11.

CARVALHO, O. de. “A maior trama criminosa de todos os tempos”. *Digesto Econômico.* Setembro/dezembro 2007. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/0709digestoeconomico.html, acessado em 14.04.11.

CARVALHO, O. de. “A word from our presidente”. *The Inter-American Institute*. 04.06.10. Disponível em http://www.theinteramerican.org/about-us/mission-statement/128.html, acessado em 10.01.12.

CARVALHO, O. de. “Antonio Gramsci e a teoria do bode”. *IEE*. 29.10.02. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/iee_gramsci.htm, acessado em 14.04.11.

CARVALHO, O. de. “Apostando na estupidez humana”. *O Globo*. 06.06.02. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/07062002globo.htm, acessado em 14.04.11.

CARVALHO, O. de. “Barbárie mental”. *Jornal do Brasil.* 15.02.07. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/070215jb.html, acessado em 09.09.10.

CARVALHO, O. de. “Ciência e ideologia”. *O Globo*. 20.09.03. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/09202003globo.htm, acessado em 14.04.11.

CARVALHO, O. de. “Digitais do Foro de São Paulo”. *Diário do Comércio.* 2801.08. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/080128dc.html, acessado em 13.04.11.

CARVALHO, O. de. “Escolha desgraçada”. *Diário do Comércio*. 25.05.10. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/100525dc.html, acessado em 20.01.12.

CARVALHO, O. de. “Estupidez criminosa”. *Diário do Comércio*, 26.02.07. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/070226dc.htm, acessado em 10.02.11.

CARVALHO, O. de. “Geração maldita”. *Diário do Comércio.* 08.12.09. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/091208dc.html, acessado em 18.09.10.

CARVALHO, O. de. “Introdução”. *In*. *Cartas de um terráqueo ao planeta Brasil*. São Paulo: É Realizações, 2006. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/terraqueo.html, acessado em 19.01.12.

CARVALHO, O. de. “Moral postiça”. *Jornal da Tarde*, 23.12.99. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/991223jt.htm, acessado em 13.04.11.

CARVALHO, O. de. “Nacionalismo americano – I”. *Diário do Comércio.* 22.05.11. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/110322dc.html, acessado em 10.05.11.

CARVALHO, O. de. “Prólogo”. *Resistência Nacionalista*. nº. 11, fevereiro, 2010. Disponível em http://www.4shared.com/document/i5dmzk5I/RN-Numero_11.html, acessado em 04.07.2011.

CARVALHO, O. de. “Traição anunciada”. *Diário do Comércio*. 08.05.06. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/060508dc.html, acessado em 20.01.12. DOMINGUES, G. A. *A nova Digesto cultural*. Disponível em http://www.dcomercio.com.br/especiais/outros/digesto/nova_digesto.htm, acessado em 10.01.12.

CARVALHO, O. de. “Um capítulo de memórias”. *Diário do Comércio*. 23.06.08. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/080623dc.html, acessado em 27.02.12.

CARVALHO, O. de. “Um clássico e um paralelo”. *O Globo*. 07.06.03. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/030607globo.htm, acessado em 10.04.11.

CARVALHO, O. de. “Viva o fascismo!”. *Jornal da Tarde. 04.05.99. Disponível em*

http://www.olavodecarvalho.org/semana/990304jt.htm, acessado em 12.12.10.
CARVALHO, O. de. *A esquerda inventada*. 06.03.09. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/174-a-esquerda-inventada.html, acessado em 14.04.11. Grifos nossos.
CARVALHO, O. de. *A filosofia não é para os tímidos*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/timidos.htm, acessado em 10.10.10.
CARVALHO, O. de. *Aos visitantes desta homepage*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/aosvisitantes.htm, acessado em 12.01.12.
CARVALHO, O. de. *Apelo urgente de Olavo de Carvalho a seus leitores brasileiros*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/donation.html, acessado em 22.01.12.
CARVALHO, O. de. *Apresentação do True outspeak*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/true_outspeak.html, acessado em 09.09.10.
CARVALHO, O. de. *Aviso de Alberto Dines & considerações sobre a universidade*. 30.06.01. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/dines2.htm, acessado em 19.01.12.
CARVALHO, O. de. *Aviso*. Editorial. 12.03.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/editorial/11915-aviso.html, acessado em 20.01.12.
CARVALHO, O. de. *Confissões de um brontossauro*. 24.10.03. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/blog/archives/000007.html, acessado em 08.01.12.
CARVALHO, O. de. *Gramscianos enfezadinhos, uni-vos!*. 26.12.98. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/enfeza.htm, acesssado em 29.03.12.
CARVALHO, O. de. *Jornalismo e verdade*. Entrevista a um grupo de estudantes da PUC-Minas. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/jornalismo.htm, acessado em 10.10.10.
CARVALHO, O. de. *Life and works*. Resumé. 15.09.11. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/english/1Resume.pdf, acessado em 14.01.12.
CARVALHO, O. de. *Links*. Disponível em http://web.archive.org/web/20021209160006/http://olavodecarvalho.org/links.htm#2, e http://www.olavodecarvalho.org/semana/arquivo_2002.htm, acessados em 09.10.10.
CARVALHO, O. de. *Livraria (in)Cultura agride covardemente o Mídia Sem Máscara*. Disponível em http://www.heitordepaola.com/imprimir_materia.asp?id_materia=2471, acessado em 20.01.12.
CARVALHO, O. de. *Lógica da mistificação, ou: o chicote da tiazinha*. 05.04.99. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/tiazinha.htm, acessado em 23.10.10. Grifos nossos.
CARVALHO, O. de. *Minha aluna e Marcos Bagno*. Carta e comentários. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/bagno.htm, acessado em 23.09.11.
CARVALHO, O. de. *O filósofo-mirim*. 26.02.04. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/blog/archives/000009.html, acessado em 08.01.12.
CARVALHO, O. de. *O homem invisível*. 19.04.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/desinformacao/12017-o-homem-invisivel.html#comment-39876, acessado 05.05.11.
CARVALHO, O. de. *O imbecil coletivo* – calamidades intelectuais da semana: cartas e respostas. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/imbecil.htm, acessado em 10.06.11.
CARVALHO, O. de. *O que é o nacionalismo americano?* 22.03.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/11941-o-que-e-o-nacionalismo-americano.html, acessado em 17.05.11.
CARVALHO, O. de. *Opiniões da crítica*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/critica.htm, acessado em 12.01.12.
CARVALHO, O. de. *Pauteiro da USP*. 30.06.01. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/pauteiro.htm, acessado em 14.01.12.
CARVALHO, O. de. *Publicações de alunos e amigos*. Disponível em http://web.archive.org/web/20021209160006/http://olavodecarvalho.org/links.htm#2, acessado em 09.10.10.
CARVALHO, O. de. *Que é o seminário de filosofia?* Disponível em http://www.seminariodefilosofia.org/o-que-e, acessado em 10.01.12.

CARVALHO, O. de. *Quem avisa amigo é*. 02.03.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/10858-quem-avisa-amigo-e.html, acessado em 13.11.10.
CARVALHO, O. de. *Quem somos*. Disponível em http://web.archive.org/web/20021028120828/www.midiasemmascara.org/quem.asp, acessado em 13.10.10.
CARVALHO, O. de. *Quem trabalha para quem*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/coimbra.htm, acessado em 12.04.11.
CARVALHO, O. de. *Reparando uma injustiça pessoal*. Discurso pronunciado no Clube Militar do Rio de Janeiro em 31.03.99. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/reparando.htm, acessado em 04.07.11.
CARVALHO, O. de. *Sucesso total do I Congresso do Instituto Brasileiro de Humanidades*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/sucesso.htm, acessado em 19.01.12.
CARVALHO, O. de. *The secret of a terrorist*. 23.06.10. Disponível em http://philosophyseminar.com/texts/articles/165-the-secret-of-a-terrorist.html, acessado em 13.04.11.
CARVALHO, O. de. *True outspeak,* sem data. Disponível em http://www.youtube.com/watch?v=OhGx8NXX5V4, acessado em 12.12.10. Transcrição nossa.
CARVALHO, O. de. *Truque sujo, parte 2*. 13.10.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/mediawatch/outros/12486-truque-sujo-parte-2.html, acessado em 20.01.12.
CARVALHO, O. de.; DE POLLI, M. *Homepage de Olavo de Carvalho*. 04.10.99. Disponível em http://web.archive.org/web/19991004034606/http://olavodecarvalho.org/, acessado em 19.01.12.
CARVALHO. O. de. “Dialética da inveja”. *Folha de S. Paulo*. 26.08.03. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/030826fsp.htm, acessado em 20.10.10.
CARVALHO. O. de. “Por trás das palavras”. *Diário do Comércio*. 08.02.10. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/100208dc.html, acessado em 08.08.10.
CARVALHO. O. de. *A nova era e a revolução cultural*. Fritjof Capra & Antonio Gramsci. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/livros/negramsci.htm, acessado em 27.10.10.
CARVALHO. O. de. *Karl Marx na fonte da juventude*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/semana/070730dc.html, acessado em 22.10.10.
CASTRO, G. “Olavo de Carvalho: esquerda ocupou vácuo pós-ditadura”. Entrevista. *Veja Online*. 03.04.11. Disponível em http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/olavo-de-carvalho-esquerda-ocupou-vacuo-pos-ditadura, acessado em 03.04.11.
CEDET. *Livrarias virtuais CEDET*. Disponível em http://www.cedet.com.br/index.php?/CEDET/Informacoes-para-Clientes/livrarias-virtuais-cedet.html, acessado em 25.01.12.
CIDRAL, F. “Que é que você quer com a filosofia? Entrevista de Olavo de Carvalho”. *Vidaqui*. 31.10.00. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/quee.htm, acessado em 13.01.12.
COMUNIDADE ERIC VOEGELIN. *Apresentação*. Disponível em http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=114660, acessado em 20.12.10.
CORDEIRO, N. *A questão do mal natural*. 20.01.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/cultura/11777-a-questao-do-mal-natural.html, acessado em 03.01.11.
CORDEIRO, N. *Liberalismo e conservadorismo*. 26.02.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/10838-liberalismo-e-conservadorismo.html, acessado em 03.03.11.
CORDEIRO, N. *Liberalismo e revolução*. 15.03.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/10903-liberalismo-e-revolucao.html, acessado em 01.12.10.
CORDEIRO, N. *O feixe*. 03.01.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/economia/10658-o-feixe.html, acessado em 12.02.11.

CRISTIANISMO HOJE. *Entrevista com Julio Severo*. 27.04.09. Disponível em http://juliosevero.blogspot.com/2009/06/entrevista-original-de-julio-severo.html, acessado em 13.02.12.
Disponível em ORKUT. *Serviço de busca*. Disponível em http://www.orkut.com.br/Main#UniversalSearch?origin=box&q=, acessado em 10.10.10.
DIVERSOS. *Cartas ao Globo e a Olavo de Carvalho*. Parte I. Cartas enviadas ao Globo. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/cartas_oglobo_oglobo.htm, acessado em 20.01.12.
DOM BERTRAND DE ORLEANS E BRAGANÇA. *Blog de Dom Bertrand*. Disponível em http://www.paznocampo.org.br/Blog/Blog_db.asp, acessado em 15.02.12.
DOM LUIZ BERGONZINI. *Início*. Disponível em http://www.domluizbergonzini.com.br/, acessado em 14.02.12.
DOMINGOS, G. A. *Informar e estimular o debate*. Disponível em http://www.dcomercio.com.br/especiais/outros/mundo_real/03_prefacio.htm, acessado em 10.09.10.
É REALIZAÇÕES. *Catálogo*. Disponível em http://www.erealizacoes.com.br/editora/catalogo.asp, acessado em 25.01.12.
ESCORSIM, F. "A seriedade de Alegria". *Paraná Online*. 19.10.07. Disponível em http://www.parana-online.com.br/colunistas/201/50421/?postagem=A+SERIEDADE+DE+IALEGRIAI, acessado em 23.01.12.
ESCORSIM, F. *Por que elegância?* Disponível em http://cinemaelegante.blogspot.com/2005/03/por-que-elegncia.html, acessado em 23.01.12.
FAROL DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA. *Economia e livre iniciativa*. Disponível em http://www.faroldademocracia.org/salaleitura_detalhe.asp?id_tema=24, acessado em 13.04.11.
FAROL DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA. *Quem somos*. Disponível em http://www.faroldademocracia.org/quemsomos.asp, acessado em 14.02.12.
FAROL DA DEMOCRACIA REPRESENTATIVA. *Sala de leitura*. Disponível em http://www.faroldademocracia.org/salaleitura.asp, acessado em 14.04.11.
FONSECA, E. "Entrevista de Olavo de Carvalho ao site Panorama mercantil". *Panorama Mercantil*. 07.07.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/entrevistas/12147-entrevista-de-olavo-de-carvalho-ao-site-panorama-mercantil.html, acessado em 19.02.12.
FONSECA, J. C. S. da. *Dilma na luta armada*. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/eleicoes-2010/11403-dilma-na-luta-armada.html, acessado em 20.12.10.
FONSECA, J. C. S. da. *Farsa moral do politicamente correto*. 09.05.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/movimento-revolucionario/11055-farsa-moral-do-politicamente-correto.html, acessado em 13.10.10. Grifos do autor.
FORO DO BRASIL. *Entrada*. Disponível em http://www.forodobrasil.info/, acessado em 11.01.12.
FORO DO BRASIL. *Sobre*. Disponível em http://forodobrasil.info/fb/?page_id=2, acessado em 13.02.12.
FRENTE NACIONAL. *Immigration*. Disponível em http://www.frontnational.com/?page_id=1095, acessado em 07.04.11.
FUNDAÇÃO LIBERDADE E CIDADANIA. *A fundação*. Disponível em http://www.flc.org.br/fundacao.asp, acessado em 26.01.12.
FUNDADORES. *Quem somos*. Disponível em http://www.fundadores.org.br/servicos/qsomos/, acessado em 15.02.12.
GARCIA, A. *Observando o observatório*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/convidados/0156.htm, acessado em 19.09.10.
GARSCHAGEN, B. *"Ser conservador é não ser jamais o portador de um futuro radiante"*. Bruno Garschagen entrevista Olavo de Carvalho. 01.08. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/0801entrevista.html, acessado em 10.04.11.
GOOGLE STREET VIEW. *R. Visconde do Rio Branco, 449*. Mercês, Curitiba. Foto de junho de

2011. Disponível em http://maps.google.com.br/maps?q=visconde+do+rio+branco+449+curitiba&um=1&ie=UTF-8&hq=&hnear=0x94dce408143850cf:0x80007abc7f4cfdff,R.+Visc.+do+Rio+Branco,+449+-+Merc%C3%AAs,+Curitiba+-+PR,+80410-000&gl=br&ei=NKsdT7DiGMvo2gXuydH0Cw&sa=X&oi=geocode_result&ct=title&resnum=1&ved=0CCYQ8gEwAA, acessado em 23.01.12.

I CONGRESSO DO INSTITUTO BRASILEIRO DE HUMANIDADES. *Primeira comunicação*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/congresso.htm, acessado em 19.01.12.

INSTITUTO BRASILEIRO DE FILOSOFIA. *Olavo de Carvalho* (verbete). Disponível em http://www.institutodefilosofia.com.br/pdf/grandes_fb.pdf, acessado em 20.01.12. Olavo de Carvalho nega este patrocínio.

INSTITUTO DE FORMAÇÃO E EDUCAÇÃO. *Quem somos*. Disponível em http://www.ife.org.br/quem-somos.html, acessado em 13.02.12.

INSTITUTO MILLENIUM. *Articulistas e colunistas*. Disponível em http://www.imil.org.br/categoria/articulistas-e-especialistas/, acessado em 15.02.12.

INSTITUTO MILLENIUM. *Histórico*. Disponível em http://www.imil.org.br/institucional/historico/, acessado em 15.02.12.

INSTITUTO MILLENIUM. *Parceiros*. Disponível em http://www.imil.org.br/parceiros/, acessado em 15.02.12.

INSTITUTO MILLENIUM. *Prestação de contas*. Disponível em http://www.imil.org.br/institucional/prestacao-de-contas/, acessado em 15.02.11.

INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Atendimentos individuais*. Disponível em http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/atendimentos.html, acessado em 23.01.12.

INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Cursos*. Disponível em http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/cursos.html, acessado em 23.01.12.

INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Faça a sua inscrição nos cursos online do Instituto Olavo de Carvalho*. Disponível em http://www.institutoolavodecarvalho.com/inscricoes.html, acessado em 22.01.12.

INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Palestras e eventos.* Disponível em http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/palestras-e-eventos.html, acessado em 23.01.12

INSTITUTO OLAVO DE CARVALHO. *Pesquisa e estudos*. Disponível em http://www.institutoolavodecarvalho.com/atividades/pesquisa-e-estudo.html, acessado em 23.01.12.

IORIO, U. *João, Maria, José, empreendedorismo e intervencionismo*. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/economia/11466-joao-maria-jose-empreendedorismo-e-intervencionismo.html, acessado em 13.10.10.

JULIO SEVERO. *Blog*. Disponível em http://juliosevero.blogspot.com/, acessado em 13.02.12.

JUVENTUDE CONSERVADORA DA UNB. *Conservadores da UFSC, bem vindos!* Disponível em http://unbconservadora.blogspot.com.br/2012/05/conservadores-da-ufsc-bem-vindos.html, acessado em 21.04.12.

JUVENTUDE CONSERVADORA DA UNB. *Manifesto da Juventude Conservadora da UnB.* Disponível em http://unbconservadora.blogspot.com.br/2010/06/carta-manifesto-da-juventude.html, acessado em 03.03.12.

KUHNER, J. T. *O império de Soros*. 03.09.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/globalismo/11569-o-imperio-de-soros.html, acessado em 17.12.10.

LEÃO, S. R. "O PT já nasceu corrompido". Entrevista com Olavo de Carvalho. *Jornal de Brasília.* 31.01.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/entrevistas/10772-qo-pt-ja-nasceu-corrompidoq.html, acessado em 14.04.11.

LIVRARIA CULTURA. *Pesquisa sobre Olavo de Carvalho*. Disponível em http://www.livrariacultura.com.br/scripts/busca/busca.asp?palavra=olavo+de+carvalho&tipo_pesq=&tipo_pesq_new_value=false&tkn=0, acessado em 05.01.12.

LIVRARIA SEMINÁRIO DE FILOSOFIA. *Livros à venda*. Disponível em http://livraria.seminariodefilosofia.org, acessado em 09.07.11.
LIVRARIA SEMINÁRIO DE FILOSOFIA; CEDET. *Quem somos*. Disponível em http://livraria.seminariodefilosofia.org/sobre-o-site/informacoes-gerais/quem-somos.html, acessado em 25.01.12.
MADRETERNA. *4º oficina de música e arte católica*. Releases da área de expressão. Disponível em http://www.zizafernandes.com/oficina/releaseexpressao.php, acessado em 23.01.12.
MAIER, F. *Olavo "Denisovich" Carvalho*. 17.03.02. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/convidados/0132.htm, acessado em 19.01.12.
MARTINS, T. F. *Resistência e reação*. 17.07.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/11247-resistencia-e-reacao.html, acessado em 13.10.10.
MATEVSKI, N. "Na base do doa a quem doer. Entrevista com Olavo de Carvalho". *Gazeta do Povo*. 20.06.04. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/entrevista_gazeta.htm, acessado em 13.01.12.
MELLÃO NETO, J. "Enquanto a revolução não vem". *O Estado de S. Paulo*. 31.12.10. Reproduzido em http://www.exercito.gov.br/c/journal/view_article_content?groupId=18107&articleId=304348&version=1.0, acessado em 10.05.11.
MÍDIA SEM MÁSCARA. *Arquivos*. Disponível em http://web.archive.org/web/20021004015706/www.midiasemmascara.org/arquivo.asp, acessado em 10.10.10.
MÍDIA SEM MÁSCARA. *Colunistas*. Disponível em http://replay.waybackmachine.org/20030402124624/http://midiasemmascara.org/autor.asp?cod=69, acessado em 13.04.1.
MÍDIA SEM MÁSCARA. *Colunistas*. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/colunistas.html, acessado em 10.05.11.
MISES BRASIL. *Autores*. Disponível em http://www.mises.org.br/Authors.aspx?type=articles, acessado em 26.01.12.
MISES BRASIL. *Biblioteca*. Disponível em http://www.mises.org.br/Ebooks.aspx?type=99, acessado em 26.01.12.
MISES BRASIL. *Loja virtual*. Disponível em http://www.mises.org.br/Products.aspx, acessado em 26.01.12.
MISES BRASIL. *Sobre nós*. Disponível em http://www.mises.org.br/About.aspx, acessado em 26.01.12.
MISES BRASIL. *Trabalhos acadêmicos*. Disponível em http://www.mises.org.br/Ebook.aspx?id=38, acessado em 26.01.12.
MISES INSTITUTE. *Daily*. Disponível em http://mises.org/, acessado em 26.01.12.
NEDELCU, D. "Entrevista com Olavo de Carvalho". *Rádio Nacional*. Bucareste, 12.11.98 http://www.olavodecarvalho.org/textos/nedelcu.htm, acessado em 10.01.12..
NUGENT, T. *What the Tea Parties stand for*. Disponível em http://www.humanevents.com/article.php?id=36856, acessado em 13.05.11.
NYQUIST, J. *Aviso de um filósofo*. Entrevista com Olavo de Carvalho. 27.02.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/globalismo/11885-aviso-de-um-filosofo.html, acessado em 01.03.11.
PAOLA, H. de. *A "direita" que a esquerda adora*. 27.02.10. Disponível em http://www.heitordepaola.com/imprimir_materia.asp?id_materia=1684, acessado em 10.05.11.
PAOLA, H. de. *Governo mundial: realidade ou mito?* 31.08.06. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/arquivos/5479-governo-mundial-realidade-ou-mito.html, acessado em 12.04.11.
PAOLA, H. de. *No, you can't!* A águia reage!. 11.11.10. Disponível em http://www.heitordepaola.com/publicacoes_materia.asp?id_artigo=2242, acessado em 13.05.11.

PAOLA, H. de. *True Lies*. 20.01.04. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/globalismo/9622-true-lies.html, acessado em 13.04.11.
PAOLA, H. de. *Um movimento conservador no Brasil?* 21.12.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/conservadorismo/11706-um-movimento-conservador-no-brasil.html, acessado em 17.05.11.
PIRES, K. C. *O antipolítico*. 23.10.09. Disponível em http://www.imil.org.br/artigos/o-antipolitico/, acessado em 14.04.11.
PIRES, K. C. *Vamos trabalhar juntos?* 12.02.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/cultura/10789-vamos-trabalhar-juntos.html, acessado em 08.10.10.
PONTES, I. "Vocação: editor". *Tribuna da Imprensa*. 12.12.03. Disponível em http://www.topbooks.com.br/frMateria_TI_121203.htm, acessado em 25.01.12.
PONTES, I. *Jornalismo falido x jornalismo on line*. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/cultura/11284-jornalismo-falido-x-jornalismo-on-line.html, acessado em 20.12.10.
PONTES, I. *Se Lula existe, tudo é permitido*. 22.12.09. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/governo-do-pt/10628-se-lula-existe-tudo-e-permitido.html, acessado em 12.12.10. Grifos nossos.
QUEM. "Estante estrelada - José Mario Pereira: a vida dele dá um livro". *Quem*. 14.11.03. Disponível em http://www.topbooks.com.br/frMateria_QUEM_141103.htm, acessado em 25.01.12.
RESISTÊNCIA DEMOCRÁTICA. Edição nº. 7, setembro de 2011. Disponível em http://www.newsflip.com.br/pub/resistenciademocratica//index.jsp?edicao=2198, acessado em 14.02.12.
RESISTÊNCIA NACIONALISTA. Editorial. *Resistência Nacionalista*. nº. 1, abril, 2009. Disponível em http://www.4shared.com/file/115625524/f5dbbf55/RN-Numero_01.html, acessado em 04.07.2011.
RIBEIRO, E. *Leitor do MSM vs. André Petry*. 13.11.10. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/mediawatch/outros/11594-leitor-do-msm-vs-andre-petry.html, acessado em 13.05.11.
RICARDO, P. Pe. *Introdução à filosofia – o marxismo cultural!* (extratos de uma palestra). Disponível em http://antiforodesaopaulo.blogspot.com/2009/05/iniciacao-filosofia-o-marxismo-cultural.html, acessado em 10.04.11.
ROBSON, R. *Sobre o medo de ser flagrado lendo Olavo de Carvalho*. 26.12.08. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/081226sobreomedo.htm, acessado em 12.10.10.
ROSENFIELD, D. L. "Democracia totalitária". *O Estado de S.Paulo*. 03.07.09. Disponível em http://www.estadao.com.br/estadaodehoje/20090803/not_imp412618,0.php, acessado em 10.05.11.
SALGUEIRO, G. "Não houve Golpe de Estado em Honduras". *Resistência Nacionalista*. nº. 4. Julho, 2009. Disponível em http://www.4shared.com/file/122955448/a3ab6967/RN-Numero_04.html, acessado em 04.07.2011
SALGUEIRO, G. *Brasil*: opção preferencial pela ilegalidade – Parte 2. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/governo-do-pt/8935-brasil-opcao-preferencial-pela-ilegalidade-parte-2.html#comment-15925, acessado em 12.12.10.
SANTOS, I. *Gramsci, lavagem cerebral e o aborto*. Disponível em http://www.providafamilia.org.br/site/_arquivos/2008/350__gramsci,_lavagem_cerebral_e_o_aborto.pdf, acessado em 14.02.12.
SEM AUTOR. *Descrição da comunidade "Mídia Sem Máscara"*. Disponível em http://www.orkut.com.br/, acessado em 13.10.10.
SEM AUTOR. *Descrição da comunidade "Olavo de Carvalho"*. Disponível em http://www.orkut.com.br/, acessado em 20.12.10.
SEMINÁRIO DE FILOSOFIA. *Assine já*. Disponível em http://www.seminariodefilosofia.org/assine, acessado em 13.01.12.
SEVERO, J. "Desmascarando o gayzismo". *Resistência Nacionalista*. nº. 1, abril, 2009. Disponível

em http://www.4shared.com/file/115625524/f5dbbf55/RN-Numero_01.html , acessado em 04.07.2011
SILVA, C. A. P. *Entendendo aspectos da conjuntura brasileira atual "Brasil e a revolução no Ocidente"*. Extratos do livro "A revolução gramscista no Ocidente. A concepção revolucionária de Antônio Gramsci em os Cadernos do cárcere" de Sérgio Augusto de Avellar Coutinho. Rio de Janeiro: Estandarte, 2002. Disponível em http://ultradireita.wordpress.com/2010/07/28/entendendo-aspectos-da-conjuntura-brasileira-atual-%e2%80%9cbrasil-e-a-revolucao-no-ocidente%e2%80%9d/, acessado em 06.06.11.
SOUZA, R. A. *Biografia*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/bio.htm, acessado em 10.01.12.
TAVARES, J. A. G. *Partidos não constitucionais em democracias constitucionais*. 01.02.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/movimento-revolucionario/11811-partidos-nao-constitucionais-em-democracias-constitucionais.html, acessado em 11.05.11.
TAVARES, J. A. G. *Totalitarismo democrático*: I. Paranóia e política. 21.01.11. Disponível em http://www.midiasemmascara.org/artigos/movimento-revolucionario/11781-totalitarismo-democratico-1-paranoia-e-politica.html, acessado em 10.05.11.
TAVARES, N. *Instituto Mises Brasil divulga o resultado do I Prêmio IMB*. 01.03.10. Disponível em http://www.mises.org.br/Article.aspx?id=631, acessado em 26.01.12.
TEA PARTY. *Non-negotiable core beliefs of the tea party*. Disponível em http://www.teaparty.org/about.php, acessado em 05.05.11.
TERNUMA. *Quem somos*. Disponível em http://www.ternuma.com.br/ternuma/index.php?open=1, acessado em 13.02.12.
THE INTER-AMERICAN INSTITUTE. *Fellows*. Disponível em http://www.theinteramerican.org/about-us/fellows.html, acessado em 20.01.12.
THECONTRACT.ORG. *The contract from America*. Disponível em http://www.thecontract.org/the-contract-from-america/, acessado em 10.05.11.
TOPBOOKS. *A editora*. Disponível em http://www.topbooks.com.br/, acessado em 25.01.12.
TOPBOOKS. *Apresentação "Como vencer um debate sem precisar ter razão"*. Disponível em http://www.topbooks.com.br/frApres_ComoVencer.htm, acessado em 24.12.11.
TÓPICO DA COMUNIDADE "MÍDIA SEM MÁSCARA". *Novo na comunidade*. Disponível em http://www.orkut.com.br/Main#CommMsgs?cmm=775794&tid=6254698, acessado em 20.12.10. Optamos por corrigir os erros de português das mensagens do Orkut.
TÓTORA, R. "Um acerto de contas com a astrologia. Entrevista de Olavo de Carvalho". *Porto do Céu*. 01.06.00. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/textos/astrologia.htm, acessado em 10.01.12.
UNIVERCIDADE. *Editora*. Disponível em http://www.univercidade.br/editora/index.asp#ciepol, acessado em 15.01.12.
UNIVERCIDADE. *Histórico*. Disponível em http://www.univercidade.br/ainstituicao/historia.asp, acessado em 15.01.12.
VANGUARDA POPULAR. *ODC* - Sapientiam Autem Non Vincit Malitia. Disponível em http://d3cznlo0697e08.cloudfront.net/products/807-10d96ca3ba4f4cd10f71b82ce5b8e43e.jpg, acessado em 14.02.12.
VANGUARDA POPULAR. Página inicial. Disponível em http://www.vanguardapopular.com.br/portal/, acessado em 03.03.12.
VICTOR, F. "O que é, que é?". *Folha de S. Paulo*. 12.01.12. Disponível em http://www.erealizacoes.com.br/clipping/2012/Folha_Ilustrada_07-01-2012.pdf, acessado em 25.01.12.
VIDE EDITORES. *UnoAmérica*. 19.12.08. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Artigos/Editoriais/unoamerica-uniao-de-organizacoes-democraticas-da-america.html, acessado em 18.03.12.
VIDE EDITORIAL. *Índice do Dicionário de obras básicas da cultura ocidental*. Disponível em http://www.videeditorial.com.br/dicionario-obras-basicas-da-cultura-ocidental/indice/indice.html,

acessado em 26.01.12.
VIDE EDITORIAL. *Vide editorial*. Disponível em http://www.videeditorial.com.br/Psicologia/A-Psicologia-do-Sentido-da-Vida/index.php?option=com_virtuemart&page=shop.browse&category_id=40&Itemid=55, acessado em 26.01.12.
VIDE. *Artigos*. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Artigos/, acessado em 26.01.12.
VIDE. *Direita*. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Definicoes/Verbete-Ideologia/direita.html, acessado em 26.01.12
VIDE. *Editoriais*. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Artigos/Editoriais/, acessado em 26.01.12.
VIDE. *Esquerda*. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Definicoes/Verbete-Ideologia/esquerda.html, acessado em 26.01.12.
VIDE. *Manifesto*. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/VIDE-Informacoes-Gerais/Documentos-VIDE/manifesto-do-vide.html, acessado em 26.01.12.
VIDE. *Revolucionário*. Disponível em http://www.vigilanciademocratica.org/index.php?/Definicoes/Verbete-Ideologia/revolucionario.html, acessado em 26.01.12.
VOEGELIN, E. *Karl Marx (1818-1883)*. Disponível em http://www.olavodecarvalho.org/convidados/mendo2_2.htm, acessado em 11.03.11.

ANEXOS:

ANEXO 1: Tabela dos membros titulares do CGI.br, por origem de representação, de 2005-2010:

Representantes do governo	**Membros titulares empossados em 06.01.05**	**Membros titulares empossados em 17.02.07**	**Membros titulares empossados 30.09.08**
Ministério da Ciência e Tecnologia	Arthur Pereira Nunes (coordenador)	Augusto Cesar Gadelha Vieira (coordenador)	Augusto Cesar Gadelha Vieira (coordenador)
Casa Civil da Presidência da República	Sérgio Amadeu da Silveira	Renato da Silveira Martini	Renato da Silveira Martini
Ministério das Comunicações	Plínio de Aguiar Júnior	Marcelo Bechara de Souza Hobaika	Marcelo Bechara de Souza Hobaika
Ministério da Defesa	Antonio Carlos Ayrosa Rosière	Marcelo Andrade de Melo Henriques	Vago, titular; Vago, suplente
Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior	Manuel Fernando Lousada Soares	Jairo Klepacz	Vago, titular; Manuel Fernando Lousada Soares, suplente
Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão	Rogério Santanna dos Santos	Rogério Santanna dos Santos	Rogério Santanna dos Santos
Agência Nacional de Telecomunicações	José Alexandre Novaes Bicalho	Plínio de Aguiar Junior	Plínio de Aguiar Junior
Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico	José Roberto Drugowich de Felício	José Roberto Drugowich de Felício	José Roberto Drugowich de Felício
Conselho Nacional de Secretários Estaduais para Assuntos de Ciência e Tecnologia (em 2005 ainda Fórum)	Denise Aparecida Carvalho	Rafael Esmeraldo Lucchesi Ramacciotti	Alexandre Aguiar Cardoso
Representante de Notório Saber em Assuntos de Internet:	Demi Getschko	Demi Getschko	Demi Getschko
Representantes do setor empresarial	**Membros titulares empossados em 06.01.05**	**Membros titulares empossados em 17.02.07**	**Membros titulares empossados 30.09.08**
Segmento dos provedores de acesso e conteúdo da Internet	Antônio Alberto Tavares	Antônio Alberto Tavares	Jaime Barreiro Wagner
Segmento dos provedores de infra-estrutura de telecomunicações	Carlos de Paiva Lopes	Carlos de Paiva Lopes (*in memorian*)	Alexandre Annenberg Netto
Segmento da indústria de bens de informática, de bens de telecomunicações e de software do setor empresarial	Henrique Faulhaber	Henrique Faulhaber	Henrique Faulhaber
Segmento do setor empresarial usuário	Cássio Jordão Motta Vecchiatti	Cássio Jordão Motta Vecchiatti	Nivaldo Cleto

Representantes do terceiro setor	Membros titulares empossados em 06.01.05	Membros titulares empossados em 17.02.07	Membros titulares empossados 30.09.08
	Carlos Alberto Afonso	Carlos Alberto Afonso	Carlos Alberto Afonso
	Gustavo Gindre Monteiro Soares	Gustavo Gindre Monteiro Soares	Gustavo Gindre Monteiro Soares
	Marcelo Fernandes	Marcelo Fernandes	Marcelo Fernandes
	Mário Luís Teza	Mário Luís Teza	Mario Luis Teza
Representantes da comunidade científica e tecnológica	**Membros titulares empossados em 06.01.05**	**Membros titulares empossados em 17.02.07**	**Membros titulares empossados 30.09.08**
	Luci Pirmez	Luci Pirmez	Nelson Simões da Silva
	Nelson Simões da Silva	Nelson Simões da Silva	Lisandro Zambenedetti Granville
	Luis Fernando Gomes Soares	Luiz Fernando Gomes Soares	Flávio Rech Wagner

FONTE: SEM AUTOR. *Lista dos membros do Comitê Gestor Internet Brasil*. Disponível em http://www.abusando.info/denuncias/comitegestor.html, acessado em 10.10.10.

ANEXO 2: Tabela do perfil dos representantes eleitos para o CGI.br em 2011.

Setor empresarial	Provedores de acesso e conteúdo da Internet	Provedores de infraestrutura de telecomunicações	Indústria de bens de informática, telecomunicações e *software*	Setor empresarial usuário
	Eduardo Fumes Parajo. Iniciou no mercado de provimento de acesso e serviços Internet em 1996, e desde abril de 2007 é presidente da ABRANET, onde exerce o cargo pelo segundo mandato consecutivo até 2011. Suplente: Ricardo Lopes Sanchez.	Eduardo Levy Cardoso Moreira. Engenheiro Eletricista e de Telecomunicações pela PUC-RJ, ocupou cargos na Telerj, Telebrás e Embratel. É o atual Diretor Executivo do SINDITELEBRASIL. Suplente: Alexandre Annenberg Netto.	Henrique Faulhaber (reeleito). Matemático com Mestrado em Engenharia de Sistemas, é diretor da empresa Calandra, do SEPRORJ e membro do conselho da Riosoft. Suplente: Norberto Dias.	Cássio Jordão Motta Vecchiatti. Sócio e diretor da DataCast Assessoria Ltda., tem formação em Tecnologia da Informação e Eletrônica. Atualmente é Diretor do Departamento de Competitividade e Tecnologia do Sistema Fiesp/Ciesp e Presidente do Conselho da Fundação Vanzolini. Suplente: Nivaldo Cleto.

Terceiro Setor				
	Sergio Amadeu da Silveira. Professor da UFABC, Doutor em Ciência Política pela USP. Implementou e coordenou o Projeto Telecentros da Prefeitura de São Paulo. Foi Diretor-Presidente do ITI. Integra o Conselho Científico da ABCiber. É membro da comunidade de *software* livre. Suplente: José Ricardo Negrão.	Veridiana Alimonti. Formada em Direito e mestranda em Direito Econômico pela USP. É advogada do IDEC, com atuação na área de telecomunicações, incluindo as iniciativas relativas à governança da Internet e participação social na regulação dos serviços. Suplente: Vitor Hugo Das Dores Freitas	Carlos Alberto Afonso (reeleito). Cofundador do Ibase e da APC. Coordenou o primeiro projeto Internet desenvolvido para uma conferência mundial da ONU, a ECO-92. Atualmente é colaborador do Instituto Nupef e membro do Conselho de Administração da Telebrás. Suplente: Marcus Aurélio Ribeiro Manhães	Percival Henriques de Souza Neto. Físico e bacharel em Direito, foi diretor técnico do Inmetro/Imeq na Paraíba e é especialista em gestão pública. Atualmente, exerce a presidência da Associação Nacional para Inclusão Digital – ANID. Suplente: Flávia Lefèvre Guimarães.
Comunidade científica e tecnológica				
	José Luiz Ribeiro Filho. Engenheiro Eletrônico pela UFRJ, Mestre em Ciência da Computação pela COPPE Sistemas e Ph.D. em Ciência da Computação pela Universidade de Londres. Atualmente, é Diretor de Serviços e Soluções da RNP.	Flávio Rech Wagner (reeleito). Graduado em Engenharia Elétrica pela UFRGS, é Doutor em Informática pela Universidade de Kaiserslautern, Alemanha. Foi Presidente e Conselheiro da Sociedade Brasileira de Computação e atualmente é professor titular da UFRGS.	Lisandro Zambenedetti Granville (reeleito). Professor-doutor do Instituto de Informática da UFRGS. É especialista em Gerenciamento de Redes de Computadores e Serviços. Pesquisador CNPq. Suplente: Omar Kaminski	-

FONTE: NIC.BR. *CGI.br anuncia nomes dos representantes eleitos da sociedade civil*. 23.02.11. Disponível em http://www.inclusaodigital.gov.br/noticia/cgi-br-anuncia-nomes-dos-representantes-eleitos-da-sociedade-civil/, acessado em 04.04.11.

ANEXO 3: Tabela de posse e uso de computador e internet (percentual sobre o total):

Domicílios	**2005**		**2006**		**2007**	
	%	Projeção domicílios	%	Projeção domicílios	%	Projeção domicílios
Possui computador	17	7 436 000	20	8 820 000	24	11 040 000
Possui acesso à internet	13	5 720 000	14	6 525 000	17	7 774 000
Pessoas						
Já utilizou computador	45	56 500 000	46	58 039 000	53	69 037 000
Utilizou computador nos últimos 3 meses	30	37 125 000	33	42 037 000	40	52 924 000
Nunca utilizou computador	55	68 500 000	54	68 961 000	47	61 963 000
Já utilizou internet	32	40 250 000	33	42 291 000	41	53 317 000
Utilizou internet nos últimos 3 meses	24	30 500 000	28	35 306 000	34	44 933 000
Nunca utilizou internet	68	84 750 000	67	84 709 000	59	77 683 000

FONTE: TIC DOMICÍLIOS E TIC EMPRESAS 2007. *Pesquisa sobre o uso da tecnologia da informação e da comunicação no Brasil*. A evolução da internet no Brasil 2008. Disponível em http://www.cetic.br/palestras/pdf/2008/pal2008conip-06.pdf, acessado em 20.12.10.

ANEXO 4: Tabela de posse e uso de computador e internet por renda:

Renda familiar	**Posse computador**			**Posse internet**		
	2005	**2006**	**2007**	**2005**	**2006**	**2007**
Até 1 SM	2	2	3	1	0	1
1SM – 2 SM	3	3	9	1	2	4
2 SM – 3 SM	6	10	24	2	6	15
3 SM – 5 SM	15	23	40	10	16	28
+ 5 SM	46	54	67	40	44	57
Total	17	20	24	13	14	17
Renda familiar	**Uso computador nos últimos 3 meses**			**Uso internet nos últimos 3 meses**		
	2005	**2006**	**2007**	**2005**	**2006**	**2007**
Até 1 SM	7	9	17	4	5	12
1 SM – 2 SM	12	15	27	8	11	21
2 SM – 3 SM	21	25	44	15	20	38
3 SM – 5 SM	32	41	58	26	34	51
+ 5 SM	60	63	74	55	59	68
Total	30	33	40	24	28	34

FONTE: TIC DOMICÍLIOS E TIC EMPRESAS 2007. *Pesquisa sobre o uso da tecnologia da informação e da comunicação no Brasil*. A evolução da internet no Brasil 2008. Disponível em http://www.cetic.br/palestras/pdf/2008/pal2008conip-06.pdf, acessado em 20.12.10.

ANEXO 5: Tabela de motivos pelos quais nunca utilizou a internet:

Percentual		**Falta de habilidade com o computador/internet**	**Não tem necessidade ou interesse**	**Não tem condições de pagar o acesso**	**Não tem de onde acessar**	**Outros**
Total		55	39	31	18	15
Sexo	**Masculino**	57	43	28	16	14

	Feminino	52	34	35	20	15
Grau de instrução	Analfabeto/Ed. Infantil	64	29	32	21	17
	Fundamental	56	35	30	17	16
	Médio	48	49	31	17	13
	Superior	52	37	34	17	13
Renda	Até 1 SM	62	225	38	20	17
	1 SM - 2 SM	58	38	30	21	12
	2 SM - 3 SM	44	44	36	21	13
	3 SM - 5 SM	51	41	26	12	21
	+ 5 SM	43	61	24	11	14

BASE: 10.800 entrevistados de áreas urbanas que nunca utilizaram a internet. FONTE: TIC DOMICÍLIOS E TIC EMPRESAS 2007. *Pesquisa sobre o uso da tecnologia da informação e da comunicação no Brasil*. A evolução da internet no Brasil 2008. Disponível em http://www.cetic.br/palestras/pdf/2008/pal2008conip-06.pdf, acessado em 20.12.10.

ANEXO 6: Tabela de motivos para a falta acesso à internet no domicílio, por renda (em porcentagem).

	Total	Até 1 SM	1 SM – 2 SM	2 SM – 3 SM	3 SM – 5 SM	5 SM ou +
Tem acesso em outro lugar	23	12	18	16	27	30
Falta de habilidade/não sabe usar	13	8	7	16	14	13
Não tem necessidade/interesse	16	4	12	16	16	19
Acesso à rede inexistente na localidade	4	5	3	7	2	4
Custo de acesso muito elevado	58	70	72	68	58	33
Preocupações com segurança ou privacidade	6	0	5	7	9	4
Outros motivos NS/NR	35	57	34	22	32	41

Base: 1.165 domicílios entrevistados em áreas urbanas sem acesso à internet, mas com computador. FONTE: TIC DOMICÍLIOS E TIC EMPRESAS 2007. *Pesquisa sobre o uso da tecnologia da informação e da comunicação no Brasil*. A evolução da internet no Brasil 2008. Disponível em http://www.cetic.br/palestras/pdf/2008/pal2008conip-06.pdf, acessado em 20.12.10.

ANEXO 7: Tabela de motivos para a falta de computador no domicilio (percentual sobre o total de domicílios em que seus membros não tem computador):

	Total	Até 1 SM	1 SM – 2 SM	2 SM – 3 SM	3 SM – 5 SM	5 SM ou +
Custo elevado	78	87	83	77	87	51
Não há necessidade/interesse	30	32	30	29	28	28
Falta de habilidade	28	31	31	27	21	23
Tenho acesso ao computador em outro lugar	11	5	8	14	18	26
Outros motivos	14	10	11	14	21	22

BASE: 12.917 domicílios entrevistados em áreas urbanas em que seus membros não tem acesso a um computador. FONTE: TIC DOMICÍLIOS E TIC EMPRESAS 2007. *Pesquisa sobre o uso da tecnologia da informação e da comunicação no Brasil*. A evolução da internet no Brasil 2008. Disponível em http://www.cetic.br/palestras/pdf/2008/pal2008conip-06.pdf, acessado em 20.12.10.

ANEXO 8: Tabela de tipos de conexão à internet por renda:

	Modem tradicional			Banda larga		
Renda familiar	**2005**	**2006**	**2007**	**2005**	**2006**	**2007**

Até 1 SM	71	88	17	0	12	26
1 SM – 2 SM	63	57	11	3	28	11
2 SM – 3 SM	87	57	50	10	25	13
3 SM – 5 SM	79	19	13	8	37	51
+ 5 SM	61	47	36	28	46	57
Total	66	49	42	22	40	50

FONTE: TIC DOMICÍLIOS E TIC EMPRESAS 2007. *Pesquisa sobre o uso da tecnologia da informação e da comunicação no Brasil*. A evolução da internet no Brasil 2008. Disponível em http://www.cetic.br/palestras/pdf/2008/pal2008conip-06.pdf, acessado em 20.12.10.

ANEXO 9: Tabela de locais de acesso à internet (percentual sobre total usuários da rede):

	2005	2006	2007
Em casa	42	40	40
No trabalho	26	24	24
Na escola	21	16	15
Na casa de outra pessoa	18	16	24
Centro público pago	18	30	49
Centro público gratuito	2	3	6
Outro	3,5	2	2

FONTE: TIC DOMICÍLIOS E TIC EMPRESAS 2007. *Pesquisa sobre o uso da tecnologia da informação e da comunicação no Brasil*. A evolução da internet no Brasil 2008. Disponível em http://www.cetic.br/palestras/pdf/2008/pal2008conip-06.pdf, acessado em 20.12.10.